

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, DIREITOS E
OUTRAS LEGITIMIDADES

LARISSA GUEDES TOKUNAGA

Emma Goldman e as chamas gêmeas da revolta:
vida e arte na construção da individualidade humana em leitura
anarquista de Max Stirner e Henrik Ibsen

SÃO PAULO

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, DIREITOS E
OUTRAS LEGITIMIDADES

Emma Goldman e as chamas gêmeas da revolta:
vida e arte na construção da individualidade humana em leitura
anarquista de Max Stirner e Henrik Ibsen

Larissa Guedes Tokunaga

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Professora Dra. Sandra Regina Chaves Nunes

Co-orientadora: Professora Doris Accioly e Silva

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Agência de fomento: CAPES/DS. Número do processo: 88882.377142/2019-01

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T645e Tokunaga, Larissa Guedes
Emma Goldman e as chamadas gêmeas da revolta: vida e arte na construção da individualidade humana em leitura anarquista de Max Stirner e Henrik Ibsen / Larissa Guedes Tokunaga; orientadora Sandra Regina Chaves Nunes - São Paulo, 2022.
282 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Interdisciplinar.

1. ANARQUISMO. 2. ARTE. 3. FILOSOFIA. 4. TEATRO. I. Nunes, Sandra Regina Chaves, orient. II. Título.

Larissa Guedes Tokunaga

**Emma Goldman e as chamas gêmeas da revolta:
vida e arte na construção da individualidade humana em leitura
anarquista de Max Stirner e Henrik Ibsen**

Tese de Doutorado apresentada
como requisito para obtenção do
título de Doutora em
Humanidades, Direitos e outras
Legitimidades

Data de aprovação:

_____/_____/2023

Professora Orientadora Dra. Sandra Regina Chaves Nunes – Universidade de São Paulo

Professora Co-orientadora Dra. Doris Accioly – Universidade de São Paulo

Professora Doutora Angela Maria Roberti Martins – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professor Doutor Acácio Augusto Sebastião Júnior – Universidade Federal de São Paulo

Professora Doutora Samantha Lodi-Corrêa – Faculdades Integradas Maria Imaculada

Agradecimentos

Árduo foi semear palavras que lavrassem a revolta e mostrassem que os anarquismos não são planta exótica, mas estão ao alcance tanto de uma grafia acadêmica quanto de uma escrita vital que contesta as epistemologias convencionais. No entanto, algumas individualidades lançaram sementes relevantes para esse cultivo coletivo.

Minha mãe, seu gesto germinal, sua nutrição, cuidado e amparo emocional foram os arados dessa terra.

Emma Goldman se dedicou a combater uma variedade imensa de ervas daninhas e pragas que assolam a sociedade até hoje. É impossível passar incólume a toda sua verve e florescente luta anarquista. Suas sementes nunca cessarão de germinar e essa singela pesquisa só existe porque sua revolta brotou em mim.

Agradeço à CAPES pelo insumo financeiro que facultou minha sobrevivência ao longo de todo esse plantio. **O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.**

Quando o terreno ainda nem estava arado, o talento, paciência e acolhimento de Teresa Telles já estavam amparando o cultivo. Desde a prova que facultou meu ingresso no PPG até a orientação para a banca de defesa, a força dessa mulher adubou meu caminho. A ela todos os agradecimentos possíveis.

Minha orientadora, professora doutora Sandra Regina Chaves Nunes, amiga que há quase 10 anos me acompanha em contribuições que fazem a pesquisa florescer, tem papel mais do que relevante nessa germinação. Todo o seu trabalho na área de cultura, subjetividades e fazer artístico tem me impulsionado a rever os cânones e a escrever histórias outras. Sua primeira orientanda dedica a você todos os frutos deste trabalho.

O afeto e o gesto de solidariedade que prepararam tal terreno fértil eu atribuo à professora doutora Doris Accioly e Silva, minha co-orientadora, prodigiosa professora e mulher anarquista que tem se devotado ao ensino e à polinização da resistência.

As contribuições que adubaram a tese foram indispensáveis à pesquisa, sobretudo na fase da Qualificação. A professora doutora Angela Roberti e o professor doutor Acácio Augusto me emprestaram suas vastas referências para abrir novos sulcos e continuar o

lavradio. Suas leituras atentas, argutos apontamentos e trajetórias férteis no anarquismo certamente amenizaram minha estiagem criativa e me aportaram novos lampejos.

Ao companheirismo de colegas do Diversitas e NEPAN, pesquisadoras e pesquisadores que acolheram meu desabafo nos dias ensolarados e chuvosos, meus calorosos agradecimentos.

Jamile Rai e sua contribuição para a sementeira das pesquisas anarquistas em conversas horizontalizadas e férteis através do grupo de estudos sobre Anarquismos, Feminismos e Masculinidades tornaram essa jornada mais arejada.

Às amigas Cibele Troyano e Fernanda Grigolin, que me inspiraram bem antes desta colheita, agradeço pela vicejante companhia anarcofeminista. O aprendizado do exercício de publicar e fazer brotar novas obras no frescor das lutas eu devo à Tenda de Livros. Todos os projetos que desenvolvemos juntas regaram o diálogo com nossas ancestrais.

À companheira anarcofeminista Samantha Lodi, incrível pesquisadora da vida-obra de Louise Michel, pelas solares contribuições e conversas afetuosas.

À rede rizomática de amigas e amigos que trazem frescor ao cotidiano de um cultivo acadêmico sem raiz: Carolina Attili, Filipe Chamy, Amy Westhrop e muito mais flores que eu poderia mencionar.

Agradeço pela irrigação de sugestões propiciada pelas leituras/revisões atentas e argutas de Fhoutine Marie e Filipe Chamy.

Meu perene afeto à seiva de revolta que brota das mulheres de ontem e de hoje.

“ E a febre que eu lhe darei não será curada até que a vida seja curada. Mas a vida cria vida; portanto, recria a febre que lamberá o sangue como fogo. Tal é o poder inexorável e implacável do ideal. ” **Emma Goldman**

RESUMO

A pesquisa tem como escopo delinear uma genealogia acerca de pautas levantadas pela anarquista Emma Goldman (1869-1940), perscrutando-se de que forma ela se apropria de um gesto filosófico radical e de um fazer artístico sintetizado em textos dramaturgicos para propalar a concepção de “individualidade humana”. Trata-se de um conceito-chave para compreender em que medida seu pensamento heterodoxo contemplava um prisma filosófico e artístico que teria como corolário um gesto político autônomo em relação às instituições hegemônicas. A leitura goldmaniana do “egoísmo” de Max Stirner (1806-1856) e da demolição dos deveres sociais encenada pelo teatro de Henrik Ibsen (1828-1906) emerge em muitos ensaios que propugnam a necessidade de uma revolta individual como impulsionadora de uma revolução entranhada no próprio cotidiano. Nesse diapasão, Emma Goldman será lida não somente como mulher anarquista, mas como publicadora, artista e educadora que se alinhou à vida imanente.

Palavras-Chave: Anarquismo; Feminismo; Arte; Teatro; Filosofia.

ABSTRACT

The research aims to outline a genealogy about the guidelines raised by the anarchist Emma Goldman (1869-1940), scrutinizing how she appropriates a radical philosophical gesture and an artistic making synthesized in dramaturgical texts to propagate the conception of "human individuality". It is a key concept to understand to what extent his heterodox thinking contemplated a philosophical and artistic prism that would have as a corollary an autonomous political gesture in relation to hegemonic institutions. The goldmanian reading of Max Stirner's (1806-1856) "egoism" and of the demolition of social duties staged by Henrik Ibsen's (1828-1906) theater emerges in many essays that advocate the need for an individual revolt as the impeller of a revolution in everyday life itself. In this vein, Emma Goldman will be read not only as an anarchist woman, but as a publisher, artist and educator who has aligned herself with immanent life.

Keywords: Anarchism; Feminism; Art; Theater; Philosophy.

SUMÁRIO

Alinhavos (Introdução).....	3
Mulheres que se subjetivam em tessitura: a poética da não autoabnegação	23
Individualidade em Goldman: a base do tecido vital e social	39
Iconoclastia inicial e a libertação da liberdade inspirada por Stirner.	64
Individualidade e humanidade em dois atos: a leitura goldmaniana do drama social de Ibsen.....	89
Fita de Möbius: indivíduo e coletividade em uma <i>individualidade humana</i>	149
Arte, Vida e os fios não costurados à máquina.....	190
Enfeixando as reticências (Considerações finais).....	241
Fontes Primárias	247
Referências bibliográficas	253
Adendos	269

Alinhavos

Todas as minhas posses consistiam de cinco dólares e de uma pequena bolsa. Minha máquina de costura, que haveria de me ajudar no caminho à independência, eu havia enviado como bagagem.¹

(Emma Goldman)

A fagulha que ensejou a presente tese remonta ao contexto do desenvolvimento e redação da dissertação de mestrado intitulada *Coquetel Molotov contra o sistema: a construção do arquétipo de um sujeito anarcopunk no documentário Punk Molotov*, cuja problemática fulcral era investigar um modelo de subjetividade *anarcopunk* no bojo de uma produção audiovisual brasileira do final da ditadura civil-militar.²

A inquietação foi sendo gestada à medida que aflorou a percepção de outras práticas de revolta que contemplavam diretamente as mulheres e seus espaços de luta. Tornou-se cada vez mais evidente que os discursos e práticas da cena *anarcopunk* não necessariamente dialogam com o anarcofeminismo. Era necessário ampliar o escopo de investigação e abrir espaço a outras sublevações sociais. Afinal, as narrativas hegemônicas apostam, cada vez mais insidiosamente, em estratégias que obliteram a exclusão de gênero, de classe e raça, aplicando o verniz da meritocracia em um gesto raso de “aceitar as diferenças” e promover o “empoderamento”.³

O diálogo transversal entre os *punks* e o anarquismo – consubstanciado no ideário *anarcopunk* – incitava a pensar na autocrítica que este próprio movimento engendrou como um exemplo emblemático da necessidade de travar diálogo com individualidades dissidentes ao

¹ GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 5.

² TOKUNAGA, Larissa Guedes. *Coquetel Molotov contra o sistema: a construção do arquétipo de um sujeito anarcopunk no documentário Punk Molotov (1983-1984)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

³ Não se trata de aceitar as diferenças, mas de desejar os outros em suas singularidades. Como afirmam Glaucia Sena e Katiúscia Galhera: “o uso do termo empoderamento é um tanto descontextualizado: sua apropriação frequentemente liberal, por exemplo, pela Organização das Nações Unidas (ONU) e por propagandas capitalistas pode confundir o significado dos termos do debate.” Cf. GALHERA, Katiúscia; SENA, Glaucia. “Mulheres Livres: Mulher, Revolução e Anarquismo”, p. 3. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BYXQgsjhsFQrVjm95SQrbWq/?lang=pt> Acesso em 04 de março de 2022.

padrão normativo branco, masculino, heterossexual. Transcender esses modelos hegemônicos passou a se configurar como necessidade premente tanto em âmbito teórico quanto empírico. As anarquias, em contraposição a um dogma anarquista monolítico oriundo do século XIX, passaram a ser objeto de teorização não mais enquanto categoria de “utopias”, mas como “ações diretas”.⁴ Em vez de um anarquismo entendido como doutrina política tem-se uma miríade de práticas imediatas que não se rendem ao dogmatismo: *anarcoqueer*, *anarcoveganismo*, *anarcofeminismo*, *anarcoindigenismo* etc. Os próprios agentes sociais que se autodesignaram *punks* acabariam por abandonar signos autodestrutivos e alusivos a gangues, começando paulatinamente a adentrar discussões éticas no presente imediato.

Se a música e o visual não pareciam mais suficientes para externar a revolta, a subjetividade libertária passaria a atuar em outras plataformas de luta. Não por acaso, o professor Rafael Lopes de Sousa, especialista no movimento *anarcopunk*⁵, levantou a questão urgente, na ocasião da defesa da dissertação supracitada (2016), acerca da presença de mulheres na cena *anarcopunk*. Esse apontamento também contribuiu para o desvelamento da problemática da interseccionalidade⁶ das lutas. Diante da segmentação de demandas sociais, sentiu-se necessidade de uma articulação teórica transdisciplinar que abrangesse insurgências históricas com patente ressonância no presente. Afinal, as opressões se infiltram em âmbito estrutural, atingindo camadas que se interligam e se sobrepõem.

Sempre vinha à tona a hipótese de que talvez os protagonistas do documentário “Punk Molotov” (1982) nunca tivessem ouvido falar na insurgência feminina de Emma Goldman (1869-1940), embora Bakunin (1814-1876) já estivesse inscrito no imaginário daqueles jovens. O interesse pela corrente anarcofeminista foi suscitado justamente a partir de um estranhamento: dentre os anarquistas clássicos mais conhecidos, raramente são citadas as mulheres que compuseram o corpus teórico-prático do movimento⁷. E o posicionamento de

⁴ ROSA, Pablo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha; SEBASTIÃO JUNIOR, Acácio Augusto. “Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais.”. In: *Revista Estudos de Sociologia*, vol. 21, nº40, 2016.

⁵ SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: Cultura e Protesto: as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva*, São Paulo 1983-1994, São Paulo: Editora Pulsar, 2002.

⁶ “Quando voltamos a repensar a categoria de classe como associada à exploração econômica que acompanha e é implicada nas opressões políticas particulares – de gênero, de orientação e identidade sexual, de raça, etc. –, então essa intersecção entre dominação e exploração se abre como fonte ativa para a recomposição de uma luta forte contra as hierarquias.” Em: *Uma leitura anarquista da Interseccionalidade*.

Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/coletivo-planetes-uma-leitura-anarquista-da-interseccionalidade> Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

⁷ A autora Mariana Penna explica o alheamento de muitos anarquistas em relação à emancipação feminina, mostrando como, embora não haja uma correspondência necessária entre movimento anarquista e feminista, essas duas modalidades de luta precisam ser articuladas em um prisma dialógico e interseccional. No artigo “O anarquismo e a questão das mulheres”, a autora cita o exemplo do anarquista

Emma Goldman, ao não se autodeclarar propriamente como feminista, torna ainda mais complexo o mapeamento das linhas de força da militância ácrata.⁸ Ao sublinhar a necessidade de uma emancipação humana, a militante adota um posicionamento que hoje poderia ser considerado interseccional, justamente porque ela mapeia as mazelas que afetam cada recorte da vida. São corpos e corpas que existem em identidades de raça, classe, sexo, mas também subjetividades sujeitas a instituições como o capitalismo, que retroalimenta modelos de servidão. Ao compreender que a igualdade jurídica é um discurso ideológico deletério que encobre as exclusões, Goldman vislumbra um feminismo que não se ancora em representações, mas em vivências empíricas.

Ecoando outras mulheres anarquistas, a militante supracitada desenvolveria a concepção-prática de *individualidade humana*⁹, rompendo com a cisão indivíduo/coletividade. Ao não admitir dogmas, o escopo de luta da anarquista dá azo a profícuos diálogos com a filosofia, a arte e a educação. Trata-se de uma militância calcada em vivências que não excluem o foro “privado” das subjetividades. Esse devir, formador da própria vida, é o substrato de uma luta pública e coletiva.

O enfoque na transformação das subjetividades como um alicerce da guinada social torna o ideário de Emma Goldman uma resposta que envereda na contramão dos projetos de revolução política e dos programas feministas oitocentistas (apressadamente intitulados de “primeira onda feminista” 1850-1940) baseados na reivindicação do sufrágio universal. Para a autora, o desejo individual¹⁰ é que propulsionaria as mudanças estruturais, de modo que a libertação das mulheres dependia, também e inexoravelmente, de uma transformação social da consciência humana. Não por acaso, em um ensaio de 1911 publicado na revista *Mother Earth*, a anarquista manifesta maior simpatia à jornada de resistência de Mary Wollstonecraft (1750-1797), criticando as militantes sufragistas e o puritanismo remanescente em muitos dos ideários

Proudhon (1809-1865) como o de um militante declaradamente descomprometido com a resistência da mulher na esfera pública. Para ele, em sua franca misoginia, haveria uma tendência biológica, inerente, que reservaria às mulheres a esfera privada. PENNA, Mariana Affonso. “O Anarquismo e a questão das mulheres”. In: *Revista Espaço Acadêmico*. Vol. 17, nº196, 2017.

⁸ Vide o conceito de “Contrafeminismo” cunhado por BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios del siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.

⁹ Esse conceito foi empregado por Emma Goldman no desenvolvimento do artigo *The Individual, society and State* (1940), originalmente escrito em inglês como “man’s individuality”. No referido ensaio, a autora menciona o anarquista clássico Piotr Kropotkin (1842-1921) em alusão ao mutualismo por ele defendido. O liame que tornaria os sujeitos uma “humanidade” seria o apreço pela liberdade, a expressão irrevogável da personalidade. Um adendo: É recorrente verificar a utilização do vocábulo “homens” como sinônimo de humanidade, tratando-se de uma convenção linguística não contestada na época da anarquista. Todas as traduções de excertos, exceto as extraídas de obras nacionais, são de responsabilidade da autora da presente tese. As coletâneas da Biblioteca Terra Livre foram lançadas posteriormente.

¹⁰ Apesar de não mencionar Schopenhauer ou Espinosa, no ensaio “O Elemento do Sexo na Vida”, Emma Goldman atribui aos desejos e paixões a fagulha criativa para a construção de novas sociabilidades.

de mulheres militantes da época.¹¹ Wollstonecraft, na perspectiva de Goldman, teria sido a precursora do empenho das paixões subjetivas em uma vida afinada com a liberdade individual e coletiva.¹²

Com efeito, a vida subjetiva, prenhe de contradições e desejos, assume um papel tão relevante na condução da militância da anarquista que a inextricabilidade entre estética e política tornaria nebulosos os limiares entre arte e militância.¹³ Justamente devido a essa característica, uma parte da bibliografia norte-americana sobre Emma Goldman tendeu a sublinhar as contradições entre os fatos de sua vida privada e seu ativismo social. Candace Falk, por exemplo, se destaca pelo escrutínio do epistolário amoroso da anarquista. Em *Love, Anarchy and Emma Goldman* (1984), a autora se debruça sobre os reveses passionais da militante como pedras de toque da correlação entre o foro intimista e o prisma revolucionário sustentado ao longo de sua vida. Ao analisar as correspondências trocadas entre Goldman e seu amante Ben Reitman, o estudo abre margem a uma profusão subsequente de investigações de obras de cunho biográfico que explorariam as inconsistências do posicionamento da militante em relação a suas teorizações sobre o papel de resistência das mulheres. Tentativas de cotejo do comportamento individual da anarquista com um modelo pré-definido de militância em prol do amor livre, de defesa de direitos institucionais previamente incluídos na agenda feminista, pulularam na literatura de língua inglesa. Alice Wexler, em *Emma Goldman: an intimate life* (1984), explora o ciúme como sintoma da dependência amorosa da anarquista, apontando um contrassenso entre seu ideário libertário e a práxis da vida privada.

Essa bibliografia, que majoritariamente enveredou por um viés biográfico, foi superada por estudos como os de Bonnie Haaland, Donna Kowal e Kathy Ferguson¹⁴, os quais abriram uma seara de investigação dos significados sociais do *eros* no bojo da resistência política de

¹¹ Nas palavras de Goldman, “O movimento da mulher de hoje e especialmente o movimento do sufrágio encontrarão na vida e na luta de Mary Wollstonecraft muita coisa que lhes mostraria a inadequação do mero ganho externo como forma de libertar o sexo.” In: GOLDMAN, Emma. “Mary Wollstonecraft, sua vida trágica e sua luta apaixonada pela liberdade”. (1911), p. 2. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-mary-wollstonecraft-her-tragic-life-and-her-passionate-struggle-for-freedom> Acesso em: 06 de abril de 2020.

¹² Mary Wollstonecraft (1750-1797) sistematizou a primeira denúncia sobre a subordinação feminina, usando a doutrina liberal dos “direitos inalienáveis do homem” para reivindicar o direito das mulheres, sendo a defesa do direito à educação a maior bandeira de luta do feminismo.

¹³ Sobre a inextricabilidade entre estética e política, vide PELLOUTIER, Fernand. “Arte e Revolta”. Paris: conferência realizada em 1896. Publicado em português em 2021, pela Tenda de Livros, segundo tradução coletiva da qual a autora da tese fez parte.

¹⁴ KOWAL, Donna. *Tongue of Fire: Emma Goldman, Public Womanhood, and the Sex Question*. Albany: State University of New York Press, 2016. FERGUSON, Kathy. “E.G.: Emma Goldman, For example”. In: TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen. (Orgs.). *Feminism and the Final Foucault*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2004. HAALAND, Bonnie. *Emma Goldman: sexuality and the impurity of the state*. Black Rose Books, 1993.

Emma Goldman. Ao não deslegitimar as intervenções da anarquista e perscrutar as ressonâncias de sua subjetividade como estética e engajamento em uma atualidade efervescente de demandas por reconhecimento, tais obras contribuíram para estender o diálogo entre anarcofeminismo, arte e paixão. Kowal desloca o sentido estereotipado comumente atribuído à anarquista, colocando o ponto focal de sua pesquisa no modo como a militante elege o corpo da mulher enquanto polo de resistência sociopolítica.

Nessa esteira, considerou-se premente tangenciar a interpretação dos ensaios de Goldman com suas inspirações de cabeceira¹⁵, uma vez que compreender a cosmovisão da anarquista implica perquirir as referências que fundamentam em grande medida um prisma heterodoxo de anarquismo e revolução. Efetivamente, uma das frases mais emblemáticas da autora: “a verdadeira emancipação não começa nas cortes ou nos tribunais, mas na alma da mulher”¹⁶, representou o ponto de partida para a intenção de desenovelar tal concepção de subjetividade tão recorrentemente reiterada nos discursos, ensaios, biografia e obras de fôlego desta última. Considerou-se a proficuidade de um diálogo transversal do ideário expresso por Goldman com autores conhecidos por propugnar o chamado “anarquismo individualista”, embora a militante não tenha dialogado somente com esta corrente.¹⁷

As inspirações que contribuíram para pavimentar a trajetória de Goldman representam uma miríade de artistas, filósofos e militantes, de modo que mesmo uma interpretação estritamente exegética e hermenêutica de seus escritos já pressuporia a tessitura de cotejos com pensamentos de intelectuais a ela contemporâneos. É possível considerar que as concepções da anarquista representam uma síntese de ideários que, aparentemente antagônicos, convergem para o cerne da *individualidade humana*. Torna-se relevante atentar, também, para a inscrição do pensamento goldmaniano em uma tradição libertária anglo-saxã – expressão que teve a livre

¹⁵ Emma Goldman transitou por diversos círculos artísticos, filosóficos e políticos, dialogando com uma série de pensadores e pensadoras de sua época. Segundo relembra Eliane Carvalho, “atenta ao presente, reconhecia a precisão do prazer e do que é belo. Interessava-se pela literatura, artes plásticas, amava o teatro, circulava nestes espaços e entre artistas. Era uma grande apreciadora da boa comida, além de uma cozinheira de mão cheia. Ao visitar uma fábrica de champanhe coletivizada na Espanha durante a revolução, perguntou ao responsável em que momento os trabalhadores beberiam o champanhe.” CARVALHO, Eliane. “Emma Goldman, saúde!” In: *Revista Verve*, nº35, 2019, pp. 110-112.

¹⁶ GOLDMAN, Emma. “A Tragédia da Emancipação Feminina”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1906.

¹⁷ Frequentemente o anarcoindividualismo tende a ser cooptado pela tradição individualista neoliberal, o que implica a propalação de falácias como a do “anarcocapitalismo”. O próprio anarquismo é avesso a formas de solipsismo, tais quais as manifestadas por Max Stirner. Ademais, Emma Goldman não parece se alinhar estritamente à demolição de todos os ideais humanos, distanciando-se de pensadores como Émile Armand (1872-1963) no que concerne às preocupações sociais e coletivas. O drama social moderno significava, justamente, uma janela para abordar as questões que envolviam demandas por saúde, educação, questões que atingiam camadas mais amplas de consciência humana.

iniciativa como um dos motes da ação direta, sobretudo no contexto estadunidense¹⁸. Tal conceito goldmaniano, baseado nos potenciais singulares das individualidades que, em livre associação, poderiam recriar a humanidade sob moldes libertários, congrega dialeticamente as subjetividades e a vida horizontalizada, sem poderes excludentes mediando as relações humanas.

No escopo aqui exposto, o filósofo Max Stirner (1806-1856) e o dramaturgo Henrik Ibsen (1828-1906) representam expressões tidas como ações diretas, isto é, ações que prescindiriam de uma revolução teleológica destinada a solapar o Estado em um pretense futuro do porvir. O programa canônico de uma reforma política que se dedicaria primeiramente à revolução e consequente tomada de poder para, somente em uma segunda instância, doravante conferir direitos equitativos aos sujeitos não atraía Emma Goldman. Tendo acompanhado pessoalmente o contexto russo pós-1917, a autora assume um posicionamento crítico e amargo em relação à política bolchevique. Segundo seu diagnóstico, as forças populares eram diametralmente opostas à massificação perpetrada pelo partido:

Ficam agora bem claros os motivos que fizeram com que a Revolução Russa, tal como foi conduzida pelo Partido Comunista, fosse um fracasso. O poder político do partido, organizado e centralizado no Estado, procurou se manter utilizando todos os meios de que dispunha. As autoridades centrais tentaram fazer com que o povo agisse de acordo com modelos que correspondiam aos propósitos do Partido, cujo único objetivo era fortalecer o Estado e monopolizar todas as atividades econômicas, políticas, sociais e até mesmo as manifestações culturais.¹⁹

Um dos pontos nodais que conjugam os pensamentos de Ibsen e Stirner e os tornam lampejos que depois se refletiriam nos discursos de Emma Goldman é justamente o ceticismo, tal qual acima esboçado, em relação a qualquer espécie de liderança, programa dogmático, intervenção dirigista que se alçasse como porta-voz das individualidades que compõem a sociedade. Isso teria como corolário a consideração das obras dos três autores como

¹⁸ Segundo a explicação de Voltairine de Cleyre, “Entre a semelhança fundamental entre os republicanos revolucionários e os anarquistas está o reconhecimento de que o pouco deve preceder o grande; que o local deve ser a base do geral; que pode haver uma federação livre apenas quando existem comunidades livres para federar.” O anarcoindividualismo estadunidense é por ela destrinchado em “Anarquismo e Tradições Americanas” (1908). Disponível em: <https://praxeology.net/VC-AAT.htm> Acesso em 26 de outubro de 2021.

¹⁹ GOLDMAN, Emma. “O fracasso da Revolução Russa”. In: WOODCOCK, George (or.). *Os Grandes escritos anarquistas*. 2ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1981, p. 10-149.

anarcoindividualistas por uma gama considerável de teóricos²⁰, uma vez que residiria unicamente no indivíduo a prerrogativa de decidir as questões concernentes à vida cotidiana. Todavia, ao longo da presente tese, pretende-se matizar essa noção, uma vez que designativos dessa espécie tendem a homogeneizar posicionamentos originalmente marcados pela heterodoxia.

Assim, tornou-se recorrente, tanto nos debates acadêmicos quanto nas discussões informais, emergir a seguinte inquirição: Goldman defenderia a agência individual em detrimento da esfera social?²¹ Contudo, a coerência de tal questão não perdura ao se aceder aos artigos em que a autora faz questão de estabelecer a clivagem entre “individualidade” e “individualismo”.

Nesse sentido, seria mais profícuo reformular a questão acerca da “preferência” do individual sobre o coletivo, enveredando-se pela via subjetiva preconizada por Goldman e indagando como se estabelecem os limiares entre os dois polos no pensamento da autora. Conviva e ávida leitora de Piotr Kropotkin (1842-1921), a militante esfacela a dicotomia de uma moralidade cristã que prevê apenas dois caminhos antagônicos: o do egoísmo ou do altruísmo.

Algumas autoras, como Elisabeth Lobo – precursora dos estudos goldmanianos no Brasil –, já teriam visualizado que os contornos entre vida pessoal/contexto social não constituem a preocupação central da militante anarquista. Para a estudiosa, a própria vida de Goldman já elucida essa ausência de dicotomias. Segundo ela:

Porque era uma radical, não existe em Emma oposição entre vida e obra. Ambas se confundem, coincidem: o engajamento nas lutas sociais e os sonhos de felicidade. Talvez por isso, também, por não ter sido séria e sóbria como convinha aos mártires da Causa Social, por ter abraçado causas perdidas ou malditas, talvez por isso tenha sido tanto tempo esquecida e silenciada.²²

Como se engendrou, nas últimas décadas, um consenso teórico em torno da dialética que Goldman estabelece entre a vida privada – com seus afetos e expressões sexuais

²⁰ Vide, por exemplo: NEWMAN, Saul. *War on the State: Stirner and Deleuze's anarchism*. JACOBS, Elizabeth. “Henrik Ibsen and the Doctrine of Self-Realization”. In: *The Journal of English and Germanic Philology*, [University of Illinois Press](https://www.jstor.org/stable/2344444): vol. 38, No. 3 (Jul., 1939), pp. 416-430. FERGUSON, Kathy. E 1982. “Saint Max Revisited: A Reconsideration of Max Stirner”. *Idealistic Studies*. 12(3), 276–292.

²¹ Vide “Os anarquistas são individualistas ou coletivistas?” Disponível em: <https://medium.com/anarchist-faq/are-anarchists-individualists-or-collectivists-cd2d29a234aa> Acesso em: 16 de setembro de 2019.

²² LOBO, Elisabeth. *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

subentendidos – e a esfera coletiva/ política²³, tornou-se ainda mais relevante investigar os traços dessa subjetividade outra. A validade da análise do autogoverno subjetivo defendido pela anarquista reside justamente na potencial interface da pesquisa com o contexto atual de emergência de novos formatos de movimento social. Diante das práticas de autodisciplina para o assujeitamento a condicionantes externos, Emma Goldman e Michel Foucault mostraram como o pensamento filosófico e o engendramento de valores ético-estéticos para responder a tais modelos de sujeito derivam da experimentação pela própria vida. Se a expressão microscópica da revolta por meio da arte e da *parrhesía*²⁴ subjetiva ganham cada vez mais urgência, como adotar um viés interdisciplinar que propicie a tradução coletiva e humana desta?

Pesquisar os caminhos que Goldman trilhou requer a interpretação dos ideários que desconstroem a “servidão voluntária”²⁵ por meio de uma nova linguagem, uma estrutura de afetos *outra*. O amoralismo defendido por Max Stirner inspiraria a anarquista, que não adere às fórmulas hegemônicas de nomear a individualidade, rechaçando um arquétipo binário de homem e mulher. Analogamente, as peças de Ibsen representavam para Goldman um desajuste que também partia de novas formas de nomear os micropoderes, estes onipresentemente infundidos no cotidiano do lar burguês.

Emma Goldman respirou tanto a atmosfera romântica, exaltadora do poder transformador da arte, quanto a realista, que colocou em cena as opressões sociais. Nesse entremeio de um gesto radical e o resgate de uma subjetividade outra, a autora redefiniu os limiares entre prismas de indivíduo e de humanidade. Como afirma Kathy Ferguson, “as preferências literárias de Goldman não são simplesmente questões idiossincráticas de gosto. Mais do que isso, elas são chaves para as práticas gramatical e retórica, um modelo estético que constituiu uma fonte para o desenho da anarquista.”²⁶

²³ Kathy Ferguson foi uma das precursoras do reconhecimento, na obra goldmaniana, de elementos românticos e realistas que dialogaram mutuamente com as injunções de seu cotidiano ativista. A ênfase dos movimentos artísticos na *vida* e no *eros* conferiu fôlego e inspiração à resistência antiautoritária da autora.

²⁴ Leia-se *parrhesía* enquanto a arte do franco-falar, conceito explorado por Michel Foucault em referência à antiguidade clássica. O filósofo define esse exercício como “um tipo de atividade verbal na qual o falante tem uma relação específica com a verdade por meio do falar francamente, uma certa relação com sua própria vida por meio do perigo, um certo tipo de relação consigo mesmo ou com os outros por meio do criticismo e uma relação específica com a lei moral por meio da liberdade e do dever”. In: GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade* (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 39. Na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, o autor opõe a *parrhesía* à lisonja, sintetizando o sentido de coragem e recusa da renúncia de si atribuído a tal posicionamento. A questão da verdade de cada sujeito seria imprescindível para Goldman.

²⁵ Expressão cunhada pelo filósofo Étienne de La Boétie (1530-1563) e recuperada por Goldman no bojo do rascunho incompleto “Desenvolvimento Histórico do Anarquismo”. In: IISG – Emma Goldman Papers, n.191.

²⁶ FERGUSON, Kathy. *Emma Goldman: Political Thinking in the Streets*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011, p. 192.

Sendo assim, a urdidura do pensamento de Emma Goldman não merece ser estudada apenas do prisma feminista para fins de conferência de sua coerência com suas ações. A ênfase que a autora confere à perniciosidade das “superstições” fomentadas e essencializadas pelo Estado, Igreja e moral se coaduna de forma estreita com um movimento no sentido de dessacralizar as instituições modernas e algumas categorias universais a elas atreladas. No bojo do ensaio “Minorias versus maiorias”, (1911) a autora critica a massificação dos ideários, dos gostos artísticos, apontando que “em qualquer originalidade e valor moral, a maioria sempre colocou o seu destino nas mãos de outros.”²⁷ Trata-se de um posicionamento que encontra ressonância em correntes filosóficas e psicanalíticas que não só endossam a irredutibilidade da subjetividade a condicionantes externos como buscam na destruição dos conceitos um potencial viés de construção libertária²⁸. Destarte, questiona-se em que medida esse arcabouço teórico teria influenciado na concepção goldmaniana de uma revolução pela via da individualidade, algo que a militante teria considerado inerente à própria humanidade.

Refinando a problemática que norteará a presente tese: de que forma a tessitura do conceito goldmaniano de *individualidade humana* se apropria dos referenciais de Stirner e Ibsen? Por que Emma Goldman vai buscar no manifesto stirneriano e no teatro social moderno de Ibsen elementos para pensar uma sociedade *outra*?

Notou-se, logo no início da investigação, como o “egoísta” de Max Stirner e os sujeitos dilacerados do teatro ibseniano constituíam, sob o prisma de Goldman, uma insurgência subjetiva não atrelada às mediações institucionais para o alcance da liberdade. A mudança social estrutural teria um embrião na própria revolta individual, o que corrobora a ideia de que um anarquismo ortodoxo não está no cerne das preocupações da autora. Isso não significa, porém, que a militante rechace o projeto coletivo de sociedade. Goldman ansiava que os esteios da esfera social passassem a ancorar na vontade individual e não mais em dogmas e, tampouco, em uma massa anódina. Enquanto Stirner desconstrói o conceito de humanidade por considerá-lo um “ideal” inalcançável e autoritário, Emma Goldman apostaria no plano humano como uma natureza que subjaz às singularidades subjetivas. **Ainda assim, a autora matizaria essa concepção, dividida entre as pressões do ego e do foro social mais amplo. A humanidade que ela vislumbra é composta de individualidades emancipadas das superstições e singulares para uma associação antiautoritária.** Segundo sua fala elucidativa, “o ser humano

²⁷ GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” (1911). Disponível em: *Revista Verve*, nº 13, 2008, pp. 123-133. São Paulo: PUC-SP, p. 124. Livre tradução da autora da tese.

²⁸ O termo libertário foi introduzido pelos teóricos anarquistas franceses no século XIX. Empregar-se-á o termo em sua acepção original de “antiautoritário”, embora haja outras reivindicações semânticas em relação ao mesmo conceito.

só conhecerá a verdadeira liberdade, individual e coletiva, quando se libertar da autoridade e de sua fê nela.”²⁹

Aventou-se a hipótese de que a subjetivação propugnada pela militante não seria um movimento unívoco nem em direção a um individualismo extremado e, tampouco, em direção a uma revolução etapista projetada por uma elite, mas um processo cotidiano ao sabor do devir. A leitura das peças ibsenianas instiga a pensar nas reticências de uma subjetividade que transita entre as pressões das instituições modernas e a consciência individual que emerge nos interstícios do jugo da alma humana sob tais autoridades. Para Goldman, “Ibsen havia descrito a luta psicológica que culmina na revolução da alma humana, a revolta da individualidade.” E acrescenta: “nada poderia ser mais desastroso, para nossas ideias, que ignorar o efeito do interno sobre o externo, dos motivos e necessidades psicológicos sobre as instituições existentes.”³⁰

Nesse sentido, é possível pensar que a saída de Goldman frente ao tênue limiar entre anarcoindividualismo e anarcocomunismo que caracterizou seu ativismo tenha sido o da arte e da paixão em prol da subjetividade libertária. A filosofia que combate os espectros e o teatro de contestação dos costumes sintetizavam, para a autora, a militância artística que expunha o lado privado dos afetos que eram relegados a segundo plano pela luta política. Isso explica em parte suas críticas ao marxismo, as quais enveredavam não só pela desconstrução do projeto etapista de revolução como também pelo argumento de que o “determinismo econômico” e a “luta de classes” seriam categorias explicativas irreduzíveis ao potencial de insurgência da subjetividade.³¹ O antidogmatismo subjacente à concepção da própria vida como revolução encontraria no manifesto radical de Stirner e na demolição performática dos padrões morais ensejada por Ibsen uma via para mudar a estrutura dos afetos e, assim, facultar a intervenção política.

Considerando a defesa de Emma Goldman em prol de uma subjetividade libertária em processo, optou-se por dividir o escrutínio de suas concepções em seis seções.

O **primeiro capítulo** traçou um breve panorama das lutas de mulheres anarquistas cujas expressões encontram pontos de contato candentes com o ideário de Emma Goldman. Em que atmosfera a obra desta última se encontrava? A resistência anarcofeminista é,

²⁹ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 41. Emma Goldman emprega o vocábulo “homem” como sinônimo de humanidade, mas a autora da tese reconhece que atualmente é inadmissível, flagrantemente misógino e heteronormativo pretender abarcar as singularidades através desse designativo.

³⁰ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p. 447-448.

³¹ In: GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, sociedad y estado”. In: *La Palabra como arma* (coletânea) p. 45.

concomitantemente, vária, singular e suscitadora de identificações. Dessa forma, foi importante observar como a militância goldmaniana encontrava ecos em outras mulheres de sua época e, ao mesmo tempo, assumia contornos únicos que a distanciavam de designativos estritos.

O **segundo capítulo** buscou compreender como o anarquismo propugnado pela militante dialogava com uma noção de individualidade. A partir da análise interpretativa de ensaios como “Indivíduo, Sociedade e Estado” (1940), traçou-se um panorama introdutório que procurasse mostrar como o indivíduo (o indiviso, aquele que não se divide entre o eu e as pressões sociais) e suas próprias paixões, para Goldman, constituíam a gênese da realidade concreta, isto é, o único esteio possível de uma sociedade haja vista que os pilares sociais consagrados pela modernidade seriam tidos como abstrações.

O **terceiro capítulo** investigou como Goldman evoca o individualismo de Max Stirner sem, contudo, se atrelar ou aprofundar a premissa do eu “egoísta”. Por que o gesto radical de autoafirmação stirneriana incita a autora a repensar os moldes anarquistas? É válido ressaltar de antemão, em um adendo, que não se trata de um individualismo que anui ao contexto opressor por meio da alienação confortável. Pelo contrário, se trataria do desconforto da existência imanente. Para Carlos Díaz, estudioso do filósofo oitocentista,

Stirner sente, com efeito, que o *Eu* é a pedra angular que os outros filósofos desprezaram, o pilar sólido e rochoso que faltava, até o momento, se erguer na história, o grande ponto de Arquimedes que todos haviam esquecido no afã de sempre nos reportarmos ao sagrado, ao eterno, ao fundante, ao além.³²

O cotejo entre a obra deste filósofo, *O Único e sua propriedade*, com o ensaio da anarquista intitulado “O Sufrágio feminino” (1911) revela uma afinidade inicial com um prisma que, causticamente, dissolve as esperanças de setores feministas em relação ao alcance da equidade por meio das fimbrias do sistema legal. O ensaio “Anarquismo: o que realmente significa” (1911) mostra um aparente alinhamento de Goldman ao gesto cético de Stirner, apropriação que acabaria por se transmutar em um germen de resistência coletiva ao longo da trajetória da militante. Citando o filósofo diretamente, ela afirma:

A superstição política ainda influi sobre os corações e mentes das massas, ainda que os verdadeiros amantes da liberdade não tenham nada a ver com

³² DÍAZ, Carlos. *Max Stirner: uma filosofia radical do eu*. São Paulo: Imaginário, Expressão e Arte, 2002, p. 24.

isso. Ao contrário, estes últimos acreditarão, como Stirner, que o ser humano terá tanta liberdade quanto ele quiser tomar.³³

Trata-se de um confronto entre o “egoísta” de Stirner e a *individualidade humana* de Goldman para que seja possível, justamente, compreender como a superstição era vista pela autora como construção cultural que corrói os pilares da livre associação das individualidades. O “eu filosófico” era crucial para a perspectiva libertária de Goldman, uma vez que as paixões subjetivas propulsionariam o despertar da consciência pela equidade. Quando o “egoísta” se dispersa nas abstrações impostas externamente, o poder hierárquico se instala.

O **quarto capítulo** consistiu no emparelhamento de duas peças do dramaturgo Henrik Ibsen, *Casa de Bonecas* (1879) e *Um Inimigo do Povo* (1882) – textos que inauguram a fase realista do autor e apresentam um teor marcadamente combativo do Estado, da opressão no núcleo familiar e da hipocrisia entranhada nos sujeitos – com os ensaios da militante. A própria Emma Goldman já interpretara o drama social moderno de Ibsen, vinculando-o a uma definição de arte engajada e ressignificando suas peças dentro da pauta de lutas anarquistas.³⁴ Propõe-se a ideia de que as personagens disruptivas das peças supracitadas representariam uma espécie de prolongamento do “eu-único” de Stirner, na medida em que se evadem de contextos asfixiantes da individualidade através de uma atitude parresiasta. Em “A hipocrisia do puritanismo” (1911), um libelo contra o puritanismo, Goldman firmaria sua consonância com Ibsen no nevrálgico ponto da recusa da essencialidade do Estado e na reiteração da paixão como característica eminentemente humana. Para Tereza Meneses, especialista em Ibsen,

Com Ibsen fecha-se o século da consciência, a era da crença nas soluções unidimensionais e mutuamente excludentes, das certezas positivistas e da busca do ideal absoluto. Com Ibsen inicia-se, no teatro e em seus espectadores, uma nova era, que ainda é a nossa. A era da ambiguidade, da complexidade e de uma nova subjetividade, em que o homem convive, de um lado, com a consciência de seu desamparo e desejo insaciável, e de outro, com a busca de derivativos e defesas para “se perder” dessa consciência.³⁵

³³ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 30.

³⁴ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 05 de maio de 2020.

³⁵ MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. XVIII.

Efetivamente, tornou-se patente que Emma Goldman também se situava em tal atmosfera de consciências cindidas, fato que complexifica o entendimento de sua concepção de *individualidade humana*. Concepção esta que confere vazão aos impulsos e, concomitantemente, tenta resgatar uma “humanidade”, embora em tons libertários e nada uniformizantes.

O **quinto capítulo** procurou investigar como Emma Goldman se valeu do apreço pela filosofia e pelo teatro para vislumbrar uma reestruturação das relações humanas com a prática cotidiana do anarquismo. Essa conjunção entre gesto filosófico-dessacralizador e fazer artístico evidencia como os contornos de uma individualidade à margem dos arquétipos sociais são traçados cotidianamente sem a exclusão de um projeto de coletividade humana. Ou seja, a demolição do sujeito universal preconizada por Stirner representa a centelha para uma subjetividade em devir. A emergência de uma potencial estrutura de afetos que não mais atendesse aos desígnios institucionais, por sua vez, seria representada pela linguagem teatral de Ibsen.

Quando a anarquista cita as personagens Nora e Dr. Stockmann, respectivamente protagonistas das peças *Casa de Bonecas* e *Um Inimigo do Povo*, exalta uma ação individual microscópica que se sobressai diante da massificação moderna e apresenta um potencial de reverberação na construção de uma coletividade libertária. A concepção de *individualidade humana* seria sintetizada a partir da criatividade individual direcionada a um bem comum, fundindo desejos, afetos e luta política em uma espécie de fita de Möbius, isto é, em um todo que não apresenta um lado (sujeito ou contexto) determinante. A figura da fita não é nova: foi objeto de reflexões de Lygia Clark e Suely Rolnik para pensar a não-disjunção entre dentro e fora.³⁶ A superfície não-orientável, cujo avesso também é face visível, emula a própria vida em que palavras e ações se confundem.

O desfecho conferido pelo **sexto capítulo** da tese é uma costura com filamentos soltos que reportam à própria trama de vidas “outras”. Delineou-se, a partir de um diálogo com teóricos mais recentes, como a militância de Emma Goldman era refratária a modelos e afinada com a própria existência. Ao tecer sua obra-ação em diálogo com biografias e exercitar uma ética das amigas, a anarquista vive a *individualidade humana* a partir de seu próprio corpo/alma. Assim, abre-se ensejo a uma demolição de dicotomias tais quais o “anarquismo social” *versus*

³⁶ Para uma compreensão mais acurada da ideia, confira: AZEVEDO, Maria Thereza; MAGALHÃES, Thaís Fernanda Rocha. “Fios da Vida: micropolítica e macropolítica na proposição “Caminhando” de Lygia Clark. *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, n. 19, 2020.

“anarquismo como estilo de vida” e alumia-se um caminho já trilhado pelos cínicos evocados por Michel Foucault.

Faz-se necessário salientar que o escopo da tese não foi estruturado sob o intento de discutir se as obras de Max Stirner ou de Henrik Ibsen apresentam uma verve anarquista/feminista que teria convergido com a perspectiva de Emma Goldman. Tal objetivo implicaria uma projeção de questões que não concernem aos objetivos dos autores. A própria anarquista afirmaria, por exemplo, que não é somente sobre a opressão patriarcal que o teatro ibseniano trata, mas sobre as mentiras e deveres socialmente impostos.³⁷ Como a própria experiência da anarquista enquanto educadora permite supor, arte e filosofia seriam vistas como meios de ressignificar estruturas de afetos.

Ademais, o diálogo transversal entre política, filosofia e teatro faculta, justamente, a ruptura de barreiras programáticas que poderiam obstar o cotejo entre linguagens díspares. A destruição de velhas linguagens e padrões constituiria, para Emma Goldman, o devir da possível emergência do novo, de uma consciência subjetiva que poderia se espriar pela sociedade desde que ocorresse a ruptura da arte e da educação massificadas. A radicalidade do pensamento de Goldman pressupunha uma nova estética por meio da “arte do franco falar”: o chamamento a uma consciência outra representaria uma ação direta, a tentativa de conferir visibilidade às questões sexuais apartadas da esfera pública e historicamente relegadas à privacidade/domesticidade.

Compreender uma pequena parcela das fontes recorridas pela anarquista torna-se, pois, necessário trampolim para acessar o engajamento situado na antessala da esfera pública. Potencialmente radicada não nos meios externos mas na alma subjetiva, a liberdade está indissociavelmente ligada às expressões íntimas dos indivíduos para Goldman. O gesto radical de Stirner, ao se autoproclamar como o “nada”, ilustraria essa alforria de um “eu” cindido pelas categorizações impostas externamente e introjetadas como essências humanas. Não por acaso, na mesma esteira, a autora afirmaria: “o homem vivo não pode ser definido: é a origem de toda a vida e valores; não é uma parte disso ou daquilo; é o todo, um todo individual, crescente, cambiante, sempre um todo constante.”³⁸

O subsídio oferecido por Michel Foucault através da teorização hermenêutica do “cuidado de si” e da “coragem da verdade” permeou todo o desenvolvimento da tese. Essas

³⁷ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 05 de maio de 2020.

³⁸ GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, sociedad y estado”. In: *La Palabra como arma* (coletânea), p. 33

alusões ao trabalho foucaultiano contribuem para a compreensão de como a *individualidade humana* sintetiza e concilia a ética de si e a vida com os outros, isto é, em que medida Emma Goldman transita entre um manifesto radical da existência de um eu-único e uma heterotopia³⁹ de construção social baseada nas paixões sem abnegação. Michel Foucault realiza um deslocamento teórico até a Antiguidade Clássica justamente para dessacralizar a ideia de que o indivíduo moderno é uma essência, colocando os holofotes sobre essa construção dos jogos de verdade e das relações entre saber e poder. Assim como o filósofo atentou para o fato de que o fazer artístico não é só a ação sobre um objeto, mas uma vida que pode ser trabalhada e recriada perenemente, Emma Goldman mostrou que a liberdade está nesse exercício e não em alguma salvaguarda institucional. Uma vida sem superstições, segundo a proposta de Goldman, merece o escrutínio com base em um filósofo que defendeu veemente a ideia do “ocupar-se consigo” como uma “forma de vida”.⁴⁰

Uma vida-obra como manifesto: um adendo epistemológico

Se a filosofia cínica, herdada dos antigos gregos e resgatada por Michel Foucault em *A Coragem da Verdade* (1983-1984), foi soterrada por correntes modernas do pensamento que se alinharam ao cartesianismo, kantismo, hegelianismo etc., analogamente foi necessário emergir, a partir do final do século XX, uma epistemologia feminista que propusesse a demolição de fronteiras entre objetividade/subjetividade em prol de filosofias da diferença. Conforme Margareth Rago argumenta, as teóricas feministas não propuseram somente a subjetivação como ponto focal de uma desconstrução do estruturalismo, mas a exposição de como esse processo é dinâmico e crivado de pontos de fuga em relação às capturas pela lógica racionalista, estruturalista e hegemônica.⁴¹

Confrontar categorias hipostasiadas ao longo da história com a dimensão relacional e histórico-filosófica muitas vezes obliterada por uma estrutura excludente do conhecimento é

³⁹ O conceito de heterotopia foi cunhado por Michel Foucault na obra “As Palavras e as Coisas”. Inicialmente concebida como espaços de compensação, isto é, como consubstanciação daquilo que ficava à margem da ordem vigente, tais como as práticas de prostituição, a noção passou a significar uma alternativa ao tempo utópico, designando a prática cotidiana contra-hegemônica em um contra-espço. O sociólogo Edson Passetti associaria o conceito a práticas autogestionárias.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 446.

⁴¹ RAGO, Margareth. “Epistemologia, Feminismo, Gênero e História”. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar. *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis-SC, Editora das Mulheres, 1998.

uma questão inescapável que foi sublinhada pelas narrativas pós-estruturalistas⁴². Na medida em que o saber essencializado é posto em xeque, as narrativas de mulheres desvelam o binômio saber-poder, confrontando o conhecimento segmentado, verticalizado e propondo a construção espiralizada de epistemologias em que o micro e o macro são coextensões. Em “Foucault e a Ruptura com a Representação”, Camila Jourdan defende:

A teoria-prática é aquela que serve para alguma coisa, não é o discurso totalizante, não é o discurso da representação, que busca a essência, a origem fundamental, mas é o particular que multiplica, que dá voz ao que é silenciado, que serve como arma na guerra de discursos. A teoria-prática não representa, ela age.⁴³

Efetivamente, a antirrepresentação estaria imiscuída às subjetividades indelegáveis de mulheres. Atualizando novos modos de contar, as condutas e os modos de existência seriam meio e fim, teoria e prática, consciência e ação. Ao aportarem biografias e autobiografias de vidas outras como fontes documentais, as subjetividades esboroam antinomias que historicamente endossaram hegemonias. As cisões operadas pela Modernidade entre ciência e saberes subjetivos, entre indivíduo e civilização, alma e corpo domesticável são confrontadas por narrativas repletas de nuances que espelham a própria vida.

Fernanda Grigolin expõe como o gesto de desmontar é tão poético quanto o de costurar: a partir de um “anacronismo controlado” é possível não só tensionar as narrativas lineares como também fabular sobrevivências. A narrativa encarnada explorada pela autora parte da cultura visual e da corporalidade para escancarar uma articulação ética com o contexto macropolítico. Tal viés inspira a estabelecer liames entre um passado que parece remoto e um presente que instiga a investigação de vidas-manifestos, retirando-se a ilusão da isenção de quem assume um

⁴² Os trabalhos de Foucault, Deleuze e Guattari foram cruciais para lançar fagulhas heterodoxas na construção de uma epistemologia que acolha o *devenir* e a *caosmose* como inextricáveis de quaisquer narrativas. Atrelando devir e desejo em um perene processo de vir-a-ser, Deleuze e Guattari afirmariam: “É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo.” DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

⁴³JOURDAN, Camila. “Foucault e a Ruptura com a Representação”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 67, n.2, p. 43-67, jul./dez. 2019.

devir-pesquisadora. Trata-se de um gesto eivado de coragem, sobretudo em âmbito acadêmico.⁴⁴ Fissurar as narrativas coloniais demanda um abalo sísmico das análises cronológicas, a assunção de uma encruzilhada que retire a proa dos códigos cunhados pelos saberes dominantes. A desmontagem devolve novas leituras da realidade, mostrando como as mulheres anarquistas foram operárias não só nas oficinas, mas operárias da sensibilidade.

Para retomar a corrente cínica, aludida anteriormente, nota-se como Foucault sublinhava que, ao se reconhecer e governar a própria conduta, a subjetividade cínica poderia desnudar a vida dissimulada da sociedade, uma vez que sua própria trajetória destoaria escandalosamente das verdades socialmente arraigadas. O filósofo condensa por meio do mote cínico a argumentação sobre a ascese e a relevância do franco-falar para a transformação da vida em “vida outra” para um mundo “outro”. Destarte, essa alusão aos cínicos acende a questão da militância como um exercício que também se manifesta a partir de discursos iconoclastas, dessacralizadores, que sacodem a racionalidade moderna. Se as mudanças que estilizam a própria conduta e os discursos provocativos servirem para escancarar os modos como a artificialidade suplantou a vida indexada à natureza, rompendo-se assim com o maniqueísmo moral, é possível pensar que a trajetória de Emma Goldman evoca os cínicos em sua perspectiva de inextricabilidade entre vivências, arte, revolta e revolução⁴⁵.

Segundo Taddeus Blanchette,

A continuada importância do pensamento de Goldman é fruto de sua visão pouco ortodoxa das lutas políticas e culturais de seu tempo [...] Goldman nunca endeusou qualquer ideologia a ponto de perder de vista as políticas cotidianas que Foucault, mais tarde, rotularia de controle e disciplina. Não só se preocupava com a luta de classes e as políticas de massa, como também enxergava as inúmeras maneiras com que o poder invade a vida cotidiana, condicionando mentes, corpos e almas.⁴⁶

⁴⁴ GRIGOLIN, Fernanda. *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2020.

⁴⁵ É instigante observar que Emma Goldman faz menção difusa ao cínico Diógenes em uma metonímia da busca pela vida simples, em alinhamento à natureza e sem conformidade alguma com as convenções sociais. Cf.: “Observações e Comentários”. In: *Mother Earth*, vol. VI, n. 11, janeiro de 1912. “On the Trail”. In: *Mother Earth*, vol. VI, n.2, abril de 1911.

⁴⁶ BLANCHETTE, Tadeus. “Emma Vermelha e o espectro do tráfico de mulheres”. In: *Caderno Pagu*, n. 37, pp. 284-297, 2011.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645022> Acesso em 06 de dezembro de 2021.

O acesso à verdade, segundo os gregos genealógicamente investigados por Foucault, demandaria uma perene transformação da própria vida, isto é, da adoção de técnicas para o *cuidado de si*. Com efeito, o entrelaçamento vibrátil entre vida e militância goldmaniana convida à adoção de um prisma teórico-metodológico que suscite a investigação sentipensante⁴⁷. Às abstrações unitárias do uno, a anarquista contrapõe o múltiplo, o singular. Tendo observado a ascensão dos microfascismos e regimes nazi-fascistas, ela notaria como as relações de poder se arvoram em modelos patrióticos, de um Estado que se incorpora na alma dos indivíduos alheios ao exercício de subjetivação e, portanto, sujeitos. Ao arrebanhamento de um pensamento da maioria ela contraporía a dissenção de uma minoria⁴⁸, antecipando questionamentos de teóricas que sobreviriam muitas décadas depois dela, tais como Donna Haraway. O *conhecimento situado* se opõe à existência de uma “doutrina ideológica da objetividade científica descorporificada”⁴⁹, propugnando um saber entranhado. Assim, grafa-se a resistência em biografias que não são lineares, mas sim crivadas de contradições e vicissitudes, ao sabor do devir. Essa perspectiva marca, ademais, um lugar de onde parte a pesquisa: uma situação crivada de afetos.

A crítica goldmaniana transita entre a micro e a macro-história, de modo que sua perspectiva da vida enquanto perene revolta traz em seu bojo as reverberações das conjunturas que acompanhou e ajudou a tecer. Quando narra suas impressões da vivência na Rússia pós-revolucionária, borra as bordas entre uma história isenta, universal, e o olhar subjetivo pela lente de uma insurreta. Sua cosmovisão híbrida, de quem sempre esteve no entrelugar, incita a desmontar métodos de pesquisa que repousam sobre a historiografia. Traçar e retraçar genealogias acerca da cosmovisão de Emma Goldman implica revisitar obras que contribuem para o desvelamento de sua trajetória intelectual – que não necessariamente se confunde com seus marcos biográficos. Se suas conferências eram desdobramentos de sua militância, escavar as referências que inspiraram seus discursos convoca a pesquisa a cartografar noções de individualidade que ressignificam a (re)existência humana. Por que, então, a escolha de

⁴⁷ Por “sentipensante” leia-se uma zona entremesclada entre saberes que emergem de disciplinas e leituras acadêmicas e afetos que são costurados ao longo das vivências. A decolonialidade praticada por Silvia Rivera Cusicanqui, por exemplo, aporta à dimensão epistêmica a ética do comum que se imprime nas corporalidades, nas hortas comunitárias, na costura de memórias ancestrais. Trata-se de perceber que o múltiplo e contraditório não é algo que demanda uma superação dialética. Essa zona matizada escancara a força contenciosa da própria vida.

⁴⁸ Lembrando que essa minoria seria posteriormente considerada por Deleuze e Guattari como um devir-minoritário que tem potência criativa e não se curva ao empoderamento como forma de tutela.

⁴⁹ HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial”. In: *Cadernos Pagu*, n. 5, pp. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/195>> Acesso em 06 de dezembro de 2021.

interpretação de camadas de filosofia e dramaturgia revolucionária em um pensamento tão prolífico?

Investigar uma vida que se estilizou em formato de manifesto convoca o emprego de uma abordagem interdisciplinar que não se resuma à lente histórica da trajetória de militância goldmaniana mas ouse atravessar a seara da Filosofia⁵⁰. De fato, não se propõe aqui apresentar uma tese historiográfica, mas desenovelar o “fio de Ariadne” sem redundar em uma resposta teleológica. O método genealógico levado a cabo por Michel Foucault opera desde o presente, rumando para épocas de outrora a fim de escavar indícios de produções de verdade arraigadas na História. Segundo explicita o filósofo,

A genealogia é cinza; ela é pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos. [...]Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar as singularidades dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história — os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos.⁵¹

Um prisma genealógico desessencializa conceitos naturalizados ao longo da história e da própria historiografia. Assim, debruçar-se sobre a escavação que Emma Goldman perpetra através de seu discurso-prática convoca a própria pesquisadora a rever não somente a interpretação da autobiografia sob a ótica de uma publicação visceral como também sinaliza a transitoriedade do conceito de subjetivação. Isso se torna fulcral quando se considera a construção da vida-obra goldmaniana como manifesto de si e também de outras e outros. A cartografia de vidas dissidentes convoca a uma interpretação mais nuançada do gesto ético-estético da subjetivação.

O movimento de subjetivação-dessubjetivação merece ser cartografado a partir de uma abordagem interdisciplinar que não se resuma à lente histórica da trajetória de militância goldmaniana mas ouse atravessar a seara da Filosofia. Em *O Avesso do Niilismo*, Peter Pelbart

⁵⁰ Interpretar fontes como a autobiografia de Emma Goldman também convoca a uma quebra de correspondência entre “fato ficcional” e “repetição do vivido”, na medida em que julgar a veracidade ou não dos fatos se revela uma fórmula fácil que acaba por desprezar a poética da própria construção narrativa. Talvez se torne mais profícuo perscrutar: quais alegorias a anarquista mobilizou ao tecer retratos de sua vida enquanto manifesto? Eneida Maria de Souza traz essas e outras reflexões em SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

⁵¹FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

problematiza se a ideia de dessubjetivação pode ter um potencial filosófico e político tão relevante quanto o ato político de se subjetivar, subjetivação esta frequentemente capturada pelas máquinas sociais. Como em uma espécie de Fita de Möbius, o diagnóstico das opressões poderia ter uma face ativa, de descolamento dos modelos hipostasiados que amortizam os corpos. Assim, o corolário criativo da destruição abriria ensejo a novas tessituras imanentes. A revolta também se estende ao saber científico, pretensamente racional, universal, absoluto. Quando se compreende que a epistemologia heterodoxa é uma negação que afirma filosofias, saberes e artes soterrados opera-se uma dobra entre a dessacralização de conceitos abstratos e a descoberta de devires.

O próprio conceito-ação de *devir-criança*, expresso por Guattari como uma modulação que escapa à fixidez molar de lugares comumente aceitos como a infância e fase adulta, acende a travessia de Emma Goldman entre o lúdico e o pungente. Ao rasurar os papéis socialmente aceitos, a anarquista atua como uma criança que não se codifica nas armaduras que moderam a linguagem, os sentimentos, as temporalidades, condutas para a formação de indivíduos civilizados. A tensão tempestuosa com modos de existência pré-conformados e moratórias sociais marca o brincar goldmaniano pelas sendas anarquistas.

Essa epistemologia ainda a ser costurada, que não tem como escopo uma superação dialética, mas o movimento contínuo de interpretação de um pensamento que orbita a revolta, alinha-se aos exercícios cotidianos dos anarquismos. Embora cultivasse um “belo ideal” (em suas próprias palavras), Emma Goldman teve um pensamento vário que nuançou categorias universais e dogmáticas que frequentemente habitavam o interior da própria militância anarquista e feminista. Ver-se-á, a seguir, como seu posicionamento concomitantemente contesta e dialoga com ideários de mulheres que, embora não tenham exercitado a dissensão especificamente por meio da filosofia radical e do fazer teatral, também fizeram de sua existência obras de arte anarquistas.

Mulheres que se subjetivam em tessitura: a poética da não autoabnegação

*Não será com algumas mulheres no poder que resolveremos o problema das que estão no tanque, nas ruas, na cozinha.*⁵²

(Maria Lacerda de Moura)

A mulher mais perigosa da América?

Como enuncia Woodcock, “O anarquismo não é apenas uma teoria abstrata sobre a sociedade. Foi desenvolvido a partir de condições sociais existentes, moldado por influências culturais e expresso sob várias formas de ação, sendo por elas modificado.”⁵³ Emma Goldman não só subscreveria essa asserção como corporificaria uma prática antiautoritária na urgência de seu desejo por existências indelegáveis.

Compreender a ideia de *individualidade humana* de Goldman implica pensar na condição da mulher no âmbito de uma humanidade que a exclui e objetifica, solapando sua expressão enquanto subjetividade singular. Assim, não há como obliterar o recorte de “gênero” imiscuído na discussão acerca da emancipação anarquista. Emma Goldman, analogamente a outras pensadoras e militantes, exercitava o dissenso a partir de seu cotidiano mais imediato.

As raízes da militância de Emma Goldman podem ser encontradas em sua própria condição de imigrante russa judia, que recusou a obrigação de um casamento forjado pelo pai e se refugiou nos Estados Unidos. Em 1885, aos 15 anos de idade, Goldman começa a trabalhar em uma fábrica têxtil no país das falaciosas oportunidades, tomando contato com a árdua faina operária.

A onda de greves, cujo episódio mais marcante fora o caso de Haymarket Square (1886), a marcaria indelevelmente. Neste conflito em Chicago, cujo estopim foi a explosão de uma bomba durante as manifestações em prol da redução da jornada de trabalho para 8 horas, houve

⁵² Destaque para a edição *fac-símile* de 2018 publicada pela Tenda de Livros. A edição original, de 1924, traz uma crítica à moral sexual que dialoga em grande medida com a discussão de Emma Goldman em torno do Puritanismo.

⁵³ Ou seja, o anarquismo não poderia ser entendido tampouco como uma teoria política e econômica apartada da vida imanente, do modo de viver. Cf. WOODCOCK, *Os Grandes Escritos Anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1981, p. 26.

uma severa repressão aos anarquistas. Tal episódio, barril de pólvora da exclusão estrutural que atingia os trabalhadores, imigrantes, anarquistas, foi crucial para a tomada de consciência de Goldman. A anarquista menciona esse contexto de forma afetiva, lembrando:

Depois veio a América, a América com suas enormes fábricas, o pedal de uma máquina por dez horas por dia, a dois dólares e cinquenta por semana. A isso seguiu-se o maior evento da minha vida, o que me fez o que eu sou. Foi a tragédia de Chicago, em 1887, quando cinco dos homens mais nobres foram judicialmente assassinados pelo Estado de Illinois. Eles eram os famosos anarquistas da América - Albert Parsons, Spies, Fischer, Engels e Lingg, que foram legalmente assassinados em 11 de novembro de 1887.⁵⁴

A partir daí, Emma Goldman se aproximaria de anarquistas que apregoavam a necessidade de uma ação direta violenta. Ao conhecer o militante Alexander Berkman (1870-1936), a anarquista se inseriu de forma veemente no movimento. Participou da organização Industrial Workers of the World (IWW), que congregava as lutas sindicalistas revolucionárias e teria papel ativo na resistência trabalhista a partir de 1905. O contexto de uma modernidade excludente, sobretudo na realidade estadunidense, mostrava sua face, e a judia, imigrante e operária respondeu à ascensão liberal a partir de gestos de dissenso que lhe renderiam prisões por “incitação à desordem”.

Sua frente como oradora é o ponto que mais interessa à presente investigação, na medida em que a linguagem artística enquanto expressão da revolta subjetiva é algo muito caro à vida-obra goldmaniana. Até mesmo as pessoas radicais de sua época temiam abordar pautas “íntimas” como a questão da liberdade sexual. Assim, as conferências de Goldman sobre literatura e teatro a singularizariam enquanto anarquista que evocou o foro privado não somente para abrir espaço ao protagonismo feminismo, mas para defender a expressão da humanidade, da *individualidade humana*.⁵⁵

Após ser presa em 1894 na Ilha de Blackwell, sob a acusação de incitação pública à violência, Emma Goldman se encontraria em Londres com lideranças internacionais do

⁵⁴ GOLDMAN, Emma. “An anarchist looks at life”. In: *Speeches by Emma Goldman*. Berkeley: Emma Goldman Archive, 1933, p. 4. Tradução realizada pela autora da tese e disponibilizada ao final desta.

⁵⁵ No inventário de títulos das conferências realizadas por Emma Goldman, algumas temáticas chamam a atenção por sua correlação com a investigação aqui proposta. Contudo, não foi possível obter nenhuma transcrição desses discursos. Dentre eles, destacam-se: “Anarchism and Literature”; “Anarchism and Human Nature: Do They Harmonize?”; “The Psychology of Anarchism”; “The Influence of Drama on Anarchism”.

anarquismo, especialmente Piotr Kropotkin (1842-1921), cujo anarcocomunismo⁵⁶ a inspiraria indelevelmente nessa atuação como porta-voz da revolta individual atrelada ao foro social. Na Europa, a anarquista se especializou em enfermagem obstétrica, o que a habilitaria a colocar em sua agenda de conferências pautas como o controle da natalidade e o amor livre, temas ainda polêmicos para a época. Sua viagem a Viena, em 1895, rendeu a ela contato não só com as pesquisas freudianas como também com uma sexologia nascente e com obras de dramaturgos que colocavam as subjetividades em cena.

Seria temerário tentar mensurar a influência de Emma Goldman e de sua itinerância por diversas regiões do mundo: EUA, Áustria, Rússia, Espanha, Canadá. Contudo, o ápodo de “mulher mais perigosa da América” contribuiu para a construção de um arquétipo sobre sua imagem que se difundiria amplamente⁵⁷. A construção de uma memória popular sobre sua figura talvez seja um elemento que destaca sua trajetória em relação às demais anarcofeministas. Uma das primeiras obras com as quais se toma contato, ao se pesquisar sobre este ideário combativo, é a goldmaniana. Não à toa, as anarcofeministas brasileiras da década de 90 se aproximavam da resistência, introdutoriamente, por meio do pensamento desta e via obra de Maria Lacerda de Moura.⁵⁸

Goldman se apropriava de sua retórica contundente e sua facilidade em transitar por círculos militantes e intelectuais, traçando linhas de fuga que entrecortavam a palavra e o corpo. Candace Falk, em *Love, Anarchy and Emma Goldman*, explora tal faceta biográfica por meio do epistolário da anarquista. Como se verá no decorrer desta tese, a linguagem engajada, seja em âmbito privado, seja na esfera pública, consubstanciaria uma forma de *governo de si* na perspectiva da militante. As articulações que ela configurava em relação a seus pares eram entretecidas pela *parrhesía* anarquista, isto é, por um franco-falar que não seguiria os códigos normativos. E o teatro, nesse viés, seria o ápice do potencial iconoclasta da linguagem artística.⁵⁹ Nas palavras de Goldman:

⁵⁶ Por ora, pode-se tentar definir o anarcocomunismo como uma ideia-prática assentada sobre a solidariedade entre as subjetividades. Kropotkin propugnou a base científica que sustentava o apoio mútuo como um instinto evolutivo da humanidade.

⁵⁷ A alcunha “Red Emma”, Emma, a vermelha, foi disseminada ao longo da trajetória da anarquista, alcançando seu ápice na ocasião de sua deportação dos Estados Unidos, em 1919. Acusada de incitar o antimilitarismo, Emma Goldman se exilaria na Rússia. Para Edgar Hoover, então diretor da polícia federal americana, ela seria “uma das mulheres mais perigosas da América”. A famigerada fala redundaria em uma memória subversiva atrelada até hoje à militante.

⁵⁸ O Coletivo anarcofeminista que surge no Brasil na década de 90, o CAF, teria tomado contato, primeiramente, com obras anarquistas clássicas, majoritariamente vindas de contatos por correspondência com mulheres do exterior. Assim, um dos primeiros contatos com a militância feminina ácrata foi com o trabalho de Goldman.

⁵⁹ Interessante notar como Michel Foucault vislumbra no teatro uma “heterotopia”, isto é, uma unidade espaço-temporal em que se está sintetizando um corte, um desvio e uma suspensão na vida ordinária.

Porque ele reflete a vida em sua totalidade e envolve cada ramificação da sociedade, o drama moderno, mostrando como cada um de nós está situado nesse contexto de grandes transformações, torna claro se nós fazemos parte do processo ou fomos deixados para trás.⁶⁰

Martha Solomon, analogamente, analisa os discursos da anarquista, enfocando sua eloquência retórica, seu ativismo sob a ótica de oradora pública. As estratégias de persuasão e os elementos dramáticos compunham a perspectiva revolucionária de Goldman, o que demonstrava uma capacidade *sui generis* de articular *eros* e política em diferentes frentes de ataque às instituições.⁶¹ Investir contra os cânones em um gesto dinamitador implicava a reconstrução de espaços políticos por meio de outros signos. Em uma carta escrita na prisão, a militante destaca justamente essa reinvenção da ação direta apesar das injunções do cotidiano: adaptar-se ao devir e apostar em plataformas de luta que não se rendam ao aparato legal. Segundo suas palavras, imbuídas de um tom performático:

Ah, não me sinto mal por ter sido sentenciada. Na realidade, sinto-me satisfeita. Precisava disso para chegar perto de párias que vivem esse horror. Seria bom se todo rebelde fosse enviado à prisão por um período; isso faria aflorar sua chama de ódio contra tudo o que faz com que as prisões sejam possíveis. Estou realmente realizada.⁶²

Para a estudiosa Kathy Ferguson, Emma Goldman “viveu como um exemplo do anarquismo”, isto é, criou espaços políticos nas inter-relações, no ser-em-processo.⁶³ A “periculosidade” da anarquista foi alardeada pela imprensa norte-americana por conta, em grande medida, de sua estratégia de retórica e assalto frontal às autoridades por meio da mobilização discursiva. Acusada de incitar um anarquista ao assassinato do presidente norte-americano McKinley, em 1901, a militante foi presa, episódio sintomático do alcance e apelo dos discursos no imaginário contrarrevolucionário da época.

⁶⁰ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama>. Acesso em 05 de maio de 2020.

⁶¹ SOLOMON, Martha. *Emma Goldman*. Boston: Twayne Publishers, 1987.

⁶² Carta enviada por Emma Goldman da Queen’s County Jail, estado de Nova Iorque, em abril de 1916. Traduzida por: *Revista Verve*, nº 29, pp. 179-180, 2016.

⁶³ FERGUSON Kathy. “Emma Goldman, for example”, pp. 28-40. In: TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen. *Feminism and the Final Foucault*. University of Illinois Press, 2004.

Operando um deslizamento semântico dos signos de violência originalmente imputados pelo discurso hegemônico a pessoas “subversivas”, Emma Goldman os atrelava ao Estado. Em suas palavras,

É a violência organizada no topo que cria a violência individual na base. É a indignação acumulada contra o mal organizado, o crime organizado, a injustiça organizada que leva o indivíduo a cometer o crime político. Condená-lo simplesmente significa fechar os olhos para os fatores que o constituíram. Eu não posso fazer, eu não tenho direito de fazê-lo, tanto quanto um médico não pode condenar um paciente pela sua doença. Você e eu e todos nós que nos mantemos indiferentes aos crimes da pobreza, da guerra, da degradação humana, somos igualmente responsáveis pelo ato cometido pelo criminoso político.⁶⁴

O trecho acima exposto pode ser considerado uma síntese da premissa presente na ótica de Goldman: a destruição de concepções arraigadas por meio de atos violentos, quando imperiosa, poderia ser legitimada não como um fim em si mesmo, mas como um meio de construir um novo cenário. Todavia, a anarquista apostaria, sobretudo, nos gestos artístico-educativos que minassem o autoritarismo estrutural: a *evasão* da subjetividade aos modelos hegemônicos a ela impostos seria facultada pela *invasão* da arte, expressão que se embrenharia na subjetividade humana e semearia sementes da revolta.

Mulheres sem adjetivos: ecos de dissidência

Obviamente, é possível tecer diversos paralelos entre a obra de Goldman e uma pletera de mulheres anarquistas que levantaram a premissa da mulher como ser humano, a questão do direito feminino ao prazer sexual, a dominação no núcleo privado como algo que se estende ao espaço público, entre outras demandas por equidade⁶⁵.

⁶⁴ *Apud* AZEVEDO, Cecília. “Amando de olhos abertos: Emma Goldman e o dissenso político nos EUA”. In: *Varia hist.* vol.23 no.38 Belo Horizonte July/Dec. 2007, p. 359.

⁶⁵ Inclusive torna-se mais do que relevante sublinhar pesquisas que se debruçaram sobre trajetórias de mulheres anarquistas da América Latina e, mais especificamente, do Brasil, rompendo com o enfoque unívoco nas trajetórias eurocentradas/estadunidenses. Sucintamente, é possível elencar: CORDERO, Laura Fernández. *Amor Y Anarquismo; Feminismos para Revolución*; LADEIRA, Ingrid Souza. *Salimos a la lucha...Sin Dios y Sin Jefe*. Rio de Janeiro: Unirio, 2019.; MENDES, Samanta Colhado. *As Mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930*. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2010. LUDMILA,

A seguir, serão examinadas algumas dessas trajetórias, tendo-se em vista seu escopo confluyente com o da resistência subjetiva propugnada por Goldman. Como será possível notar, a obra de tais mulheres se concentrou agudamente na arte (sobretudo na literatura) enquanto instrumento de consciência para a insurgência. Todavia, o interesse pelo teatro ainda parece uma peculiaridade da atuação goldmaniana, ponto que merecerá um olhar mais atento. Emma Goldman lançava mão da expressão artística como ação direta: esta última seria o substrato imprescindível para uma guinada estrutural na tessitura social.

As críticas cáusticas que Goldman dirigiu às próprias mulheres tornam a emancipação subjetiva um ponto de contato com anarcofeministas que rechaçavam o feminismo liberal. Não se tratava de reivindicar o direito à produtividade e à participação nos pleitos, mas de recriar sociabilidades, ideários, desconstruir modelos conscientes e inconscientes de exclusão. Maria Lacerda de Moura, a esse propósito, questionaria:

de que vale a igualdade de direitos jurídicos e políticos para meia dúzia de privilegiadas, tiradas da própria casta dominante, se a maioria feminina continua vegetando na miséria da escravidão milenar?⁶⁶

Não por acaso, o pensamento dessas anarquistas encontraria forte ressonância na convencionalmente designada “segunda onda” feminista, fenômeno de recrudescimento dos protestos a partir da década de 60. Resgatado pelas militantes dessa época, o ideário de Goldman e de outras anarcofeministas ofereceu uma bagagem para o cruzamento de várias reivindicações que não se atinham somente à condição excludente da mulher e se entrecruzavam também com a opressão social, racial e sexual.

Uma dessas referências da necessidade de uma luta interseccional é Lucía Sánchez Saornil (1895-1970), do movimento espanhol *Mujeres Libres*. O coletivo, criado durante a Revolução espanhola (1936-1939), teve uma atuação praticamente interdisciplinar, formado por uma médica, uma poetisa e uma advogada. A questão do prazer sexual, da manifestação dos desejos e da resistência para além do aparato legal estavam na pauta das oficinas montadas pelas e para as mulheres. Lucía destacaria a necessidade de se libertar da ideia dominante subjacente ao conceito de “feminino”. Por que antes de ser uma singularidade, a mulher seria reconhecida pelo papel de mãe? Este é um dos questionamentos que incitam a protagonista do

Aline. [et.al.]. *Unidas nos Lancemos na Luta: o legado anarquista de Maria A. Soares*. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

⁶⁶ MOURA, Maria Lacerda de. “A mulher é uma degenerada” 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 12.

coletivo *Mujeres Libres* a desmontar o binarismo dos sexos essencializado e introjetado socialmente. Lucía propugna um *humanismo integral*, conceito que o historiador Thiago Lemos sublinha como uma conjunção de lutas que não se reduzem no escopo do anarquismo social. A autora também enveredaria pela expressão artística como movimento de subjetivação, rompendo com o monopólio da palavra concedido aos poetas homens.

Dentre as mulheres anarcofeministas de maior projeção, Luce Fabbri (1908-2000), cuja vida e obra foram estudadas por Margareth Rago⁶⁷, dialogou indiretamente com Goldman por meio de um anarquismo antidogmático. Em 1952, escreveu *La Strada*, destacando que o caminho revolucionário é uma prática constante, cotidiana, sem um telos. Sua militância no meio sindical precedeu a questão feminista, o que torna sua trajetória alinhada majoritariamente às questões operárias e antifascistas. Sobre o fascismo, inclusive, a autora teorizou extensamente, apontando sua gênese a partir do conservadorismo, nacionalismo e tradicionalismo. Como Goldman, ela desenvolveu grande apreço pela linguagem como característica humana capaz de assumir uma interferência política relevante. Não obstante as confluências existentes entre seus ideários, Luce contou com uma formação libertária desde criança, tendo no pai Luigi Fabbri – anarquista com relevante pensamento comunitarista – uma referência. A questão da exclusão feminina não adentrou sua vida espontaneamente, diferentemente do caso de Goldman, a qual desde tenra idade já se deparou com a opressão patriarcal oriunda do ambiente familiar.

Já Maria Lacerda de Moura (1887-1945), quando tem sua obra cotejada com a de Goldman, mostra-se em maior medida engajada em uma subjetivação anarquista cultivada pela própria mulher. Liane Peters confrontou os pensamentos de ambas, destacando como estas enfrentavam a moral sexual hegemônica e rechaçavam paliativos legais revestidos de “direitos” para o alcance da autonomia. Para a autora, enquanto Maria Lacerda de Moura conferia maior ênfase ao engajamento intelectual, teorizando sobre a inexistência de uma inferioridade da mulher em relação ao homem, Goldman centraria suas energias nas conferências públicas, na persuasão em tom passional e teatral que irradiaria dos indivíduos e seus gestos únicos em direção a uma sociedade coletiva. Ambas seriam tidas como ativistas educadoras, tendo consciência dessa necessidade de subverter pensamentos supersticiosos e obtusos em relação aos “papéis” das mulheres.

Maria Lacerda de Moura costurou um manifesto contumaz em prol de uma arte rebelde, demolidora de valores conservadores e clarim de novas auroras. Em *A Mulher é uma*

⁶⁷ RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Degenerada (1932), a anarquista associa o fazer artístico ao trabalho de “um pedreiro livre que edifica com a argamassa consistente da fé e do entusiasmo, para um futuro remotíssimo, soterrando-se debaixo das civilizações carcomidas, mas gritando a plenos pulmões o seu sonho de beleza, o seu anseio de perfeição e equidade.”⁶⁸ É possível, assim, notar como sua trajetória se alinha àquela trilhada por Emma Goldman, sobretudo na ênfase nos eixos de transformação das individualidades: anticlericalismo, educação libertária e corpo feminino livre de superstições.

Muitas décadas antes das *Mujeres Libres*, a contemporânea (e admirada por Goldman) Voltairine de Cleyre (1866-1912) apregoou que a individualidade e o autogoverno seriam imprescindíveis para a conquista de uma autonomia que começaria pela rejeição dos padrões entronizados e pela ação direta. Desvinculando-se de alguma corrente política, ela se autointitulava anarquista sem adjetivos, uma livre-pensadora. Sua militância tinha pontos de contato muito estreitos com a empreitada goldmaniana. Ambas relatam que a repressão brutal da Revolta de Haymarket foi um despertar decisivo à militância libertária. Assim, a defesa do autogoverno representaria um elo entre as duas anarquistas.

Em uma palestra intitulada *Escravidão sexual* (1890), Voltairine interpelaria a multidão: “deixe a mulher perguntar a si mesma: por que sou a escrava do homem? Por que dizem que meu cérebro não é igual ao dele?”⁶⁹ Suas oficinas abordavam a independência sexual e os métodos contraceptivos, discutindo a maternidade enquanto fator de sujeição. O primeiro passo para a emancipação da mulher, para ela, seria o rechaço do matrimônio, instituição que representaria o poder do Estado e da Igreja sobre o corpo e a alma feminina. Comportamentos tidos como intrínsecos às mulheres seriam fruto do contexto alimentado por estes dois tentáculos do poder. Voltairine provocou a revisão da prática de ação direta, abarcando nesse conceito-exercício qualquer ação ou reação individual, organizada, pacífica ou violenta que corajosamente afrontasse autoridades externas.

Analogamente a Louise Michel (1830-1905), que atuou ativamente na Comuna de Paris, estas mulheres diagnosticaram argutamente que o problema estaria radicado não na *forma* de governo, mas no poder que neste último se enraíza e o consubstancia. Segundo uma das frases mais emblemáticas de Michel: “todo poder encarna a maldição e a tirania; por isso, me declaro

⁶⁸ MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma Degenerada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932, p. 175. Destaque para a primorosa edição *fac-símile* produzida pela Tenda de Livros em 2018.

⁶⁹ PRESLEY, Sharon; SARTWELL, Crispin (org.). *Exquisite Rebel: The Essays of Voltairine De Cleyre - Anarchist, Feminist, Genius*. Albany: State University of New York Press, 2005, p. 23.

anarquista”⁷⁰. Se Goldman acreditava em uma “humanidade”, Louise Michel também subscreveria a educação libertária como alicerce para a construção de uma consciência insurgente, uma vez que a saída não estaria na tênue camada dos programas ideológico-partidários. Seu ofício de ensinar, alinhado à lógica que moveria a Escola Moderna⁷¹, primava pela autonomia das crianças e pela livre investigação científica. Esta figura do “ensino vivo” também respaldou sua insurgência em expressões literárias, lançando mão de poemas e atuando em comícios libertários. Conjugando a expressão artística à ação direta armada, Michel⁷² confere um tom visceral à militância anarquista, aproximando-se estreitamente da linha de atuação de Goldman. Para esta última, a anarquista francesa personificou “um tipo de ser humano com o instinto social desenvolvido ao extremo”⁷³, preterindo o instinto individual a ponto de se expor às vicissitudes físicas e materiais.

Já a militante e oradora estadunidense Lucy Parsons (1851-1942), cuja infatigável vida-obra foi devotada à luta antiescravista, operária e anticapitalista, não subscreveu as pautas goldmanianas sobre a autodeterminação sexual, o amor livre e o combate à censura promovida por Anthony Comstock⁷⁴. Seu enfoque estava direcionado sobre a opressão econômica que assolava as individualidades da classe trabalhadora, atendo-se aos fatores materiais da iniquidade. Goldman e Parsons foram ativas na União de Trabalhadores Industriais do Mundo, *The Industrial Workers of the World (IWW)*.

⁷⁰ MICHEL, Louise. *Cartas a Victor Hugo*. Lisboa: Horizonte, 2005.

⁷¹A Escola Moderna, projeto sustentado pelo espanhol Francisco Ferrer (1901-1909) que se contrapunha aos moldes educacionais dogmáticos e obscurantistas, forjados pela influência da Igreja Católica, tinha como premissas a pedagogia autonomista e o ensino racional, orientado a partir dos desejos dos indivíduos. Cf. FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

⁷²Samantha Lodi apresenta uma pesquisa instigante a respeito da anarquista Louise Michel. Cf. LODI-CORRÊA. *Entre a Pena e a Baioneta: Louise Michel e Nadezhda Krupskaja, educadoras em contextos revolucionários*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2016. Cf. também sua recente publicação: _____, *Louise Michel: pertença à Revolução Social*. São Paulo: Entremares, 2022.

⁷³GOLDMAN, Emma. “Um Belo Ideal” (1908). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal.pdf> Acesso em 30 de maio de 2022, p. 2.

⁷⁴Emma Goldman alude a esta discordância de pautas através do seguinte relato: “Letters from a Tour” (1897-1898). In: FALK, Candace (Org.). *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years: made for America (1890-1901)*, vol.1. Universidade de Illinois, 2008, p. 300.

Anarcofeminismo: uma construção *a posteriori*

Compreender o contexto em que se situam as concepções goldmanianas implica, também, conhecer algumas apropriações que as mulheres fizeram em torno destas ao longo da História. Por que, então, atribuir a designação de *anarcofeminista* a Goldman e a outras protagonistas da insurgência contra a opressão estrutural, que transcende a demanda por “direitos igualitários” entre os sexos na esfera burocrática? Nenhuma dessas mulheres, em sua época, se autointitulava “feminista”. A esse propósito, inclusive, Maria Lacerda de Moura afirmaria:

A palavra ‘feminismo’, de significação elástica, deturpada, corrompida, mal interpretada, já não diz nada das reivindicações feministas. Resvalou para o ridículo, numa concepção vaga, adaptada incondicionalmente a tudo quanto se refere à mulher. Em qualquer gazeta, a cada passo, vemos a expressão ‘vitórias do feminismo’ – referente, às vezes, a uma simples questão de modas.⁷⁵

O termo anarcofeminismo teria surgido a partir da “segunda onda” feminista, intensificando-se o seu emprego nos anos 80. Nessa época, emergiram de forma mais contundente demandas por direitos sexuais, direito ao próprio corpo, à descriminalização do aborto, empunhando-se a bandeira de que “o pessoal é político”, expressão contemporânea e original de Carol Hanisch.⁷⁶ Trazendo à tona novos recortes, o feminismo passaria a resgatar ideários que encampassem as lutas cada vez mais plurais e interseccionais. Assim como Emma Goldman rechaçava o movimento sufragista, atualmente há correntes que combatem o “feminismo neoliberal”, isto é, uma ideologia que endossa o papel das mulheres como produtivas, consumidoras, independentes apenas enquanto força de trabalho. Nesse sentido, a atualidade de militantes que problematizam a dominação patriarcal sob um olhar subjetivo, que não se reduz a uma equidade pública aparente, meramente formal, torna-se candente. A própria fluidez das categorias de gênero – discussão que desconstrói as designações binárias histórica e hegemonicamente convencionadas –, representaria uma pauta que dialoga com o

⁷⁵ MOURA, Maria Lacerda de. “Feminismo? Caridade?” In: *O Ceará*. Fortaleza, 1928.

⁷⁶ Tal lema prolapado pelo Movimento de Libertação das Mulheres pode até ter adquirido notoriedade na década de 70 do século XX, mas já estava nas pautas de luta das mulheres anarquistas desde o século XIX. Tal fato desmonta a linearidade proposta pela ideia de ondas feministas.

anarcofeminismo e o posicionamento antiautoritário que está em sua matriz. Sublinha-se, com cada vez mais ênfase, que a opressão do núcleo familiar, a exclusão da individualidade em seus meios de convívio e a exploração simbólica fundamentam a subordinação pública, política.

Embora seja um termo cunhado *a posteriori*, é possível perceber como Emma Goldman pode ser considerada anarcofeminista: seu posicionamento não delega o processo de emancipação ao alcance de cargos políticos pelas mulheres ou a uma revolução política que “resolveria” automaticamente os problemas da exclusão feminina. A resistência é diária, e tem como alvo as próprias construções de uma “cultura das mulheres”, um “comportamento feminista” estrito.⁷⁷ O anarcofeminismo reúne em seu substrato três vértices indissociáveis: o problema sexual, político e econômico. Nesse primeiro vértice, o amor livre e a autodeterminação reprodutiva são pautas que supõem a dessacralização do matrimônio e a maternidade voluntária. Essas questões afetam diretamente a reprodução de valores patrióticos e a oferta de mão-de-obra para as demandas capitalistas, uma vez que o livre acesso aos métodos contraceptivos diminui as taxas de natalidade. Assim, para que uma efetiva revolução estrutural no bojo da sociedade ocorresse, a questão da dominação patriarcal não poderia ser relegada a segundo plano.

Tiranos internos e a subjetivação

Não obstante possa ser lida como anarcofeminista, a obra de Emma Goldman é vária, repelindo adjetivações e preconizando a fluidez da própria vida como posicionamento principal. A subjetivação em perene processo era uma plataforma de resistência tão relevante para Goldman que, diferentemente das demais anarcofeministas supracitadas, a autora buscava um aporte filosófico-existencialista inspirado em autores críticos da modernidade. Embora não refletissem sobre a exclusão das mulheres, tais teóricos se debruçariam profundamente sobre a condição da subjetividade no bojo de uma humanidade massificada.

No fim do século XIX, em 1895, a anarquista vai para Viena, onde toma contato com as nascentes ideias freudianas e passa a incluir em sua agenda de resistência a temática das

⁷⁷ Atualmente, as pesquisas e militâncias feministas adotam o prisma decolonial ou anticolonial. A perspectiva decolonial consiste em uma descolonização do pensamento hegemônico que foi imposto verticalmente pela lógica dos espoliadores (colonizadores) e pelos demais poderes vigentes. Segundo essa lógica emancipatória, o modelo de homem racional, cognoscente e autocentrado deve ser desconstruído, uma vez que invisibiliza as demais subjetividades que não correspondem a tal modelo dominador. Cf. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

inibições sexuais. A autoexpressão sem peias e pudores, que teria ressonância literária em obras como a de Oscar Wilde e Walt Whitman, entre outros escritores de cabeceira da autora, doravante encontraria respaldo teórico na questão da repressão dos impulsos sob a égide de uma “civilização”.

A esse respeito, é possível afirmar que as próprias conferências de Goldman representavam, para a autora, espaços de dessubjetivação, isto é, de quebra das “superstições” e da “ignorância” que ela apontava como moldadores do indivíduo e sustentáculos dos poderes institucionais. Um dos episódios que corroboram o apreço de Goldman pelas palestras como encontros de divulgação de uma filosofia radical é relatado em sua autobiografia: uma das mulheres que assistiam ao encontro agradeceria a ela por abordar temas tidos como tabus tal qual o tópico da homoafetividade. Segundo a anarquista, a mulher que a interpelou:

Não podia suportar o matrimônio nem tampouco confiar em seu marido ou em seus amigos. Nunca havia conhecido ninguém, me disse, que padecesse de um mal semelhante e não havia lido nenhum livro que tratasse do tema. Minha conferência a havia libertado; eu lhe havia devolvido a autoestima. Esta mulher foi somente uma das muitas que acudiram a mim. Suas lastimosas histórias faziam com que o ostracismo social do invertido parecesse mais espantoso do que acreditava até então. Para mim, o anarquismo não era uma mera teoria para um futuro distante; era uma influência viva para nos libertarmos das inibições, tanto internas como externas, e das barreiras destrutivas que separam os homens entre si.⁷⁸

Considerando a fixidez dos modelos individualizantes como algo deletério, Goldman representava o processo emancipatório como uma expressão de si, seja em formato artístico, seja por meio da recusa de inibições e códigos morais considerados inerentes ao ser humano. O modelo hegemônico de subjetivação, constantemente atrelado a exigências sociais como o matrimônio, revelava como o puritanismo seria o algoz de subjetividades livres. Em seu repertório de pensamento radical, a anarquista depositaria obras artísticas que já apresentam um

⁷⁸ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org p. 612.

embrião libertário já em sua forma: os poemas de Walt Whitman, por exemplo, seriam escritos em versos livres.⁷⁹

A sinonímia entre vida e arte torna a concepção de *individualidade humana* de Goldman uma alusão ao fluxo de consciência de um artista que reflete sobre o contexto universal a partir de suas expressões subjetivas. O puritanismo, com sua rigidez normativa, obsta o ser em processo, afetando a própria humanidade, que acaba por engendrar interposições entre os sujeitos. Segundo o pensamento goldmaniano, buscar as raízes da humanidade significa aceder ao movimento da vida, à constante ressignificação desta por meio dos encontros e desencontros. Suas palestras atentavam contra a rigidez uniformizadora que o Estado tencionava sustentar por meio da fé nas instituições. Para a autora,

o puritanismo tornou também impossível e intolerável a vida mesma. Esta, mais que a arte, mais que a estética, representa a beleza em suas mil formas cambiantes e variações; é, na realidade, um gigantesco panorama em mudança contínua. E o puritanismo, ao contrário, fixou uma concepção de vida inamovível; se baseia na ideia calvinista, segundo a qual a existência é uma maldição que nos impuseram por mandato de Deus. Com a finalidade de redimir-se, a criatura humana tem de penar constantemente, devendo repudiar tudo o que lhe é natural, todo impulso são, dando as costas à beleza e à alegria.⁸⁰

No excerto supracitado, torna-se nítida uma recusa da ascese cristã pautada na autorrenúncia como meio de redenção humana. Vale salientar, em cotejo, que a genealogia encetada por Michel Foucault diagnostica que a ética do “cuidado de si”, praticada na época greco-romana, revela uma ascese que não é antinômica à satisfação pessoal como meio de acesso à verdade. Não se abster de si próprio, transformar-se a si mesmo em subjetividade que trabalha com temperança sobre a própria conduta, seriam “técnicas de si” que permitem fazer da vida uma arte da existência. A espiritualidade, para os filósofos da antiguidade grega, não

⁷⁹ Emma Goldman ministrou conferências sobre a poesia de Walt Whitman, considerado por ela como o epítome de uma arte esteticamente livre aliada à agitação revolucionária. Vide interessante ensaio de ROBBINS, Timothy. “Emma Goldman Reading Walt Whitman: Aesthetics, Agitation, and the Anarchist Ideal.” In: *Texas Studies in Literature and Language*, vol. 57 no. 1, 2015, p. 80-105.

⁸⁰ GOLDMAN, Emma. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: *La Palabra como arma*. (coletânea), p. 75.

era apartada da filosofia. Emma Goldman também iria constatar que, ao longo da história ocidental, as práticas cristãs apartaram a subjetividade dessa tarefa ética sobre si.⁸¹

É possível pensar que a singularização⁸² – conceito emprestado de Guattari — seria, pois, o único elemento considerado “natural” por Goldman, pois esta implica uma fruição de desejos incapturáveis pelo aparato normativo. Estes desejos, como será possível vislumbrar no decorrer da tese, não seriam narcísicos, mas derivados de uma coletividade social transpassada pelo olhar singular da individualidade. É nas conferências públicas, afinal, que Emma Goldman aposta no potencial transformador do gesto subjetivo. Os “tiranos internos”, entendidos pela autora como a anuência do indivíduo aos condicionantes externos e o engendramento de uma cobrança moral interna, poderiam ser combatidos através da catarse social da arte. Para a militante, essa era a “missão” do anarquismo. Conforme ela relata:

Em uma matinê especial que havia ajudado a organizar, conheci vários dramaturgos e literatos de Nova Iorque. Um escritor de teatro muito popular expressou surpresa ao ver que a uma pessoa que estava na contracorrente de tudo, como eu, lhe interessava o teatro criativo. Tentei lhe explicar que o anarquismo representa a necessidade de expressar-se em cada fase da vida e da arte.⁸³

O que interessa a Goldman é uma produção de subjetividade que se descole dos modelos hegemônicos em um movimento que se inicia na consciência individual, no âmbito da própria linguagem, e se desenrole organicamente no plano social como a concepção “corpo-alma” de Walt Whitman. Para este último, a liberdade expressa pelos “corpos elétricos” já seria consubstanciada em uma sociedade de diálogos de almas, de intersecção de afetos. Segundo seus emblemáticos versos: “eu canto o corpo elétrico/ as legiões daqueles a quem amo me envolvem e são por mim envolvidas”.⁸⁴ Ou seja, sintetiza-se aí a continuidade entre indivíduo e coletividade.

⁸¹ Cf. FOUCAULT, Michel. “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In: *Ditos & Escritos V- Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

⁸² GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

⁸³ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas.

Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p. 447-448.

⁸³ In: GOLDMAN, Emma. GOLDMAN, Emma. “Individuo, sociedad y estado”. In: *La Palabra como arma* (coletânea), p. 579.

⁸⁴ “Eu canto o corpo elétrico”. In: WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*, 1867.

Anarcofeministas como Maria Lacerda de Moura enfocavam o corpo feminino para elucidar narrativas falaciosas, pseudobiológicas, que apontavam como inferior o corpo da mulher. Emma Goldman, por sua vez, apostava mais enfaticamente na dissolução da dicotomia corpo *versus* alma⁸⁵. Para ela, a sincronia entre estes polos conduziria à autonomia de homens e mulheres no presente imediato. Se a emancipação da mulher começava em sua “alma” é porque esta última deveria responder aos “instintos” e não os abnegar em prol das tradições.

Em seu trabalho, Liane Richter sublinha o apreço de Emma Goldman pela difusão do anarquismo entre multidões como algo que singulariza essa trajetória.⁸⁶ Efetivamente, as redes tramadas pela amizade goldmaniana ao longo dos percursos pelos Estados Unidos tornam saliente a sinonímia entre vida e militância. O vitalismo contido nesse prisma cotidiano de resistência pela própria reexistência é pronunciado: tido como inerente, comporia um comportamento humano tendente, ao fim e ao cabo, à cooperação. O ceticismo individual se aliaria à construção social de afetos baseados na beleza das singularidades em associação.

É notável que a explicação goldmaniana de anarquismo venha sempre acompanhada de expressões como “base da vida” ou “fases da vida”. Diferentemente de outras teorias-práticas anarquistas, não bastaria somente a abolição das mediações autoritárias; a livre expressão do corpo teria de ensaiar cenicamente sua própria satisfação. Os teóricos individualistas, segundo seu prisma, escancaram a inadequação das estruturas sociais vigentes para tal manifestação vital ter ensejo. A libertação espiritual desencadeia a revolução social, e nada afetaria mais a alma do que as centelhas das palavras. A singularidade da vida-obra de Emma Goldman repousa em sua exaustiva articulação de múltiplas redes para a própria sobrevivência das iniciativas artísticas. Ensaiar a rebelião começaria nos palcos, no contato quase epidérmico com a audiência. Em diapasão com tal verve, ela sublinha: “eu sou anarquista porque tenho a necessidade disso em meu sangue”.⁸⁷

Na voz de Emma Goldman ecoam muitas das militâncias das mulheres acima aludidas. Contudo, não é possível compreender o posicionamento heterodoxo da militante no anarcofeminismo sem observar seus prismas filosófico-práticos sobre o gesto da autoemancipação. Seu esforço de transitar entre diversas sendas, inclusive dialogando com uma

⁸⁵ Foucault também entreveria no corpo “o ponto zero do mundo”, justamente porque este último seria uma condição inescapável da vida humana e sobre o qual recairiam operações de controle, hierarquização, normalização. Vide: FOUCAULT, Michel. *Les Corps Utopiques, les hétérotopies*. Clémency: Lignes, 2010.

⁸⁶ RICHTER, Liane Peters. *Emancipação Feminina e Moral Libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

⁸⁷ GOLDMAN, Emma. “GOLDMAN, Emma. “Por que eu sou uma anarquista”, p. 9. In: *IISH*. Disponível em: https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH0052_0.191?locatt=view:manifest Acesso em 08 de setembro de 2021.

intelligentsia desprovida de referenciais libertários, marcou uma trajetória de agitadora que investigou as formas de expressão que fossem mais acessíveis para divulgar as pautas candentes de sua época. Como publicadora e pesquisadora transnacional, Goldman comunicou as pautas das mulheres a grupos que talvez não fossem afetados de outra forma.

Sua lente holística compreendia uma agitação pública voltada ao diagnóstico de muitos dos males da sociedade. Ao não se limitar a um único aspecto ou a uma única mazela das sociedades modernas, suas críticas adquiriram contornos transdisciplinares⁸⁸. O pensamento das mulheres anarquistas transborda os grupos de devir-minoritário e contagia o imaginário social. Emma Goldman estava imersa nesse cenário e isso afeta indelevelmente seu modo de pensar a individualidade. Como se observará a seguir, a individualidade representaria essa assunção da inextricabilidade entre o foro “interno” e “externo”, organicidade que ela propalaria para além de um anarcofeminismo, estendendo isso a toda a humanidade.

⁸⁸ Nos rascunhos legados por Emma Goldman encontram-se uma infinidade de fichamentos de obras dedicadas a áreas como educação, antropologia, sexologia, história, literatura etc.

Individualidade em Goldman: a base do tecido vital e social

*O indivíduo é a verdadeira realidade da vida. [...] É ele que vive, respira e sofre. Desenvolve-se e progride lutando continuamente contra o fetichismo que ele nutre com respeito às suas próprias invenções e, em particular, ao Estado.*⁸⁹

(Emma Goldman)

Individualidade humana: o conceito

A condição da mulher, como se assinalou, não foi a única camada de exclusão recoberta por Emma Goldman, que se propôs a escavar a estrutura mais ampla que condicionava a própria cosmovisão moderna de indivíduo, Estado e sociedade. Se a militância de Goldman despontou a partir de uma preocupação coletiva com a repressão dos trabalhadores na defesa da greve geral pela redução da jornada de trabalho, não é possível elidir seus relatos sobre a empatia que sentia em relação ao sufocamento da individualidade em seu âmbito mais microscópico. Citando exemplos desses lampejos que a marcaram desde tenra idade, ela narra:

Nunca suportei presenciar a severidade, e me indignava com a brutalidade oficial praticada sobre os camponeses na nossa vizinhança. Derramei amargas lágrimas quando os jovens foram recrutados pelo exército e arrancados de seus corações e lares. Ressenti-me contra o tratamento dado aos nossos serviçais, que realizavam todo o trabalho duro e ainda tinham que se resignar aos miseráveis quartos de dormir e aos restos de nossa comida. Indignei-me ao descobrir que o amor entre jovens judeus e jovens gentios era considerado o crime entre os crimes, e que o nascimento de uma criança ilegítima era considerado a mais depravada imoralidade. Chegando à América, trouxe as mesmas esperanças da maioria dos imigrantes europeus e me deparei com as

⁸⁹ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p.31-34.

mesmas desilusões, mas estas últimas me afetaram mais profunda e intimamente. Ao imigrante sem dinheiro e sem conexões não é permitido apreciar a reconfortante ilusão de que a América é o tio benevolente que assume uma imparcial e carinhosa guarda de seus sobrinhos e sobrinhas.⁹⁰

É interessante notar, pois, que a emancipação da individualidade seria o principal critério para a formação de uma sociedade genuinamente “humana” sob a ótica de Goldman, haja vista que enquanto houvesse uma única pessoa explorada no mundo não haveria uma sociedade equitativa⁹¹. Para Janet Day, a anarquista identificaria no indivíduo um latente apreço pela liberdade, embora a sociedade corrompesse essa qualidade humana.⁹² Considerando que o fulcro do problema está nos códigos morais e coercitivos e não nos impulsos naturais da individualidade, Goldman enfoca esta última como o núcleo de uma sociedade libertária. E aqui se faz necessário um adendo elucidativo: a anarquista emprega o termo *individual*, porém sem a acepção moderna de indivíduo burguês-liberal, afeito a um livre-arbítrio ilusório⁹³. Assim, a *individualidade* poderia ser entendida enquanto *subjetividade/singularidade*, atributo humano da heterogeneidade que se constrói em liberdade.

Destarte, na contramão de teóricos anarquistas que desprezavam a faceta “interna”, psicológica, de um foro “externo”, social, Emma Goldman afirmaria que “na verdade, o total de possibilidades e atividades de uma organização está representado pela expressão das energias individuais.”⁹⁴

Seria justamente o reconhecimento da relevância do potencial da individualidade que mobilizaria a atenção de Goldman por Max Stirner e Friedrich Nietzsche.⁹⁵ No prefácio de sua coletânea de artigos *Anarquismo e outros ensaios* (1910), a anarquista responde às críticas

⁹⁰ GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?” Publicado originalmente em *Harper’s Monthly Magazine*, Vol. CLXX, dezembro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living> Acesso em 20 de janeiro de 2021, p. 114 Traduzido pela *Revista Verve* n° 35, pp. 113-129, 2019.

⁹¹ Nesse diapasão, o anarcocomunismo de caráter coletivista, propugnado por Kropotkin, inspiraria Goldman. Vide KROPOTKIN, Piotr. *Mutualismo: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

⁹² DAY, Janet. “The ‘individual’ in Goldman’s Anarchist Theory”. In: Penny A. Weiss, Loretta Kensinger. *Feminist interpretations of Emma Goldman*. Penn State Press, Nov. 1, 2010.

⁹³ É possível pensar que Emma Goldman estava diagnosticando, em 1940, como o conceito de indivíduo é produto do poder: fenômeno muito bem descrito por Foucault. O anarquismo, para ela, diluiria as fronteiras entre individualidade e humanidade, tornando inócuos tais designativos. Contudo, para estabelecer uma clivagem com a massa, a singularidade da individualidade deveria ser demarcada.

⁹⁴ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p.448.

⁹⁵ Lembrando que a *Revista Mother Earth* publicou a obra de Max Stirner em 1908 e diversos ensaios de Nietzsche, bem como foi grande divulgadora do trabalho de Henrik Ibsen.

dirigidas ao individualismo stirneriano e ao “super-homem” (*Übermensch*) nietzschiano. Para a autora, Stirner seria erroneamente lido como entusiasta da máxima “cada um por si”, analogamente ao reducionismo impingido por interpretações de Nietzsche como aquele que rechaça a fraqueza humana.⁹⁶ Ambos seriam tidos por Goldman não enquanto pensadores destrutivos, mas como teóricos que reconheceriam a força de individualidades livres. O conceito nietzschiano de “preguiça privada” corresponderia ao senso comum aviltante que a autora já teria diagnosticado a partir do arrebanhamento iniciado com a educação homogeneizadora⁹⁷. Segundo suas considerações: “se a sociedade algum dia se tornar livre, isso ocorrerá através dos indivíduos libertados, cujos livres esforços construirão a sociedade”.⁹⁸

Emma Goldman levou vários anos decantando essas leituras filosóficas e militando antes de expor, em 1940, o conceito de *individualidade humana* – que se pretende perscrutar ao longo da presente tese através da discussão goldmaniana da filosofia stirneriana e do teatro ibseniano. Tal ideia é expressa por Emma Goldman com estes mesmos vocábulos no bojo do ensaio *O Indivíduo, a sociedade e o Estado*. Ao explicar o que entende por “gênio do homem”⁹⁹, a anarquista prossegue acrescentando: “Piotr Kropotkin mostrou os resultados fantásticos que podemos esperar quando essa força que é a *individualidade humana* trabalha em cooperação com outras.”¹⁰⁰

Kropotkin (1842-1921) foi um militante anarquista e intelectual russo que se debruçou sobre diversas áreas científicas, incluindo a Geografia. Sua influência sobre o pensamento goldmaniano não somente é declarada enfaticamente pela própria anarquista quanto perceptível na relação que ela estabelece entre individualidade e humanidade ao longo de sua obra. O pensamento kropotkiano, cuja base é compreender a evolução da humanidade a partir da ajuda mútua dos indivíduos, questionaria a ideia darwinista de uma necessária competição entre os sujeitos. Os estudos antropológicos ofereceram lastro para que o anarquista propusesse o direito

⁹⁶ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo e Outros Ensaio” (1910), p.19. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

⁹⁷ GOLDMAN, Emma. “A Criança e seus inimigos”. (1906). Tradução de Aline Rossi, disponível em: <https://medium.com/@feminismoclasse/a-crianca-e-seus-inimigos-a938617d7f59> Acesso em 16 de outubro de 2019.

⁹⁸ “Preface”. In: GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other essays*”, p. 19. Disponível em: https://ebooks.adelaide.edu.au/g/goldman/emma/anarchism_and_other_essays/contents.html Acesso em: 10 de julho de 2019.

⁹⁹ Segundo Emma Goldman argumenta, “O gênio do homem’, que não é outra coisa senão uma maneira diferente de qualificar a personalidade e sua individualidade, traça um caminho através do labirinto das doutrinas, através dos muros espessos da tradição e dos costumes, desafiando os tabus, desafiando a autoridade, afrontando o ultraje e o cadafalso – para, às vezes, ser como profeta e mártir pelas gerações seguintes. ”, p. 38-39. Cf. o texto “O Indivíduo, A Sociedade e o Estado, e outros ensaios”.

¹⁰⁰ GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, sociedad y estado”. In: “. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 41.

ao bem-estar da individualidade a partir de um avanço científico, intelectual e técnico que estivesse a serviço da coletividade. Em suma, ao princípio basilar da individualidade enfeixasse sempre o substrato humano. Emma Goldman assimilaria da vida-obra de Kropotkin uma necessária distinção entre individualidade e individualismo, descortinando como o gesto individual é uma força que impulsiona o anarcocomunismo.

Indivíduos cindidos: a atmosfera subjetiva respirada por Goldman

Antes de compreender como se tece o ideário de individualidade propugnado por Goldman, é necessário enveredar por uma célere incursão contextual. A época coeva à anarquista foi de inflexão no que tange ao plano das mentalidades: o eu transcendente, hipostasiado a partir da crença divina, consubstanciar-se-ia, doravante, em um conjunto de papéis sociais. Ou seja, a atmosfera do *fin de siècle* (porção final do século XIX, início do XX) foi marcada por uma tensão entre a emergente consciência das individualidades e a consolidação dos aparelhos burocráticos-repressores dos Estados Modernos. A racionalidade positivista e o sujeito cartesiano, pilares da concepção de progresso teleológico, paulatinamente seriam contestados como o calcanhar de Aquiles da modernidade. Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche¹⁰¹ contribuiriam para dinamitar as bases de tal ideologia, criticando a moralidade hegemônica e valores humanos absolutos. O puritanismo de cunho religioso e moral seria alvo de uma crítica que evoca o julgamento subjetivo como o único parâmetro que deveria ser soberano, prescindindo de balanças externas.

As pulsões sexuais colocadas em destaque pela teoria freudiana constituíram um elemento fulcral da argumentação de Goldman. Segundo a anarquista comenta em sua autobiografia: “pela primeira vez, captei a grande importância da repressão sexual e seus efeitos sobre o pensamento e as ações humanas.”¹⁰² Ela passaria a conceber os “instintos” como expressões humanas que não podem ser desprezadas.

¹⁰¹ MOORE, John. *I am not a man, I am dynamite*: Friedrich Nietzsche e a tradição anarquista. Autonomedia, 2004.

¹⁰² GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p. 205.

Embalada por essa atmosfera de busca de conhecimento pela própria subjetividade, Goldman encontra em Stirner e Nietzsche a fratura da narrativa teleológica cristã. A perspectiva móvel da realidade emerge, nesse contexto, como forma de gnose que disputaria espaço com o outrora hegemônico fixismo sagrado que baseava o acesso ao saber em dogmas e essências. Não por acaso, a obra de Max Stirner foi fruto da herança legada por Hegel, fundador do idealismo alemão. As convicções hipostasiadas seriam colocadas em xeque por uma perspectiva dialética, o que complexifica a própria noção de *verdade* no âmbito da cosmovisão moderna.

Ademais, a transversalidade entre o pensamento de Max Stirner e o de Friedrich Nietzsche é patente: este segundo autor também dirigiria suas críticas a um paradigma racionalista tido como o motor da história. Em *O Nascimento da Tragédia* (1872), a onipotência imputada à lógica socrática e apolínea em detrimento de uma perspectiva dionisíaca é apontada como uma teleologia falaciosa, uma vez que a vida conteria um ingrediente caótico iniludível. Contra uma moral que aniquila as vontades vitais, a obra nietzschiana dialoga indiretamente com o amoralismo stirneriano. Ainda assim, não é possível descurar dos pontos nevrálgicos que fazem com que suas obras divirjam: a arte, para Stirner, seria mais uma das fantasmagorias engendradas pela humanidade, ao passo que esta, para Nietzsche, seria o libelo que fundamentaria a contradoutrinação da vida. Ou seja, o “egoísta” stirneriano prescindiria de todas as referências mundanas.

Nesse sentido, torna-se necessário salientar que a filiação de Stirner não é propriamente anarquista. Embora George Woodcock – estudioso do anarquismo – houvesse afirmado “é no papel que lhe cabe como solitário rapsodo da singularidade de todos os seres humanos que Stirner reivindica um lugar na história do anarquismo”,¹⁰³ é apenas por seu posicionamento antiautoritário que se torna viável reconhecer uma tônica análoga à libertária. Fora da vertente individualista, portanto, não é coerente categorizar o filósofo como anarquista, uma vez que sua crítica a Proudhon é veemente: a solidariedade anarcocomunista é tida como outra das amarras que solapariam o voluntarismo do *único*. Segundo o pensamento stirneriano, “Proudhon, tal como os comunistas, combate o egoísmo. Por isso, um como outros são a continuação e a consequência do princípio cristão, do princípio do amor, do sacrifício por um princípio universal, e estranho”.¹⁰⁴ Clovis Kassick, pesquisador do trabalho deste filósofo, explica que

¹⁰³ WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*. São Paulo: L&PM, p. 135.

¹⁰⁴ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 322.

“para Stirner, submeter a vontade individual à vontade coletiva é anular o egoísmo, é aceitar a vontade coletiva sobre a minha vontade.”¹⁰⁵

A individualidade cindida receberia, na segunda metade do século XIX, holofotes: o cogito cartesiano cederia espaço a uma percepção aguda da subsunção do sujeito a uma consciência expropriada por superstições internalizadas.¹⁰⁶ Ou seja, a Psicologia nascente passa a interrogar esses sujeitos que assumem o pensamento como condição única para sua existência.

É no limiar entre um vislumbre da subjetividade romântica e as influências realistas que Henrik Ibsen também formaria sua carreira, colocando em relevo as individualidades que são puxadas pelo influxo do patriotismo, do núcleo familiar conservador e da servidão “sancionada” pelas leis e passam a se desencantar e deslegitimar as tradições outrora vistas como o corolário positivo da modernidade. Sua declaração pessoal que mais encarna a subjetividade dilemática, “eu olho para dentro de mim: ali é o campo de batalha onde ora sou vencedor ora vencido”¹⁰⁷, dialoga com a lente de Emma Goldman dirigida sobre as individualidades desejantes. Trata-se de uma percepção da vida como roubo, isto é, como constante processo entre o dobrar-se sobre si para a desconstrução das narrativas de “segurança” e das promessas faustianas que advieram a reboque da consolidação dos Estados Nacionais. Conforme Tereza Menezes afirma a respeito do dramaturgo:

Se Freud quebrou a unidade do sujeito como aquele ser da consciência, foi Ibsen que criou as condições para que ele “contracenasse” com personagens em processo de reelaboração de sua subjetividade. É este sujeito, filho da filosofia, da psicanálise e da arte, que Ibsen expõe ao público, convidando-o a entrar em contato com o outro de si mesmo.¹⁰⁸

Tal “reelaboração da subjetividade” é um movimento que embala a militância de Emma Goldman em prol de uma individualidade anarquista.

¹⁰⁵ KASSICK, Clovis. *Stirner: a filosofia do Eu*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005, p. 73.

¹⁰⁶ Segundo Natália Magalhães afirma: “O sujeito cartesiano assinala que a consciência é o lugar do saber, da verdade, enquanto o sujeito freudiano é o local do que não se revela, permanece inacessível, ou seja, inconsciente. Notamos aqui que as concepções de subjetividade são distintas, visto que Freud desloca o eu do campo da consciência para o campo do inconsciente.” In: MAGALHÃES, Natália Mendonça. *O limite constitutivo entre o cogito cartesiano e o sujeito da psicanálise construído no texto A Ciência e a Verdade*. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015, p. 57.

¹⁰⁷ Apud MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

¹⁰⁸ MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 114.

A individualidade na cosmovisão de Emma Goldman

Como se observou, o destaque conferido por Emma Goldman à individualidade não é derivado de uma mera idiossincrasia. Destrinchar seus discursos implica um reconhecimento de inspirações derivadas de correntes anarquistas várias. Tentador considerar lapidares os discursos propalados por Emma Goldman ao longo de sua prolífica trajetória. Entretanto, torna-se necessário um crivo genealógico para compreender a concepção de individualidade sustentada pela anarquista.

O pensamento goldmaniano foi historicamente associado ao anarcoindividualismo. Essa vertente, situada dentre os diversos anarquismos, propugna as vontades individuais como motores da História, prescindindo de uma “humanidade” que idealizaria o viver em sociedade. Contudo, é necessário observar que a tendência em situar o anarquismo individualista em um polo diametralmente assimétrico em relação, por exemplo, ao mutualismo propugnado por Proudhon não se aplica ao pensamento de Emma Goldman.¹⁰⁹ O cerne do mutualismo seria a cooperação autônoma de individualidades, premissa esta que não se alhearia do escopo goldmaniano. Apesar de conferir uma tônica ao indivíduo como pedra angular do anarquismo, uma noção de “força social” permanecia subjacente ao ideário libertário da autora. Não por acaso, o apreço da anarquista pelo ideário de Piotr Kropotkin atesta uma cosmovisão que concebe a cooperação humana como o processo a partir do qual as necessidades individuais seriam satisfeitas. Em vez de uma competição assegurada pelo contrato liberal, a cooperação voluntária seria uma via para a construção de uma sociedade em que os desejos individuais se realizam (somente) em coletividade.

Grande parte da produção de Emma Goldman é dedicada à discussão da arte enquanto ferramenta de intervenção social, o que já constitui um indício da valorização de relações intersubjetivas que responderiam a um anelo ideal. Embora a anarquista visse as individualidades como construção perene, a *causa anarquista* seria tida como uma aspiração praticamente “natural” destas últimas. Ou seja, a premissa hobbesiana do “homem como o lobo do homem” não entrava no rol de argumentos da militante.

¹⁰⁹ Emma Goldman conviveu em um espaço oxigenado por ideias de múltiplas correntes. A cultura libertária que vicejava em sua época lhe propiciou o contato tanto com periódicos individualistas como o de Benjamin Tucker, *Liberty* (1881-1908), o de Moses Harman, *Lucifer*, o *Light-bearer* (1883-1907), quanto anarcocomunistas, tais quais o *Firebrand* (1895-1897) e *Free Society* (1897-1904).

O “individualismo”, que a anarquista teria visto cotidianamente em plena ebulição no contexto norte-americano, seria categorizado por ela como um mascaramento das “individualidades” pelo *laissez faire* social e econômico¹¹⁰. Nessa linha, denuncia:

O “*individualismo conservador*” apenas supõe o pleno “*individualismo*” para os dominadores, enquanto que o povo está regimentado dentro da casta dos escravos para servir a um punhado de egoístas “*super-homens*”. A América do Norte é talvez o melhor exemplo deste tipo de individualismo.¹¹¹

Assim, o individualismo se consubstancia em um artifício que tolhe a individualidade e condensa o emblema estadunidense do *American way of life*. Emma Goldman já dirigiria em 1940 sua cáustica crítica à ideia do empresário de si mesmo, instilada desde a infância por uma educação doutrinadora e voltada à acumulação material em detrimento da solidariedade. O individualismo, ademais, estaria estreitamente atrelado ao patriotismo, uma vez que a dissidência em prol de uma vida livre das influências mercadológicas seria execrada como antiamericana. No ocaso de sua trajetória, quando reflete sobre essas condições iníquas, a anarquista se encontra exilada no Canadá, de modo que seu texto condensa todas as perseguições que sua defesa da individualidade indelegável já teria lhe rendido.

A clivagem entre “individualidade” e “individualismo” seria explicitada pela autora, em uma tentativa, justamente, de não hipostasiar conceitos engendrados e consolidados na modernidade. Ao não desprezar a sociedade/humanidade como parâmetro norteador, Emma Goldman teria em vista o combate das abstrações corporificadas pelo Estado, porém sem relegar a segundo plano a resistência às ignomínias sociais. O “modelo social” não poderia sufocar as individualidades, uma vez que estas seriam o bastião da resistência às injustiças sociais. Analogamente a Hannah Arendt (1906-1975), a militante rechaçaria a transformação dos indivíduos em autômatos direcionados à produtividade e ao acúmulo quantitativista de bens descartáveis. Conforme ela aponta: “ao invés de trazer paz e conforto para a vida, a quantidade apenas ampliou o fardo do homem”.¹¹²

Ou seja, o fomento de uma cultura individualista baseada em números e na massificação ocorreria de mãos dadas com ideais uniformizadores. Logo, os aclamados “direitos” da

¹¹⁰ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 35.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 32.

¹¹² GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” Publicado em: *Anarchism and other Essays*. Second Revised Edition. New York & London, Mother Earth Publishing Association, 1911. pp. 75-84. Traduzido pela *Revista Verve*, nº 13, pp. 123-133, 2008, p. 123.

humanidade seriam revestidos de uma aura abstrata e de falsa concretude. O que propulsionaria as guinadas e inflexões conjunturais seria o confronto dos indivíduos com as estruturas verticalizadas de poder, isto é, com o Estado e até mesmo “contra” a sociedade. Conforme ela enfatiza:

É sempre o indivíduo, o ser humano com sua força de caráter e sua vontade de liberdade, que abre o caminho do progresso humano e dá os primeiros passos rumo a um mundo melhor e mais livre; nas ciências, na filosofia, no campo das artes bem como no da indústria, seu gênio eleva-se em direção aos cumes, concebe o “impossível”, materializa seu sonho e comunica seu entusiasmo aos outros que, por sua vez, se engajam na peleja.¹¹³

É tal viés dessacralizante do Estado que conecta a autora com Max Stirner e seu gesto incendiário. A provocação do filósofo demole as construções políticas convencionais. Nessa senda, ele afirmaria: “No Estado há partidos. ‘Meu partido! Quem não tomaria partido!’ Mas o indivíduo é *Único* e não é membro de nenhum partido. Livrementemente se une e depois se separa livremente”¹¹⁴. Emma Goldman sublinha um antidogmatismo que pode ser designado como “anarquismo sem adjetivos”. Ao não reivindicar uma autodesignação, isto é, uma vinculação estrita a determinada corrente, e ainda transitar por distintas influências políticas, artísticas e filosóficas, a militante recusa chancelas e filiações.¹¹⁵

Essa dissidência comporia o núcleo dos dramas ibsenianos, cuja maioria conservadora é criticada como sufocadora dos impulsos individuais. Não por acaso, a anarquista chega a subscrever uma das falas do protagonista da peça *Um Inimigo do Povo*, afirmando: “os inimigos mais perigosos da justiça e da verdade em nosso meio são as maiorias compactas, as malditas maiorias compactas.”¹¹⁶

¹¹³ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 35.

¹¹⁴ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

¹¹⁵ O termo anarcofeminismo, recorrentemente atribuído a seu posicionamento, foi cunhado apenas na década de 80, em função de um estudo sobre o coletivo Mujeres Libres.

¹¹⁶ GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” Publicado em: *Anarchism and other Essays*. Second Revised Edition. New York & London, Mother Earth Publishing Association, 1911. pp. 75-84. Traduzido pela *Revista Verve*, nº 13, pp. 123-133, 2008, p. P. 124.

A individualidade como potencial da humanidade

Se as individualidades constituiriam realidades em si, não existindo para atender às abstrações de pátria, feminilidade, masculinidade, sujeito moral, faz-se necessário perquirir, então, o que seria essa singularidade individual observada por Emma Goldman em toda a humanidade. As camadas que recobrem a defesa da individualidade pela anarquista podem ser elencadas a partir de três pontos, a saber:

- 1- A de que o ser humano não apresenta uma “natureza” imutável;
- 2- A de que a educação não pode obliterar as singularidades subjetivas, devendo, ao contrário, potencializá-las;
- 3- A de que os modelos políticos se absolutizaram de forma tal que passaram a subjugar a própria sociedade que os engendrou através de determinado modelo de indivíduo.

Nas palavras da anarquista, “a individualidade não é um elemento impessoal e mecânico que o Estado trata como um ‘indivíduo’. O indivíduo não é meramente o resultado da herança e do entorno, da causa e efeito.”¹¹⁷ Considerando a liberdade como o único elemento apriorístico das individualidades¹¹⁸, Emma Goldman tornaria ainda mais destacado um posicionamento avesso a modelos de subjetivação externos: mulheres e homens teriam em comum uma igualdade na demanda por uma vida autônoma. Ou seja, a subscrição de categorias como feminilidade e masculinidade tolheria a criatividade e sexualidade humanas. Assim, o feminismo sem adjetivos integra um anarquismo sem cartilha, em um movimento no sentido iconoclasta das categorias binárias socialmente convencionadas. Entre a dessubjetivação, marcada pelo abandono de categorias externas, e a subjetivação autônoma o processo de resistência ocorreria no âmago da linguagem, do pensamento e do devir nas pequenas ações diretas do cotidiano.

Um adendo: o conceito de “devir-mulher”¹¹⁹, desenvolvido por Deleuze e Guattari, constitui um paralelo elucidativo para a compreensão desse movimento que não é teleológico e

¹¹⁷ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 31.

¹¹⁸ Conforme a autora afirma, “não se pode tratar, então, de uma doação, [a liberdade] mas de um direito natural do homem, de todos os seres humanos. Esse direito não pode ser concedido ou conferido por nenhuma lei, nenhum governo. A necessidade, o desejo ardente dele, se faz sentir em todos os indivíduos. A desobediência a todas as formas de coerção é sua expressão instintiva.” In: GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 42-43.

¹¹⁹ Cf. SANTINI, Rose Marie; CAMELIER, Joana. “Devir Mulher, Sexualidade e Subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos.” In: *Revista Ártemis*, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 101-108.

irrompe dentre as fissuras dos modelos hegemônicos. Para os autores, o padrão masculino seria territorializado, molar, o cerne de um patriarcado opressor, ao passo que o devir-mulher é uma potência da multiplicidade que reage tanto às codificações padronizadas do ser-homem quanto às do ser-mulher. A recusa em assumir um papel social pautado ou pela alteridade ou pela emulação caracterizaria o devir. As linhas de fuga sempre estão à margem do reconhecimento institucional.

Uma dessas linhas para escapar à captura da subjetividade pelas mediações sociais seria apreendida por Goldman como a via da educação não-uniformizadora. E nesse ponto, especificamente, a convergência entre o pensamento de Goldman e o ideário ácrata de revolução pelo conhecimento ocorre de uma forma espontânea no âmbito da própria itinerância da anarquista. A educação, para Emma Goldman, assumiria contornos muito mais amplos do que a rígida e niveladora pedagogia baseada na meritocracia norte-americana, por exemplo. O desejo individual seria a força motriz do aprendizado, de modo que Francisco Ferrer (1859-1909) se torna o epítome de uma pedagogia não-opressora. Para o espanhol, fundador da Escola Moderna, as subjetividades só aprendem pelo afeto. O desejo é concebido como uma força mobilizadora da guinada social, encontrando um potencial embrionário nas artes. O prezar pela singularidade das individualidades se manifestaria na defesa da coeducação dos sexos (sem distinção entre meninos e meninas) e na proposta de educação sexual nas escolas. Assim, o alicerce para a formação de individualidades capazes de mudar a estrutura de afetos e horizontalizar as tomadas de decisões sociais seria calcado em um conhecimento científico, experimental, sem interferências de narrativas institucionais.

Buscar o conhecimento, na leitura de Emma Goldman, equivale a desmontar as abstrações forjadas, sobretudo, pelo dogmatismo religioso e pela representatividade política fundada sobre a ideia de que mediações controlariam impulsos humanos destrutivos. Ao criticar a ideia de que os fins justificam os meios, a anarquista lê em Stirner um manifesto contra as mediações que o Estado Moderno forja entre as pessoas para legitimar uma segurança institucional. Esses meios não levariam a um fim que assegura a existência das singularidades. Pelo contrário, estas ferramentas políticas ganhariam vida própria, estatuto sagrado, interferindo no âmago das subjetividades e assujeitando-as. Como afirma Stirner,

O Estado deixa os indivíduos jogarem livremente, mas não deixa que eles se metam a sério nas coisas nem que se esqueçam deste último. O homem não pode ter relações espontâneas com os outros homens sem vigilância e mediação a partir de cima. Não posso fazer tudo o que sou capaz de fazer, mas

apenas aquilo que o Estado permite; não posso valorizar minhas ideias, nem meu trabalho, nem nada que seja meu.¹²⁰

Um excerto significativo para que se possa compreender a crítica goldmaniana às mediações essencializadas é o que segue:

O constitucionalismo e a democracia são as formas modernas desse pretensão consentimento, inoculado pelo que se chama “educação”, autêntico doutrinamento público e privado. O povo consente porque é persuadido da necessidade da autoridade; inculcam nele a ideia de que o homem é mau, virulento e demasiado incompetente para saber o que é bom para ele. É a ideia fundamental de todo governo e de toda opressão. Deus e o Estado só existem e são sustentados por causa dessa doutrina.¹²¹

É notável como a passagem aqui destacada evoca as ideias inculcadas que ganham vida própria (fantasmagorias) colocadas em xeque por Max Stirner a partir de um reapropriar-se do “eu”. A negação levada ao paroxismo conduziria a filosofia stirneriana pelo caminho da libertação do próprio ideal inatingível de liberdade. Questionando os “direitos” e outras mediações sociais historicamente constituídas, o autor asseveraria: “seja a natureza, seja Deus, o sufrágio popular etc. a dar-me um direito, é sempre um direito *alheio*, um direito que não me foi dado nem conquistado por mim.”¹²² Corrobora-se, pois, a recusa da subsunção da individualidade a quaisquer espécies de delegação. Para Edson Passetti, o gesto corrosivo de Stirner conflui no sentido da negação de Montaigne, filósofo que desde o século XVI já teria apregoado: “faz valer-te a ti mesmo!”¹²³ Isso implica, segundo as palavras de Passetti, considerar que “educar livremente para a vida é educar-se na vida, sem fantasmagorias, preconceitos e leis universais.”¹²⁴

Efetivamente, Emma Goldman reconhecia a verticalização do poder como criação humana que se voltava antagonicamente contra a própria individualidade. A onipotência do Estado obstaría a livre associação das subjetividades. A premissa da associação voluntária é sustentada pela autora como a única forma de estrutura social factível. Assim, considerar a

¹²⁰ STIRNER, Marx. *O Único e sua Propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 291.

¹²¹ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p.33.

¹²² STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 245.

¹²³ MONTAIGNE, Michel de. “Da educação das crianças”. In: MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.76.

¹²⁴ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003, p. 203.

individualidade como a célula basilar – que persiste não obstante as convenções institucionais surjam e se esvaíam ao longo da história – implicaria a defesa de sua irrestrita expressão enquanto singularidade.

É nesse sentido, pois, que o alinhamento com a emergente teoria freudiana propiciaria o entendimento dos seres humanos como seres cindidos, desprovidos de consciência indivisa. Goldman encontra na subjetividade psicanalítica um aporte para considerar as paixões individuais como elementos iniludivelmente sociopolíticos.

Vislumbrar subjetividades tecidas ao sabor do devir tem como corolário a defesa de um feminismo sem adjetivos que dá azo a uma forma de autoafirmação que prescinde de chancelas baseadas na alteridade do modelo feminino em relação ao masculino. Essa linha de pensamento, que encontraria um paralelo na representante anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura, parte do pressuposto de que o homem não é um parâmetro que as mulheres teriam de emular como ideal, nem para a identidade nem para a diferenciação. Segundo Moura, “é muito medíocre o anseio de ser igual ao homem...de reivindicar seus direitos dentro desta organização social de escravos e máquinas a serviço da mediocracia e do industrialismo. Vamos mais longe!”¹²⁵

A individualidade apregoada como prerrogativa inalienável ocupa um papel deveras significativo na própria concepção de *humanidade* exposta por Emma Goldman, uma vez que esta última não seria tida como um conceito transcendente, mas como um potencial encerrado nas vontades das minorias. Não por acaso, em um posicionamento comparado ao nietzschiano, Goldman defenderia que o “gênio do homem [e da mulher]”¹²⁶ moveria a humanidade, incitando-a a afrontar o contexto hegemônico, fazendo com que a história fosse sempre um plano em aberto e passível de evoluções libertárias. Segundo as palavras da anarquista, “podemos dizer que a individualidade é a consciência do indivíduo de ser o que é, e de viver essa diferença. É um aspecto inerente a todo ser humano e um fator de desenvolvimento.”¹²⁷ Sublinhe-se, pois, que o “aspecto inerente” seria lido pela autora como a singularidade de cada individualidade, o que não equivale dizer que ela defendesse a ideia de uma *natureza humana* fadada à fixidez. Anuindo ao gesto corrosivo de Stirner, ela objeta uma crença na essencialidade e imutabilidade da humanidade. Não por acaso, em uma das frases mais emblemáticas dessa

¹²⁵ MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 21.

¹²⁶ Conceito expresso em GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 38.

¹²⁷ *Ibidem.*, p. 31.

querela entre natureza/cultura, Goldman assevera: “pobre natureza humana, que horríveis crimes foram cometidos em seu nome!”¹²⁸

A força sexual como fulcro da *individualidade humana*

Como se observou, a individualidade não deriva de uma essência natural sob o prisma de Emma Goldman. Seu pleno desenvolvimento depende de fatores históricos, e o anarquismo se inscreve nesse movimento de resistência aos óbices impostos à expressão plena das subjetividades. Todavia, para compreender a cosmovisão goldmaniana de individualidade enquanto potencialidade humana é necessário reconhecer elementos biológicos elencados pela autora como vitais, e a livre expressão sexual seria um dos fatores sociais mais relevantes para uma construção da consciência individual. Tanto parece ser assim que no ensaio “O Elemento do Sexo na Vida” a anarquista sugere como as pessoas solteiras estariam construindo uma sociedade outra a partir da recusa da moralidade cristã e de mediações institucionais hegemônicas como o matrimônio. Ao subscrever a premissa de Walt Whitman: “onde o sexo é esquecido tudo é esquecido”¹²⁹, Goldman convoca a uma primazia da corporalidade.

As pessoas solteiras, ao recusarem o grilhão do contrato matrimonial, afirmariam novos modos de existência, não ficando fadadas à espera de uma libertação oriunda da revolução social. Se elas são lidas pela anarquista como manifestações das *individualidades humanas*, é possível elucubrar que a livre expressão sexual pode gerar uma heterotopia através da construção, no presente imediato, de modos afirmativos de existência. Não bastaria negar a repressão sexual. O anarquismo pressupõe criar laços outros para manifestar novos arranjos entre seres humanos.

A força sexual, entendida também como elemento criativo, é alçada por Goldman à categoria de “força mais elementar na vida humana”¹³⁰. A liberdade social principiaria em um autogoverno que se constrói, necessariamente, pela assunção individual dos desejos, potenciais que ensejariam novas relações intersubjetivas. Ou seja, a individualidade em sua plena acepção

¹²⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 27.

¹²⁹ Frase lida por Goldman no poema “Uma Mulher Espera por mim”, de Walt Whitman.

¹³⁰ GOLDMAN Emma. “The Element of sex in life”. In: *The Libertarian Labyrinth*. Disponível em: <http://library.libertarian-labyrinth.org/items/show/3487>. Acesso em: 08 de julho de 2019. Há também a recente tradução da editora Hedra. Cf. _____. “O Elemento sexual da vida” (1935). *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. São Paulo: Hedra, 2021, p.253.

de subjetividade ilimitada, indefinível, indelegável, somente alcançaria seu zênite a partir da desconstrução do modelo puritano legitimado e propalado pelas instituições. Modelo hegemônico que designaria um papel unívoco ao sexo: o de procriação e garantia do contrato econômico do matrimônio. Pronunciando-se contra o cerceamento da expressão sexual pelas narrativas cristãs, ela afirma:

Aniquilar as paixões e desejos unicamente para prevenir a estupidez e resultados desagradáveis é, para nós, no presente, simplesmente uma forma ainda mais aguda de estupidez. A Igreja luta contra as paixões, busca extirpá-las em todos os sentidos; essa é a sua prática, a sua “cura”, a sua castração. Ela nunca questiona: “Como espiritualizar, embelezar e deificar um desejo?” — em todas as eras, ela sempre colocou a ênfase na disciplina para a exterminação (da sensualidade, do orgulho e ambição). No entanto, atacar as paixões na raiz significa atacar a própria vida na raiz: a práxis da Igreja é inimiga da vida...¹³¹

De acordo com o viés goldmaniano, o prazer é uma das únicas “essências” que deveriam ser resgatadas pela humanidade¹³². Categorizando este elemento “humano” como um instinto natural, ela afirma de modo entusiasta: “o instinto individual é a coisa de maior valor no mundo. Esta é a verdadeira alma que vê e cria a verdadeira vida, a partir da qual surgirá uma verdade maior: a alma social renascida.”¹³³

Um adendo se faz necessário, uma vez que o vocabulário que Goldman emprega ao abordar tais elementos vitais das individualidades é derivado de suas leituras de autores estadunidenses. De alguma forma é possível notar como Emma Goldman se contrapõe à racionalidade cartesiana que imprimiu à modernidade o espectro dicotômico: pensamento/sensação. O emprego constante de termos como “alma”, “alma da mulher”, “alma social renascida”, “espírito humano” sugere uma leitura de correntes como o

¹³¹ GOLDMAN, Emma. *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. São Paulo: Hedra, 2021, p.257.

¹³² Segundo citação de Mary Wollstonecraft recuperada e citada por Goldman na biografia escrita pela anarquista sobre a mulher precursora na reivindicação de direitos femininos:

“Regular a paixão nem sempre é uma atitude sábia. Ao contrário, talvez seja justamente essa uma das razões pelas quais os homens têm um julgamento superior e maior coragem do que as mulheres: eles dão livre curso à sua grande paixão e, por perderem a si mesmos com mais frequência, ampliam as suas ideias.” In: GOLDMAN, Emma. “Mary Wollstonecraft: vida trágica e luta apaixonada pela liberdade”. *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. São Paulo: Hedra, 2021, p. 156.

¹³³ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 21.

transcendentalismo¹³⁴. Ralph Waldo Emerson (1803-1882), um dos propaladores desse viés, argumentou que a realidade poderia ser entendida através de um atento olhar para a natureza e sua presença holística nas próprias individualidades.

Assim, o fato de Emma Goldman não limitar o ângulo de visão às questões dicotômicas, ou mesmo pretensamente científicas, da antinomia homem/mulher abre um leque em relação à singularidade individual das subjetividades. Ou seja, na medida em que insiste que mulheres e homens são igualmente humanos que aspiram ao prazer instintivo, o dualismo dos sexos é superado e, concomitantemente, tem-se ensejo às nuances de uma *individualidade humana* aberta ao imponderável do amor livre e anticonvencional. Em seu libelo contra o puritanismo, Goldman elege a repressão sexual das mulheres como um dos principais fatores que asseguram sua exclusão, uma vez que a estas restariam ou o papel de virgem ou o de prostituta, alijando-as do direito ao prazer.

Tendo atuado na área obstétrica, Goldman cultivaria um viés interdisciplinar sobre a questão da emancipação das individualidades. O autorresgate de si envolve, irrecusavelmente, uma dimensão corporal e psicanalítica, o que pode ser verificado pelo emprego constante de termos como: “natureza”, “corpo”, “alma” no artigo *O Sufrágio feminino*. Apesar da problemática central do referido ensaio versar sobre a reivindicação do direito ao voto, a abordagem vai ao encontro de referenciais inspirados em Freud, sobretudo em virtude das múltiplas referências ao fetiche, aos ideários introjetados inconscientemente pelas mulheres e endossados pelos homens em sua opressão patriarcal. Em outros ensaios, a militante mencionaria os “instintos individuais”¹³⁵ como algo inextricável da própria configuração social, embora os poderes vigentes tencionem reprimi-los constantemente.

A obra *O Mal-estar na Cultura*, de Freud, alude justamente à aporia dos sujeitos que teriam o “princípio do prazer” socialmente represado pelas convenções e autoridades sociais. Conforme ele afirma:

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que

¹³⁴ Kathy Ferguson também sublinha a recorrência do termo “espírito revolucionário”. FERGUSON, Kathy. Emma Goldman: *Political Thinking in the Streets*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011, p. 161.

¹³⁵ Vide, por exemplo, o já citado GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. Publicado em 1911.

o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo.¹³⁶

Para Goldman, trata-se de incitar as mulheres à consciência de que em seu “microcosmo” estaria tanto a fonte de sua submissão quanto de seu potencial de insurgência. Logo, sublimar os instintos equivaleria a subscrever os predicados sociopolíticos com base na introjeção da culpa. Para ela, “toda a história do ascetismo demonstra esta verdade irrefutável. A Igreja, assim como o puritanismo, combate a carne como um mal e quis dominá-la a todo custo.”¹³⁷ A renúncia à satisfação pulsional, por meio do endosso do puritanismo, seria vista como uma espécie de alienação pela autora.

Esse apelo à autossatisfação encontraria correspondência no gesto primário de Stirner, embora o egoísmo propugnado por este atendesse somente ao desígnio sensual dele próprio. O filósofo reivindica o *prazer de mim*, isto é, o prazer imanente, que começa e termina na fruição imediata e na antirrenúncia dos desejos. Sufocar socialmente essa “lei natural” significaria engendrar uma sociedade fadada ao autoritarismo e à violência. Estilizar a própria vida, como sugeriam os cínicos, teria como corolário não a supressão das vontades, mas a adoção de uma ética que não despreza as funções biológicas e a vida mundana.

Artes da existência: Goldman em cotejo com os cínicos evocados por Foucault

Embora considerasse que a liberdade seria uma aspiração quase “natural” – isto é, vital – das individualidades, Emma Goldman não a defendia como essência, mas como uma prática cotidiana, um árduo exercício.¹³⁸ A libertação dos “tiranos internos”, metáfora empregada no célebre ensaio “A Tragédia da Emancipação Feminina”¹³⁹, corresponderia a uma negação do legalismo enquanto única plataforma de luta, colocando a resistência individual, no plano das mentalidades, como primeiro grilhão a ser rompido. A dessubjetivação enquanto apanágio do

¹³⁶ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 50.

¹³⁷ GOLDMAN, Emma. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: *La Palabra como arma*. (coletânea), p. 77.

¹³⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911.

“Só em liberdade o homem pode cultivar sua completa importância. Somente em liberdade aprenderá a pensar, a se mover e a dar o melhor de si. Só em liberdade realizará a verdadeira força dos laços sociais que atam os homens entre si e que são a verdadeira base de uma vida social normal.”, p. 27.

¹³⁹GOLDMAN, Emma. “El Sufragio Femenino”, p. 89. In: *La Palabra como Arma*.

indivíduo implica um risco de se recair em um individualismo de cunho liberal. Destarte, Emma Goldman sublinha uma individualidade capaz de se descolar das instituições e, ainda assim, se manter harmonicamente articulada às demais singularidades humanas através das expressões sexuais, artísticas, educativas.

Esse árduo exercício só é possível a partir de um trabalho sobre si que supõe a vida como fermento da transformação social. Na obra *A Coragem da Verdade*, Michel Foucault expõe a historicamente obliterada corrente cínica, mostrando como as noções de escândalo e de vida não-dissimulada não se baseiam somente em um arriscar a vida para dizer a verdade, mas no moldar a própria existência como uma verdade a ser escancarada. Aqueles gregos de outrora cultivariam um pensamento e uma conduta que esboroam os limites que se convencionaram entre privado e público, entre teoria e ação. Ao contrário das práticas confessionais da modernidade, as “técnicas de si” e a própria escrita de si da antiguidade helênica não seriam a reiteração de uma identidade que responde a uma autoridade exterior. Segundo o filósofo,

Não há, portanto, que buscar sinais externos da missão cínica. A missão cínica só será reconhecida na prática da *àskesis*. [...] O cínico se reconhece a si mesmo, e ele está de certo modo sozinho consigo mesmo para se reconhecer na prova que faz da vida cínica, da vida cínica em sua verdade, vida não-dissimulada, vida sem dependência, vida que refaz, desfaz a distinção entre o bem e o mal.¹⁴⁰

A concepção de artes da existência, evocada por Foucault, traduz em parte o viés de Emma Goldman, remontando à subjetividade o potencial basilar tanto da dominação quanto da insurgência. Nas palavras do filósofo,

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos desse “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas de poder moderno. A conclusão seria que o problema político, ético social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de

¹⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.263.

subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos.¹⁴¹

Tópos recorrente da obra de Goldman é a recusa de modelos de existência inamovíveis em prol de uma vida sem adjetivos. Sem hesitar, a anarquista condenaria a vida anódina, repleta de prescrições que incitariam à autoabnegação. Conforme afirma, “sem dúvida nenhuma, mais que a autoridade constituída, é a uniformidade social que prostra o indivíduo”.¹⁴² O processo de singularizar-se, intransferível, implicaria reconhecer a própria vida como uma obra de arte, repleta de possibilidades estilísticas que prescindem de modelos externos. O trabalho sobre si mesmo recusa os códigos morais convencionais, disponibilizando-se a experiências agonísticas, de perene transformação e resistência. Ao retraçar as práticas gregas, a obra foucaultiana problematiza as formas de produção de si da modernidade ocidental, expondo como os cínicos constituíam verdades na própria maneira de viver, confrontando os dogmas do templo e do governo. A vida como forma perene de transformação de si, um experimento artesanal de construção de uma existência outra, implicaria uma estética que desse vazão a essa outridade. Assim, Foucault argumenta:

A arte é capaz de dar à existência uma forma em ruptura com toda outra, uma forma que é a da verdadeira vida. E, depois, outro princípio: se ela tem a forma da verdadeira vida, a vida, em contrapartida, é a caução de que toda obra, que se enraíza nela e a partir dela, pertence à dinastia e ao domínio da arte. Creio, pois, que essa ideia da vida de artista como condição da obra de arte, autenticação da obra de arte, obra de arte ela própria é uma maneira de retomar, sob uma outra luz, sob um outro perfil, com uma outra forma, é claro, esse princípio cínico da vida como manifestação de ruptura escandalosa, pela qual a verdade vem à tona, se manifesta e toma corpo.¹⁴³

Os exercícios de resgate de si seriam concebidos como uma não-anulação dos impulsos desejantes, mas como uma assunção, a partir de condutas éticas, dos prazeres e das satisfações sexuais. Estes últimos, longe de serem tidos como fonte de decadência moral, seriam entrevistados enquanto força criativa.

¹⁴¹ FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 128.

¹⁴² GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 37.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 164.

É possível observar, em cotejo, que o rechaço goldmaniano das codificações repressoras do teor sexual se inscreve em uma espécie de “arte da existência” porquanto as individualidades autônomas seriam expressões em consonância com a natureza e não com a artificialidade das mediações da Igreja, do Estado e Capital¹⁴⁴. Sendo a essência da individualidade a expressão sem entraves, uma das ações diretas mais contundentes seria o não-consentimento em relação a valores puritânicos que incidem sobre o corpo-alma das subjetividades. Enveredar pela noção goldmaniana de individualidade implica perscrutar o percurso que a autora constrói nesta defesa basilar da existência individual, atentando-se à luta descrita em relação a poderes hegemônicos que antagonizam com o desenvolvimento do sujeito. Conforme a anarquista argumenta,

Todo progresso é essencialmente um aumento das liberdades do indivíduo somado a uma diminuição correspondente da autoridade exercida sobre ele por forças externas. Isso vale tanto na existência física quanto na política e econômica. [...]

A civilização tem sido uma luta contínua do indivíduo ou de grupos de indivíduos contra o Estado e até contra a "sociedade", isto é, contra a maioria subjugada e hipnotizada pelo culto do Estado.¹⁴⁵

Michel Foucault, que não por acaso teria lido a obra de Max Stirner, teria encontrado ecos iniludíveis a partir do excerto supracitado. As “artes da existência”, na obra foucaultiana, também envolvem uma vida voltada ao resgate de si a partir de uma ética que não atende a uma liberdade enredada em mecanismos externos, inalcançáveis. Sem aceder a fatalismos que determinariam a história das subjetividades, Foucault reencontra nas estilísticas greco-romanas não a imposição de uma moral fixa, mas a produção de éticas e estéticas da existência. Se a liberdade não se resume à ausência de Estado, ela é subjacente a árduas práticas cotidianas, e a assunção da sexualidade seria um fator fulcral desse exercício. Para o filósofo, “o sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.”¹⁴⁶

¹⁴⁴ Michel Foucault mostra como Diógenes se masturbava em público, rompendo com os pudores e alinhando a própria vida à natureza. As técnicas de si estoicas e epicuristas, por sua vez, entreviam um conhecimento de si para que não se sucumbisse aos prazeres de forma irrefletida. Pensava-se o sujeito enquanto corpo formado e atravessado por forças relacionais, de modo que retornar a si mesmo constituía uma técnica. Os prazeres não deveriam passar pelo crivo das leis, mas seriam moderados para que não houvesse uma escravidão do corpo em relação aos afetos.

¹⁴⁵ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 30-31.

¹⁴⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. “Sexo, poder e a política da identidade”(1982). Traduzido por: *Revista Verve*, nº5, pp. 260-277, 2004.

Assim, a vida, em sua acepção nua de mediações, abstrações e codificações, surgiria como protagonista da história. Sendo a “sociedade” uma abstração, como então Emma Goldman colocaria o plano coletivo em seu escopo de anarquista? O tecido social, para ela, só pode ser composto por individualidades que se afetam sem mediações, de forma autônoma e concernente aos seus próprios desejos. Quando a autora esboça uma “definição” de anarquismo, expressa a concepção de que a convivência das individualidades autônomas só pode ocorrer a partir da horizontalidade e não de relações pautadas em autoridades delegadas. Segundo explicita: “Anarquismo: a filosofia de uma nova ordem social baseada na liberdade sem restrições de leis artificiais; a teoria é que todas as formas de governo descansam sob a violência e, portanto, são errôneos, perigosos e igualmente desnecessários.”¹⁴⁷

Ao considerar o anarquismo também como um gesto filosófico, Emma Goldman incorpora uma prática de propaganda anarquista que parte de uma existência dissidente. É nessa senda que talvez se possa cotejar a vida-obra da anarquista com a filosofia cínica sublinhada por Michel Foucault. Na tessitura mais ampla da coerência entre o esculpir seu modo de vida de forma que não haja incongruência entre o discurso e a vida, há a *aleurgia*, isto é, o viver a própria verdade. O filósofo traça, em *A Coragem da Verdade*, um posicionamento ético-estético consubstanciado na própria vida passada sob o fio da navalha. Afinal, é arriscado enunciar verdades que desafiam convenções sociais e que dispensam epistemologias. As atitudes cotidianas já seriam um escândalo da verdade desde que assumidas de forma despudorada. O jogo da enunciação já encerra em si um potencial veraz pelo seu próprio gesto disruptivo. É um gesto que apela, uma vez que a arte da existência também consiste em convocar o outro a olhar para si mesmo.

Assim, é possível pensar na cosmovisão goldmaniana de individualidade como algo que evoca a construção de uma ética a partir da prática da liberdade. Esse exercício cotidiano de experimentar a própria vida a partir de escolhas que problematizam a construção de si dentro de uma dimensão ética de cuidado do outro sempre esteve no rol das preocupações goldmanianas.

¹⁴⁷ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 19.

Diferença entre coletivismo compulsório e livre associação

Em sua defesa de uma sociedade na qual a impetuosidade das individualidades não seja sublimada, Goldman estabelece limites entre um coletivismo uniformizador, subvencionado pelo Estado, e a livre associação de subjetividades voluntaristas. Nesse sentido, sua ferina crítica a ideários socialistas deriva da elisão, por ela observada no contexto pós-Revolução Russa (1917), dos desejos subjetivos por um ideário que se arroga o dever de dirigir uma sociedade rumo à redenção histórica. Analogamente, Maurício Tragtenberg¹⁴⁸ (1929-1998) também criticaria a subsunção das individualidades sob uma racionalidade burocrática que teria convertido o bolchevismo em uma dominação tecnicista, afinada com uma racionalidade subordinadora das vontades. Para ambos os anarquistas, as associações voluntárias preservam (e não ameaçam) as expressões individuais, articulando as singularidades em um “todo” social. A individualidade, a partir da autogestão, encontra força para se manifestar autonomamente, uma vez que não haveria burocracia para dispersar essa energia em canais univocamente direcionados a uma autoridade central.

Contratualismos de quaisquer espécies só corroboram a demagogia política da maioria, ilustrada na vida real pela peça *Um Inimigo do Povo*. Citando Ibsen, Goldman afirma:

Sem qualquer originalidade e valor moral, a maioria sempre colocou o seu destino nas mãos de outros. Incapazes de assumir responsabilidades, preferiram seguir seus líderes ainda que para a destruição.¹⁴⁹

O fator “humano”, para Goldman, não pode ser reduzido à concepção de um determinismo econômico, de modo que libertar-se da abstração designada como “Estado” não significa o automático alcance da equidade. Para a anarquista, a verdadeira liberdade “não é o ato negativo de ser libertado de algo, pois essa liberdade é apenas a liberdade de morrer de fome. A verdadeira liberdade é positiva; é a liberdade rumo a algo, a liberdade de ser, de fazer, e os meios empregados para isso”.¹⁵⁰

Assim, o florescimento das individualidades e a livre associação ocorreriam a partir da ruptura de três elementos mediadores da estrutura social, elencados pela autora, a saber: a

¹⁴⁸ Cf. PASSETTI, Edson. “Um Parresiasta no Socialismo Libertário”. In: *Ponto-e-Vírgula*, vol. 4, pp.25-32, 2008.

¹⁴⁹ GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” (1911). Disponível em: *Revista Verve*, nº 13, 2008, pp. 123-133. São Paulo: PUC-SP, p. 2.

¹⁵⁰ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado e a sociedade*. São Paulo: Hedra, 2007, p.42.

religião, a propriedade e o governo. Elementos tidos como “superstições”, eles obstam a manifestação das relações intersubjetivas em sua plena expressão. A religião submete os sujeitos, reduzindo-os à abnegação de si mesmos em prol do transcendente; a propriedade escraviza o tempo livre do indivíduo, reificado pela lógica da acumulação produtivista; e o governo controla as pessoas por meio do medo. Em um excerto do ensaio “Anarquismo: o que realmente significa”, Goldman defende o trabalho a partir da produção voluntária:

Uma personalidade perfeita só é possível então em um estado de sociedade onde o ser humano seja livre para escolher o modo de trabalho, as condições de trabalho e tenha a liberdade para trabalhar. Para quem a fabricação de uma mesa, a construção de uma casa ou a preparação da terra é como a pintura para um artista e a descoberta para um cientista – o resultado de inspiração, de intenso desejo e um interesse profundo no trabalho como uma força criativa. Sendo esse o ideal do Anarquismo, a organização econômica deve consistir na produção voluntária e associações distributivas, gradualmente desenvolvendo-se em comunismo livre, como o melhor meio de produção, com o mínimo gasto de energia humana. O Anarquismo, todavia, também reconhece o direito do indivíduo, ou números de indivíduos, para arrumar todo o tempo para outras formas de trabalho, em harmonia com seus gostos e desejos.¹⁵¹

Não é o trabalho que definiria uma pretensa natureza humana – ele deve ser apenas uma disposição voluntária da subjetividade. Ou seja, o trabalho como expressão de um impulso criativo, como legado da singularidade individual, deveria caracterizar a humanidade livre. Nesse sentido, a *raison d'être* do anarquismo é o agrupamento de individualidades com talentos singulares, uma vez que a liberdade subjetiva estimula o engendramento de liames antiautoritários entre os indivíduos. A ação direta, portanto, deveria suplantar as utopias de um coletivismo de trabalhadores na tessitura do exercício anarquista subscrito e propalado por Emma Goldman. Sem o etapismo de uma ditadura do proletariado, a autogestão ocorre processualmente a partir do próprio cotidiano de rechaço às autoridades das leis, dos códigos morais e do mercado de trabalho.

Corroborando a ideia de um autogoverno de si, premissa que facultaria a associação voluntária, Goldman critica veementemente a ideia de representatividade política:

¹⁵¹ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”, p. 23. *La Palabra como arma*.

Mesmo se os trabalhadores pudessem ter seus próprios representantes, que é o que nossos bons políticos socialistas estão clamando, que chances há para sua honestidade e boa-fé? Tem mais que se ter em mente o processo da política para dar-se conta de que seu caminho de boas intenções está repleto de armadilhas: maquinações secretas, intrigas, adulações, mentiras e trapaças.¹⁵²

Tal linha de raciocínio seria complementada com o argumento de que o domínio da maioria constitui um dos sintomas deletérios da sociedade moderna. Ou seja, trata-se de um ponto de contato importante com o ideário anarcoindividualista, na medida em que a anarquista se mostra refratária a qualquer espécie de “moral coletiva”, de um código universal que aglutinasse as individualidades. Isso, entretanto, não redundaria em uma desconstrução total de uma concepção social, distanciando-a do anarcoindividualismo professado por autores como Émile Armand (1872-1962). O voltar-se a si próprio adquire, na perspectiva deste último, contornos de um isolamento social que não se coaduna à perspectiva humanista adotada pela anarquista. Para o expoente do anarcoindividualismo, “o anarquista quer viver sua vida, moral, intelectual, economicamente, preocupando-se o menos possível com o resto do mundo, exploradores ou explorados.”¹⁵³ Ou seja, a individualidade se posicionaria alheia aos finalismos revolucionários.

Para Goldman, a guinada social seria algo proporcionado, justamente, pelo alcance da consciência individual. Destarte, ela recorre a Piotr Kropotkin para realçar que a cooperação voluntária seria o caminho viável para uma humanidade que não estaria fadada à competição pela sobrevivência. Ademais, a anarquista expressa uma concepção de “revolução”, indo na contramão do egoísmo *stricto sensu*. Em uma síntese lapidar, Goldman afirma:

A revolução é o arauto de novos valores, pois ela desemboca na transformação das relações fundamentais entre os homens, assim como entre os seres humanos e a sociedade. A revolução não se contenta em sanar alguns males, aplicar alguns emplastos, mudar as formas e as instituições, redistribuir o bem-estar social. É verdade, ela faz tudo isso, mas representa mais, muito mais. Ela é, de início e antes de tudo, o vetor de uma mudança radical, portadora de novos valores.¹⁵⁴

¹⁵² *Ibidem*, p. 29.

¹⁵³ ARMAND, Émile. “Pequeno manual anarquista individualista”(1911). In: *Revista Verve*, nº 11, pp.123-130, 2007, p. 7.

¹⁵⁴ Conceito expresso em GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, o Estado, a sociedade e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 97.

Reitera-se o substrato humanista que Goldman manteve em seu espectro sem, contudo, se eximir de rechaçar os paliativos legais que, longe de libertarem a individualidade, reforçam sua servidão voluntária. Os valores individuais estariam na base de qualquer guinada social factível, de modo que o individualismo mecanicista seria a camisa de força dessas manifestações inerentes à humanidade. Individualismo este ortodoxamente voltado ao externo, às aparências sociais e ao reformismo.

Ver-se-á, doravante, como Max Stirner dialoga com esse enfoque nos valores subjetivos, neles colocando o fulcro da potencial insubmissão.¹⁵⁵ Tal insurgência parte da erosão de conceitos, crenças e linguagens que se revestem sob o manto da *humanidade*. Ou seja, substratos distintos de revolta orientam Goldman e Stirner, embora a anarquista tenha se inspirado em alguma medida na dessacralização propugnada pelo filósofo. A consideração de Goldman sobre o sufrágio universal é um ponto fulcral para a compreensão de como a perspectiva militante da autora se apropria de uma filosofia radical da negação das delegações, ecoando laivos de um anarquismo individualista em imbricação com um diagnóstico social mais amplo.

¹⁵⁵ A própria revolução, para ele, significava reformismo. STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 145.

Iconoclastia inicial e a libertação da liberdade inspirada por Stirner

Peça trabalho; se não te derem trabalho, peça pão; se não te derem trabalho nem pão, leve o pão! (Emma Goldman)

*Não tenho nada contra a liberdade, mas desejo que tenhas mais do que a liberdade; o que tu precisas não é apenas se libertar do que não quer, mas ter aquilo que quer.*¹⁵⁶ (Max Stirner)

A liberdade não descerá ao povo; o povo deve se elevar à liberdade. (Lápide de Emma Goldman)

Apontamentos de Goldman sobre o ideário stirneriano

Viu-se anteriormente como Emma Goldman preza pela *individualidade* como o berço de uma potencial *transformação social*, não descurando destes dois polos, mas vislumbrando-os em continuidade como em uma fita de Möbius. No processo de enfeixar o micro e macro em uma perspectiva inextricavelmente una, a autora partiu de um viés filosófico para desconstruir, justamente, a cisão entre liberdade subjetiva e liberdade institucional. É nesse diapasão que a ruptura com os conceitos hegemônicos exercitada por Stirner lhe abre um umbral de reflexões acerca da *singularidade* do “eu” como fonte primeira da desconstrução de uma cosmovisão supersticiosa da humanidade.

Emma Goldman fez menção ao pensamento stirneriano em, pelo menos, dois momentos cruciais¹⁵⁷: quando rebateu as críticas que ela recebera por ocasião de sua publicação *Minorias versus Maiorias* (1911); e no âmbito da argumentação de que o anarquismo é ação direta da individualidade em seu cotidiano imediato. Na primeira citação, a autora defendeu a ideia de que a massa não contém um potencial criativo, uma vez que somente o indivíduo encerraria em si a capacidade de transformar a sociedade. Assim, ela reivindica: “que o individualismo de

¹⁵⁶ STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.127.

¹⁵⁷ Ao longo da tese outras referências a Stirner realizadas por Emma Goldman serão expostas.

Stirner contém as maiores possibilidades sociais é totalmente ignorado”¹⁵⁸ Como se verá mais adiante, trata-se de um indício de que o tecido social, para a anarquista, seria o sentido primeiro da livre associação das singularidades. É possível inferir, de antemão, que o exercício filosófico de negar a ética e estética vigentes no modelo massificado de existência individual seria um processo inescapável para o engendramento de uma sociedade outra.

Já na segunda referência ao pensamento stirneriano, no contexto do contrapositionamento em relação a um anarquismo dogmático, a anarquista sentenciou:

A superstição política ainda influi sobre os corações e mentes das massas, ainda que os verdadeiros amantes da liberdade não tenham nada a ver com isso. Ao contrário, estes últimos acreditarão, com Stirner, que o ser humano terá tanta liberdade quanto ele quiser tomar.¹⁵⁹

A premissa de que a consciência individual é o fator embrionário da mudança social impulsionou Emma Goldman a buscar uma teoria filosófica que fundamentasse seu pensamento. Essa consciência, para a anarquista, deveria ser estimulada a partir de uma atividade pública que se constituísse enquanto obra educativa. A iniciativa de sintetizar seus escritos em uma coletânea, portanto, deriva desta premissa: se a oralidade das conferências e do teatro despertavam o público da letargia, os escritos plantariam a semente dessa consciência.¹⁶⁰ O manifesto radical de Stirner corresponderia, pois, ao resgate das ideias escritas que impulsionam tal resistência individual.

Em uma passagem de sua autobiografia, *Vivendo minha Vida*, Emma Goldman argumenta que os anarquistas seriam “aristocratas do espírito”¹⁶¹, reafirmando uma premissa alinhada à concepção de unicidade de Max Stirner. As singularidades que compõem a sociedade não deveriam ser meramente toleradas em uma homogeneização social, mas estimuladas em sua dissidência. Aquilo que ela chama de “instinto individual”, o átomo que deveria se

¹⁵⁸ “Preface”. In: GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other essays*, p. 19. Disponível em: https://ebooks.adelaide.edu.au/g/goldman/emma/anarchism_and_other_essays/contents.html Acesso em: 10 de julho de 2019, p. 19.

¹⁵⁹ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 30.

¹⁶⁰ A coletânea *Anarchism and other essays* apresenta um prefácio que justifica as escolhas de Goldman. Segundo a autora sentença: “se algo vital será desenvolvido dependerá amplamente da fertilidade do solo humano, de modo que a qualidade da semente intelectual não deve ser subestimada”, p. 19. Cf. GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 04 de março de 2022.

¹⁶¹ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida, op.cit.*, p.227.

harmonizar por laços naturais com o organismo, encontraria correspondência na diferença inerradicável do “eu”. Romper com a coerção dos elementos arbitrários, as convenções hegemônicas, significaria desentorpecer a espontaneidade e a ação direta individual. Como argutamente alcunha Edson Passetti, Stirner seria “um anarquista nos anarquismos”.¹⁶²

E por que não propor uma interlocução entre os pensamentos de Goldman e Nietzsche? Algumas pesquisas já se debruçaram sobre tal alinhamento, de modo que se torna mais do que nítido como a anarquista propõe uma “transvaloração de valores” para a emancipação da *individualidade humana*¹⁶³. Antes de tudo, a leitura de Stirner proporcionou ao pensamento goldmaniano a dessacralização dos próprios *valores*. O instrumental oferecido pelo filósofo permitiu que a anarquista contrabalançasse o peso atribuído à construção de um coletivismo, faceando nas existências singulares dos “únicos” o liame que faculta a tessitura de relações antiautoritárias.

Max Baginski, companheiro de Emma Goldman, torna patente a relevância da rebelião ensejada pelo filósofo: o gesto violador dos imperativos sagrados como Deus, Espírito, Ideias, Verdade, Humanidade, Patriotismo ecoou naquele contexto justamente por quebrar o pedestal chancelado desses conceitos abstratos¹⁶⁴. Emma Goldman admirava Nietzsche por seu vitalismo, por seu júbilo em relação à arte, mas Stirner lhe oferecia o gesto rupturista que sua retórica requeria.

A Revista *Mother Earth* dedicou parte relevante de suas páginas à obra *O Único e sua Propriedade* (1845), adicionando às publicações essa resenha de Max Baginski. A repercussão de Stirner entre as fileiras anarquistas nunca foi consensual. Todavia, o potencial do texto stirneriano foi percebido como detonador de discussões cruciais para o desenvolvimento do anarquismo, tais quais a do confronto da individualidade com quaisquer formas de organização social que contassem com a subvenção das instituições. O papel social do sindicato, por exemplo, sempre foi um tema candente que mobilizou a desconfiança de anarcoindividualistas que recorriam às leituras de Max Stirner para mobilizar argumentos contra alianças formais e estáveis.

¹⁶² PASSETTI, Edson. “Stirner, o único, em língua portuguesa”. In: *Revista Verve*, nº5, 2004, pp. 231-238.

¹⁶³ Dentre as pesquisas que exploram tal conexão de pensamentos estão: ROSSDALE, Chris. “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism.” In: *Globalizations*, 12 (1). pp. 116-133, 2015.

MORGAN, Kevin, “Herald of the Future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the Anarchist as Superman”. In: *Anarchist Studies*, vol.17, n. 2, 2009.

¹⁶⁴BAGINSKI, Max. “Stirner: The Ego and his Own”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/max-baginski-stirner-the-ego-and-his-own> Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

Gênese do manifesto stirneriano

Não obstante se mapeie aqui a inspiração que Goldman extraiu da filosofia radical, é necessário ressaltar que perscrutar a leitura goldmaniana do pensamento de Stirner requer uma contextualização criteriosa, uma vez que este último se situa em um plano de desconstrução da própria linguagem. Trata-se de um manifesto corrosivo que abala todos os pilares sobre os quais a sociedade se edificou ao longo da história. A herança hegeliana do filósofo o posiciona no fervilhar das reflexões metafísicas sobre a racionalidade. Chegando a dialogar com teorias de Szeliga, Feuerbach, Bauer, Hess, Stirner adentra a seara de um antropocentrismo voluntarista. Diferentemente de autores como o nacionalista alemão Fichte (1762-1814), contudo, o filósofo não concebe a intersubjetividade como constituinte do “eu”. Esse prisma dialógico é condenado pela autolatria stirneriana, uma vez que o eu se basta a si mesmo, desprezando qualquer tipo de viés comunitário. Como um dos corolários lógicos desse pensamento, encontra-se uma espécie de imediatismo que renunciaria a qualquer potência poética do sujeito.¹⁶⁵

A obra de Max Stirner é formulada em tom anti-intelectual e indisciplinado em prol da ruptura com as estruturas sociais da modernidade, associando a gênese do Estado a uma projeção da mentalidade oriunda do Cristianismo para a esfera sociopolítica. Ou seja, nem mesmo o anarquismo daria vazão à prática libertária propugnada por Stirner.¹⁶⁶ A ruptura não é defendida no formato de uma “revolução”, uma vez que o caráter reformista desta seria apenas a replicação da hegemonia das instituições. Nas palavras do revoltado, “A revolução exige a criação de instituições, a revolta exige que o indivíduo se eleve ou se rebele”.¹⁶⁷ Ao enveredar por uma demolição dos conceitos, o autor dirige seu alvo aos ideais e à pretensa realidade moderna que introjetou os espectros religiosos no modelo de humanidade. Tal empreitada filosófica pavimentou caminhos que incitariam Goldman a repensar as formas de resistência

¹⁶⁵ Tal prisma que resvala em um solipsismo o aproximaria do ideário expresso nas obras de Albert Camus. Sobretudo em “O Estrangeiro” e em “O Homem Revoltado”, é possível encontrar afirmações de um niilismo que adquire o viés libertador do sujeito indelegável.

¹⁶⁶ Alguns teóricos associam Stirner ao anarcoindividualismo. Efetivamente, o responsável pelo resgate de sua obra (traduzindo-a para o inglês), Benjamin Tucker (1854-1939), foi um dos precursores da crítica do Estado como principal antagonista do indivíduo. George Woodcock, em *O Anarquismo*, é um dos autores que associam Stirner a essa corrente aberta por Tucker. Não obstante essa consideração, Stirner era refratário a valores que transcendessem a causa do “eu”, que era vista como a causa “do nada”. Destarte, seria uma conclusão apressada atribuir o designativo de anarquista ao pensamento stirneriano, pois o fulcro do anarcoindividualismo continua sendo o alcance de uma liberdade.

¹⁶⁷ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.409.

anarquistas a partir da leitura da tradução da obra stirneriana para o inglês em 1907.¹⁶⁸ Tal leitura se afinaria, a propósito, à existência de menções ao manifesto de Stirner em periódicos anarcoindividualistas, conforme informa Nabylla Fiori¹⁶⁹. Como se observará, no âmago da subjetividade estaria depositada a contra-hegemonia, de modo que ser livre significaria não ser servil a um modelo de subjetivação conformado externa e internamente.

A crítica que Stirner dirige à teoria do ateísmo humanista de Feuerbach (1804-1872) consiste em apontar a liberdade ilusória que deriva da desconstrução da teleologia cristã, uma vez que apostar no “homem” enquanto fulcro da secularização implicaria uma substituição de um espectro religioso por outro, pretensamente racional e humanista. Para o filósofo, não obstante a paulatina secularização do pensamento humano,

o homem já não tem horror dos fantasmas fora de si, mas de si mesmo: assusta-se consigo próprio. No fundo do seu peito vive o espírito do pecado, até o mais leve pensamento (que é também um espírito) pode ser um demônio etc.¹⁷⁰

Ou seja, a dominação transcendente estaria atrelada à consciência imanente de tal forma inextricável que Stirner indaga: “não regressamos assim àquela triste situação de nos vermos banidos de nós próprios?”¹⁷¹ Um modelo de subjetivação hipostasiado seria alçado à condição de ideal inalcançável, enquanto que o “eu-único”, imanente, seria sufocado pelo próprio pensamento do sujeito. Assim, a singularidade de cada pessoa estaria subjugada a uma conformação com as demandas institucionais. É a mesma servidão: onde prevaleciam os valores divinos agora imperam os humanos.

O “eu” stirneriano – a contraconduta¹⁷² em relação ao indivíduo moderno – seria transitório, uma vez que se trata de sua própria existência material sujeita à finitude da vida. O

¹⁶⁸ A visão de Goldman sobre Stirner é análoga àquela expressa pela estudiosa Kathy Ferguson, que afirmaria: “a voz de Stirner é um suplemento importante à mudança revolucionária coletiva”. In: FERGUSON, Kathy E. (2011) “Why Anarchists Need Stirner”, in Newman (ed.), Max Stirner. Hampshire: Palgrave Macmillian, pp. 167-188.

¹⁶⁹ LIMA, Nabylla Fiori de. *Anarquismo individualista e filosofias da natureza: análise da revista espanhola Estudios (1928-1937)*. 2021. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 40.

¹⁷¹ *Ibidem*, p.34.

¹⁷² É relevante salientar que Saul Newman tece uma correlação entre os pensamentos de Michel Foucault e Max Stirner, derivando-se daí a inspiração para um breve cotejo entre as duas obras. Cf. “Stirner e Foucault: em direção a uma liberdade pós-kantiana”. In: *Revista Verve*, n. 7. São Paulo, 2005, pp. 101-130. Por “contraconduta” leia-se o conceito cunhado por Michel Foucault, cuja acepção é a recusa da subjetivação institucional, o rechaço à condução do “eu” por instâncias externas. As reações subjetivas ao modelo de governamentalidade moderna trariam em seu bojo o deslocamento da noção de

conceito transcendente de sujeito é, assim, rechaçado em sua própria raiz linguística. Na medida em que os nomes não nomeiam a singularidade do “único”, ele assume a propriedade de si mesmo, recusando quaisquer chancelas que os conceitos poderiam representar. Tal voluntarismo, que reconhece uma personalidade alheia aos grandes sistemas, seria uma peça-chave no quebra-cabeça do pensamento de Goldman, uma vez que ela realiza a apropriação do ataque frontal de Stirner às instituições e seu controle sobre o corpo-alma. Efetivamente, a chave stirneriana é o reabilitar do corpo, pois encontrar-se como espírito já significaria alhear-se de si mesmo.

Destarte, torna-se crucial estabelecer uma distinção entre o conceito de “egoísta” forjado por Max Stirner e a concepção liberal de individualista. O primeiro se apropriaria de si (tornando-se proprietário), ao passo que o segundo seria servil a relações de propriedade condicionadas pelo mercado. Longe de entrever o sujeito como isolado em uma mônada, o filósofo enveredava pela ideia de *associações*. Nestas últimas, o indivíduo indelegável não atende a um solipsismo confortável, aprisionado por uma lógica transcendente, mas a relações imediatas, agonísticas, que não responderiam a códigos externos. Conforme aponta:

Para uma associação, tu contribuis com todo teu poder, tua riqueza, e assim te fazes valer, mas na sociedade és usado como força de trabalho; na primeira vives de forma egoísta, na segunda, humanamente, isto é religiosamente [...] À sociedade tu deves o que tens, tens obrigações para com ela, estás possuído por teus ‘deveres sociais’; da associação, serves-te como te convém e podes abandoná-la ‘sem obrigações nem fidelidade’ quando não pudes retirar dela mais nenhum proveito”¹⁷³

Também vislumbrando a sociedade compulsória enquanto artifício¹⁷⁴, Emma Goldman transmuta os liames sociais institucionalizados em uma espécie de escopo social em que as individualidades humanas não seriam atreladas a nenhum tipo de contrato verticalizado, permanecendo conectadas à ubiquidade da natureza. Isso não significa, como se verá a seguir,

poder/resistência para a compreensão do poder. Assim, as relações de governo de si e dos outros são sublinhadas como a base de uma possível resistência antiautoritária.

¹⁷³ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.404.

¹⁷⁴ “Insisto que a liberdade, a verdadeira liberdade, uma sociedade mais livre e flexível, é o único meio para o desenvolvimento das melhores potencialidades da pessoa”. In: GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?” Publicado originalmente em *Harper’s Monthly Magazine*, Vol. CLXX, dezembro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Traduzido também pela *Revista Verve* nº 35, pp. 113-129, 2019.

que a anarquista tenha desprezado a organização social por meio de relações solidárias. O instrumental oferecido por Stirner revela as nuances do próprio pensamento goldmaniano.

O Eu indelegável

Emma Goldman cultivava uma miríade de referências intelectuais e artísticas que perfaziam sua própria cosmovisão. No entanto, as formulações stirnerianas foram especificamente fulcrais para que ela sustentasse sua argumentação acerca de uma *individualidade humana* que seria o único elemento concreto em uma sociedade saturada de abstrações dominadoras. Para a anarquista, a individualidade é que deveria criar a sociedade, e não o contrário: poderes sociais conformando modelos de individualismo. O instrumental oferecido por Stirner se revela relevante para que Goldman vá até o âmago do problema: a rebelião em relação à moralidade hegemônica constituiria o primeiro passo para uma revolução social. A moral dominante seria um guia universal e uniformizador que engendraria macroconceitos antagonistas da liberdade anarquista, esta última lida enquanto uma ética da ausência de toda e qualquer forma de governo dos outros.

Não bastaria contestar o Estado se este já está consubstanciado nas crenças de cada indivíduo. Os anarquismos, e Emma Goldman acreditava nessa heterodoxia dos ideários de resistência, seriam compostos de práticas de revoltas que iriam desde o cerne do pensamento individual até a ação direta de sabotagem. Nessa inexistência de uma cartilha anarquista, não haveria como seguir ideários programáticos de revolução para, assim, alcançar a liberdade. Sem estabelecer uma clivagem entre meios e fins, Goldman acreditava que os meios autoritários levam a fins autoritários, da mesma maneira que meios libertários levam a fins libertários. Nesse sentido, o gesto de ruptura em relação a uma mentalidade opressora já equivaleria a um processo de rebelião. O eu imanente de Stirner abole a ideia de uma revolução política, seja em nome de alguma bandeira como a “humanidade”, o “altruísmo” etc., seja em nome da própria liberdade. Esse é o ponto-chave que Emma Goldman recupera da leitura stirneriana: a *individualidade humana* é uma potência vital que não se dobra a uma teleologia.

Para Stirner, o próprio designativo “homem” já obliteraria a singularidade do “único”, e essa tese é referendada em alguma medida por Emma Goldman. Apesar de empregar indistintamente o vocábulo *men* para se referir à humanidade, a autora questiona a anomia como uma das consequências da naturalização desse macroconceito. Em *O Indivíduo, a sociedade, o Estado e outros ensaios*, encontra-se a tentativa de relativizar a validade universal deste e de

outros designadores convencionais, de modo que a anarquista afirma: “o Estado não é mais que um nome, uma abstração. Assim como outras concepções do mesmo tipo – nação, raça, humanidade –, ele não tem realidade orgânica”.¹⁷⁵ Percebe-se, pois, que a quebra de cânones operada por Goldman encontra correspondência no gesto stirneriano de rechaçar adjetivações dogmáticas, embora a linguagem ainda seja um instrumento do qual a militante não abre mão. Pode-se afirmar que Stirner considera o ato de nomear já como um pensamento deletério em si mesmo, pois alheio ao íntimo do “eu”; ao passo que Goldman aposta em outras formas de manifestar o apreço à linguagem, como no teatro e na poesia socialmente engajados.

Nesse sentido, Max Stirner não enuncia pretensão alguma de resistir às iniquidades sociais. Uma vez que não se intitula anarquista, sua preocupação não é com as relações sociais. Para ele, os egoístas poderiam se associar e se desassociar instantaneamente, a depender dos desejos que vêm à tona. Como defende, “não sou escravo de minhas máximas, sou mais do que o Estado, Deus e infinitamente, mais, também, que a associação”.¹⁷⁶ Ou seja, o indivíduo antecederia a própria associação: esta existiria para mim e por mim.

Não obstante Emma Goldman não adira à perspectiva supracitada, sua premissa negadora de abstrações se vale do pensamento radical de Stirner. O filósofo facultaria, por exemplo, a desnaturalização de alguns modelos eleitos como essências biológicas, sobretudo as teorias emergentes em meados do século XIX.¹⁷⁷ Para o filósofo, não há por que se fiar em modelos de um verdadeiro homem ou de uma verdadeira mulher, pois

O eu não é tudo, *destrói* tudo, e só o eu que progressivamente se dissolve, o eu que nunca é, o eu...*finito* é verdadeiramente eu. Fichte fala do “eu absoluto”, mas eu falo de mim, do eu transitório. Eu sou a minha espécie, sem norma, sem lei, sem modelo etc.¹⁷⁸

Tal perspectiva seria análoga, somente em parte, ao ideário de Emma Goldman, na medida em que, embora fosse avessa a uma insurgência das mulheres a partir da adoção de um padrão representativo feminino, ela veria na humanidade o denominador comum entre homens e mulheres. Ainda assim, o ponto fulcral para a compreensão da subjetividade que ela referenda

¹⁷⁵ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p.33.

¹⁷⁶ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 398.

¹⁷⁷ Vide a crítica de Lucía Sánchez Saornil à teoria da diferenciação dos sexos e à associação da mulher ao arquétipo de parideira. SAORNIL, Lucía Sánchez. *Horas de Revolución*. Barcelona: Sindicato Único del Ramo de Alimentación de Barcelona, 1937.

¹⁷⁸ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 253.

é a da vazão à vida em seu devir. O substrato da revolta propugnada pela anarquista também é a singularidade, mas uma singularidade que seria fonte de uma potência social.

É interessante notar que Goldman não postula um manual que a subjetividade contra-hegemônica deveria seguir: não elidir sua própria singularidade já significaria, para ela, um posicionamento que abre ensejo à construção de uma sociedade outra. O individualismo fugaz em que por vezes resvala Stirner é desconsiderado por Goldman, uma vez que seu escopo é a vida enquanto militância social. Todavia, o eu transitório, com seus desejos e impulsos próprios, seria subscrito pela anarquista. Em um trecho elucidativo de sua defesa do eu-singular e da relevância da associação dessas subjetividades indelegáveis, a anarquista assevera:

Vou começar com uma afirmação: deixando de lado todas as teorias políticas e econômicas, as distinções de classe e de raça, as fronteiras artificialmente traçadas entre os direitos das mulheres e os dos homens, afirmo que há um ponto no qual essas diferenças podem se encontrar e se fundir em um todo perfeito. A paz ou a harmonia entre os sexos e os indivíduos não dependem necessariamente de um nivelamento superficial dos seres humanos nem requerem a eliminação das particularidades e dos traços individuais. O problema que temos de considerar hoje e que seria preciso resolver é o seguinte: como ser você mesmo e ainda estar em unidade com os outros, como sentir-se em profunda comunhão com todos os outros seres humanos e conservar intactas suas próprias qualidades?¹⁷⁹

A análise do excerto supracitado pode conduzir a pelo menos três inferências: a de que a individualidade não é tida como algo que se possa categorizar de forma delegável a modelos externos, a de que o gesto stirneriano de não se abnegar compõe a estratégia de luta de Emma Goldman, e a de que o tecido social humano não é tido como uma abstração irrealizável. O “todo perfeito” acima aludido pela anarquista admite uma organicidade que estaria em perene agonismo com as arbitrariedades dos artifícios civilizatórios. Nesse sentido, a vida é entendida como um processo tecido por relações e não como algo inamovível ou ditado por narrativas transcendentais. Apesar de paradoxal, a teoria da harmonia social, que não é meramente a soma

¹⁷⁹ GOLDMAN, Emma. “A Tragédia da emancipação feminina” (1906) In: *Mother Earth*. Tradução para o português disponível em: <https://anarcopunk.org/v1/2017/05/escritos-de-emma-goldman-e-breve-biografia/> Acesso em: 04 de julho de 2019.

de pessoas, mas a participação de cada singularidade de acordo com suas próprias inclinações vitais, já foi mapeada por estudos como o de Nabylla Fiori no âmbito das filosofias da natureza baseadas no romantismo libertário individualista.¹⁸⁰

Se Stirner conduz seu manifesto de modo a sublinhar essa existência única na natureza, rechaçando a subsunção do “eu” a valores externos, Emma Goldman leva esse princípio para o âmbito da emancipação das mulheres, por exemplo. O “nada” de Stirner incita a pensar nessa autodeterminação proposta pela anarquista, uma vez que o gesto inicial do filósofo é o da autodeterminação: “o nada que eu sou não o é no sentido da vacuidade, mas antes o nada criador, o nada a partir do qual eu próprio, como criador, tudo crio.”¹⁸¹ Essa premissa negadora também é adotada por Goldman, que se ancora na ideia de uma individualidade indelegável. Para a anarquista, ser “nada” corresponde a encontrar na ideia de “humanidade” a linha de fuga das expectativas sociais. No que tange à exclusão feminina, ela diagnostica:

Tendo em conta que o grande infortúnio das mulheres tem sido o fato de ser olhada ou como anjo ou como demônio, a sua verdadeira salvação reside na possibilidade de ser colocada na terra, ou seja, em ser considerada humana e, portanto, sujeita a todas as loucuras e erros humanos.¹⁸²

Sua defesa não opera a partir do traçado de metas que demarcam a posição feminina, de modo que a libertação também significava uma fratura semântica: do *dever-ser* mulher passar-se-ia ao *dever-mulher*. Ou seja, na medida em que a atribuição do predicado feminino viesse atrelada à diferenciação biológica em relação aos homens e incluísse deveres puritanos de ser a progenitora, esposa e ainda trabalhadora aspirante a direitos civis, a servidão ao axioma “nascer, gestar e morrer” seria naturalizada. Logo, desmontar a correlação das mulheres a uma série de conceitos que elas próprias impunham a si mesmas constituiria a ruptura de amarras rumo à autenticidade; autenticidade esta que existiria de forma apriorística à vida pública. Ou seja, esta última seria uma consequência da associação de sujeitos autênticos.

O Único e Sua Propriedade traz ferrenhas críticas não somente à moralidade, mas à subsunção da mulher ao fantasma do contrato matrimonial. Nessa mesma senda, a crítica à

¹⁸⁰ Cf. LIMA, Nabylla Fiori de. *Anarquismo individualista e filosofias da natureza: análise da revista espanhola Estudios (1928-1937)*. 2021. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021

¹⁸¹ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 10.

¹⁸² GOLDMAN, Emma. “Sufrágio Feminino”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 119.

abnegação é uma constante nos escritos de Goldman. Não por acaso, a famigerada citação apócrifa “se eu não puder dançar, não é minha revolução” advém de sua conhecida impetuosidade em relação à censura dos prazeres. Todavia, como argumenta Michel Foucault, as práticas de liberdade não podem ser subsumidas somente a um processo de liberação. Trata-se, antes, de um exercício ético que não advém de uma instância decisória transcendente. Para compreender como a subjetividade intransferível, em devir, estava no escopo de Goldman, torna-se necessário facear essa acepção de uma liberdade como prática perene, imediata e positiva, já que não se trata somente de libertar-se do que não se quer.

Uma subjetividade intransferível que, como se observou anteriormente, não redundava em um individualismo liberal, uma vez que a anarquista defendia um governo de si para o engendramento coletivo de novas formas de existência que pudessem ensejar novas possibilidades de sociabilidade. O individualismo é rechaçado em ocasião da própria menção ao pensamento stirneriano, quando Goldman afirma:

É a mesma atitude estreita quem só reconhece Max Stirner como o apóstolo da teoria "cada um por si, o diabo leva o traseiro". Que o individualismo de Stirner contenha as maiores possibilidades sociais é totalmente ignorado. No entanto, é verdade que, se a sociedade quiser se libertar, será assim através de indivíduos liberados, cujos esforços livres formarão a sociedade.¹⁸³

Ou seja, nem o próprio Stirner propugnaria um solipsismo autodestrutivo. E é nesse trampolim para associações pures de vontade pessoal que a anarquista mergulha no exercício genealógico stirneriano. A humanidade, que constituiria uma falácia aos olhos de Stirner, surge para Goldman como uma alternativa propiciada pelo anarquismo a partir da tessitura cotidiana de inter-relações de subjetividades apaixonadas, cada uma com sua aspiração e que poderiam se unir fluidamente.

Vontades individuais *versus* organização social?

A querela entre vontade individual e organização coletiva no bojo dos anarquismos – expressa frequentemente no raso apontamento de um antagonismo entre vertentes como

¹⁸³ GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. In: “Preface”, p. 19. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays.pdf> Acesso em 13 de abril de 2020.

anarcoindividualismo¹⁸⁴ e anarcocomunismo – era, até certo ponto, inócua para Emma Goldman, haja vista que o entrelaçamento orgânico entre efetivação das aspirações individuais e a satisfação coletiva é a base de uma organização anarquista.¹⁸⁵ Essa perspectiva talvez conduzisse seu entendimento da associação voluntária dos egoístas de Max Stirner como o vislumbre de uma sociedade anarquista, embora o próprio filósofo rechaçasse o ideal libertário ao criticar o prisma de Proudhon.¹⁸⁶ É interessante notar que a definição de um anarquismo individualista adquire contornos específicos de acordo com o prisma goldmaniano. Para a anarquista, a radicalização da transformação social está na semente de uma ação individual que escancara a necessária correspondência entre meios e fins. Ou seja, a revolução satisfaz as necessidades prementes de quem a levou a cabo. Contudo, essas necessidades se confundem simbioticamente com os desejos humanos.

Em ocasião do Congresso Anarquista Internacional de 1907, realizado em Amsterdã, a anarquista reportou os argumentos levantados em torno da pauta “Anarquismo e organização”. Dentre as falas sublinhadas por Goldman estava a de Karel Vohryzek, a qual foi transcrita pela militante nos seguintes termos:

Vohryzek concordou conosco, acrescentando: Stirner não se opõe à organização; pelo contrário, um estudo detido de “O Eu-único e sua

¹⁸⁴ Para Émile Armand, um dos expoentes do anarquismo individualista, “O anarquista é aquele que nega a autoridade e rejeita seu corolário econômico: a exploração. E isso em todas as áreas de atividade humana. O anarquista deseja viver sem deuses nem mestres; sem patrões nem diretores; sem leis e preconceitos; amorais, sem obrigações e moralidades coletivas. Ele deseja viver em liberdade, viver sua concepção pessoal de vida”.

Cf. ARMAND, Émile. “The Anarchism of Émile Armand”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emile-armand-the-anarchism-of-emile-armand#toc6> Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

¹⁸⁵ Em época derradeira de sua trajetória a anarquista se autointitulava “anarcocomunista em ocasião de suas reflexões acerca da Revolução Russa (1917) e da Revolução Espanhola (1936). Contudo, quando demarcava um posicionamento alinhado a tal corrente, Emma Goldman se referia também a um comunismo libertário que não relegava a segundo plano as individualidades humanas. Ela levava em conta não só o fator econômico e a desigualdade de classes, mas as singularidades e seu potencial de transformação por meio da filosofia do anarquismo. Após observar de perto as condições sociais pós-revolucionárias na Rússia, porém, ela defenderia a necessidade de uma equidade na compensação dos trabalhadores, demolindo os privilégios nos pagamentos. Sua afinidade com o anarcossindicalismo seria, pois, atestada.

¹⁸⁶ Em *De la création de l'ordre dans l'humanité, ou Principes d'organisation politique*, de 1843, Pierre-Joseph Proudhon defenderia uma moral humana, premissa mordazmente criticada por Max Stirner. Este último veria o ideário anarquista como uma tirania tão deletéria quanto o liberalismo ou o comunismo. Para Stirner, o fato de Proudhon considerar que “a propriedade é um roubo” reforça a servidão ao conceito abstrato de posse, mesmo que vislumbrada como uma detenção coletiva dos meios de produção. Vide: STIRNER, Max. *Op.cit.*, p. 63.

Propriedade” mostrará que Stirner viu na organização de livres indivíduos um objetivo elevado do esforço humano.¹⁸⁷

É preciso ter em vista que a militante propugnava a ideia de que a organização anarquista não era antípoda dos interesses da individualidade. Pelo contrário, a organização asseguraria os desejos subjetivos em sua livre expressão. Todavia, ao desconstruir a ideia de uma coletivização compulsória e uniformizadora, Emma Goldman não teria se aprofundado na leitura de Stirner como diametralmente oposta a um ideal “humano”. A associação voluntária de egoístas proposta pelo filósofo não prevê a satisfação da organização social, mas somente do “eu”, soberano de si. O resgate do pensamento stirneriano por anarquistas grifa as ideias de que liberdade não existe sem autodeterminação da individualidade e a de que a associação só amplia a autonomia desta última. Tal leitura instrumental elidiria, por outro lado, a premissa de associação como ação egoísta e pragmática do *único* que visa exclusivamente à apropriação do mundo. Esse egoísmo não se dobraria à necessidade de organização sindical, por exemplo.

Errico Malatesta (1853-1932), um dos que discursaram no Congresso Internacional, propugnou que o egoísmo era avesso à condição trabalhadora, que exigia levantes coletivos. Max Stirner, se tivesse respondido a esta colocação, acrescentaria “aquele que vive para uma grande ideia, uma boa causa, uma doutrina, um sistema, uma missão sublime, não pode se entregar a nenhum prazer mundano, a nenhum interesse egoísta”.¹⁸⁸

A utopia de uma sociedade outra, de uma organização que não fosse iníqua, era lida por Stirner como a restauração de uma opressão do ideal coletivo sobre as existências singulares dos *únicos*. De acordo com esse prisma, até mesmo a noção de anarcoindividualismo seria derrisória, uma vez que conceituações são causticamente dissolvidas em prol da existência material do “eu” que tudo consome em sua existência fugaz. Contraposta à moral, uma ética do prazer irrestrito aboliria todos os laços sociais que não fossem voltados apenas para a satisfação corpórea do *único*.

O combate a todo tipo de moralidade subjacente a uma organização social é um ponto que Emma Goldman recupera do manifesto stirneriano. Ao interpretar a tradução inglesa de *O Único e sua Propriedade* de 1907, a anarquista subscreve o rechaço a toda deliberação de condutas que respondesse a uma “causa” prescritiva. No ensaio “A filosofia do ateísmo” (1916), a anarquista expressa uma das premissas centrais de Stirner: o combate a quaisquer narrativas

¹⁸⁷ FALK, Candace. *Emma Goldman: Making speech free, 1902-1909*. Califórnia: University of California Press, 2003, p.239.

¹⁸⁸ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.99.

que sufocam os impulsos individuais. A arbitrariedade das organizações sobre os interesses singulares redundaria em seu fracasso justamente por replicar uma lógica cristã que projeta na díade sacrifício/recompensa a mediação das relações intersubjetivas.

Ao defender que a organização existe para o desenvolvimento das individualidades e não para o crescimento de instituições, rechaçando assim uma subjetividade moldada pelo interesse da maioria e conformada para o fomento de interesses externos, Emma Goldman encontra em Stirner um mote que não aquiesce à concepção contratualista segundo a qual “meu direito termina onde começa o do outro”. O filósofo é lapidar:

Quem, se não tiver um ponto de vista religioso, poderá reclamar ‘direitos’? Não é ‘o direito’ um conceito religioso, isto é, algo sagrado? A ‘igualdade de direitos’ estabelecida pela Revolução não é mais do que uma outra forma da ‘igualdade cristã’, a ‘igualdade dos irmãos, dos filhos de Deus, dos cristãos etc.’ – em suma, a fraternité¹⁸⁹

Emma Goldman corrobora essa crítica à inviolável e sagrada uniformização. Diante do atentado de 1901 perpetrado pelo anarquista Leon Czolgosz, que resultou no assassinato do presidente norte-americano William McKinley, a anarquista reafirma a denúncia de uma estrutura social que relega a segundo plano a potência da psicologia individual. Segundo suas palavras:

não posso deixar de me curvar em silêncio reverente diante do poder de uma alma que rompeu as paredes estreitas de sua prisão e deu um salto ousado no desconhecido. [...] Não me importo com o que a multidão diz; mas, para aqueles que ainda são capazes de entender, eu diria que o anarquismo, sendo uma filosofia de vida, visa estabelecer um estado da sociedade em que a composição interior do ser humano e as condições ao seu redor possam se misturar harmoniosamente, para que ele seja capaz de utilizar todas as forças para ampliar e embelezar a vida a seu redor. Para aquelas pessoas eu também diria que não advogo a violência; o governo faz isso, e força gera força. A violência será uma morte natural quando o ser humano aprender a entender

¹⁸⁹ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 243.

que cada unidade tem seu lugar no universo e, embora estas unidades estejam intimamente ligadas, devem permanecer livres para crescer e expandir.¹⁹⁰

À associação dos egoístas de Stirner, Emma Goldman acopla a ideia de que uma organização não pode ser fundada sobre os alicerces do medo, da disciplina e da punição; deveria, pois, ser um organismo em que os prazeres individuais encontrassem espaço para florescer.¹⁹¹ A indústria, a escola e o Estado não são organizações que facultam a assunção das “personalidades”, diagnóstico que alinharia o pensamento goldmaniano ao do filósofo radical. Entretanto, como se observará, para Goldman as personalidades somente se desenvolveriam plenamente em um meio coletivo. Retenha-se, do excerto supracitado, a concepção de “filosofia de vida”, a qual, para a anarquista, deveria se reportar ao ideal de uma sociedade harmoniosa. Logo, Emma Goldman acreditava na revolta individual como um ingrediente catalisador da própria rebelião social.

A Revolta stirneriana

Observou-se como eu indelegável de Stirner marcaria indelevelmente o pensamento radical de Goldman. Contudo, um dos principais pontos de ressonância que se identifica na leitura goldmaniana de Stirner é o rechaço do Estado como pretenso assegurador dos direitos individuais. Não obstante não se encontrem ecos anarquistas literais no manifesto stirneriano, é evidente a anti-institucionalidade de seu pensamento. As narrativas humanistas, contratualistas, liberais, comunistas, todas essas urdiduras atravessam o alvo do filósofo, e Emma Goldman filtra essa iconoclastia na questão que lhe era candente: os poderes representativos. Se as individualidades não poderiam ser adjetivadas, logicamente também não deveriam renunciar seu potencial a quaisquer instâncias centralizadoras, mesmo que em nome de uma “revolução”. Esta acepção, que Stirner via como dicotômica à “revolta” do eu único, também é relativizada por Emma Goldman. A revolução, para a anarquista, não pode ser levada a cabo sem a revolta individual.

Compreender o potencial da revolta stirneriana é adensar sua destruição conceitual até o patamar do “nada”. Quando o “eu” é inclassificável e não responde a externalidades, a

¹⁹⁰ GOLDMAN, Emma. “A Tragédia em Buffalo”, p. 4. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-tragedy-at-buffalo> Acesso em 03 de julho de 2020.

¹⁹¹ Para Stirner, “a associação não se mantém unida por laços naturais ou espirituais”. *Op. Cit.*, p. 403.

obediência não tem mais lugar, e mesmo as tomadas de decisão verticalizadas não o enlaçam. Entendida como abstração, a revolução também tornaria o indivíduo súdito de uma concepção universal e homogeneizadora. Os pretensos “direitos” seriam alheios ao egoísta, pois conquistados por instâncias que não lhe dizem respeito. Eles seriam a reedição de novos controles do corpo-alma, apenas revestidos de novas roupagens.

Enquanto a revolta é a recusa em reconhecer quaisquer tutelas sobre a individualidade, a revolução parte do pressuposto de um reconhecimento de uma liberdade mediada, mesmo que pretensamente consensual. A reconciliação do eu consigo próprio não edifica novos ideários ou organizações sociais, mas corporifica a autoafirmação de uma singularidade que não seria mais sobrepujada por moderadores.

É justamente este o fulcro do questionamento de Emma Goldman ao iniciar seu ensaio “O Indivíduo, a sociedade e o Estado”:

Não é uma questão de se a ditadura é preferível à democracia, ou se o fascismo italiano é superior ao hitlerismo. Uma questão mais ampla e vital se coloca: o governo político, o Estado, é benéfico para a humanidade? E como o modelo social afeta o indivíduo?¹⁹²

Quando Max Stirner remonta à ponta estrutural do indivíduo, desmonta as teses da servidão que Goldman condenaria em toda a sua obra por meio do anarquismo. O Estado, para o filósofo, apenas reocupou um lugar antes liderado com mais ênfase pela Igreja, arrebanhando devotos em torno da obediência legal. E a revolução, nessa mesma esteira, seria algo transcendente: uma substituição de constituições por outras. A insurreição individual, ao subverter o próprio sentido das organizações sociais, incita Goldman a também rever as mediações artificiais que refreariam as prerrogativas do eu. A revolução propugnada pela anarquista não pode ser descolada de uma evolução independente de cada individualidade, de um encontro de gestos criativos e de um concerto entre revolta das pessoas trabalhadoras e construção intelectual de novos valores.

Obviamente, é preciso salientar que o pensamento goldmaniano não se propõe a revisar pressupostos antropológicos, subverter dialéticas hegelianas e examinar ontologias. Todavia, a implosão, proposta por Stirner, da essência que reveste os poderes verticalizados acende a fagulha que alimentaria a combustão imanente e antimoderna: a da insurreição ao macro.

¹⁹² GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, Sociedade e Estado”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 34.

Mediações e fantasmagorias

Compreender como Emma Goldman se apropria do manifesto stirneriano para defender o exercício de uma *individualidade humana* implica desmontar todas as narrativas religiosas que historicamente foram conformando cosmovisões que influenciam diretamente as relações intersubjetivas. O *Único e sua propriedade*, de Stirner, foi construído como um manifesto anti-hegeliano contra toda forma de idealismo moral, contra a abnegação da individualidade em prol de forças espirituais tais como Deus, o dever, o Estado, a humanidade ou a sociedade, encarados como fantasmas (*Spuken*). Tais ideias fixas, que “possuem” as pessoas e das quais elas precisam se autonomizar, são retomadas por Emma Goldman em um esforço de diagnóstico das forças que se anteporiam ao desenvolvimento do *eu* sem adjetivos.

O antinatural, para a anarquista, é o cultivo de doutrinas que confinam o corpo-alma individual/social. A ideia de que a própria racionalidade moderna emulou o pensamento religioso¹⁹³ foi destacada por Goldman nessa recuperação da obra de Stirner, sobretudo quando esta última aborda a perniciosidade da moralidade cristã que teria perdurado ao longo da História. Segundo a leitura da anarquista, a mentalidade ocidental, eivada de um dever cristão transcendental, poda as iniciativas que potencialmente transformariam a História. Segundo suas palavras,

Nietzsche e Stirner viam no cristianismo o nivelador da raça humana, o destruidor da vontade do ser humano de ousar e fazer. Eles viam em todos os movimentos construídos sobre a moral e ética cristã tentativas não da emancipação da escravidão, mas da perpetuação dela. Por isso, eles se opunham a esses movimentos com força.¹⁹⁴

Efetivamente, Max Stirner conduz seu manifesto a partir de uma estrutura de negação da racionalidade moderna, em uma tentativa de expor o aprisionamento estrutural dos indivíduos pela mentalidade religiosa. Conforme ele aponta em um trecho que expõe a cisão velada da mentalidade iluminista em humanismo/moral cristã:

¹⁹³ Bruno Latour, em *Jamais fomos modernos*, alavanca uma crítica análoga a essa, desmontando a ideia de uma ruptura entre natureza/cultura, sujeito/objeto, mostrando como falaciosa a ideia de uma superação dos fetiches religiosos. Cf. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 2008.

¹⁹⁴ GOLDMAN, Emma. “The Failure of Christianity”. In: *Anarchist Library*, p.1. Publicado originalmente em 1913. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-failure-of-christianity.pdf> Acesso em: 09 de março de 2020.

No início dos tempos modernos ergue-se o Deus-Homem. Ao seu final, apenas Deus, no Deus-Homem, perecerá? O Deus-Homem poderá realmente morrer se apenas Deus nele perecer? Não se pensou nessa questão. Acreditou-se ter consumado tudo quando em nossos dias levou-se vitoriosamente até o fim a obra das Luzes, a vitória sobre Deus. Não se notou que o Homem matou Deus apenas para se tornar por sua vez o único Deus que reina nas Alturas. O Além fora de nós foi varrido, e com isso a obra colossal da filosofia foi consumada. Mas o Além entre nós tornou-se um novo Céu e nos convoca a um novo assalto aos Céus. Deus teve que dar lugar ao Homem, não a nós. Como se pode crer que o Homem-Deus morreu, se, nele, além de Deus, o Homem não tiver também morrido?¹⁹⁵

A concepção de “homem”, para Stirner, representaria um pacote de servidões que Emma Goldman destrincha a partir da crítica ao puritanismo, à moral cristã e à servidão imposta às mulheres. Essas narrativas obnubilam o controle exercido pelo Estado e pelo Capital, uma vez que engendram uma lógica de punição e recompensa transposta para uma vida no além. O sacrifício dos desejos seria, então, avalizado por uma perspectiva de redenção em um futuro distante. Aliada a essa narrativa há uma série de panaceias nas quais o indivíduo, ao depositar sua potencialidade, se enredaria. Sua singularidade, sendo absorvida e neutralizada, só poderia ser resgatada a partir da autoconsciência¹⁹⁶.

A provocação com que Goldman inicia o ensaio “Sufrágio feminino” dialoga com a desconstrução metafísica de Stirner em um ponto fulcral: a dominação é assegurada e reiterada por meio dos conceitos abstratos que estruturam a sociedade moderna. E a autora iria adiante ao criticá-los enquanto “fetiches”. A dominação da subjetividade está atrelada, pois, a categorias de matriz religiosa que seriam hipostasiadas. Goldman não se furta, no âmbito do ensaio “O Sufrágio Feminino”, a ironizar a instituição do sufrágio como uma divindade. Segundo ela:

¹⁹⁵ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.300.

¹⁹⁶ Emma Goldman enfatizou de forma recorrente e literal a necessidade do desenvolvimento de uma consciência e a inutilidade de regulamentações externas. Em um trecho emblemático que reitera esse processo de subjetivação indelegável, ela afirma: “pois, à medida que essa vida simples se torna um fator consciente, inteligente e completo, reconhecendo sua verdadeira relação com seus semelhantes, os regulamentos e as formas cuidarão de si mesmos.” In: GOLDMAN, Emma. “Um Belo Ideal”, p.2. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal> Acesso em 07 de setembro de 2022.

Orgulhamo-nos desta era de avanço, de ciência e de progresso. Desta forma, não é estranho que ainda acreditemos no culto do fetiche [sic]? É verdade que os nossos fetiches têm uma forma e substância diferentes, mas, ainda assim, no poder que têm sobre a mente humana eles continuam a ser tão desastrosos quanto os antigos. O nosso fetiche moderno é o sufrágio universal. Quem ainda não alcançou esse objetivo trava batalhas sangrentas para o obter, enquanto quem já gozou dos seus prazeres leva enormes sacrifícios ao altar desta divindade onipotente. Cuidado, herege que se atreva a questionar esta divindade!¹⁹⁷

Conceber o direito ao voto como uma ilusão autoenganadora e dominadora remonta ao conceito stirneriano de “fantasma”, ideia importante não só pela imputação de uma hegemonia ao externo, mas também ao interno, à própria mente que reproduz espectros como se estivesse aprisionada na caverna platônica. Elucidar como Goldman constrói sua argumentação equivale a mapear os caminhos que ela elege como erráticos para o alcance de uma autoconsciência autonomizante. Um destes caminhos ilusórios é acreditar em uma representatividade política que poderia ser aprimorada.

La Boétie já teria afirmado: “é o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios”¹⁹⁸. Para a anarquista, grande parte das mulheres aceitaria a subjugação como quem adora a falsos ídolos, premissa que encontra ressonância na tese da *servidão voluntária* e que atenta para o foro interno como uma esfera que precede e imprime uma continuidade orgânica ao contexto social. Em uma passagem que denota o feminismo sem adjetivos que antagonizaria com as bandeiras das feministas sufragistas, ela assevera: “ela [a sufragista norte-americana] não vê quão escravizada é, não apenas pelo homem mas pelas suas ridículas noções e tradições.”¹⁹⁹

Ao longo do ensaio “O Sufrágio feminino”, Goldman vai dissecando as exclusões sociais estruturais que subjazem à aparente equidade representada pelo direito ao voto. Expondo dados relativos a vários países, a anarquista elencaria a Rússia em tom laudatório, afirmando

¹⁹⁷ GOLDMAN, Emma. “Sufrágio Feminino”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 117.

¹⁹⁸ BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso sobre a servidão voluntária*, p.8. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-discurso-da-servidao-voluntaria-etienne-de-la-boetie-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 08 de julho de 2019.

¹⁹⁹ GOLDMAN, Emma. “O sufrágio feminino” (1911). Publicado originalmente na revista *Mother Earth* e traduzido ao espanhol pela coletânea *La Palabra como Arma*, p. 126.

que as militantes dessa região alcançaram êxitos graças à coragem e resistência próprias, sem intermédio de um aparato legal. Obviamente, após a revolução de 1917 e a subsequente instauração de um regime leninista, a anarquista mudaria de opinião.

Adotando uma espécie de perspectiva molecular e histórica, Emma Goldman diagnostica que o enraizamento de tais “superstições” teria ocorrido a partir da íntima assimilação de gostos conservadores e hábitos que sufocariam impulsos individuais. Em *A Hipocrisia do Puritanismo*, ela afirma:

A arte, a literatura, o teatro, a privacidade da correspondência, de fato, nossos mais íntimos gostos, estão à mercê deste inexorável tirano. Anthony Comstock, ou qualquer outro policial ignorante, recebeu o poder de profanar o gênio, lançar por terra e mutilar a sublime criação da natureza: o corpo humano. Os livros que versam sobre as questões mais vitais de nossa vida, e buscam lançar luz sobre os perigosamente ocultados problemas, são legalmente tratados como ataques criminais, e seus infortunados autores encarcerados ou levados ao desespero e à morte²⁰⁰

A servidão como corolário de uma educação repressiva é um dos pontos que Emma Goldman decerto recuperou da obra de Max Stirner. O filósofo, embora não estivesse preocupado com o engendramento de uma pedagogia libertária, expressou seu rechaço à educação humanista e racionalista como diluidoras da vontade individual. Como se observará mais adiante, a dominação seria entrevista por ambos como algo incutido desde a tenra infância, estratégia que visaria à formação de cidadãos cumpridores dos deveres estatais. A denúncia de uma alienação insidiosa, que não se manifesta somente no plano materialista das relações capital-trabalho, torna os textos de Stirner um referencial filosófico significativo para Goldman se desvencilhar de designações conceituais de liberdade atreladas a projetos legalistas/partidários.

Para o filósofo, bastaria ao sujeito se desagrilhoar da sujeição e se autodeterminar. Emma Goldman segue esse pressuposto de modo enfático, grifando a vontade como o gatilho para uma vida sem mediações. Todavia, a anarquista eleva esse voluntarismo a um patamar *humano*. Há, pois, uma ramificação entre os caminhos trilhados pelo pensamento stirneriano e goldmaniano no ponto fulcral da mediação pela linguagem. Stirner recusaria qualquer potencial

²⁰⁰ Anthony Comstock teria proibido o uso e a divulgação de métodos contraceptivos, interferindo na liberdade dos corpos das mulheres. GOLDMAN, Emma. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: *La Palavra como arma*. (coletânea), p..80

libertário da palavra, afirmando: “a linguagem ou ‘a palavra’ tiraniza-nos da forma mais cruel porque convoca todo um exército de ideias fixas contra nós.”²⁰¹

A nadificação de Stirner configura uma estratégia para impedir que conceituações abstratas sejam substituídas por outras. Emma Goldman também lança mão da retórica e dos discursos inflamados justamente com o fito de desconstruir a tirania social que se vale do monopólio da palavra. Ou seja, a livre expressão abre ensejo ao heteróclito, ao desejo que não pode ser nomeado pelo vocabulário hegemônico. Contudo, tal expressão redundaria em um “ideal” social desenhado pela linguagem afinada à arte.

Assim, como se vislumbrará no capítulo subsequente, a anarquista entrevia a possibilidade de subverter arquétipos hegemônicos através da arte sensibilizadora. Essa mediação, por conseguinte, não seria tida como deletéria, mas como manifestação de individualidades humanas. A criatividade que irrompe em uma única individualidade e a resistência política coletiva seriam inextricáveis. Um dos palcos para essa subjetividade seria o teatro: a *individualidade humana* encontra espaço na tessitura processual dos fios entre individualidades e humanidade, como em uma encenação sem moral norteadora.

A arte como mediação: dessacralização stirneriana e dinamite goldmaniana

O prisma negativo de Stirner pode ser vislumbrado como um pontapé inicial de Goldman em um desenvolvimento ulterior de concepções de individualidade sem mediações e adjetivos. Todavia, o anelo goldmaniano e anarquista se articulava com expressões artísticas de construção de um pensamento radical coletivo. As perspectivas que Goldman e Stirner cultivavam sobre a arte eram diametralmente opostas, uma vez que para a primeira significava o *gérmen* de uma mudança de consciência, ao passo que para o segundo representaria o engendramento de uma nova servidão do indivíduo. Entusiasta do gênio criativo, a anarquista descortina no estímulo artístico algo *vital*, semelhante ao apreço inerente do ser humano pela liberdade. Segundo propugna:

Todos os estímulos que excitam a imaginação e despertam os espíritos são tão necessários para nossa vida quanto o ar. Estimulam o corpo, intensificam nosso estabelecimento de companheirismo humano. Sem estímulos, de uma

²⁰¹ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 447.

ou outra forma, o trabalho criativo é impossível, assim como o espírito de bondade e generosidade.²⁰²

A passagem em questão, quando cotejada com o pensamento desenvolvido por Stirner no bojo do ensaio “Arte e religião”, permite entrever como os liames sociais, humanos, para Goldman, continuavam sendo substrato de um ideário libertário. Embora valorizasse a ação individual e insubmissa da pessoa artista, a anarquista levava em consideração a reverberação social/política que o produto dessa verve teria. E o filósofo, por sua vez, defende que a obra de arte seria manifestação da necessidade humana de se evadir, isto é, se alienar de si mesmo e encontrar refúgio em um ideal inalcançável. Para Max Stirner, o impulso artístico teria uma base religiosa, o que redundaria em uma dominação do sujeito por um conceito alheio a ele próprio.

Se a arte significava para Goldman o ensejo para que a sociedade se autocriticasse, para Stirner ela representava a ilusão do transcendente. Conforme ele aponta, a arte é manifestação da “ardente necessidade que o homem tem de não permanecer só, mas de se desdobrar, de não estar satisfeito consigo como homem natural, mas de buscar pelo segundo homem, espiritual”²⁰³ Ou seja, quando se depara com a obra de arte, o indivíduo concomitantemente vê e não vê a si próprio, uma vez que está mirando um ideal contemplativo, abstrato. Assim, Stirner desmontaria toda a legitimidade individual e social da arte, expondo-a como a dominação do sujeito pelo objeto.

Faz-se necessário reconhecer, no entanto, que a autoconsciência stirneriana é um fermento para o fazer artístico defendido por Emma Goldman. A crítica ao atávico hábito de obedecer seria apropriada pela anarquista na denúncia de uma arte massificada e adaptada aos ditames mercadológicos. Com um papel deseducativo declarado, o exercício do/a artista ocorreria em mútua consonância com o ser-em-processo antiautoritário. Como Lily Litvak, estudiosa do anarquismo, aponta:

Pode-se dizer que, concretamente, os anarquistas colocavam o problema nos seguintes termos: a revolução pode aportar algo essencial à arte, e, por sua vez, a arte é capaz de contribuir à revolução. Se a revolução pode transmitir uma alma à arte, esta pode, por sua vez, ser sua porta-voz e intérprete.²⁰⁴

²⁰² GOLDMAN, Emma. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 81.

²⁰³ STIRNER, Max. “Arte e Religião” (1844). Traduzido por: *Revista Verve*, nº 4, pp-67-78, 2003, p. 2.

²⁰⁴ LITVAK, Lily. *Musa Libertaria-Arte, literatura y vida cultural del anarquismo español* (1880-1913).

Em contraposição ao pensamento stirneriano, a lente libertária de Goldman empresta, justamente, um sentido revolucionário à arte engajada, uma vez que esta, longe de fomentar uma superstição religiosa, assumiria um dever iconoclasta. Onde Stirner entrevê o curvar-se de joelhos perante uma contemplação do Espírito, a anarquista vislumbra a possível transgressão aos conceitos religiosos de gênio criador e obra colocada em um pedestal. Isso porque a arte responde ao devir da própria vida. Em um ensaio sobre o drama social moderno, a autora sublinha, citando um clássico dramaturgo sueco do naturalismo:

a arte moderna é, nas palavras de August Strindberg, ‘um pregador leigo que populariza as questões urgentes de seu tempo’; não necessariamente porque seu objetivo é proselitismo, mas porque ele pode se expressar melhor por ser fiel à vida.²⁰⁵

Max Stirner citaria a comédia como um exemplo de que a arte, mesmo podendo assumir um jocoso tom de crítica às sacralidades, acaba por fomentar um novo ideal, sucumbindo-se, pois, a um novo tipo de crença. As pessoas anarquistas, por seu turno, viam uma clivagem entre arte de puro entretenimento e arte comprometida, o que não só matizava a concepção sobre o papel do fazer artístico como imbuía este último da missão de portar uma mensagem incitadora à revolta. Tal prisma, como se observou, era a antípoda do pensamento stirneriano, o que revela como Emma Goldman não se limitava a uma ótica corrosiva. Para ela, a arte era uma mediação entre a singularidade criativa, aspirante à mudança social, e a coletividade ainda não desperta para tal consciência:

Tal literatura, tal drama, é ao mesmo tempo o reflexo e a inspiração da humanidade em sua busca eterna por coisas cada vez melhores. Talvez aqueles que aprendem as grandes verdades do trabalho social na escola da vida não precisem da mensagem do drama. Mas há outra classe cujo número é legião, para quem essa mensagem é indispensável. Em países onde a opressão política afeta todas as classes, os melhores elementos intelectuais criaram uma causa comum com o povo, tornaram-se seus professores, companheiros e porta-vozes. Mas na América a pressão política até agora afetou apenas as pessoas

Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 2001, p. 309.

²⁰⁵ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

"comuns". São eles que são jogados na prisão; os que são perseguidos e assediados, asfixiados e deportados. Portanto, outro meio é necessário para despertar os intelectuais deste país, para fazê-los perceber sua relação com o povo, com a agitação social que permeia a atmosfera.²⁰⁶

Para Goldman, a arte deveria desmontar crenças transcendentais e reconectar as individualidades à vida social através da *mensagem* do texto literário/dramático. Nesse sentido, o individualismo stirneriano contribuiu para a crítica da anarquista a uma arte de puro entretenimento, isto é, uma arte alienante. Aquilo que está no alvo de Stirner é o anelo transcendente propiciado pelo fazer artístico. Segundo ele ressalta, “é nos mais cultos que se encontra o fanatismo”.²⁰⁷ O filósofo defende o prosaico, a materialidade imediata, dinamitando toda forma de abstração. Alinhada a uma arte profana, Goldman entrevia o trabalho criativo aliado à missão formativa, o que reconectaria a individualidade à consciência de si e às demandas sociais prementes dos trabalhadores.

Destarte, há pontos de contato e de desvio entre os pensamentos de Goldman e Stirner, embora o que interesse reter seja, justamente, a leitura goldmaniana do resgate de si exercido por Stirner. Neste preciso ponto torna-se evidente que a anarquista encontrou em *O Único e sua propriedade* uma filosofia destrutiva das ilusões que tornariam a arte um objeto de adoração e reforço do alijamento das pessoas em relação a seus desejos e seu entorno social.

Não há medo e esperança, colocados em um além, mas a potência individual. Com esta ideia, que marca a defesa de uma “filosofia do ateísmo” nitidamente inspirada pela leitura de Stirner, Emma Goldman encerra na arte/vida as faces inextricáveis da destruição-criação. Se a filosofia do ateísmo era um movimento de desprendimento e demolição, de ceticismo ativo, aventa-se a hipótese de que o fazer teatral poderia ser a manifestação da fé na humanidade, em suma, a aposta na criatividade.

Reabilitar a individualidade concreta, despida dos modelos individualistas que lhe foram impostos, para que esta exerça seu pleno potencial criativo: esta é a cosmovisão expressa por Emma Goldman. Essa nova ética implicaria uma assunção do corpo-alma singular, isto é, da unicidade de uma individualidade que não se submete a leis externas. Para Stirner, o “eu” irreduzível e concreto é um processo transitório, efêmero, que a arte tentava abstrair a partir de

²⁰⁶ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 6. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019.

²⁰⁷ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.43.

um ideal inalcançável e absolutizante. O “eu” lido por Goldman também é um processo, mas a anarquista vê no elemento cênico uma forma de dar vazão à necessidade de expansão da individualidade para além de seus instintos subjetivos. Destronar a individualidade das categorias fixas talvez equivalha, para ela, a apostar na filosofia e no teatro como o desdobramento da autodeterminação stirneriana em uma relação com as personagens sociais, perfazendo também um ideal, mas, desta vez, *libertário*.

Concomitantemente assimilando e invertendo os pressupostos stirnerianos, a anarquista encontra na arte a heterotopia que, para Stirner, já figuraria como a servidão. Será possível, doravante, observar como o procedimento ético/estético, para Emma Goldman, pode conter o gesto criativo que incita ao desenvolvimento da *individualidade humana*.

Individualidade e humanidade em dois atos: a leitura goldmaniana do drama social de Ibsen

*O Drama Moderno, como toda literatura moderna, espelha a complexa luta da vida – a luta que, qualquer que seja sua expressão individual ou tópica, sempre tem suas raízes nas profundezas da natureza humana e do ambiente social e, portanto, é, nessa medida, universal.*²⁰⁸

(Emma Goldman)

Como se observou anteriormente, a reconciliação entre individualidade e sociedade sob o prisma goldmaniano somente seria possível desde que os liames intersubjetivos respondessem aos desejos individuais, sem a delegação dos potenciais humanos a “direitos” chancelados externamente e de forma transcendente. A subjetividade radical deveria ser comprometida com a destruição e a criatividade, sob risco de alicerçar novas modalidades de autoridade que se alimentam da cumplicidade inscrita em modelos servis de “homem”, “patriota”, “altruísta” etc.

A fratura da subjetividade, provocada tanto pela filosofia radical quanto pelo teatro de identidades nômades, se inscreve em uma micropolítica que, para Emma Goldman, significava romper com a reedição de novos ídolos e tiranias. Nesse sentido, a defesa de individualidades humanas assume um sentido filosófico de antirrenúncia de si para propiciar o florescimento de associações voluntárias. As subjetividades autônomas, por conseguinte, só poderiam ser individualidades autoconscientes na medida em que não descurassem de seus próprios desejos em prol de conceitos absolutos de “liberdade”. Ao germinar na própria subjetividade e depois reverberar na constituição das relações intersubjetivas, a autonomia teria o *revoltar-se* como ponto de partida.

Mas como espriar tal rebelião? Como ser uma operária da sensibilização? Ao longo de sua trajetória transnacional, Emma Goldman teceu pontes entre obras de dramaturgos russos e a audiência estadunidense, bem como fomentou divulgações de peças em Yiddish para o público britânico. Em meio a essas teias, a anarquista incentivou oficinas de teatro autônomas e se tornou uma facilitadora da intercomunicação entre intelectuais e trabalhadores, entre

²⁰⁸ GOLDMAN, Emma. *The Social Significance of the Modern Drama*. (1914), p. 12. Disponível em <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019, p. 2.

anarquistas e não-anarquistas, fiando-se em uma antipolítica com substrato poético. Assim, não restrita a uma discussão entre pares, a interpretação goldmaniana dos enredos foi veiculada na imprensa, atraiu públicos massivos em conferências e revestiu-se de um teor propagandístico que aliava anarquismo às lutas psicossociais enfrentadas na vida prosaica e crivada de poderes capilares.

A revolta encontraria uma irmã gêmea na arte. Um dos primeiros libelos contra um gesto artístico de pura fruição, arvorado assim em um idealismo ingênuo, foi o de Proudhon em *Do Princípio da Arte e de sua Destinação Social* (1865). A partir desse manifesto, o anarquista propugna que as obras não se submetam a uma mera contemplação da realidade, mas que se aliem à filosofia que pode combater o idealismo cristão. A arte crítica do pintor Courbet (1819-1877), ao representar segundo o prisma proudhoniano o árduo trabalho dos *Quebradores de Pedra*, denunciaria em eco a servidão de toda uma sociedade. Como se observará mais adiante, Emma Goldman cultivava uma concepção análoga a essa, atribuindo à arte um papel *diagnosticador*.

Segundo a teoria-prática anarquista, o fazer artístico revolta as individualidades humanas e estas aportam um teor revolucionário à vida-obra. Não por acaso, já na Comuna de Paris, em 1871, uma das primeiras iniciativas revolucionárias foi engendrar uma federação de artistas para garantir que o impulso criativo fosse exercitado sem pressão de demandas externas, mercantis, que alijam a obra das próprias vidas artistas. A arte e a beleza deveriam ser integradas de forma imanente à cotidianidade, desatrelando-se de um controle nacionalista. Lily Litvak sintetiza essa ideia ao expor como ideais humanos seriam incorporados pelo fazer artístico anarquista não enquanto dogmas ou cânones ideológicos, e sim como algo espontâneo que brota da rebeldia e solidariedade cultivadas no presente trivial. Assim, a arte deveria assumir um enfoque pluralista.²⁰⁹

Fernand Pelloutier (1867-1901) e André Reszler (1933) mostraram como a impossibilidade do exercício da rebeldia na relação especular entre vida e arte já redundava na morte das singularidades humanas. O militante francês do século XIX aliou o fazer artístico à mobilização sindical, propugnando que se unissem “o comunismo do prazer artístico ao comunismo do pão”²¹⁰ Reszler, nessa toada, enuncia que a “estética anarquista é a guardiã do espírito de ruptura”.²¹¹ Figuras clássicas do anarquismo surgem nas páginas de sua relevante

²⁰⁹ LITVAK, Lily. *La Mirada Roja: estética y arte del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1988, p. 17.

²¹⁰ PELLOUTIER, Fernand. *Arte e Revolta. Revista Lucía*. São Paulo: Tenda de Livros, 2022, p.60.

²¹¹ RESZLER, Andre. *La Estética Anarquista*. México: Fondo Cultura Económica, 1975, p. 66.

obra *A Estética Anarquista*, versando sobre as relações entre arte e revolta. Godwin, Proudhon, Kropotkin, Bakunin e Tolstói são extensamente mencionados.

Contudo, Emma Goldman e outras mulheres anarquistas, tais como Lucía Saornil, muitas vezes têm seus nomes elididos na senda da arte anarquista. Esta última, poetisa que enveredou pelo modernismo, vislumbrava o fazer artístico como algo que não é desvinculado do trabalho que aporta bem-estar à humanidade. Sua pena criticou a ideia hegemônica de que a arte, sendo algo inútil, deveria ser acessória a algum trabalho técnico que contribuísse para a revolução social. Rechaçando a proposta de que artistas deveriam trabalhar o dobro, indo além do tempo destinado à sua produção intelectual, ela mostra como a “utilidade” da arte é tão evidente quanto a pintura de uma porta por um aerógrafo. Nenhuma atividade seria desdenhável, ainda mais um gesto artístico que pudesse unir a humanidade através do fomento das emoções. Assim, a arte não obedeceria somente a um imperativo “interior/idiossincrático” ou “exterior”, mas a uma expressão humana²¹².

Goldman também não adere à fórmula fácil do fazer artístico como ramificação utilitária de uma propaganda vanguardista e programática. Assim como Fernand Pelloutier, a militante propugnava que o fazer artístico deveria ser demolidor de velhos valores, desvelador de mentiras sociais, e não cúmplice de preconceitos que apartam trabalhadores de tal exercício criativo vital. Ao não banalizar o fazer artístico como uma essência inerente a cada individualidade em solipsismo, Emma Goldman vislumbra uma minoria que seria arauto de uma nova estética-ética. Tal minoria despertaria os sentidos da maioria para uma necessária mudança de valores. Note-se que a arte não está a reboque de uma razão pretensamente libertadora, mas de inclinações das próprias individualidades que, ao serem expressas na esfera pública, convocariam o olhar das outras. Nesse sentido, se alinha de certa forma ao prisma situacionista propugnado por Proudhon, uma vez que ambos não desatrelam o gesto criativo do contexto e do lugar em que ele emergiu. Todavia, para Goldman a arte primeiramente agudiza a sensibilidade de um desajuste da *individualidade* em relação ao quadro social.

Allan Antliff, em *Anarquia e Arte*, sintetiza essa percepção acerca de Emma Goldman quando expõe a criatividade enquanto fator de mobilização social. Como ele mostra, a liberdade criativa de artistas era considerada em feixe indissolúvel com uma política que recusa o poder sobre os outros ou relações verticalizadas que ditam o padrão das formas. O/a artista também é radicalmente reflexivo/a, pois anarquistas criam arte em sintonia com a transformação da sociedade anarquicamente, interpelando-a com essa aspiração em mente. Assim, a atividade

²¹² SAORNIL, Lucía Sánchez. *La Exacta Medida de lo Humano*. Anarquismo em PDF, 2021, p. 145.

criativa individual enriquece concomitantemente o campo da produção artística e o próprio projeto social libertário.

Lily Litvak novamente aporta uma contribuição para se compreender de que modo o fazer teatral estaria em diapásão com uma ética anarquista que se entranha na própria vida. Conforme ela aponta, “as obras anarquistas desvelam a verdade em cenas cotidianas. As personagens se situam na sociedade capitalista, onde se enfrentam o povo e seus inimigos”.²¹³ E torna-se relevante atentar: a arte somente é considerada em seu contexto sociológico. Ou seja: pode até ser uma obra individualista, mas não alienada da história humana e do artesanato das pessoas trabalhadoras.

Para Kropotkin, poetas deveriam “possuir um ouvido para escutar a vida”²¹⁴ A crítica ao descolamento do fazer artístico em relação a uma ética libertária surge em uma convocação às pessoas jovens. Estas individualidades deveriam exercitar seus ofícios tendo em mente o serviço ao bem-estar da humanidade. Sem o ideal da revolução, o fazer artístico perde seu potencial como instrumento de luta e de diagnosticador das mazelas sociais. Assim, ele exprime seu manifesto:

Vós, poetas, pintores, escultores, músicos, se compreendestes vossa verdadeira missão e os próprios interesses da arte, vinde, então, colocar vossa caneta, vosso pincel, vosso buril em favor da revolução. Contai-nos em vosso estilo figurado ou em vossos quadros surpreendentes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com esse belo sopro revolucionário [...], dá sua vida à grande causa da emancipação social. Mostrai ao povo o que a vida atual tem de feio.²¹⁵

Goldman dialoga diretamente com essa recusa de um esteticismo esvaziado do compromisso coletivo, isto é, de uma expressão artística que se esforça somente em registrar ou mimetizar a realidade de acordo com um estilo acadêmico. Não por acaso, a anarquista não apreciaria o cinema que emergia paulatinamente em sua época. A arte perderia sua função de ação direta se atendesse ao lazer imediato, em um programa estético desvinculado da ética. O coração das pessoas artistas deveria bater em diapásão com o da humanidade.

²¹³LITVAK, Lily. *La Mirada Roja: estética y arte del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1988, p.79.

²¹⁴ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005, p. 61-62. Como mostra André Reszler, Kropotkin não vislumbrava o compromisso de artistas como um papel meramente propagandístico. A poética de fabular mundos outros já estaria implicada na própria vida artista de tecelãs e tecelões da revolta. Emma Goldman beberia desta fonte com muita avidez.

²¹⁵ *Idem*, p.66.

Essa cadência entre arte e vida também foi sublinhada por Maurício Tragtenberg (1929-1998), anarquista que transitou entre trabalhadores, intelectuais, anarquistas e não-anarquistas. Propugnando que a literatura sintetiza as expressões e construções humanas, o militante afirma: “como um sismógrafo poderá ela captar o sentido interno da mudança que se opera no mundo.”²¹⁶. Tal acepção se afina fortemente àquela expressa por Emma Goldman: artistas deveriam captar e escancarar as percepções de injustiça sociais.

Conforme se investigará doravante, o teatro moderno, isto é, a encenação de uma sociedade outra a partir deste fazer teatral, estaria estreitamente vinculado à continuidade verificada por Goldman entre individualidades e humanidade. Diferentemente da arte encomendada pelo Estado, fenômeno que a anarquista observou no pós-Revolução Russa com o advento da *Proletkult*²¹⁷, as obras brotam de uma liberdade individual que independe de chancelas representativas. O devir subjacente à recusa de uma teleologia moral parece corresponder ao apreço da anarquista por um teatro de personagens sem destino, que fazem da emancipação um processo de dessubjetivação e subjetivação perene.

Uma arte heteróclita deveria ter como destinatário um público nada uniforme. As obras selecionadas por Goldman desaguam em estratos sociais diversos: a audiência das conferências da anarquista sobre o drama moderno respondia à própria vida em devir. Segundo a anarquista sentenciava:

Eu havia me convencido fazia muito tempo que o drama moderno é um poderoso disseminador de novas ideias. Minha primeira experiência com relação a isso foi em 1897, quando falei a um grupo de mineradores sobre as peças de George Bernard Shaw. Foi durante a hora do almoço, e estávamos a duzentos metros abaixo do chão. Minha plateia se reuniu ao meu redor, seus rostos negros iluminados aqui e ali por suas lâmpadas. Seus olhos fundos pareciam desinteressados a princípio, porém continuei falando e começaram a brilhar com a compreensão do significado social das obras de Shaw. E minha plateia elegantemente vestida no salão luxuoso do Brown Palace Hotel reagiu

²¹⁶TRAGTENBERG, Mauricio. “A Importância da Literatura para o Homem de Cultura Universitária, qualquer que seja sua especialização”. *Revista Espaço Acadêmico*, v.1, n.7, 2001.

²¹⁷No cenário pós-Revolução Russa, Emma Goldman não se isentou de tecer uma contundente crítica ao fazer artístico cooptado pela máquina propagandística e burocrática do partido bolchevique. A chamada “cultura proletária”, *Proletkult*, preconizava uma disciplinarização e sistematização da criação artística, segundo seu diagnóstico. Cf. GOLDMAN, Emma. “O Teatro Russo antes e depois da Revolução”. <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.254?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.

da mesma maneira. Elas também se viram refletidas no espelho dramático. Várias professoras da universidade e da escola secundária me solicitaram a fazer um curso sobre drama.²¹⁸

Tal excerto aporta um indicativo do teor de manifesto que Emma Goldman conferia aos textos de dramaturgos europeus. Notoriamente, suas turnês refletiam cada vez mais a tônica de uma literatura que convoca o olhar sobre si. A estratégia retórica das metáforas teatrais era tida como combustível para inflamar as audiências anarquistas e não-anarquistas. Contudo, se torna relevante atentar: que textos seriam esses? Como Emma Goldman transita na esfera da arte, além de seu papel como divulgadora e propagandista anarquista?

Sementes contextuais: a arte como processo vital

Antes de buscar indícios que tencionem responder às questões supramencionadas, um percurso contextual. Não obstante a trajetória de Emma Goldman seja crivada de atravessamentos transnacionais, é possível tentar mapear um caldo libertário geral que fomentou suas ideias e que foi alimentado por elas: uma cultura libertária em cujo solo filosofia e arte germinaram.

Autoras como Lynne Adrian já apontaram para duas principais heranças que compõem o quadro de inspirações goldmanianas: o anarcocomunismo/anarcossindicalismo de matriz europeia e o transcendentalismo estadunidense.²¹⁹ Todavia, resta escrutinar como a anarquista estava imersa em um cenário de inflexões filosóficas que propiciou o desenho de uma ação direta concertada entre fabulação e revolução. Ou seja, torna-se relevante cartografar genealogicamente algumas ideias acerca do pensamento artístico que vicejavam no final do século XIX, começo do XX.

No contexto que antecedeu a Primeira Guerra (1914-1918) houve uma maré de agitação nos Estados Unidos: o crescimento do movimento em prol do controle de natalidade, movimentação sindical impulsionada por trabalhadores, modernismo emergindo na literatura e

²¹⁸ GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p.360.

²¹⁹ ADRIAN, Lynne M. "Emma Goldman and the Spirit of Artful Living: Philosophy and Politics in the Classical American Period". In: KENSINGER, Loretta; WEISS, Penny A. (Orgs.). *Feminist Interpretations of Emma Goldman*. Pennsylvania: University Park, 2007, p. 217-226.

nas artes em geral, lutas em prol dos direitos das mulheres, batalhas pela reforma prisional, publicações de periódicos libertários etc.

No fim de siècle, a filosofia da arte enquanto *processo* floresceu em reação ao esteticismo. Ao longo do século XIX, o fazer artístico capitaneado por estilos que cultuavam traços inalcançáveis como o “belo” e o “sublime” foi se tornando o epítome de um processo de industrialização e automatização das relações na esfera urbana. Como defensora de uma mensagem realista, que deveria incitar as pessoas a transvalorar valores, Emma Goldman questionou a artificialidade de uma arte devotada somente ao gosto estético e mercadológico. Ao observar a célere precarização do trabalho, a pena goldmaniana sublinha:

O ser humano foi degradado a uma mera parte de uma máquina e tudo o que contribui para a espontaneidade, para a originalidade, para o poder de iniciativa, foi embotado ou completamente morto nele até que ele seja apenas um cadáver vivo, arrastando uma existência sem espírito e sem ideias. [...] O ser humano está aqui para ser sacrificado no altar das coisas, montes e montes de coisas, que são tão escuras e opacas quanto as máquinas humanas que as produziram.²²⁰

A crítica à reificação da humanidade se atrela intimamente ao relevo conferido por Goldman aos elementos da Terra que deveriam satisfazer as necessidades vitais em vez de se tornarem fator de acumulação e exclusão social. Refratária ao modelo de modernidade que vertiginosamente essencializava a dicotomia natureza/cultura, Emma Goldman teceu redes com individualidades que valorizavam a prática da autossuficiência. Com isso, a própria concepção de arte se transfigura: as possibilidades de articulações transnacionais das diferenças se condensam na vivência da individualidade cosmopolita.

É relevante notar que pouco tempo depois da chegada de Goldman a Nova York e de sua entrada ativa no movimento anarquista, ela conheceu Justus Schwab (1847-1900), um anarquista alemão e proprietário de uma pousada onde radicais e artistas frequentemente se encontravam. Ele a apresentou aos escritos de Whitman, Emerson, Thoreau, Hawthorne, Spencer, Mill, Jefferson e outros autores ingleses e americanos, todos os quais ela absorveu avidamente. Desses autores, Emma Goldman assimilou algumas expressões do

²²⁰ GOLDMAN, Emma. “Um Belo Ideal” (1908). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal.pdf> Acesso em 30 de maio de 2022, p. 4.

Transcendentalismo. Esta corrente de pensamento estadunidense rechaçou o racionalismo do século XVIII, valorizando a natureza em lugar da estrutura religiosa dogmática e exaltando a percepção subjetiva além do instinto humano. A alma de cada individualidade estava identificada com o mundo, sendo um microcosmo da própria natureza.

Emma Goldman não absorveu a ideia de uma deidade que se autorrealizaria, mas sim o potencial de uma consciência lapidada e aperfeiçoada deliberadamente. Assim, ela imprimiu tons subjetivos às macronarrativas que se gestavam no ambiente coletivo. Ademais, a anarquista também buscava soluções advindas de outras regiões para o cenário de exclusão, censura e repressão trabalhista que ela vivenciava nos Estados Unidos. Após uma viagem à Europa nos primeiros anos do século XX, Goldman publicou em forma de relato pessoal a concepção de que não seria incongruente pensar em narrativas anarquistas individualistas e simultaneamente agitar a necessidade do anarcossindicalismo. Conforme ela narra:

Foi no ano de 1900, enquanto delegada do Congresso Anarquista em Paris, que entrei em contato pela primeira vez com o Sindicalismo em operação. A imprensa anarquista vinha discutindo o assunto anos antes; portanto nós Anarquistas sabíamos algo sobre o Sindicalismo. Mas aqueles de nós que viviam na América tiveram que se contentar com o lado teórico da coisa. Em 1900, porém, vi seu efeito sobre o trabalho na França: a força, o entusiasmo e a esperança com que o sindicalismo inspirava os trabalhadores. Também tive a sorte de saber do homem que, mais do que qualquer outro, direcionou o sindicalismo para canais de trabalho definidos, Fernand Pelloutier. Infelizmente, não pude conhecer esse jovem notável, pois na época ele já estava muito doente com câncer. Mas onde quer que eu fosse, com quem quer que eu falasse, o amor e a devoção por Pelloutier eram maravilhosos, todos concordando que foi ele quem reuniu as forças descontentes do movimento operário francês e as imbuíu de uma nova vida e um novo propósito, o do sindicalismo.²²¹

Destarte, deve-se perquirir: como Emma Goldman forjou um *blend* indissolúvel entre o cultivo de si e a cultura libertária que se expressava nas lutas operárias? Fernand Pelloutier (1867-1901), acima citado, pode oferecer uma pista para responder ao questionamento. O sindicalista contestou não só as organizações e formalismos burgueses, mas propugnou uma “arte social” como ferramenta crucial do anarcossindicalismo. O elo com o pensamento

²²¹ GOLDMAN, Emma. “Sindicalismo: sua teoria e prática”. *Mother Earth*, vol. 7, n.11, 1913.

goldmaniano é nítido: a adesão das individualidades ao processo revolucionário dependeria incontestavelmente de uma emancipação integral da humanidade. Como ele próprio assinala: “no dia em que o povo se levantar, ele terá com o ferro, com o fogo, essa arma mais segura do que todas as outras: a força moral devido à cultura da inteligência.”²²²

Do mesmo modo que Emma Goldman vislumbrava nos transcendentalistas o potencial emancipatório da natureza humana, faceava no esforço coletivo a fagulha para impulsionar esse processo. Não bastaria assegurar a imanência de uma subjetividade que se autolibertaria; era necessário assegurar o concerto de esforços de quem se debruça sobre o trabalho manual e intelectual. Não é possível descurar da relevância da cultura libertária no bojo de uma resistência anarquista que busca mobilizar todas as instâncias vitais. Segundo o panorama oferecido por Doris Accioly,

O caráter emancipatório das práticas culturais e pedagógicas dos anarquistas baseava-se na concepção da I Internacional, segundo a qual a redenção dos trabalhadores deveria ser obra dos próprios trabalhadores. Desta concepção decorria a ênfase que davam ao livre arbítrio e sua fé no poder da inteligência e sensibilidade humanas, bem como à dimensão educativa e cultural que seria em grande parte responsável pela transformação social. É importante ressaltar que, para os libertários, educação, cultura e revolução são indissociáveis²²³

Emma Goldman não somente partilhava dessa atmosfera como também evocava experiências individuais como culturas subjetivas que, ao serem partilhadas, contagiavam a coletividade a buscar soluções em seu contexto imediato. Conforme ela defende:

O anarquismo é uma teoria do desenvolvimento humano que enfatiza tanto quanto o socialismo o aspecto econômico ou materialista das relações sociais; mas, embora admitindo que a causa do mal imediato seja econômica, acreditamos que a solução da questão social que enfrentamos hoje deve ser forjada a partir da consideração igual de toda a nossa experiência.²²⁴

²²² CHAMBAT, Grégory. *Instruir para Revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta*. São Paulo: Editora Faísca, 2006.

²²³ ACCIOLY E SILVA, Doris. “Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica”. In: *Educação & Sociedade*, n.32, março de 2011, p.91.

²²⁴ GOLDMAN, Emma. “Um Belo Ideal” (1908). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal.pdf> Acesso em 30 de maio de 2022.

Como se observou no excerto supracitado, o olhar sensível à *experiência* dotava o prisma goldmaniano de uma receptividade heteróclita a correntes de pensamento de sua época. Em solo estadunidense ela diagnosticou as doenças sociais da política sem deixar de trazer narrativas exógenas que versavam sobre o anarquismo desde uma ótica evolucionista. O apoio mútuo como a propensão natural da humanidade não está descolado de um posicionamento ativo de propaganda pela literatura.

Em seus discursos, Goldman empregou metáforas orgânicas para deslindar dilemas que entremeavam a teoria anarquista. Desmontando a dicotomia entre intelectuais e trabalhadores, a anarquista propugnou o organismo como força orientadora no desenvolvimento do anarquismo. Goldman seguiu tanto a teoria anarquista europeia quanto o exemplo de Thoreau (1817-1862) ao defender uma unidade entre trabalho intelectual e manual, notando que trabalho intelectual e físico estão tão intimamente relacionados no corpo social quanto cérebro e mão no organismo humano. A própria publicação da revista *Mother Earth* consubstancia a proposta de uma necessária articulação entre forças sociais que atuam em diferentes áreas. Os esforços educativos e culturais obtiveram amplo espaço nas páginas do periódico que se autodefiniu como “devotado à Ciência Social e à Literatura”. Concomitantemente, as experiências anarcossindicalistas europeias eram divulgadas em solo estadunidense como uma das iniciativas necessárias à militância daquele país.

Mesmo diante de uma ferrenha censura promovida por Anthony Comstock, o esforço da escrita vicejava enquanto experiência de propaganda anarquista. O realismo e a fabulação romântica formavam um feixe indissolúvel no pensamento goldmaniano. Ao mesmo tempo em que mobilizava textos que expressam as mazelas sociais em uma verve realista, a heterotopia romântica trazia tramas que fabulam relações sociais alternativas, antiautoritárias. Não se tratava, portanto, de um fazer artístico mimético ou comprometido com padrões alinhados ao conceito de “belo”, mas um processo criativo que despertaria interferências no contexto. Talvez por isso Emma Goldman tenha sido reticente em relação a escritores experimentais tais como DH Lawrence, James Joyce, Marcel Proust e Ernest Hemingway. Ela se afastou dos escritores experimentais cujos trabalhos frequentemente apareciam no *The Little Review*²²⁵ (1914-1929), como Gertrude Stein, Sherwood Anderson, Amy Lowell e Ezra Pound.

Sob o viés goldmaniano, a subjetividade e o humanismo já seriam uma bomba, uma palavra dinamitadora de relações sociais autoritárias. Assim, a anarquista não se exime em se apropriar de obras literárias que podem ensaiar a expressão de um *ethos* emancipatório. O teatro

²²⁵ Revista organizada e publicada por Margaret Anderson, *The Little Review* surgia comprometida com obras vanguardistas.

preferido de Goldman apresentava figuras que ela tomava como pessoas reais em situações triviais, a fim de extrair para o público o significado que, para ela, já residia na história. Ao fim e ao cabo, a proposição que a anarquista sustenta era a de que a pedagogia libertária já estava imiscuída na própria história humana. A filosofia subjacente a essa percepção elenca o fazer artístico como diagnosticador e articulador. Através do diagnóstico das iniquidades sociais, seria possível articular uma intervenção coletiva que não sucumbisse ao jogo político.

Admitindo tal escopo, a criação do periódico *Mother Earth* (1906-1917) costurava a ponte entre pessoas engajadas no fazer literário e individualidades que não necessariamente versavam sobre o cotidiano mas o viviam visceralmente. No editorial da primeira edição da revista delineia-se o conceito de história subjacente à urdidura militante das narrativas propaladas por Emma Goldman e pelas figuras que a rodeavam. Conforme sintetiza o excerto:

Nosso objetivo é ensinar uma concepção diferente dos eventos históricos. Para defini-los como uma luta sempre recorrente pela Liberdade contra todas as formas de Poder. Uma luta resultante de um anseio inato de autoexpressão e do reconhecimento das próprias possibilidades e de sua atitude em relação a outros seres humanos. História para nós significa uma compilação de experiências, das quais o indivíduo, assim como a raça, obterá a compreensão correta de como moldar e organizar um modo de vida mais adequado para trazer à tona as melhores e mais fortes qualidades da raça humana.²²⁶

O pensamento acerca do futuro não prescindiria de nenhum modo das fases históricas que antecederam a construção das sociedades modernas. Assim, Emma Goldman retoma as formas sociais pré-estatais e pré-capitalistas para desmontar a ideia de que o fluxo natural da história já anunciava a ubiquidade dessas conformações institucionais. Em um rascunho acerca do desenvolvimento histórico do anarquismo, o pensamento goldmaniano retoma a ideia de que a única função estatal concreta é manter o monopólio do crime, viabilizando a exploração econômica de alguns estratos sociais por outros. Ao aportar trabalhos de historiadores, Goldman desmente a ideia de que o vínculo governamental assegura a paz social, evocando desde as vivências estoicas até o ideário iluminista de Diderot²²⁷. Não se trata, como atenta Vera

²²⁶ GOLDMAN, Emma. “Observações e Comentários”. *Mother Earth*, Vol.1, n. 1, 1906.

²²⁷ No rascunho “O desenvolvimento histórico do anarquismo”, Emma Goldman menciona o texto de Diderot “Conversa de um pai com seus filhos” (1773), opúsculo que traz à tona o dilema entre as pessoas que reconhecem a ascendência das leis, orientando suas condutas a partir delas, e as que se guiam por seu bom-senso instintivo.

Chalmers em seu exame dos *topoi* recorrentes nas escritas libertárias, de evocar uma utopia arcaizante, mas da

seleção revolucionária de elementos dignos de serem preservados e de servir para a nova construção. A utopia toma certos aspectos das comunidades pré-capitalistas. A dialética entre passado e futuro passa pela negação radical do presente, isto é, do capitalismo e da sociedade burguesa industrial.²²⁸

Se a única tendência inerente, para a anarquista, é a da liberdade, a autônoma expressão das letras atentaria às experiências da antiguidade ao mesmo tempo em que envisionsaria um futuro outro. A fabulação faculta o tangível, uma vez que empresta figuralidade às opressões e traduz as perspectivas radicais a um maior número de pessoas. É possível pensar que Emma Goldman contribuiu para tornar acessível uma linguagem dramática cuja premissa é a experimentação. Uma experimentação, todavia, enredada em um contexto específico.

Como segue mapeando Vera Chalmers,

A literatura anarquista da virada do século passado, herdeira da rebelião do Romantismo contra os cânones do classicismo, também busca a palavra original, fundadora de uma nova subjetividade, libertária. A palavra de fundação anarquista exprime um *ethos*, o qual apresenta afinidades com o pensamento romântico, mais do que uma poética.²²⁹

Percebe-se, pois, que a filosofia que areja essa concepção de história está em diapásão com a ideia de experiência. As recriações e inflexões permeariam as trajetórias individuais e coletivas de forma não-determinista. Esse ideário também teria influenciado diretamente John Dewey (1859-1952). Este último propugnou um fazer artístico ancorado na própria vida, despido assim de um academicismo verticalizado²³⁰. Ao questionar a filosofia moderna cuja epistemologia seria axiomática e distanciada dos saberes mundanos e das vicissitudes cotidianas, Dewey segue a esteira goldmaniana do conhecimento vinculado às emoções. Como processo, era um conceito formativo e holístico, que não poderia ser reduzido a uma cartilha de princípios estéticos a serem seguidos.

²²⁸ CHALMERS, Vera. *Escritas Libertárias* São Carlos: EdUFSCar, 2017, p. 128-129.

²²⁹ CHALMERS, Vera. *Escritas Libertárias* São Carlos: EdUFSCar, 2017, p.36.

²³⁰ DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Em “Um Belo Ideal”, Emma Goldman condensa as proposições filosóficas que permeavam as teorias e práticas acima delineadas. Ao propugnar que o anarquismo é uma teoria do desenvolvimento humano, a militante tece uma análise das individualidades enquanto átomos que compõem uma matéria coletiva. Ao mesmo tempo em que a mente deveria ser liberta de um cativo, o corpo deveria se apropriar dos bens naturais. A narrativa afim aos postulados românticos corrobora a organicidade que se consubstanciaria na medida em que as vidas singulares se autorregulassem e não dependessem mais dos arranjos externos.

No ensaio supracitado, Goldman discorre sobre os riscos de sucumbir seja a um individualismo dilapidador, seja a um coletivismo cujo princípio é a autoabnegação. Tributária de uma ética segundo a qual o escopo era viver em harmonia com os princípios subjetivos, buscando a congruência entre discurso e ação para engendrar uma inspiração para as outras individualidades, Goldman adere à propaganda pelo exemplo ético-estético. A produção de um conhecimento científico que fosse autogerido horizontalmente e não norteado por postulados de uma elite alheia aos problemas sociais é parte inextricável de uma cultura libertária. Assim, a concepção de natureza sob o prisma anarquista não passa por uma lente que essencializa a dicotomia saber erudito-práxis cotidiana. Reclus condensaria esse ideário ao afirmar: “o ser humano é a natureza adquirindo consciência de si própria”.²³¹ A vida anarquista é o processo de viver toda a vida de uma maneira artística, considerando-se as experiências de cada singularidade em solidariedade e em sua pulsão natural.

Inclusive, como aponta o historiador Sergio Norte, o espírito romântico fecundou a arte anarquista justamente por conta do esforço de apreender aquilo que é fugaz no contexto de automatização da realidade e consubstanciar em um manifesto formativo, pedagógico e contrário à alienação o gesto disruptivo que questiona a modernidade. Arauto de verdades que deveriam se espriar a todos os estratos, o poeta romântico é um desenraizado que aposta nas emoções e nas histórias plurais.²³²

O espontaneísmo e a expressão da personalidade criativa – características próprias do Romantismo – encontram terreno fértil na expansão das possibilidades materiais de impressão e publicação na esfera urbana. Conforme contextualiza Angela Roberti, o aperfeiçoamento das técnicas de impressão e publicação gráfica popularizaram a arte, diluindo paulatinamente a ideia de uma verve aurática, irrepetível ou acessível apenas a um pretenso gênio criador.

A pesquisa da historiadora supracitada versa sobre o florescimento de uma imprensa libertária no Brasil a partir das primeiras décadas do século XX e sinaliza a atmosfera que

²³¹ RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Editora Intermezzo, 2016.

²³² NORTE, Sergio. “Ars Anarchica: arte, vida e rebeldia”. In: *Revista Brasileira de História*, n.18, 1998.

também contagiava outras partes do mundo. Permite-se entrever, pois, como a circulação de gravuras combativas alimentava o exercício de uma arte feita pelo e para o povo. Desde a época do Romantismo, a práxis artística se tornava cada vez mais acessível, massificada, incitando ao questionamento: o fazer artístico deveria ser engajado ou independente?²³³ A obra de arte deveria comunicar questões sociais candentes?

Como se observará adiante, embora Emma Goldman tenha se debruçado sobre tal aporia, manteve a ideia de que a *alma artista*, ao exprimir sua autonomia e experiências singulares, já seria sensivelmente atrelada às causas sociais, devendo reconhecer sua faceta proletária. O drama social moderno, por sua vez, esmiuçaria tal *alma*.

Drama social moderno: um arauto

A fim de que se entenda por que Emma Goldman era uma entusiasta do drama social moderno como expressão da autonomia coletiva/humana, se faz necessário apontar algumas características que permitam compreender esse estilo teatral e como ele contribui transversalmente para a construção da concepção de *individualidade humana* sustentada pela autora.

Com auxílio de um estenógrafo que registrava suas conferências sobre teatro, a anarquista publica, em 1914, a obra *O Significado Social do Drama Moderno*. Fazendo um apanhado de 32 peças escritas por 19 autores de diferentes países europeus, Emma Goldman costura uma definição do papel coletivo do dramaturgo: despertar a percepção de mazelas sociais em pessoas que talvez não fossem alcançadas de outra forma. Segundo ela propugna:

Tanto os radicais quanto os conservadores têm de aprender que qualquer modo de trabalho criativo, que com a verdadeira percepção retrate os erros sociais com seriedade e ousadia, pode ser uma ameaça maior ao nosso tecido social e uma inspiração mais poderosa do que a arenga mais selvagem do orador.²³⁴

²³³ ROBERTI, Angela. “A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas”. In: *Revista Concinnitas*, vol.1, n.24, 2014, pp. 12-74.

²³⁴ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama*, p.5. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 05 de maio de 2020.

A ausência de obras norte-americanas no compêndio das peças radicais é justificada pela anarquista como um problema específico do contexto estadunidense. Como se observará mais adiante, uma das críticas fulcrais de Goldman é desferida à mercantilização e proletarização do gesto artístico nos Estados Unidos. A dissociação entre arte e vida é o cerne da problemática por ela diagnosticada.

Um dos teóricos mais consagrados da teoria dramaturgica, Peter Szondi, explicaria dialeticamente a emergência de um novo drama a partir do final do século XIX, expondo a contradição, cada vez mais ululante, entre a forma do drama clássico e os conteúdos destoantes do teatro épico que estavam vindo à tona com a tensão sujeito-objeto. As personagens das peças, confrontadas com seu próprio passado, já não se encaixavam em roteiros previsíveis e teleológicos. A crise do drama, posta a nu pelo autor em *Teoria do drama moderno*, se revela na tentativa de conciliar a forma do drama com a cisão subjetiva que atravessava os enredos. O autor concebe na obra de Ibsen um elemento analítico, isto é, a confrontação das personagens com um passado que retorna no presente, incitando o próprio espectador a repensar os rumos da peça.

Segundo Szondi, enquanto “a verdade do Édipo Rei é de natureza objetiva, em Ibsen “a verdade é a interioridade”²³⁵. Tal virada de perspectiva se coadunaria a um estilo de arte que passa a dialogar com um contexto de questionamento da objetividade cartesiana. As incertezas conferem um tom mais humano a encenações que outrora primavam pelos atos conclusivos. Por conseguinte, a *psique* das personagens ganha destaque: apesar de fatos passados desencadearem a trama, laivos do ocorrido perturbariam as personagens em um ritmo digressivo.

Para a especialista Tereza Menezes, contudo, “a classificação das peças de Ibsen na categoria de ‘drama psicológico’ é certamente uma visão limitadora da complexidade de sua obra. Ela é tão psicológica quanto filosófica, política etc.”²³⁶ Ou seja, longe de se esgotar em idiosincrasias da subjetividade, as montagens do teatrólogo teciam liames nada idealistas com as instituições e costumes sociais. Justamente essa ruptura com as *pièces bien faites* que atrairia a admiração de Emma Goldman, pois a anarquista capta um posicionamento transgressor nas indefinições do caráter e nas intencionalidades multifacetadas das protagonistas antimaniqueístas das peças ibsenianas.

Na medida em que os elementos do melodrama são mantidos, porém a partir da incorporação de outras demandas, as peças seriam investidas de uma intencionalidade social

²³⁵ SZONDI, Peter. *Teoria do Drama Moderno [1880-1950]*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001, p. 44.

²³⁶ MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.72.

que faculta a identificação das pessoas e a discussão coletiva de temas outrora evitados pelo teatro de tradição burguesa. Esta constatação, enfatizada veementemente por Emma Goldman, é desdobrada no livro *O Significado Social do Drama Moderno*. Ao longo dessa obra, a militante elenca e estuda as tramas²³⁷ fazendo questão de atestar uma clivagem entre “arte de pura diversão” e arte engajada. O texto é laudatório de uma “arte moderna” que estaria a serviço da vida, isto é, das questões do tempo do próprio artista. Nas palavras da anarquista,

A razão pela qual muitos radicais, bem como conservadores, não conseguem captar a poderosa mensagem da arte talvez não esteja longe de ser buscada. O radical médio é tão obstinado por simples termos quanto o homem desprovido de todas as ideias. "Plutocratas inchados", "determinismo econômico", "consciência de classe" e expressões similares resumem para ele os símbolos da revolta. Mas, como a arte fala uma linguagem própria, uma linguagem que abrange toda a gama de emoções humanas, muitas vezes parece insignificante para aqueles cuja audição foi entorpecida pelo ruído de frases estereotipadas.²³⁸

O excerto supracitado sintetiza a plataforma de resistência de Emma Goldman, pautando o distanciamento dela em relação a militâncias que tencionavam responder a algum programa ideológico. O trecho torna nítida, ainda, sua abertura às linguagens que não obedecem a um protocolo estritamente político mas que encerram em si um potencial de denúncia das ignomínias sociais. Para vislumbrar a eloquência atribuída pelo pensamento goldmaniano ao papel social do fazer artístico cabe sublinhar como o teatro é elencado, juntamente à literatura, como uma conquista humana que está no vértice entre a *oposição individual* e a *harmonia social*. Em 1890, durante sua estadia em Viena, Emma Goldman se dedicou avidamente à leitura de dramaturgos europeus que, para ela, diagnosticavam as mazelas de sua época. A arte conclamava à rebelião social por meio do escrutínio psicológico que ela propiciava.

A síntese do drama moderno elaborada por Max Baginski, companheiro de militância de Goldman na revista *Mother Earth*, dialoga diretamente com o apreço da anarquista pela veiculação de uma mensagem demasiadamente humana pelo drama moderno. Ao romper com o maniqueísmo e com a régua moral do fatalismo das narrativas de desfecho ascético, tal fazer

²³⁷ A autora criticaria a relativa ausência de dramaturgos norte-americanos, atribuindo o desapareço do país pelo teatro à manutenção dos poderes hegemônicos e do verniz democrático.

²³⁸ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 1. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019.

artístico matiza a própria vida. E o anarquismo se revela, justamente, esse lume voltado a um vitalismo que dispensa os parâmetros moralizantes reguladores dos arranjos sociais. “Ser você mesmo, mas alheio a si mesmo.”²³⁹ Tal frase, manifestada por Baginski, se coaduna com a fita de Möbius expressa por Goldman ao propugnar uma mesura: nem alheia aos sofrimentos humanos nem sacrificadora de sua própria subjetividade em prol de um arquétipo coletivista. A harmonia se encerra no vértice comum entre emoção e razão: primeiro, o instinto individual, representando a autoexpressão; segundo, o instinto social, que inspira a vida coletiva e social. Esses instintos, em sua condição latente, nunca são antagônicos entre si.

Segundo Baginski,

O drama moderno é, em suas profundezas, uma tentativa de ignorar o bem e o mal em sua análise das manifestações humanas. Pretende chegar a um todo completo, a partir de cada emoção forte e saudável, de cada estado de espírito absorvente que carrega e impele para a frente do princípio ao fim. Representa o mundo conforme ele se reflete em cada paixão, em cada vida trêmula; não tentar confinar e julgar, condenar ou elogiar; não agindo meramente na qualidade de um observador frio; mas se esforçando para crescer em unidade com a Vida; para se tornar cor, tom e luz; para absorver o sofrimento universal como seu; alegria universal como sua; sentir cada emoção à medida que ela se manifesta de forma natural; ser você mesmo, mas alheio a si mesmo.²⁴⁰

Na medida em que interpreta apenas os textos das montagens e não se debruça sobre os elementos cênicos das peças, Emma Goldman realça a literatura tanto como instrumento de diagnóstico de estruturas sociais historicamente arraigadas quanto de agitação. Confrontar-se com os fantasmas do passado para divisar um futuro “outro” era premissa fulcral da apologia de Goldman ao teatro. Nesse sentido, a afirmação de Vera Chalmers, estudiosa da escrita e do teatro libertários, permite sintetizar tal perspectiva: “na peça os significantes do discurso libertário são suporte de um novo imaginário, base de uma linguagem subjetiva de uma

²³⁹BAGINSKI, Max. “O Velho e o Novo Drama”. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page_36> Acesso em 01 de outubro de 2021.

²⁴⁰ *Idem, Ibidem.*

encenação”²⁴¹. Na medida em que minasse as tradições historicamente convencionadas, o drama social moderno convocaria a subjetividade a repensar símbolos entranhados no inconsciente. Tal “mensagem” de cunho psicológico era encarada pela anarquista como uma ação direta sentipensante. Uma ação direta não só contra o Estado, mas contra o que a autora chamaria de “mentira”, “sacrifício” e “dever” subjacentes aos arranjos sociais.

O fazer artístico: expressão e expansão das individualidades

Uma expressão artística desprovida de mensagem engajada, voltada à pura fruição, seria tida como epítome da massificação moderna. Nesse viés goldmaniano, é possível encontrar ecos de uma defesa “aristocrática” da genialidade individual. Inspirando-se em grande medida em Nietzsche, a anarquista concebe que minorias que cultivassem uma “vontade de potência”²⁴² poderiam inspirar uma guinada social relevante.

Tal perspectiva não é acuradamente compreendida se houver o desprezo de um posicionamento fulcral de Emma Goldman: sua defesa entusiasta da “beleza”²⁴³. Não se tenciona, aqui, adentrar os meandros deste controverso conceito, mas entendê-lo a partir da hermenêutica do pensamento goldmaniano. Atrelado ao papel do/da artista, o desenvolvimento do “belo” ocorreria a partir de uma vida antidogmática, não avessa aos prazeres. Nas palavras da anarquista:

²⁴¹ CHALMERS, Vera. “Boca de Cena (um estudo sobre o teatro libertário, 1895–1937)”. In: *Operários e anarquistas fazendo teatro*. Campinas: Ed. Unicamp. Cadernos AEL, 1992, p. 107.

²⁴² Propugnando uma ética que visa à promoção da vida enquanto vontade, Emma Goldman argumenta: “é verdade que Nietzsche se opôs à ideia de moralidade escrava inerente ao cristianismo em favor de uma moral de mestre para poucos privilegiados. Mas ousar sugerir que sua ideia mestra nada tinha a ver com a vulgaridade de posição, casta ou riqueza. Pelo contrário, significava o magistral nas possibilidades humanas, o magistral no homem que o ajudaria a superar velhas tradições e valores desgastados.” Ela comenta essa ideia de perene autossuperação da humanidade em: GOLDMAN, Emma. “The Failure of Christianity”. (1913), p.1. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-failure-of-christianity.pdf> Acesso em 21 de janeiro de 2021.

²⁴³ Segundo Goldman discorre em uma carta de 1931 endereçada a Henry Alsberg, “Concordo plenamente com você sobre o que diz sobre beleza. Não consigo imaginar uma sociedade livre sem beleza, pois de que serve a liberdade, senão para lutar pela beleza? Não o tipo de beleza que os expoentes da arte pela arte clamam, mas a beleza da personalidade, do relacionamento humano e das coisas mais refinadas da natureza ou da vida. Todas essas coisas são essenciais para uma nova forma de vida e, por pensar assim, sempre me opus ao sectarismo ou, devo dizer, ao ascetismo, ou à ideia de que através da supressão de nossos sentidos alcançaremos a santidade.” In: DRINNON, Anna Maria; Richard. *Nowhere at Home: letters from exile of Emma Goldman and Alexander Berkman*. Nova Iorque: Schocken Books, 1975, p. 131.

Certamente, isso não significa que o artista deva ter um credo definido, participar de um grupo anarquista ou do partido socialista local. Significa, pelo contrário, que ele deve ser capaz de sentir a tragédia de milhões de condenados à falta de alegria e beleza. A inspiração do verdadeiro artista nunca foi a oficina de pintura. A grande arte tem sido sempre inspirada pelas massas, em suas esperanças e sonhos, e tem buscado nelas a faísca que inflama sua alma. O resto, "os muitos, demasiados", como Nietzsche chamou de mediocridade, têm sido mera mercadoria que poderia ser comprada com dinheiro, glória barata ou status social.²⁴⁴

Em um ensaio de cotejo com a obra de Nietzsche, Chris Rosedale aborda a problemática da abertura de Goldman ao devir e à beleza por meio da alegoria da dança. Em “Dancing ourselves to death: the subject of Emma Goldman’s Nietzschean Anarchism”, a autora evoca a criatividade como uma das premissas fulcrais do anarquismo praticado pela militante. O impulso dionisíaco – entendido como um alinhamento aos impulsos vitais e também aos exercícios cênicos – tornaria a construção da subjetividade um processo em aberto. Para Goldman, uma sociedade sem mediações só é possível a partir de um perene movimento de autoinsurreição. Os/as artistas, para a anarquista, carregam a iconoclastia e o olhar sensível para a esfera social.

O teatro, nesse âmbito, assume um papel sensibilizador de representar a evasão das subjetividades em relação aos dispositivos de captura institucionais. Como se verá adiante, o apreço de Goldman por Henrik Ibsen deriva, em grande medida, da escolha estética do dramaturgo por personagens que expressam um “eu” inacabado. O papel do/da artista seria, pois, o de evocar os “fantasmas” engendrados socialmente para desnudar as opressões introjetadas pelas individualidades. Ao comentar esse processo que a arte faculta, Goldman reforça a relevância do teatro ibseniano: “um dia, enquanto discutíamos sobre minha próxima expulsão, citei Ibsen com respeito ao fato de que é a luta pelo ideal o que conta, muito mais do que alcançar o mesmo.”²⁴⁵

Cotejar o ideário de Goldman com a proposta conceitual de “desejo” enunciada por Félix Guattari implica o entendimento de uma *individualidade humana* que aspirava à

²⁴⁴ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org., p. 513.

²⁴⁵ *Ibidem.*, p. 771

destruição de modelos com o fito de construir subjetividades alternativas. Para o filósofo – questionando a acepção teórica de desejo enquanto caos –,

O desejo, em qualquer dimensão que se o considere, nunca é uma energia indiferenciada, nunca é uma função de desordem. Não há universais, não há uma essência bestial do desejo. *O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo.*²⁴⁶

Depurar a investigação do comprometimento social da obra goldmaniana implica pensar a experiência estética como uma possibilidade de realização do não-idêntico e, por conseguinte, da profanação de conceitos sacralizados. Está subjacente, em tal exercício, uma ética que desmonta a racionalidade hegemônica. O estilo de vida condensado em uma ética aporta uma leitura do drama e da tragédia como linguagem que encerra uma espécie de “vontade de potência”.

Leitora de Nietzsche, Goldman rechaçava a moral, sobretudo a puritana. Na esteira do filósofo, para quem a contravaloração da vida seria uma contradoutrina artística, a anarquista envereda – sobretudo em sua fase madura²⁴⁷ – pela seara das palestras sobre teatro. Apesar de em 1919 ter sido compulsoriamente exilada dos Estados Unidos, em 1933 a autora seria convidada a retornar ao país com a condição de somente falar sobre sua autobiografia e continuar as conferências sobre arte dramática. Tal episódio mostra como a política governamental muitas vezes descolava ética e estética, como se escrever um livro sobre a trajetória de militância já não fosse uma intervenção política. Todavia, como a publicação da revista *Mother Earth* permite entrever, a agitação política era inextricavelmente interligada com a expressão artística que propusesse novos valores a partir da vivência²⁴⁸. Elisabeth Lobo, em um breve cotejo entre a vida de Goldman e Rosa Luxemburgo, afirmaria:

²⁴⁶ GUATTARI, Félix; Rolnik, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 261. Grifos dos autores citados.

²⁴⁷ Lembrando que Emma Goldman chegou a participar, em conluio com o companheiro Berkman, de uma ação direta que consistia no assassinato de Frick, um gerente de fábrica que se opunha aos sindicalistas. O atentado a bomba falhou, mas 1892 permanece sendo um ano de intensa participação da anarquista nos levantes de trabalhadores. Para Kathy Ferguson, Emma Goldman “foi tanto uma pensadora radical que desafiou o poder no âmbito das ideias, crenças e paixões, quanto uma participante de um movimento anarquista internacional que seletivamente aceitou a necessidade da violência”. In: FERGUSON, Kathy. “Discourses of danger: locating Emma Goldman”. *Political Theory*, vol 36, n.5, pp. 735-761.

²⁴⁸ No artigo “Artists-Revolutionists”, publicado no n.9, vol. II, de 1907 da Revista *Mother Earth*, surge a provocação acerca da isenção de artistas que não ousam falar sobre a vida, seus enfrentamentos econômicos e sociais, como se “a pretensão das pessoas comuns às coisas boas da vida fosse algo descarado”. Para a anarquista, artistas estadunidenses só responderiam ao axioma do lucro e da arte sob encomenda.

Em Emma Goldman, no princípio, estava um desejo de justiça, de amor e liberdade. Foi esse desejo que ela viveu e serviu, sempre recusando-se a submetê-lo a regras de eficácia ou de lógica. Nisso tentou escapar à política cega e fanática, de que fala Rosa, e construir uma política humana em que ela própria, como Rosa, também vermelha, que ela não conheceu, "pechinchava sua porção diária de felicidade com a teimosia de uma mula". Por isso lutou pela felicidade, pela igualdade social, pelo direito à liberdade, pela beleza das flores e cores, pelo prazer e pelo amor, sem estabelecer hierarquias.²⁴⁹

A *parrhesía* de Emma Goldman, ancorada nessa nuance de cores, era estilisticamente estratégica para mobilizar sua audiência. Para Kathy Ferguson,

como Sócrates, E.G. foi uma irritante provocadora das autoridades, pressionando um então chamado governo democrático a revelar sua hipocrisia. Como ele, ela preferiu o discurso à escrita, privilegiando as relações face-a-face e o diálogo engajado. Ambos os radicais foram primeiramente educadores, falando palavras proibidas que incitaram os Estados à violência²⁵⁰

A tradição parresiasta da Grécia antiga, resgatada na obra de Foucault, consistia em um confronto com os discursos dos governantes, um exercício que configura risco à própria vida. Segundo o filósofo elucidada:

a parrhesia é uma atividade verbal na qual um falante exprime sua relação pessoal com a verdade e arrisca sua vida, pois considera que o dizer verdadeiro é um dever em vista de melhorar ou ajudar a vida dos outros (assim como ele faz consigo mesmo). Na parrhesia, o falante faz uso de sua liberdade e opta por falar francamente em vez de persuadir, pela verdade em vez da mentira ou do silêncio, pelo risco de morte, em vez da vida e da segurança, pela crítica, em vez da bajulação, pelo dever moral, em vez de seus interesses e da apatia moral.²⁵¹

²⁴⁹ LOBO, Elisabeth. *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 78.

²⁵⁰ FERGUSON, Kathy "Emma Goldman for example", p. 28. In: TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen. (orgs.). *Feminism and the Final Foucault*. Universidade de Illinois, 2004.

²⁵¹ GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade* (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 39.

Ou seja, trata-se de uma enunciação ferina, em um local público, de verdades subjetivas que contestam a verdade hegemônica. Para Emma Goldman, argumentar que a racionalidade moderna era tão eivada de “superstições” quanto a mentalidade da ascese cristã equivale a desmontar pretensas antinomias como “foro privado”/”militância pública”.

Tal posicionamento, no entanto, não passava incólume pela crítica que brotava das próprias fileiras anarquistas. Não obstante a arrecadação derivada das palestras sobre teatro patrocinasse a militância, sobretudo no que tange à sobrevivência da revista *Mother Earth*, apontamentos sobre a inocuidade das conferências eram endereçados a Goldman. Alexander Berkman e Voltairine de Cleyre não hesitaram em expressar sua insatisfação em relação ao diálogo travado por Emma Goldman com intelectuais, liberais e estratos da classe média. Para o primeiro, por exemplo, a anarquista tinha “inclinações burguesas” e uma propaganda marcada pela “futilidade”.²⁵²

Evocou-se a vontade de potência anteriormente justamente porque se trata de uma ideia que, por ser cara ao prisma goldmaniano, foi levada à prática pela anarquista como uma necessidade de expansão constante das formas de expressão. Ávida divulgadora do Drama Social Moderno como ferramenta aliada à psicologia social, Emma Goldman desafiou os postulados morais inculcados em um conceito de propaganda anarquista frequentemente alheio aos dilemas familiares, sexuais e psicológicos enfrentados pelas individualidades.

Ibsen: teatro que desmonta a moralidade

A defesa da individualidade propugnada por Goldman encontra ecos em representações comprometidas com a subjetividade que se dobra sobre si e não corresponde a expectativas sociais. Se o “basta!” incendiário de Stirner puder ser considerado o estopim do discurso antimoralizante, o teatro ibseniano é o desdobramento social dessa premissa. Para Kathy Ferguson, Goldman se atraiu pela denúncia stirneriana das “ideias fixas” e sua insistência na individualidade como um processo criativo e não uma essência estável.²⁵³ Esse posicionamento se coaduna ao gesto artístico que, se destacando pela transgressão, contesta o automatismo do pensamento hegemônico. A militante coloca Ibsen em tal patamar, afirmando:

²⁵² BERKMAN, Alexander. *O Diário de Berkman (1910-1917)*, p. 1. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/alexander-berkman-berkman-s-diary-1910-1917?v=1631283931>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

²⁵³ FERGUSON, Kathy. *Emma Goldman: Political Thinking in the Streets*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011, p. P. 158.

No mundo literário e teatral, os Humphrey Wards e os Clyde Fitches são os ídolos das massas, enquanto muito poucos conhecem ou apreciam a beleza e o gênio de um Emerson, Thoreau, Whitman; um Ibsen, um Hauptmann, um Butler Yeats ou um Stephen Phillips. Eles são como estrelas solitárias, mais além do horizonte das multidões.²⁵⁴

No excerto supracitado, a clivagem entre obras voltadas ao entretenimento popular e obras de algum modo comprometidas com dilemas sociais e humanos se torna evidente, corroborando a ideia de que o drama moderno, para Goldman, configura um meio de resistência, de profanação dos conceitos tidos como sagrados no bojo das relações intersubjetivas. Note-se que a anarquista também cita pensadores como Emerson e Thoreau, cujo fulcro da obra era a questão da autossuficiência.

Um dos conceitos alvo das críticas dessacralizadoras de Ibsen é o de liberdade avalizada pelo Estado. As peças do dramaturgo escritas na fase compreendida entre 1877 e 1890 têm em comum a emergência de subjetividades corroídas pelas hipocrisias sociais. A individualidade, nas representações ibsenianas, desponta como antípoda do pensamento hegemônico, massificado pelas convenções da modernidade. O apreço de Goldman por Ibsen advém, em grande medida, deste desnudamento dos embates entre indivíduo e Estado que o dramaturgo apresenta ao público, tanto em seus enredos quanto em declarações pessoais. Em um de seus apontamentos, Ibsen se manifesta a favor da revolta subjetiva, propugnando: “é absolutamente não razoável a necessidade do indivíduo ser um cidadão. Pelo contrário, o Estado é a maldição do indivíduo...O Estado deve ser abolido!”²⁵⁵

Devido a esse rechaço institucional declarado por Ibsen, uma plethora de estudos tem apontado a consonância do teatro ibseniano com o pensamento anarquista e, majoritariamente, individualista.²⁵⁶ Segundo assinala o artigo “Pensamiento y Estética Anarquista”:

²⁵⁴ GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” (1911). Disponível em: *Revista Verve*, nº 13, 2008, pp. 123-133. São Paulo: PUC-SP, p. 125.

²⁵⁵ BRUSTEIN, Robert. “Ibsen and Revolt”. In: *The Tulane Drama Review*. The MIT Press: v. 7, nº 1, 1962, pp. 113-154, p. 114-115.

²⁵⁶ Para listar alguns trabalhos que apresentam a abordagem supracitada: BRUSTEIN, Robert. “Ibsen and Revolt”. In: *The Tulane Drama Review*. The MIT Press: v. 7, nº 1, 1962, pp. 113-154.

GHAFOURINIA, Fatemeh; JAMILI, Leila Baradaran. “The Individualism in Henrik Ibsen’s: An Enemy of the People”. In: *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*. Vol. 7 (12), pp. 902-906.

JACOBS, Elizabeth. “Henrik Ibsen and the doctrine of self-realization”. In: *The Journal of English and Germanic Philology*. Vol. 38, nº3, 1939, pp. 416-430.

As obras de Ibsen constituem um autêntico revoltar-se frente o poder estabelecido; isso devido em parte a uma singeleza na exposição, na linguagem direta, e por outra – algo essencial desde o ponto de vista revolucionário – seu ataque a tudo o que importa às classes acomodadas: família, propriedade, religião, moral política, tudo aquilo que os libertários pretendiam destruir.²⁵⁷

Todavia, não é o escopo da presente pesquisa confirmar ou rechaçar a filiação de Ibsen ao anarquismo. O significativo, aqui, é verificar como Goldman se apropriou do drama ibseniano como vislumbre para uma reestruturação dos afetos que propiciaria o livre curso de uma *individualidade humana*. No que tange a tal problemática, as ideias ibsenianas contribuem para a compreensão de como a arte, para a anarquista, tinha um potencial dessacralizador das verdades absolutas, incitando o movimento de dobrar-se sobre si mesmo, consciência que propiciaria alternativas às mediações institucionais entre as subjetividades.

Efetivamente, como sublinha Robert Brustein,

é importante lembrar que o pensamento revolucionário de Ibsen é poético mais do que reformista ou propagandista, e que mesmo suas atividades especificamente polêmicas são subordinadas a um propósito mais amplo que pouco muda ao longo de sua carreira como dramaturgo²⁵⁸

Tal propósito ibseniano mais amplo, como quis-se delinear aqui, é de cunho desmoralizante, de assalto às máscaras sociais. Emma Goldman interpreta tal fazer teatral com um entusiasmo patente. A anarquista reconhece que seu otimismo quanto ao papel social do drama moderno poderia até se configurar enquanto retórica exagerada, embora encontrasse salvaguarda em uma relação prática entre arte e revolução. Assim, ela legitima sua defesa da arte engajada:

Pode parecer um exagero atribuir ao drama moderno tal papel importante, mas um estudo do desenvolvimento de ideias modernas em muitos países provará

²⁵⁷ *Anthropos-Revista de Documentación Científica de La Cultura*. Barcelona, 1988, p.27.

²⁵⁸ BRUSTEIN, Robert. “Ibsen and Revolt”. In: *The Tulane Drama Review*. The MIT Press: v. 7, nº 1, 1962, pp. 113-154, p. 115.

que o drama tem sido bem- sucedido em trazer à luz grandes verdades sociais, verdades geralmente ignoradas quando apresentadas em outras formas.²⁵⁹

Para Ibsen e Goldman, as batalhas incessantes com que se defrontam as subjetividades seriam *processos*, em si, mais importantes do que o alcance de uma liberdade colocada em um pedestal do futuro. Assim, os dramas ibsenianos estariam sempre no rol de argumentação de Goldman, em seus discursos confrontadores e insígnias da contraconduta por ela defendida. Divulgadas como exemplos de ação ético-política, as peças do teatro social moderno seriam eleitas pela anarquista como modelos sensibilizadores que incitariam a repensar a estruturação social vigente.

A assunção de si na poética teatral: leitura goldmaniana da peça *Casa de Bonecas*

A peça *Casa de Bonecas*, drama em três atos de 1879, não despertou apenas a atenção de Emma Goldman e do público contemporâneo daquela época, mobilizando um considerável interesse até os dias de hoje e consagrando-se como o texto mais conhecido e encenado de Henrik Ibsen.²⁶⁰ A potencialidade disruptiva de tal trama foi uma das pontes que a presente tese optou por trilhar, já que é preciso salientar que Emma Goldman interpretou uma miríade de enredos.

Pertencente à fase realista do teatro ibseniano, este drama conta a história de Nora, uma mulher que, aparentemente, teria uma vida perfeita segundo os parâmetros burgueses: casada com um marido provedor, mãe, dona-de-casa prestativa e adorada pela família. Contudo, este verniz esconde o estopim dramático da trama: Nora enfrenta um agiota por conta de um empréstimo contraído por ela em segredo. Com o fito de custear uma viagem de tratamento para seu marido, a mulher fez a dívida falsificando a assinatura de seu pai a fim de obter o dinheiro e salvar a vida do esposo Torvald Helmer. A trama se desenrola quando Krogstad, o

²⁵⁹ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*. Disponível em: [The Anarchist Library](http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays). <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 17 de abril de 2020, p. 1.

²⁶⁰ Vários grupos anarquistas encenaram peças de Ibsen. Lily Litvak assinalou que Cortella, no começo do século XX, promoveu a disseminação do teatro ibseniano na Espanha. É interessante notar as reverberações provocadas por um texto que, já em sua época, dava ensejo a polêmicas não só acerca da questão da mulher em relação ao lar como também no que tange à própria forma dramática. Lacunar e aberta à miríade de interpretações dos espectadores, *Casa de Bonecas* acabou sendo remontada diversas vezes em virtude de seu teor lido como “feminista”. Vide essa discussão em ROMANO, Lúcia. “Casos e coisas em torno de Nora, ou para onde pode ir o teatro quando uma mulher bate a porta atrás de si com força”. In: *Urdimento*. Florianópolis: v.3, n.33, p. 174-195, dez. 2018.

homem que lhe emprestou a quantia, a chantageia e exige um emprego no banco do qual seu marido é, agora, diretor. Nora é convencida de que a assinatura da promissória foi um crime, mesmo que concebido com boas intenções.

Durante três dias, a protagonista busca persuadir Helmer de que ele deveria conceder um cargo a Krogstad. Contudo, diante da tentativa em vão, ela se depara com a carta do chantagista dirigida ao marido. Quando tudo é revelado, este último reage de modo exasperado, acusando a esposa de impostora e criminosa. Em seguida, o agiota enviaria outra carta, em arrependimento, entregando a nota promissória que ameaçava a moralidade da carreira de Helmer. Este último, então, se alegra e tenta se reconciliar com Nora, dizendo que a teria perdoado. A mulher, todavia, o rechaça, decidindo abandonar o lar e os filhos para descobrir-se a si mesma.

Emma Goldman escreve sobre o enredo da peça em sua obra *O significado social do drama moderno*, narrando em detalhes os acontecimentos que se sucedem na trama e tecendo suas observações acerca dos comportamentos expressos pelas personagens. Não obstante, um dos pontos fulcrais de sua crítica deve ser retido: a denúncia que a peça teria perpetrado em relação à autorrenúncia individual para cumprimento do dever social. No bojo do artigo *Casamento e Amor*, a anarquista já teria defendido:

Henrik Ibsen, o inimigo de toda farsa social, foi provavelmente o primeiro a conceber esta grande verdade. Nora abandonou o marido não porque – como defendem os críticos estúpidos – estaria cansada de suas responsabilidades ou porque ansiasse pelos direitos da mulher, mas sim porque chegou à compreensão de que durante oito anos convivera com um estranho e ainda teve filhos com ele.²⁶¹

É interessante notar como Emma Goldman, ao comentar sobre a trama, sublinha não a reivindicação de direitos legais pela mulher, mas justamente o reconhecimento por parte do público feminino da perda de sua individualidade. Ao destrinchar o enredo, a anarquista emprega alguns termos que oferecem indícios de como a peça endossa seu argumento do não-binarismo entre indivíduo e sociedade, intimidade e esfera pública. Um desses conceitos seria o de “consciência”. Para a militante, Nora passaria por um processo de despertar da consciência adormecida. Emma Goldman descortina o devassar dessa vida recôndita no lar e a exposição

²⁶¹ GOLDMAN, Emma. “Casamento e Amor” (1911). In: In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 94.

desse movimento interno de conscientização como uma das incumbências do teatro. Ou seja, a progressão dos acontecimentos externos/paralelos importa menos do que o desenvolvimento da alma autônoma da protagonista, a qual paulatinamente se manifestaria através da reconciliação entre individualidade e humanidade. Ao transcrever e colocar em destaque o diálogo que ilustra o ápice desse processo que culminaria com a evasão de Nora e com seu “voltar-se a si”, a anarquista expõe a mensagem que considera lapidar:

HELMER – Abandonando seu lar, seu marido e seus filhos.... Não pensa no que as pessoas vão dizer?

NORA – Não quero me importar com isso. Só quero saber do que é importante para mim.

HELMER – Ah, é revoltante! Como pode trair seus deveres mais sagrados?

NORA – Quais são os meus deveres mais sagrados?

HELMER – E sou eu quem precisa lhe dizer? Não serão os seus deveres para com o seu marido e seus filhos?

NORA- Eu tenho outros deveres tão sagrados como esse.

HELMER – Não, não tem. Que deveres?

NORA – Os deveres para comigo mesma.

HELMER – Você é, em primeiro lugar, esposa e mãe.

NORA – Já não acredito mais nisso. Em primeiro lugar eu sou um ser humano, assim como você.... Ou pelo menos vou fazer um esforço para ser. Sei que a maioria lhe dará razão, Torvald. E sei que essas coisas estão escritas nos livros. Mas eu não posso mais me satisfazer com o que a maioria diz e com o que está escrito nos livros. Eu preciso pensar por mim mesma sobre as coisas e tentar compreendê-las.²⁶²

Estreitamente correlato a essa dessacralização do “dever social” e da singularização/ re-humanização haveria o “desvelamento” do que a anarquista denomina como “mentira” social, uma vez que Nora confrontaria os ditos e interditos convencionados, afirmando: “preciso saber quem tem razão: a sociedade ou eu”²⁶³. Goldman transcreve esta última passagem, conferindo

²⁶² Vide GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 12. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019. No original, IBSEN, Henrik. *Peças Escolhidas 3*. Livros Cotovia: Lisboa, 2008, p. 298.

²⁶³ IBSEN, Henrik. *Peças Escolhidas 3*. Livros Cotovia: Lisboa, 2008, p. 299.

relevo ao ceticismo da protagonista em relação à legalidade, à instituição do casamento, ao papel introjetado de mãe e esposa devotada.

Como se observou anteriormente, a abnegação da individualidade, segundo o pensamento goldmaniano, não implica somente uma servidão, mas a aceitação interna de que as paixões devem ser sublimadas. Logo, a pergunta que a anarquista enuncia vai ao encontro da percepção da individualidade como um ser desejante, condição que a tornaria “humana”:

Há algo mais degradante para a mulher do que viver com um estranho e dar-lhe filhos? No entanto, a mentira da instituição do casamento decreta que ela continuará a fazê-lo, e a concepção social do dever insiste que, para o bem dessa mentira, ela não precisa ser outra coisa senão um brinquedo, uma boneca, um não-ser.²⁶⁴

A argumentação de Goldman parte, portanto, do gesto destrutivo de denúncia da subsunção social, isto é, da profanação do modelo socialmente sacralizado. Contudo, a anarquista não encerra a mensagem do drama social nessa etapa de auto-assunção-de-si. Conforme a anarquista aduz:

Quando *Nora* fecha atrás dela a porta da casa de sua boneca, ela abre amplamente o portão da vida para a mulher e proclama a mensagem revolucionária de que apenas a perfeita liberdade e comunhão criam um verdadeiro vínculo entre homem e mulher, encontrando-se a céu aberto, sem mentiras, sem vergonha, livre da escravidão do dever.²⁶⁵

Assim, Emma Goldman interpreta a peça ibseniana como um rompimento da subjetividade com o foro sagrado da família para o confronto desta não só com seus próprios sentimentos, mas para assumi-los coletivamente, suscitando uma transvaloração dos valores em um movimento do micro ao macro. Esse processo, análogo ao de *autopoiese* descrito por Eliane Accioly Fonseca, é de tear a própria subjetividade, assumir a proa de uma poética de potencialidades e singularidades subjetivas. Enraizando-se na própria vida, a arte ofereceria experimentações para o sujeito-processualidade. Segundo essa autora,

²⁶⁴ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 13. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019.

²⁶⁵ *Idem, Ibidem.*

a criação da autorreferência seria uma sucessão de procedimentos: o ser humano só pode se voltar para si mesmo e, assim, experimentar a continuidade de ser e, em seguida, conhecer tanto a si mesmo quanto o mundo, após ter sido reconhecido anteriormente por outro humano.²⁶⁶

O teatro, entrevisto como *poiésis*, traria à luz relações de poder encobertas pelos modelos hipostasiados socialmente. Assim, Emma Goldman está preocupada com a arte enquanto desvelamento. Só é possível fabular porque a subjetividade recupera o fio da urdidura dentro de si mesma e recusa o fio do títere, o fio de um destino ordenado pelo transcendente. Ou seja, os papéis sociais cotidianamente invisibilizados ganhariam espaço cênico e, por conseguinte, seriam embaralhados de seus lugares convencionais. O encontro entre personagem parresisasta e plateia poderia trazer à tona afetos antes subterrâneos.

Embora não se tencione mensurar em que medida essa experiência de conscientização se efetiva, uma vez que se está considerando *poiésis* já enquanto *práxis*, é possível observar que Ibsen, segundo Tereza Menezes, “queria que as pessoas pudessem fazer por si mesmas aquilo que, até então, o teatro estava fazendo por elas.”²⁶⁷ Emma Goldman divisava a autopoiese da mulher não como um projeto colocado em um futuro distante, somente quando a *práxis* oferecesse condições materialmente concretas para o alcance da autonomia. A libertação simbólica, para ela, *já* seria um exercício de retomar o fio da própria existência.

A emancipação, que Emma Goldman vislumbra como uma “tragédia” se restrita a uma formalização legal de direitos que constituem a delegação e abnegação da liberdade, seria alcançada somente a partir dessa percepção interna que a experiência subjetiva, engatilhada pela arte, proporcionaria. A compreensão de por que Emma Goldman vislumbrou no teatro ibseniano uma ferramenta de propagação de ideias libertárias adquire um sentido filosófico mais amplo quando se considera que Michel Foucault também refletiu sobre a inter-relação entre o exercício de voltar-se a si e a convivência com os outros. Não se trata de usar o jogo teatral para buscar uma verdade sobre si, mas de uma experimentação contínua da subjetividade e de sua relação com a coletividade. Os estoicos, epicuristas e cínicos transformaram a própria existência como matéria a ser esculpida e esse exercício engendra práticas de liberdade que não se fiam em morais. Considerar as *práticas de si* como relacionais, distanciando-se de uma margem individualista e de outra estritamente comunitária, incita a investigar como Emma

²⁶⁶ FONSECA, Eliane Accioly. *Corpo-de-sonho: arte e psicanálise*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 31.

²⁶⁷ MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 116.

Goldman entrevia uma congruência fundamental entre a destruição dos valores religiosos, institucionais, capitalistas etc. e a construção de um novo *ethos*.

A anarquista não concebia a personagem de Nora como um caso *sui generis* de insubmissão, mas como um exemplo da “futilidade do sacrifício”²⁶⁸ em nome de um discurso social, tema também levantado por Foucault. Segundo o diagnóstico do filósofo, o modelo de ascese cristã tinha como escopo a confissão e o autossacrifício. Ao enfatizar o símbolo de Nora como a necessidade de primar unicamente pelo dever da subjetividade consigo própria, Goldman evoca a ascese filosófica resgatada pelo pensamento foucaultiano, segundo o qual:

Não se trata de regradar a ordem dos sacrifícios, das renúncias que se deve fazer de uma ou outra parte, de um ou outro aspecto do nosso ser. Ao contrário, trata-se de dotar-se de algo que não se tem, de algo que não se possui por natureza. Trata-se de constituir para si mesmo um equipamento, equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida.²⁶⁹

O “equipamento” mencionado por Foucault é um posicionamento ativo de recusa das subjetivações externas. A crítica a um estilo de vida parasitário é uma constante nos escritos de Emma Goldman sobre a condição da mulher, e o bastião de luta contra isso estaria calcado no desmonte de uma rede conceitual vigente, massificada. Assim, a linguagem que busca legitimar a exclusão é algo significativo para a autora. Os adjetivos empregados pela personagem Torvald Helmer para se referir à esposa Nora denunciariam a manutenção de uma condição de inferioridade introjetada pela protagonista em seu estilo de vida aos moldes de uma boneca. A anarquista perguntaria, ironicamente: “quem, de fato, esperaria a profundidade de uma ‘boneca’, um ‘esquilo’, uma ‘cotovia’?”²⁷⁰ Nos atos seguintes da peça, observa-se, pois, um processo de tomada de consciência que passa, necessariamente, pelo questionamento dos códigos morais no plano da linguagem: a esposa manipulada enquanto boneca abandona, pois, a fragilidade da casa de brinquedo.

²⁶⁸ Termo empregado por Emma Goldman em “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 7.

²⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 296.

²⁷⁰ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 11.

“Se eu não puder dançar, não é minha revolução”

O ápice de tal desconstrução conceitual é alcançado a partir da dança de Nora. Ao ensaiar a tarantela, a protagonista performatiza seu processo de subjetivação. Enquanto Helmer tentava prescrever e controlar seus movimentos, vociferando: “mais devagar, mais devagar!”, a mulher intensifica seus rodopios, afirmando: “não posso”. Ao tentar impor novamente sua vontade sobre a esposa, ele reiteraria: “sem tanta agitação, Nora”, ao passo que ela, em um gesto interpretado como libertário, afirmaria: “eu preciso”.²⁷¹ A assunção de seu próprio desejo por parte de Nora, não obstante as censuras do marido, bem como o autocontrole de seu corpo, torna este episódio cênico um dos mais emblemáticos de *Casa de Bonecas*. Não por acaso, a peça é alvo de uma plêiade de interpretações de cunho feminista²⁷².

É interessante reter, pois, o apreço de Goldman pela linguagem artística enquanto expressão de resistência que mescla emoções e militância em um mesmo ato. Defendendo o gesto de dançar não obstante as convenções sociais impostas, a anarquista ficou conhecida pela não-restrição do prazer subjacente às manifestações artísticas e políticas.²⁷³ Candace Falk, conhecida biógrafa da anarquista, sublinha tal característica, argumentando:

Como atores de palco, a maioria dos oradores públicos de sucesso são artistas performáticos, artistas talentosos na arte de criar uma forte conexão com seu público. Mas, ao contrário da maioria dos palestrantes políticos, Emma Goldman se identificou com artistas performáticos, estudou a forma dramática e, na plataforma de palestras, integrou a teoria e a prática do teatro político em toda a sua carreira peculiar.²⁷⁴

O elemento da não-perenidade da dança, do movimento incontido, está presente no pendor de Goldman ao tomar a individualidade como medida da resistência, esta última lida

²⁷¹ IBSEN, Henrik. *Peças Escolhidas 3*. Livros Cotovia: Lisboa, 2008, p. 273.

²⁷² Vide, por exemplo, AMÉRICO, Ana. *O Feminismo presente em Casa de Bonecas: a imagem da mulher no século XIX*. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2017. GELBER, Michael Werth; TEMPLETON, Joan. “Ibsen and Feminism”. In: *PMLA*, vol. 104, nº3, 1989, pp. 360-362.

²⁷³ Michel Foucault interpretaria a dança como manifestação de uma heterotopia. Para o autor, “Afiml, o corpo do dançarino não é justamente um corpo dilatado segundo um espaço que lhe é ao mesmo tempo interior e exterior?” In: FOUCAULT, Michel. *Os corpos utópicos, as heterotopias*. São Paulo: N-1 edições, 2013.

²⁷⁴ FALK, Candace. “Emma Goldman: passion, politics, and the theatrics of free expression.”. In: *Women’s History Review*, Berkeley, volume 11, Nº1, 2002, p. 13.

enquanto um exercício de *desejar* inscrito em sua própria trajetória.²⁷⁵ A dança de Nora, portanto, dialoga diretamente com a defesa goldmaniana do que ela considera como “vital”, isto é, a potencialidade individual cujo desenvolvimento o anarquismo facultaria. Na esfera das aparências morais – cenário sempre presente no teatro ibseniano – a alegoria da tarantela surge como esta expressão genuína da subjetividade, autoafirmação que Goldman concebe como nodal para a construção de uma sociedade outra.

A trama ibseniana apresenta esse momento de epifania como um resgate solitário do cuidado de si: em seguida a tal ato, a protagonista rechaçaria a servidão voluntária sob a qual vivera todos aqueles anos. No ensaio “Dancing ourselves to Death”, Rossdale atenta para o sentido dionisíaco que as subjetividades adquirem no prisma goldmaniano, uma vez que o anarquismo e feminismo sem adjetivos de Goldman são revestidos de uma filosofia não só destruidora de morais, mas também de uma indescrivível potência criativa. A ideia nietzschiana do criar-se-a-si-próprio, isto é, a vontade de potência dionisíaca, foi emparelhada às concepções goldmanianas que desmontam a natureza humana e apontam para os instintos individuais como o motor da história e a base de uma renovação em prol de uma sociedade anarquista.²⁷⁶

A dança assume uma representação relevante na vida de Emma Goldman, como se pode observar em um episódio autobiográfico cuja passagem se sublinha a seguir:

Estava viva de novo. Nos bailes, era uma das mais alegres e incansáveis. Uma noite, um primo de Sasha, um rapaz muito jovem, me chamou para um aparte. Com seriedade, como se fosse me anunciar a morte de um companheiro querido, sussurrou que dançar não era próprio de um agitador. Pelo menos, não com esse desleixo. Era indigno de uma pessoa que estava em caminho de se converter em alguém importante para o movimento anarquista. Minha frivolidade só prejudicaria a Causa. A insolência do rapaz me deixou furiosa. Lhe disse que se metesse em seus assuntos; estava cansada de que me jogassem sempre na cara a Causa. Não acreditava que uma Causa que defendia

²⁷⁵ A dança surge durante toda a trajetória de Emma Goldman não só como uma alegoria significativa para a resistência anarquista, mas também como uma *práxis* constante em sua vida cotidiana. Em sua autobiografia, ela relata como se negou a parar de dançar, contrariando os olhares anarquistas que a censuravam. Vide, também, um artigo que explora essa faceta dionisíaca do pensamento goldmaniano: ROSSDALE, Chris. “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism.” In: *Globalizations*, 12 (1). pp. 116-133, 2015.

²⁷⁶ ROSSDALE, Chris. “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism.” In: *Globalizations*, 12 (1). pp. 116-133, 2015.

um maravilhoso ideal, o anarquismo, a liberação das convenções e dos preconceitos, exigisse a negação da vida e da felicidade.²⁷⁷

A ideia de uma vida sem representações seria sintetizada em um episódio sintomático do papel da arte e do desejo no âmbito da militância goldmaniana. Como Félix Guattari mostra, o devir encontra ressonância na multiplicidade, no desdobramento da diferença, na co-presença de singularidades que se afetam.²⁷⁸ Emma Goldman não insiste em uma “causa” dogmática, programática, uma vez que a dança não seria executada através de uma mecanização do corpo, e sim por fluxos que atravessam as individualidades. Nesse sentido, seu posicionamento feminista não responderia a uma ética externa, mas a um *ethos* subjetivo cuja única permanência seria a do devir.

As práticas de autocriação propugnadas pela anarquista se revestiam de uma não abnegação da fruição, em um prisma individualista expressamente inspirado pelo manifesto radical stirneriano²⁷⁹. Todavia, a concepção de individualidade é inscrita no bojo humano a partir, justamente, dessa abertura do corpo às relações de alteridade com as expectativas sociais. O desenvolvimento das individualidades humanas, para Goldman, se encontra sempre em um movimento de antagonismo com as forças externas reativas, devir de uma sociedade que seria paulatinamente recriada a partir do reengendramento de uma nova consciência. Sem o advento desta última, somente haveria a reedição de novas idolatrias e exclusões de tantas outras Noras.

Matrimônio e a impossibilidade de dançar

É importante frisar que Emma Goldman não concebe a sociedade como uma mera soma de indivíduos com desejos próprios que se sobrepõem uns aos outros. O egoísmo stirneriano pode tê-la inspirado em um primeiro gesto de destruição de conceitos conservadores, mas as relações intersubjetivas constituíam uma preocupação antipatriarcal da autora. É possível corroborar tal ideia a partir da observação de como os afetos estão sempre no plano de fundo dos discursos da anarquista.

²⁷⁷ GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p.44.

²⁷⁸ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005, p. 50.

²⁷⁹ Ao sublinhar a quebra da régua moral propugnada por Stirner, Emma Goldman subscreve a ideia stirneriana da criança sem peias impostas pela civilização.

No bojo do ensaio “Casamento e amor” (1910), Emma Goldman apresenta um argumento medular de seu pensamento: se as individualidades livres continuarem sendo tolhidas, não haverá vislumbre para uma sociedade verdadeiramente humana, em que os contratualismos se tornam desnecessários. Trata-se de um artigo cujo substrato é uma preocupação eminentemente social, despontando as “convenções” como o grilhão que obsta a expressão das subjetividades. Tais convenções, que tornam dominante a sinonímia entre casamento e amor, estruturam uma relação parasitária das mulheres sob a “guarda” de seus maridos.

A instituição do matrimônio, para Goldman, desmobiliza a resistência das mulheres, minando sua dignidade humana. Embora a anarquista aluda ao amor como um sentimento que pode existir intensamente – apenas em relações entre subjetividades autônomas²⁸⁰ – seu pensamento chega a evocar ligeiramente o de Stirner no que tange à dessacralização desse sentimento. Para o filósofo, “o amor é uma exigência essencialmente religiosa, que não se limita ao amor de Deus e dos homens, mas vem em primeiro lugar em todos os domínios”.²⁸¹ Ambos os autores criticam a essencialização de um imperativo que conformaria os laços humanos e sufocaria a livre expressão das singularidades. Contudo, a radicalidade de Goldman não parecia a ideia de um “eu-único” que se relaciona somente com o fito de se autossatisfazer. Para a anarquista, os liames entre individualidades não deixariam de ser sociais, de modo que o teatro representa a mediação entre o microcosmo e o macrocosmo.

A autonomia da individualidade na esfera pública seria inviável se em seu próprio interior, em seu próprio lar, fossem reproduzidas as opressões externas. Tanto é assim, que as preocupações goldmanianas quanto à natalidade são fundamentadas enquanto um fenômeno social que carece de atenção: a liberdade humana começa na própria autonomia decisória quanto à concepção de um ser. Segundo argumenta:

Sem amor, não deveria nascer nenhuma criança; sem amor, nenhuma verdadeira mulher pode se vincular a um homem. O temor de que o amor não seja elemento suficiente para salvaguardar as crianças está caduco. Creio que quando a mulher assinar sua própria emancipação, sua primeira declaração de independência consistirá em admirar e amar ao homem pelas qualidades de

²⁸⁰ “O amor, que é o fator mais poderoso das relações humanas, desde tempos imemoriais desafiou todas as leis feitas pelos humanos e rompeu todas as barreiras dos convencionalismos da Igreja e da moralidade. O matrimônio costuma ser simplesmente um acordo econômico, que assegura à mulher uma apólice de seguro.” In: GOLDMAN, Emma. “Em que acredito”. Nova Iorque, 1908, p. 191. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez.

²⁸¹ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 370.

seu coração e mente, e não pelas quantias existentes em sua carteira. A segunda declaração seria que ela tivesse o direito de seguir esse amor sem impedimentos nem obstáculos externos. A terceira, e a mais importante declaração, será o absoluto direito à livre maternidade.²⁸²

É, pois, essa luz sobre a naturalização de hábitos aparentemente familiares que Goldman lança. Para ela, do mesmo modo que o Estado e sua burocracia se interpunham autoritariamente entre as subjetividades, a instituição conjugal apartaria homem e mulher por meio do contrato. Ou seja, o Estado e a Igreja se beneficiam de uma estrutura de afetos trespassada por “superstições”, “costumes” e “hábitos”.

Aqui cabe um adendo: quando Goldman alude à necessidade de esboroar barreiras concernentes aos hábitos sociais naturalizados, sua fala remete a uma lógica já esboçada no século XVI por La Boétie: a obediência aos costumes engendrados pelos indivíduos já corresponde à servidão voluntária. Conforme ele já teria diagnosticado,

o costume, que sobre nós exerce um poder considerável, tem uma grande força de nos ensinar a servir e (tal como de Mitrídates se diz que aos poucos foi se habituando a beber veneno) a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor do veneno da servidão²⁸³

O conceito de amor, tendo-se como parâmetro o ideal de *individualidade humana*, só seria possível a partir da liberdade, o que implica uma união de vitalidades, singularidades, sem subsunção da vontade a quaisquer conveniências. É possível compreender o ideário de autonomia propugnado por Goldman a partir de um cotejo com a proposta de Edson Passetti em *A Ética dos Amigos*. Na referida obra, o autor resgata o ideário grego de amizade, destrinchando suas particularidades éticas e apontando para a lógica anticontratalista e anti-hierárquica das relações intersubjetivas. Abre-se, por conseguinte, uma via heteróclita na concepção dos afetos: a imprevisibilidade dos seres únicos é preservada em uma existência ao sabor das associações que podem ser efêmeras ou não. Ou seja, as idealizações cederiam espaço

²⁸² GOLDMAN, Emma. “Em que acredito”. Nova Iorque, 1908, p. 192. Tradução ao espanhol disponível na coletânea *La Palabra como arma*.

²⁸³ BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso sobre a servidão voluntária*, p.8. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-discurso-da-servidao-voluntaria-etienne-de-la-boetie-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 08 de julho de 2019, p. 15.

a associações voluntárias pautadas pelas vontades subjetivas e não por parâmetros acordados previamente.

No limiar matizado entre um prisma prosaico/imediatista como o de Stirner, segundo o qual o amor é uma exigência essencialmente religiosa, e o universalismo ocidental que empunha a bandeira do sentimento filantropo como dever moral, Emma Goldman inscreve os afetos em uma linguagem natural que desautoriza as instituições e surge da espontaneidade da subjetividade que se desvela primeiramente a si mesma para, por conseguinte, se associar às outras.

A parrhesía de Nora: verdade individual como potencial social

Emma Goldman considerou o exemplo de Nora como o de uma “personalidade regenerada”²⁸⁴, condição primeira para pavimentar um caminho anarquista. Cabe, pois, perscrutar como a militante encontra no esfacelamento da estrutura familiar patriarcal uma das chaves para a expressão da *individualidade humana*. A esta altura, resgatar a premissa stirneriana do *egoísta* contribui para compreender como a peça de Ibsen era empregada por Goldman como exemplo pela própria existência, dinamite em forma de autoconhecimento para explicar a importância de uma “revolução da alma humana”.²⁸⁵

Quando tangencia as relações sociais na obra *O Único e sua propriedade*, Max Stirner tem como escopo dinamitar as artificialidades culturais que conformaram a humanidade, defendendo o desvelamento dos fantasmas e propondo uma causa fundada sobre o nada: um materialismo radical e sensual do “eu” como única realidade possível.

Emma Goldman vê em Nora uma personagem que se redime ao transitar da condição de esposa cegamente devotada, idólatra de seu marido, a uma mulher insubmissa, que rejeita as idealizações morais que envernizam o núcleo familiar, este último corrompido já em sua estrutura basilar. Nesse sentido, a anarquista e o filósofo partilham essa preocupação com a alienação e resgate do “eu”.

²⁸⁴ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 108.

²⁸⁵ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p. 448.

Todavia, o pensamento goldmaniano trata das reverberações sociopolíticas do ato de não se autoabnegar. Ou seja, quando Nora resgatasse seu “eu”, seu *cuidado de si*, ela poderia voltar a pensar nos outros, advindo daí sua fala dirigida a Torvald Helmer: “como sou agora, não posso ser tua mulher”²⁸⁶. A assunção, pela protagonista, do descolamento subjetivo dos modelos e da perene autoconstrução de si incitaria o próprio público a desengessar o olhar. Sem o estabelecimento de um desfecho conclusivo, a peça afirma a transitoriedade da subjetividade egoísta.

Para Tereza Menezes, especialista no teatro ibseniano:

Em *Casa de Bonecas* é tão inevitável quanto inútil a pergunta: afinal Nora, a boneca que abandona o lar, é uma esposa extremosa, por ter se arriscado para salvar a vida do marido, ou uma leviana que falsifica assinaturas de forma inescrupulosa? Estas perguntas ficam sem resposta, porque os personagens são maiores do que qualquer conceituação. Ibsen não busca um julgamento moral, suas indagações referem-se à possibilidade (ou impossibilidade) de um indivíduo construir seu próprio destino.²⁸⁷

O imponderável enquanto elemento cênico – característica fulcral das peças de Ibsen – assume um caráter anarquista no viés de Emma Goldman, haja vista que romper com a fixidez da categoria de indivíduo implica desautorizar as mediações que se interpõem entre este e a humanidade. Assim, para a anarquista as *ficções teatrais* se destinam a desconstruir *ficções sacralizadas* ao longo da História por meio das normativas moralizantes.

A moralidade é a essência desmascarada em *Casa de Bonecas*, segundo aponta a anarquista. Em sua visão: “na peça, a justificativa da união entre Nora e Helmer repousa na concepção do marido de integridade e adesão rígida à nossa moralidade social.”²⁸⁸ Emma Goldman expressava a mesma percepção stirneriana da coerção moral como algo mais insidioso do que a repressão organizada pelo Estado. A internalização da vigilância tornaria o corpo prisioneiro da alma segundo as categorias que controlam os afetos intersubjetivos.

²⁸⁶ IBSEN, Henrik. *Casa de Bonecas*. Disponível em: <https://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewdownload/5-pecas-diversas/457-casa-de-bonecas> Acesso em: 15 de abril de 2020, p. 59.

²⁸⁷ MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 71.

²⁸⁸ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 108. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 04 de março de 2022.

Entretanto, cabe resgatar a dissonância entre o pensamento goldmaniano e de Max Stirner no que tange ao meio de combate desta opressão moral. Para Emma Goldman, a arte é uma das únicas mediações factíveis para incitar à reconciliação da individualidade originalmente cindida entre “eu” e modelo de individualismo imposto socialmente. A eliminação dessa cisão segundo o pensamento stirneriano, por outro lado, só seria facultada a partir de uma insurreição que nega a arte, a esfera social e todos os elementos externos à materialidade sensual do eu-proprietário de si mesmo. Em outras palavras: o discurso goldmaniano entrevê emancipação individual e social como faces da mesma fita de Möbius. Esboroar os pilares morais dentro da consciência subjetiva equivaleria, nesse sentido, a vislumbrar a construção de novas relações afetivas.

Afetos em cena: a *individualidade humana* na tessitura de *Casa de bonecas*

O feminismo sem adjetivos de Emma Goldman é patente na contestação do modelo de feminilidade que engendra e mantém a submissão no núcleo patriarcal e na esfera social. A questão estrutural, para ela, não está ancorada na conquista de direitos institucionais pelas mulheres. Ela denuncia a subsunção da humanidade a uma essencialização do *casamento*. O endeusamento praticado por Nora em relação ao marido e a inferiorização da mulher perpetrada por Helmer seriam desdobramentos sociais da sacralização de ficções discursivas.

Pode-se compreender mais acuradamente, doravante, como a concepção universal de “humanidade”, para Goldman, não está ancorada na massificação ou em um ideal iluminista intacto, mas em um pensamento e vontade autônomos que, sendo inerentes às individualidades, não responderiam ao dever internalizado pelo sujeito. Entender a ideia de *individualidade humana* como algo enraizado no patamar dos afetos e psicologia da subjetividade equivale a compreender o porquê de Goldman depositar no teatro expectativas de disseminação de um pensamento radical. A linguagem artística, para ela, poderia intermediar a comunicação da individualidade com seu próprio âmago, resgatando suas ligações com a natureza.

Analogamente ao modo como o desvelamento das aparências empreendido por Nora foi um processo que ocorreu na inter-relação com o agiota e sua ameaça de desmoralização do marido, o papel do teatro seria o de *aletheia*²⁸⁹. Os jogos da verdade seriam crivados pelo

²⁸⁹ *Aletheia* é um conceito grego, muito mencionado por Michel Foucault, que significa a manifestação da verdade. *A-létheia* significaria o que não se esconde, o que não é dissimulado, o que é completamente visível. In: FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

reconhecimento de si como individualidade desejante e descolada da transcendência institucional.²⁹⁰

Como mostra Foucault, a coragem de afirmar a verdade ocorre no espaço público, tal qual o exercício socrático de interpelação dos outros.²⁹¹ Logo, o movimento de singularização stirneriano não seria suficiente. Nora, quando sai de casa, vai buscar a autoafirmação interna, mas antes rompe com a idolatria por meio de uma discussão com o marido, alçando sua voz e marcando seu movimento de subjetivação ao afirmar, pela alteridade, que este último seria um “estranho”. Desobrigando-a e, por conseguinte, desobrigando-o às convenções matrimoniais, ocorre, pois, um processo mútuo de rompimento da aliança forjada em prol das aparências.

Conceber a individualidade como única medida da transformação social é uma insígnia do pensamento político de Emma Goldman, um pensamento que não se apropria de um conceitual determinista/materialista social. Reestruturar os afetos intersubjetivos constitui o elemento basilar para a consolidação do anarquismo, de modo que a crítica goldmaniana ao marxismo sublinha justamente a “imaginação” e “aspirações” da individualidade como elementos obliterados pela leitura enviesada da obra de Karl Marx. Segundo sua objeção:

A discrepância virá, naturalmente, do objetor marxista que é mais marxista que o próprio Marx. Para eles, o ser humano é um mero fantoche nas mãos daquele metafísico onipotente chamado determinismo econômico ou, mais vulgarmente, a luta de classes. A vontade humana, individual ou coletiva, sua vida orientação psíquica e mental, não conta em nada para o nosso marxista e não afeta sua concepção de história. Nenhum estudioso inteligente pode negar a importância dos fatores econômicos no crescimento social e desenvolvimento da humanidade. Mas apenas um dogmatismo estreito e deliberado pode persistir em manter nublado o importante papel desempenhado por uma ideia concebida pela imaginação e aspirações do indivíduo.²⁹²

²⁹⁰ A genealogia de Foucault dessacraliza a normalidade ao questionar as estratégias de verificação. Segundo ele: “Em quais jogos de verdade o homem tem condições de pensar seu próprio ser, quando se percebe como louco, doente, ou como ser vivo, falante e laborioso? E através de que jogos de verdade ele deve se reconhecer como homem de desejo?” FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p.11.

²⁹¹ Para Michel Foucault, a verdade é uma perene luta, isto é, uma força imanente crivada por relações de poder. Isso o distancia totalmente do prisma cartesiano de conhecimento.

²⁹² GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, Sociedade e Estado”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 45.

É relevante atentar para a passagem supracitada, na medida em que se aventa a hipótese de que o teatro, ao dar vazão às paixões subjetivas, seria uma ferramenta indispensável na resistência goldmaniana às “superstições” estruturantes da sociedade. Isso explica, em parte, a reiteração da ideia de “indivíduo regenerado” nos ensaios da anarquista sobre o drama social moderno. Em franco contraste com o que Emma Goldman denominaria a “maioria compacta”, a subjetividade antimoderna – que se interpõe à racionalização e consequente delegação de suas decisões humanas – teria um protagonismo cênico que contribui para o combate aos ditames insidiosos das narrativas hegemônicas.

Como se observou anteriormente, por acreditar que a individualidade não estaria fadada a cumprir um destino histórico, a anarquista confere relevo à capacidade de autodeterminação desta. A regeneração da personalidade enfrentaria óbices sociais, e não naturais. O natural, para Goldman, seria o não sufocamento dos afetos. Como indica Janet Day, “ausentes as condições necessárias para o saudável desenvolvimento da *self*, atitude e comportamento individuais refletem a perversão da natureza humana produzida pela supressão dos instintos naturais”.²⁹³ Logo, o cenário social pode contribuir tanto para o embotamento e corrupção das vontades individuais quanto para a regeneração da subjetividade através do incentivo à realização de suas aspirações criativas. O vácuo stirneriano do eu-proprietário, egoísta, representaria apenas uma primeira etapa de um árduo exercício de reencontro consigo mesmo.

Não por acaso, portanto, as personagens ibsenianas são marcadas por uma trajetória de solitude. Em *Casa de Bonecas*, como Emma Goldman fez questão de ressaltar, Nora abandona o núcleo familiar sem saber no que acredita, sem saber quem ela é e até mesmo no que iria fazer dali em diante. O devir que marca a peça representaria, para a anarquista, o primeiro despertar da letargia provocada pela alienação de si. O elo com a coletividade, doravante, poderia ocorrer sem o estabelecimento de liames morais, imposição do dever e mentira social. Uma fala emblemática da protagonista torna nítido tal conceito de reencontro da própria singularidade:

Eu realmente não sei. Estou perplexa diante de tudo. Só sei que você e eu encaramos o problema [do que seja ter uma consciência moral] de maneiras diferentes. Eu aprendi também que as leis são muito diferentes do que eu pensava, mas não consigo convencer-me de que as leis sejam justas. De acordo com elas, uma mulher não tem o direito de poupar seu pai agonizante, nem de salvar a vida do marido. Não consigo acreditar nisso. [...] Não tenho ideia do

²⁹³ DAY, Janet. “The ‘individual’ in Goldman’s Anarchist Theory”. In: KESSINGER, Loretta; WEISS, Penny A. *Feminist interpretations of Emma Goldman*. Penn State Press, Nov. 1, 2010, p. 113.

que vai acontecer comigo. [...] Eu preciso ficar sozinha se quiser compreender a mim mesma e, se possível, todo o resto.²⁹⁴

O perene processo de regenerar-se se contrapõe, pois, a uma condição estática das leis externas impostas à individualidade. Enquanto Stirner reivindicaria que: “a mim cabe-me decidir o que é para mim o direito. Fora de mim não existe nenhum direito”²⁹⁵, Emma Goldman concebe que esta autonomia apresentava um cariz psicológico inescapável. Esse elemento da psicologia humana representa, para a anarquista, o elo entre individualidade e humanidade. Ou seja, a singularidade da individualidade se revela porosa ao afeto das relações sociais, sendo em alguma parcela obstada ou facultada pelo contexto, de modo que alcançar a autonomia individual não configura um processo tão simples quanto o referido pelo pensamento stirneriano.

No ensaio “A Psicologia da violência política” (1917), a anarquista defende a ideia de que a personalidade das subjetividades seria influenciada diretamente pelas iniquidades sociais. Se os desejos elementares das individualidades fossem tolhidos, os atos de violência social poderiam ser explicados como corolário de tal repressão às condições básicas de existência. Assim, a anarquista endossa o *ser em processo* como um movimento de mão dupla: a organização social só existiria a partir de individualidades autoconscientes. Todavia, isso não seria viável sem condições contextuais que propiciassem a regeneração da subjetividade.

É justamente na interconexão dessa fita de Möbius *individualidade/humanidade* que se situa o teatro ibseniano. A narrativa cênica se torna ferramenta do reconhecimento de si como fio entremeadado em um tecido coletivo. Não por acaso, Emma Goldman enuncia seu objetivo com a divulgação das narrativas dramáticas: “queremos educar as massas até o ponto em que elas próprias saberão o que significa o autogoverno individual.”²⁹⁶

A autonomia subjetiva está vinculada a uma reestruturação social dos afetos, uma vez que os elementos de coesão do medo e da violência influenciariam na formação de subjetividades que delegam todo seu potencial a soberanos fictícios. O processo de resgate dos instintos individuais, porém, implica uma antipedagogia que contesta os discursos versados em verdades civilizatórias, patrióticas e mercadológicas²⁹⁷.

²⁹⁴ IBSEN, Henrik. “Casa de Bonecas”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 299.

²⁹⁵ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 207.

²⁹⁶ *Apud* HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p. 234.

²⁹⁷ Como afirmam Acácio Augusto e Edson Passetti, “A educação dos anarquistas não caminha em linha reta; provoca a descoberta de outros percursos, atiza coexistências, inova, gera outros fluxos e outras possibilidades, que levam ao combate direto na fronteira entre a derradeira reforma da sociedade e a *morte*”

A leitura goldmaniana (e humana) de *Um Inimigo do Povo*

Se Nora foi lida como “a inimiga do povo”, comprovadamente isso também teria ocorrido com Emma Goldman. Em suas turnês de divulgação e leitura crítica da peça ibseniana, a perseguição era incessante. Respondendo aos ataques à liberdade de expressão que deflagraram uma guerra civil em San Diego em 1912, a anarquista escolheu o texto de Henrik Ibsen como tópico para sua palestra. A provocação direta à repressão perpetrada em conjunção pela polícia, imprensa e censores lhe renderia não só o ápodo de “inimiga” como também o arriscar de sua própria vida.

Para compreender a defesa entusiasta de Goldman em relação à peça ibseniana *Um Inimigo do Povo* (1882), se faz necessário levar em conta a premissa da psicologia individual transgressora enquanto possível detonadora de uma consciência social antilegalista, antipatriótica e inspirada em uma ética da vontade. Subvertendo os postulados de uma pedagogia verticalizada, que persuade as pessoas de forma doutrinária, o texto teatral é alçado como narrativa que incita ao autoconhecimento. Antipedagógica, a trama dramática ensina pela própria vida. Uma vida que não diz algo enquanto espelho do indivíduo, mas como provocação que põe a si mesma e as outras pessoas à prova.

Em sua autobiografia, Emma Goldman relata que considerava Henry Thoreau (1817-1852) o precursor do anarquismo nos Estados Unidos. Precisamente, portanto, encontram-se alusões à ideia de “desobediência civil” que dialogam diretamente com a concepção goldmaniana de Estado como usurpador dos direitos da individualidade e incitador da própria violência social. No âmbito do ensaio “Anarquismo: o que realmente significa”, a militante elenca uma citação de Thoreau que elucidaria a perspectiva desta sobre iniquidade social como fonte da corrupção do ser humano: “A lei nunca fez os homens sequer um pouco mais justos; e o respeito reverente pela lei tem levado até mesmo os bem-intencionados a agir quotidianamente como mensageiros da injustiça.”²⁹⁸

Na medida em que se entende a propaganda anarquista de Emma Goldman pela via de um fazer artístico que não é por si militante/panfletário, mas sensível aos dilemas sociais e revestido de interpretações cáusticas consoantes com o contexto histórico, abre-se uma janela

da sociedade”. Cf. AUGUSTO, Acácio; PASSETTI, Edson. “Educação e anarquia: abolir a escola”, p.15.

²⁹⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 24.

para o entendimento do grau de relevância atribuído por Goldman à peça ibseniana *Um Inimigo do Povo* (1882). Após a fala conturbada sobre a trama ibseniana, seu companheiro Ben Reitman sofreria um atentado justamente em represália a esse discurso. Assim, se torna sintomático que a revolta subjetiva e a desobediência individual ocupem a dianteira da agência anarquista propugnada pelo pensamento goldmaniano. Na medida em que o aparente consenso da legalidade se volta contra a própria pessoa que delega seus poderes às representações, o gesto de revoltar-se ficaria legitimado perante o prisma anarquista de Goldman.

Um Inimigo do Povo é discutida por Emma Goldman como o endosso do argumento de que a ação individual (pacífica ou violenta) é o contraponto de decisões injustas de uma maioria massificada. Todavia, no cerne da trama também estaria o embrião de uma reestruturação social: a atitude disruptiva do protagonista, Dr. Stockmann, incita a militante a entrever uma possível reconstrução de laços intersubjetivos a partir de uma espécie de martírio em prol de uma verdade que emerge da dissensão.

O enredo da peça pode ser sintetizado a partir do seguinte desencadeamento factual: Dr. Stockmann é um médico de uma província balneária cuja principal fonte de renda é o turismo por conta das conhecidas águas terapêuticas. O estopim do drama ocorre quando o protagonista, ao descobrir que o balneário está contaminado, denuncia sozinho a condição insalubre das águas não obstante o prejuízo econômico que isso acarretaria para a comunidade. Ao se insurgir contra o próprio irmão e prefeito da cidade, Dr. Stockmann acaba atraindo a inimizade social, antepondo-se aos interesses econômicos da cidade.

Antagonista e berço da corrupção das próprias subjetividades, a província de *Um Inimigo do Povo* sintetizaria as fantasmagorias desconstruídas por Emma Goldman em sua leitura do filósofo Max Stirner. Como se observará adiante, o ensejo aberto pelo antagonismo *indivíduo/sociedade* mobiliza a atenção de Goldman, e esta acaba por conceber uma dialética possível entre a insurgência microscópica e a associação voluntária de *individualidades humanas*.

Verdade individual e dever social: uma conciliação possível?

Em suas considerações sobre a peça *Um Inimigo do Povo*, Emma Goldman enuncia sua concepção de anarquismo em um libelo contra a massificação política. Segundo seu discurso:

apenas os covardes permitem que "considerações" de pretensão bem-estar geral ou de partido anulem a verdade e os ideais. Os programas do partido torcem os pescoços de todas as verdades jovens e vivas; e considerações de conveniência tornam a moralidade e a retidão de cabeça para baixo, até que a vida seja simplesmente hedionda.²⁹⁹

Dr. Stockmann, em seu alheamento político, é lido pela anarquista como bastião de uma ação antidogmática que se coadunaria com a afirmação da verdade subjetiva indelegável. Mas até que ponto essa “verdade” teria um compromisso social?

O aparente aristocratismo em que desemboca a peça de Ibsen, sobretudo a partir da emblemática fala do protagonista: “todos os homens que vivem de mentiras devem ser exterminados como vermes”,³⁰⁰ incita a um curioso cotejo com o conto “O banqueiro anarquista” (1922), de Fernando Pessoa³⁰¹. No bojo deste enredo, cujo título já constitui um oxímoro, o protagonista se assemelha ao eu-proprietário do pensamento stirneriano ao defender sua autodeterminação em detrimento de quaisquer interesses coletivos, aludidos como “ficções” sociais. Contudo, o substrato do pensamento expresso na trama redonda em um individualismo meritocrático que postula: “se um homem nasceu para escravo, a liberdade, sendo contrária à sua índole, será para ele uma tirania”.³⁰² Ao naturalizar a iniciativa individual da acumulação como potencial capaz de conduzir somente alguns sujeitos a uma libertação, o conto destoa abissalmente da perspectiva propalada por Emma Goldman.

Como se discutiu anteriormente, a aspiração à liberdade não seria predicado de algumas poucas subjetividades, mas uma tendência *humana* no viés goldmaniano. Tal tendência somente poderia ser lapidada, porém, a partir do combate ao pensamento modelar. Ao defender uma contraconduta, o/a mártir adquire uma espécie de missão social: desmascarar as fantasmagorias aceitas como essências humanas.

O posicionamento parresíasta do protagonista da peça ibseniana seria destacado pela anarquista em virtude, sobretudo, de sua ação no sentido de desvelar a verdade acerca das águas contaminadas. Segundo a resenha que a anarquista faz sobre a peça em *O Significado Social do*

²⁹⁹ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 109.

³⁰⁰ IBSEN, Henrik. “O Inimigo do povo”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 91.

³⁰¹ No conto de Pessoa, o banqueiro se arroga uma pretensa superioridade em relação à massa. Ele defende ao amigo a ideia de que é anarquista na teoria e na prática, uma vez que não se prende a conceitos de coletividade, mas empreende sua ação individual em prol do próprio prazer. A narrativa mostra o contorcionismo mental do protagonista para sustentar a liberdade como corolário da acumulação capitalista.

³⁰² PESSOA, Fernando. *O Banqueiro Anarquista*. FV editions, 2015.

Drama Moderno: “Thomas Stockmann é um médico consciencioso. Ele ama sua cidade natal, mas ele ama mais seus semelhantes. Ele considera seu dever comunicar sua descoberta à mais alta autoridade da cidade: o governador e seu irmão Peter Stockmann”.³⁰³

Nessa denúncia, para Emma Goldman, está subjacente um engajamento de fundo coletivo. Erigir uma sociedade sobre pilares farsescos, comprometidos com a fantasia lucrativa de uma província balneária atraente para turistas, seria condená-la à degeneração³⁰⁴. Como será possível vislumbrar, uma individualidade sem ética seria condenável na perspectiva da anarquista. Esse *ethos*, que deveria desconstruir as falácias morais, alimentaria o próprio tecido da humanidade.

Assim, se o banqueiro anarquista construído por Pessoa acaba por endossar a já arcaica estrutura do empresário de si mesmo, a personagem de Ibsen vislumbraria, pelas lentes de Emma Goldman, sua iniciativa individual como algo que iria justamente na contracorrente dos interesses mantenedores do lucro e da imagem social construída pelos interesses provincianos. O pragmatismo do banqueiro destoa do papel teatral iconoclasta que a anarquista entrevê em Dr. Stockmann. Para ela:

O Dr. Stockmann é de fato um idealista; além disso, ele saberia que o homem é muitas vezes perdido no funcionário. *Peter Stockmann* [o governador] é também o presidente do conselho de administração e um dos maiores acionistas dos balneários. Razão suficiente para censurar seu imprudente irmão médico como um homem perigoso.³⁰⁵

O excerto da peça que Goldman transcreve também contribui para corroborar a ideia do protagonista como um dissidente que se rebela contra as convenções institucionalizadas e, além disso, se opõe a uma imprensa enviesada e a uma burocracia pautada pela lógica governamental da segurança. Enfatizando a fala conservadora do governador da província, ela reafirma a individualidade em contraposição à massa:

³⁰³ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p. 17. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

³⁰⁴ Emma Goldman emprega frequentemente esse termo, alinhando-se ao contexto de fervilhar das teorias científicas.

³⁰⁵ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.17. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

De qualquer forma, [Stockmann] você tem uma propensão enraizada para seguir seu próprio caminho. E isso, em uma comunidade bem ordenada, é muito perigoso. O indivíduo deve submeter-se a toda a comunidade ou, para falar mais corretamente, curvar-se à autoridade que cuida do bem-estar de todos.³⁰⁶

A civilização moderna decadente, conceito propugnado por Goldman, é aquela que silencia vozes dissonantes, sufocando individualidades afinadas a uma visão contra-hegemônica. E isso coloca suas vidas em perigo. Logo, a crítica goldmaniana à massificação surge revestida de um escopo coletivo, haja vista que a “covardia” de não cultivar um pensamento independente conduziria à falência do próprio tecido social. Segundo sua perspectiva, sem adventos de criatividade individual não haveria mudança histórica possível. Assim, ela justifica seu apreço pelas minorias em detrimento das maiorias:

Não porque eu não sinta como os oprimidos, como os deserdados da terra; não porque não saiba a vergonha, o horror, a indignidade da vida levada pelo povo, que eu repudio a maioria como força criativa. Oh, não, não! Mas porque eu sei que a massa compacta nunca lutou por justiça e igualdade. Ela suprimiu a voz dos homens, subjuguou o espírito humano, acorrentou o corpo humano. Como massa, seu objetivo foi sempre uma vida mais uniforme, cinzenta e monótona, como o deserto. Como massa, será sempre o exterminador da individualidade, da livre iniciativa, da originalidade.³⁰⁷

O ponto da crítica goldmaniana e da admiração pela peça de Ibsen consiste na clivagem entre dever social e preocupação com a harmonia nas relações indivíduo/tecido social. Para a anarquista, as regras determinadas para a manutenção de um ideal provinciano/patriótico/governamental deveriam ser minadas, uma vez que “a individualidade é a verdadeira realidade da vida, um universo em si. Ela não existe em função do Estado, ou dessa abstração denominada ‘sociedade’ ou ‘nação’, que não é senão um ajuntamento de indivíduos”³⁰⁸. Ou seja, as funções sociais prescritas absorveriam e anulariam as capacidades

³⁰⁶ *Idem, Ibidem.*

³⁰⁷ GOLDMAN, Emma. “Minorias versus maiorias” (1911). Disponível em: *Revista Verve*, nº 13, 2008, pp. 123-133. São Paulo: PUC-SP, p. 131.

³⁰⁸ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 31.

individuais. Todavia, como as subjetividades não existem em um vácuo, o anarquismo e as relações intersubjetivas libertárias por ele propiciadas podem incitar ao desenvolvimento pleno das singularidades.

Emma Goldman sublinha um excerto da peça que sintetiza de forma certa a massificação política como sufocadora do potencial individual:

Dr. Stockmann . A fonte está envenenada, cara! Você está louco? Vivemos um tráfico de sujeira e lixo. Toda a nossa vida social em desenvolvimento está enraizada em uma mentira!

Governador . Fantasias ociosas - ou algo pior. O homem que faz tais insinuações ofensivas contra o seu próprio lugar nativo deve ser um inimigo da sociedade.

Dr. Stockmann . E devo suportar tal tratamento?! Na minha própria casa. Katrine! O que você acha disso?

Sra . Stockmann . De fato, é uma vergonha e um insulto, Thomas - Mas, afinal de contas, seu irmão tem o poder.

Dr. Stockmann . Sim, mas tenho o direito!

Sra . Stockmann . Ah, sim, certo! Qual é a vantagem de estar certo quando você não tem nenhum poder?³⁰⁹

A passagem supracitada dialoga com a ideia de trazer em primeiro plano a figura de um parresiasta, isto é, de um protagonista que se aferra ao gesto da coragem da verdade. Isso, no prisma de Emma Goldman, torna a peça um libelo em prol da ruptura com as “superstições” institucionalizadas. Em um breve paralelo com a teoria foucaultiana, trata-se de um processo de “desaprendizado” dos conceitos governamentais e da enunciação de verdades que desmantelam a *verdade* iluminista, cartesiana e racionalista.³¹⁰ Tal posicionamento exigiria uma ética da coragem.

Para a anarquista, a individualidade tem sua erupção no momento em que o saber racional, autorizado, é solapado pela potência subjetiva. A figura de Dr. Stockmann se volta contra um modelo de humanidade calcado na legitimidade do saber governamental, no poder que suplanta a verdade subjetiva, e na educação a serviço da hierarquia social. No decorrer do

³⁰⁹ IBSEN, Henrik. “O Inimigo do povo”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 125.

³¹⁰ Ao resgatar os filósofos cínicos e o pensamento de Sêneca, Foucault argumenta que o exercício de girar em torno de si mesmo seria uma prática subjetiva que consistiria em uma reformulação crítica do próprio eu, que reveria seus hábitos adquiridos desde tenra infância. Cf. FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, p.87.

enredo de *Um Inimigo do Povo*, os tentáculos do Leviatã são expostos: o poder econômico, o patriotismo e a moral governamental sustentam a farsa do bem-estar social. Ao esboroamento da retórica governamental se sucederia a emergência da ética subjetiva. Emma Goldman sublinha a fala final da peça: “O ser humano mais forte do mundo é aquele que está mais sozinho”³¹¹, manifestando seu apreço pelas minorias. Em que pese o *individualismo* que poderia subjazer à interpretação goldmaniana, o escopo social entrevisto na *individualidade em devir* se torna pronunciado em sua interpretação da peça ibseniana. A peça passaria ao largo do solipsismo ao destacar uma consciência que se insurge em relação a verdades sociais soterradas.

Assim, a negação dos valores vigentes é vislumbrada por Goldman como forma de libertação social, uma vez que o protagonista não encerra a informação do atentado à saúde pública dentro de si, mas a divulga publicamente apesar das represálias subsequentes. Ao ser excluído como o transgressor, Dr. Stockmann começa a cogitar novas formas de relação intersubjetiva: não se evade da província e propõe uma educação dos filhos sem a mediação institucional. Para Ibsen e Goldman, o Estado é a maldição dos indivíduos. Contudo, na leitura goldmaniana da peça do dramaturgo norueguês, as individualidades humanas encerrariam em si um potencial de desenvolvimento para além de Estados e partidos. Diferentemente de Stirner, a anarquista opera uma clivagem entre duas espécies de consciência: consciência de si (a *alma*) e a consciência das relações com os outros.

Segundo Janet Day, Goldman identifica várias qualidades latentes universalmente carregadas pelas subjetividades: “as pessoas nasceriam com um primitivo senso de justiça e direitos, um original senso de julgamento, um amor pela liberdade, a ânsia pela autoexpressão e uma persistente qualidade de individualidade”.³¹² Subjacente à interpretação do antagonismo *direito à expressão individual da verdade / poderes institucionais*, Emma Goldman encontra a erosão de estruturas sociais arcaicas e um embrião de novas formas de associação. Destarte, a ação individual, microscópica, adquire uma continuidade orgânica com o foro coletivo, um potencial de reverberação que se imiscui no plano social. Max Baginski, companheiro da anarquista, aporta uma contribuição que talvez sintetize essa fita de Möbius. Conforme ele afirma:

Na verdade, muitas vezes se vê que um ser humano, aparentemente de natureza alegre, não conseguiu estabelecer uma relação duradoura com a

³¹¹ IBSEN, Henrik. “O Inimigo do povo”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008.

³¹² DAY, Janet. “The ‘individual’ in Goldman’s Anarchist Theory”. In KESSINGER, Loretta; WEISS, Penny A. *Feminist interpretations of Emma Goldman*. Penn State Press, Nov. 1, 2010, p. 110.

sociedade, levando uma vida interior muito trágica. Se ele encontrar a causa em suas próprias inclinações, e sofrer reprovações agonizantes disso, ele se torna um misantropo. Se, entretanto, ele se sente interiormente robusto e poderoso, vivendo verdadeiramente, se anseia por uma afirmação completa de um eu que está sendo prejudicado por seu entorno a cada passo, ele deve inevitavelmente se tornar um revolucionário. E, novamente, sua vida pode se tornar trágica na luta com nossas poderosas instituições e tradições, cujo peso de chumbo, aparentemente, não o deixará voar através do espaço a alturas cada vez maiores. Aparentemente, porque às vezes ocorre que um indivíduo sobe acima da média, e agita suas cores sobre as cabeças do rebanho comum.³¹³

O protagonista Dr. Stockmann seria lido por Goldman e Baginski como o epítome de uma luta trágica contra as amarras dos papéis familiares que supõem lealdade, contra uma imprensa manipulada por uma opinião pública massificada e contra uma política negacionista que ignora a saúde pública. Logo, ele estaria longe de ser um mero misantropo.

Micropolítica versus macropolítica em Ibsen? O diagnóstico goldmaniano

Emma Goldman destaca uma interpretação de *Um inimigo do Povo* que incita ao questionamento do quão nefasto ela consideraria o patriotismo para o desenvolvimento de uma *individualidade humana*. Conforme afirma: “Dr. Stockmann ama sua cidade natal, mas ama ainda mais seus concidadãos”.³¹⁴ Como imigrante – que inclusive seria deportada por conta da defesa da liberdade de expressão irrestrita³¹⁵ – a anarquista concebia o afeto transcendente do patriotismo enquanto um mito que visava à subsunção e neutralização das singularidades. A peça ibseniana, nesse sentido, corporificaria um fantasma: a obediência cega aos interesses da estância balneária simbolizaria as mediações que o teatro deveria dessacralizar. O prisma

³¹³ BAGINSKI, Max. “O Velho e o Novo Drama”. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page_36 Acesso em 01 de outubro de 2021.

³¹⁴ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.17. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

³¹⁵ Em 21 de dezembro de 1919, juntamente com outros duzentos e quarenta e oito prisioneiros políticos, Emma Goldman foi deportada dos Estados Unidos, país ao qual havia chegado com 16 anos de idade, em direção à Rússia. Suas conferências sobre antimilitarismo, controle de natalidade e defesa da liberdade de expressão representavam uma ameaça às autoridades norte-americanas. Ademais, após organizar, com Berkman, a Liga contra o alistamento militar, seus discursos vultosos começaram a ser entrevistados enquanto manifestação de conspiração. A lei contra a espionagem seria aprovada nessa época.

goldmaniano é o da busca por liames alternativos entre os sujeitos; liames que não sejam ancorados em um amparo que denote fixidez e esperanças transcendentais.

Ao defender a deserção de Dr. Stockmann, Goldman declara sua aversão a cimentos culturais forjados com o fito de engendrar uma massa obediente. Sua crítica ferina sublinha a obliteração não só das individualidades (entendidas como o autogoverno) quanto da humanidade (entrevista enquanto relações intersubjetivas). Conforme assevera:

O que é o patriotismo: o amor ao lugar onde se nasceu, o lugar das lembranças, esperanças, sonhos e brincadeiras da infância? Se isso fosse patriotismo, poucos americanos hoje poderiam se considerar patrióticos, porque o lugar dos jogos infantis se transformou em fábricas, moinhos e minas. (...) Leon Tolstói, o grande antipatriota de nossos tempos, define patriotismo como o princípio que justifica o treinamento de assassinos. Patriotismo (...) é a superstição artificialmente criada e mantida através de uma rede de mentiras e falsidades; uma superstição que rouba o autorrespeito e a dignidade e aumenta a arrogância e a vaidade (...) Patriotismo exige fidelidade à bandeira, o que significa obediência e prontidão para matar pai, mãe, irmão, irmã.³¹⁶

A crítica à macropolítica é expressa na peça a partir da delegação dos poderes subjetivos a uma instância decisória composta pela maioria dos cidadãos. Segundo uma das falas mais emblemáticas de Dr. Stockmann, “os chamados liberais são os mais perversos inimigos dos homens livres”.³¹⁷ Goldman subscreve a ideia de que os anteparos partidários arrefeceriam a própria luta política, de modo que delegar o poder individual a instâncias ideológicas abstratas significa aceder à servidão .

É possível compreender traços dessa micropolítica goldmaniana a partir do conceito de “potencialização da vida”, forjado por Suely Rolnik. O pensamento desta autora, de matriz guattariana, estabelece uma clivagem entre micropolítica e macropolítica nos seguintes termos:

Em última instância, há duas diferenças fundamentais entre as intenções dos combates micro e macropolítico. A primeira é que expressar em palavras e ações vivas os mundos que se anunciam (o que é próprio da micropolítica) é distinto de explicar a desestabilização que estes provocam; a experimentação

³¹⁶ GOLDMAN, Emma. “Patriotismo, uma ameaça para a liberdade.” In: *La Palabra como arma* (org.), p. 65.

³¹⁷ IBSEN, Henrik. “O Inimigo do povo”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 125.

ativa requer “implicação” nessa emergência e não uma “explicação” que nos proteja, nos aliviando ilusoriamente³¹⁸

Para Goldman, a ideologia liberal se ancora em explicações teleológicas, em símbolos massificados que, hipostasiados, tolheriam as iniciativas subjetivas. A *parrhesía* de Dr. Stockmann, todavia, representa a ação micropolítica, vaticinando não uma explicação amparadora, mas a iconoclastia possível em um mundo de unanimidades arrebanhadas e autossatisfeitas.

A militância que a anarquista extrai do enredo de *Um inimigo do Povo* é a do devir ainda embrionário, em gestação a partir da rebelião de uma individualidade. Não se projetaria um futuro utópico para a reconstrução dos pilares sociais. Entretanto, no limiar entre esferas micro e macro se encontram, em estado larvar, modos de existência que podem incitar a novas formas de associação entre as subjetividades.

O pensamento autêntico, visto como potencial humano encerrado em cada individualidade, daria vazão a experimentações que não foram neutralizadas pelos dogmas patrióticos e morais. No livro *O significado social do drama moderno*, Emma Goldman defende o teatro enquanto enunciador micropolítico: “há muito que se alimenta a lenda histórica de que é apenas a ‘multidão’ que produz revoluções, e não aqueles que empunham o pincel ou a caneta”.³¹⁹

O desencantamento da anarquista com o contexto subsequente à Revolução Russa (1917) é um dos indícios mais patentes de seu pensamento em prol de minorias de livres-pensadores que não endossam um programa que se pretende porta-voz da sociedade. Ademais, em sua própria crítica à democracia norte-americana estaria subjacente a premissa de um necessário sacrifício de si não por um ideal macroscópico imposto verticalmente, mas por uma verdade microscópica, socrática. Em seu discurso perante o tribunal que lhe deportaria, ela aduz:

Eu poderia lembrá-los de dois grandes Americanos, certamente não desconhecidos dos senhores jurados – Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. Quando Thoreau foi colocado na prisão por se recusar a pagar impostos, recebeu a visita de Emerson, que lhe perguntou: ‘David o que faz

³¹⁸ ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição*. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p.132.

³¹⁹ GOLDMAN, Emma. GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.5. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

você na cadeia? ’ E Thoreau respondeu: Ralph, o que você está fazendo aí fora, quando homens honestos estão na cadeia por seus ideais?³²⁰

A tal descolamento da macropolítica pela desobediência civil se coadunaria o posicionamento quase aristocrático de Dr. Stockmann, contestador não só das leis da cidade – como *Antígona*, de Sófocles – mas do próprio consenso que as suporta. Se o jornal local, na peça intitulado como *O mensageiro do povo*, se negou a divulgar os resultados da pesquisa sobre as águas contaminadas, a ação direta do médico ocorreria a partir de uma *parrhesía* expiatória³²¹. Necessária não só para o desfecho dramático, mas para a possibilidade de afirmar os torvelinhos da história e questionar sua essencialidade, a confrontação do protagonista seria lida como uma desobediência civil que provocaria um rearranjo das relações entre as individualidades.

Todas as retaliações recaem sobre o protagonista: ele se torna inimigo do próprio irmão, que governa a cidade, perde os clientes, sua filha é despedida do colégio em que leciona, sua casa é apedrejada, sua mulher não o compreende. Contudo, sua defesa da verdade não arrefece. Aí reside, para Emma Goldman, a potencialidade de uma espécie de micropolítica ou de rompimento com a própria lógica da política.

Segundo a tessitura argumentativa de Suely Rolnik, que incita ao cotejo com o prisma goldmaniano:

O que move os agentes da insurreição micropolítica é a vontade de perseverança da vida que, nos humanos, manifesta-se como impulso de “anunciar” mundos por vir, num processo de criação e experimentação que busca expressá-los. Performatizado em palavras e ações concretas portadoras da pulsação desses gérmenes de futuro, tal anúncio tende a “mobilizar outros inconscientes” por meio de “ressonâncias”, agregando novos aliados às insubordinações nessa esfera. Os novos aliados, por sua vez, tenderão a lançar-se em outros processos de experimentação, nos quais se performatizarão outros devires do mundo, imprevisíveis e distintos dos que os mobilizaram.³²²

A ação micropolítica, segundo essa interpretação, principia em uma forma de subjetividade radical, contingente, que experimenta e comunica uma insurreição inscrita no

³²⁰ Julgamento e discursos de Alexander Berkman e Emma Goldman em Nova Iorque, 1917. New York: *Mother Earth Publishing Association* [1917], p.56-66.

³²¹ O discurso pontiagudo de Dr. Stockmann é recebido com condenações morais de toda espécie. A população o elege como bode expiatório dos problemas locais.

³²² ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição*. São Paulo: N-1 Edições, p. 132, 2018, p. 131.

cotidiano. Essa estratégia de confrontar parâmetros tidos como explicações universalmente e atemporalmente válidas partiria de uma individualidade disposta a espriar a disrupção. Segundo uma das falas de *Um inimigo do Povo*:

Já disse que não tenho o menor interesse em gastar uma palavra sequer com a pequena multidão de reacionários e estreitos de espírito. [...] Penso é naqueles poucos, nos indivíduos entre nós que se dedicariam às novas verdades que vêm germinando. São eles, por assim dizer, os pioneiros que ocupam os postos avançados, tão avançados que a maioria sólida ainda nem começou a lá chegar...e é lá que eles estão a lutar por essas verdades que são tão frescas ainda na consciência do mundo para terem algum apoio da maioria.³²³

Não por acaso, verifica-se o destaque conferido por Goldman a uma série de protagonistas – que não se resumem a papéis fictícios como o de Dr. Stockmann – que ocupam um posicionamento na contracorrente do individualismo autômato e liberal.³²⁴ O gênio criativo, para a militante, não se encerra nele mesmo, mas engendra uma marola, uma reverberação microscópica que dá vazão à humanidade e pode afetar outras individualidades também propulsoras da história. Destarte, tais figuras passariam por uma espécie de expiação por parte da sociedade normativa. Segundo suas palavras:

Na arte, na ciência, na literatura e nos diversos aspectos da vida que se mantêm à margem de nossa existência cotidiana somos propensos a investigar, a experimentar e a inovar. Assim, tão grande é nossa reverência frente à autoridade que um irracional temor surge entre a maioria das pessoas quando lhe sugerem que experimentem.³²⁵

³²³ IBSEN, Henrik. “O Inimigo do povo”. In: *Peças Escolhidas 3*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 93.

³²⁴ Francisco Ferrer seria uma destas figuras destacadas por Emma Goldman como agente de uma transformação coletiva por meio de uma intervenção microscópica. Enquanto um dos fundadores da Escola Moderna, o educador teria defendido a razão contra as superstições religiosas que atravessavam a matriz educacional espanhola. A pedagogia libertária por ele defendida preconizava a vontade dos indivíduos como elemento principal de uma educação antinormativa e antidogmática. Tendo sido executado pelo Estado em 1909, se tornou símbolo de uma insurgência através do livre saber.

³²⁵ GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena? ” Publicado originalmente em *Harper’s Monthly Magazine*, Vol. CLXX, dezembro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living>. P. 114 Traduzido pela *Revista Verve* nº 35, pp. 113-129, 2019.

Se o ideal político-partidário personificado pela maioria é considerado caduco por Emma Goldman, residiria na experimentação o potencial heterotópico da construção de outras relações intersubjetivas. Enquanto um modelo macropolítico defende que a essência humana e abstrata prospere, a micropolítica tem o papel, justamente, de libertar o indivíduo dessa essência. Faceando esse movimento de contraconduta como um processo, a autora encontra em *Um inimigo do Povo* a personificação de uma subjetividade indelegável, que não abre mão de sua convicção em prol de uma macronarrativa como a do bem-estar de um balneário que, em sua estrutura, estaria fadado à degradação. Conforme advoga a respeito de Ibsen: “A batalha pela liberdade, como muito bem indicou Ibsen, é a luta *por*, e não só *para*, alcançar a liberdade que libere o mais poderoso, fundamental e destacável do caráter humano.”³²⁶

Ao conceber uma espécie de transvaloração de valores potencialmente enredada em *Um Inimigo do Povo*, Emma Goldman expressa um posicionamento entusiasta a respeito do papel do teatro como meio e fim revolucionário: “o propósito do drama moderno é despertar a consciência da pessoa oprimida.”³²⁷ A imprevisibilidade humana que move o enredo dialogaria com o ser-em-processo defendido pela anarquista. Assim como Nora questionou as verdades sociais e se evadiu para retomar o autogoverno de si, Dr. Stockmann abandona as mediações sociais nas quais anteriormente ele se fiava. São as reticências ibsenianas que Emma Goldman vislumbra como defesa da humanidade. Ao colocar em xeque as mediações antinaturais entre as individualidades, as peças desvelam o próprio devir histórico, elemento tão caro à anarquista que ela sentencia: “todo tolo, do rei aos policiais, do pároco de cabeça chata ao tagarela cego da ciência, presume falar com autoridade da natureza humana. Quanto maior o charlatão mental, mais definida é sua insistência na maldade e fraqueza da natureza humana.”³²⁸

Ao questionar os modelos previamente atribuídos às subjetividades, as pessoas corajosas passariam a enfrentar as alienações de si mesmas, acessando uma esfera psíquica, engendrando um discurso outro sobre seu papel na coletividade. O eu imanente constitui a plataforma de luta goldmaniana. *Um inimigo do Povo* estetiza esse rechaço das abstrações e o reencontro consigo mesmo ao colocar em xeque categorias universais, racionais e morais. É tal desencantamento que faculta o reconhecimento da humanidade, com todas as suas contradições e singularidades nela subjacentes.

³²⁶ In: GOLDMAN, Emma. “Em que acredito”. Nova Iorque, 1908, p. 191. Tradução ao espanhol in *La Palabra como arma*, p. 183.

³²⁷ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 105.

³²⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p.27-28.

Para esse enfrentamento, no entanto, seria necessária uma imprensa alinhada com a coragem. Um dos trechos da peça sublinhados por Emma Goldman é a declaração de um editor comprometido com as aparências e a reputação política. A anarquista não se furta a criticar a transformação de intelectuais em uma massa amorfa, grifando a necessidade de desmascarar a hipocrisia de periódicos pretensamente isentos e neutros. Afinal, sua própria época foi atravessada por leis anti-anarquistas e por uma virulenta censura a reboque do assassinato do presidente estadunidense William McKinley pelo anarquista Czolgosz em 1901. Segundo ela diagnostica no texto teatral, espelhando a própria realidade por ela vivida: “os editores do selo de Hovstad raramente se atrevem a expressar suas opiniões reais. Eles não podem se dar ao luxo de “assustar” seus leitores. Geralmente cedem à opinião pública mais ignorante e vulgar; não se opõem à autoridade”³²⁹.

Quem seria, então, o “inimigo do povo”? A individualidade que desafia os vernizes sociais e atenta à ciência e à saúde pública ou o governador da cidade, que se dobra a interesses macropolíticos alinhados a um dever cidadão de apaziguar as insatisfações? Como se observará mais adiante, no ensaio “Proletários intelectuais”, Goldman defende que os discursos entrem em diapasão com os verdadeiros anelos das pessoas trabalhadoras.

Assim, a dinamite do fazer teatral não só destruiria velhas estruturas e diagnosticaria os gestos de individualidades que podem imprimir inflexões mais amplas como também é arauto de um porvir alternativo. Efetivamente, a cultura libertária em que o pensamento-ação goldmaniano se inscreve previa uma reação às leis excludentes não somente pelas ações, mas pelas palavras. Nessa senda, Emma Goldman aduz:

os efeitos destrutivos do teatro ibseniano são ao mesmo tempo construtivos, pois não meramente minam os pilares existentes; eles constroem uma fundação de um futuro ideal, mais saudável, baseado na soberania do indivíduo dentro de um ambiente social empático.³³⁰

³²⁹ GOLDMAN, Emma. GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). In: *The Anarchist Library*, p. 18.

³³⁰ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”. In: *Anarchism and other essays*, p. 109.

A leitura goldmaniana das peças de Ibsen: uma visão laudatória?

Para Goldman, a dramaturgia de Ibsen,

sem sua gloriosa rebelião contra toda instituição autoritária, contra toda mentira social e moral, contra todo vestígio de servidão, seria inconcebível; sua arte perderia o significado humano, do mesmo modo que faltaria seu amor à verdade e à liberdade.³³¹

Se uma parcela de estudiosos da obra ibseniana concebia sua obra enquanto ode a um individualismo de cunho aristocrático, Emma Goldman extraiu das peças do autor norueguês uma mensagem engajada explícita: os textos anunciavam a irredutibilidade das subjetividades aos condicionantes sociais e a possível criação de liames intersubjetivos. Isso não implica, na perspectiva da anarquista, um coletivismo artificial que sub-repticiamente reeditaria a dominação autoritária. A ação espontânea é entrevista como potencial interventora na realidade social e a coletividade resultante dessa transformação propulsiona a própria individualidade.

Alguns autores como Martha Solomon e Richard Drinnon³³² já apontaram que Goldman tendeu a obliterar elementos dos enredos que não correspondessem à sua própria filosofia. Importa em maior medida, na presente investigação, destacar como a cosmovisão goldmaniana se apropria da crítica ceticista de Ibsen em relação às instituições para fomentar uma militância otimista em relação ao potencial de individualidades humanas em associação.

Tanto em *Casa de Bonecas* quanto em *Um inimigo do Povo* a anarquista subscreveu a destruição dos pilares familiares e provincianos como a necessária abertura à emergência de uma sociedade outra. O gesto corrosivo não redundaria em uma leitura cética da sociedade, mas seria lido por Goldman como gatilho para novas possibilidades coletivas. Conforme Lily Litvak explica,

A utopia anarquista deve ser compreendida como metáfora dupla, concebida tanto por esperança como por desespero. A visão do porvir anarquista se tece em nome de valores ideais; depreciados ou atraídos no presente, existentes às vezes no passado, realizados no futuro, mas sempre, no sonho do que virá,

³³¹ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). In: *The Anarchist Library*, p. 20.

³³² Cf. o cotejo proposto por Haaland acerca dos autores que criticaram a abordagem de Goldman dos textos teatrais. HAALAND, Bonnie. *Emma Goldman: sexuality and the impurity of the state*. Black Rose Books, 1993, p. 18.

se opõe ao pesadelo do que hoje domina. Por esse motivo, (...) a estrutura da sociedade perfeita se levanta sobre as ruínas do mundo capitalista e à visão da utopia, precede, como preâmbulo imprescindível, a Revolução Social.³³³

Embora Emma Goldman não cultivasse expressamente uma utopia revolucionária, sua perspectiva entusiasta do drama social moderno e da própria figura iconoclasta de Henrik Ibsen atinge os limiares de uma defesa laudatória. Em suas palavras: “Seu desafio orgulhoso, sua ousadia entusiasta, sua total indiferença às consequências são o chamado de clarim de Ibsen, anunciando um novo amanhecer e o nascimento de uma nova raça.”³³⁴

A saga das personagens ibsenianas em prol de uma liberdade seria marcada pela destruição do arcaico e por um corolário que Goldman reputa como imprescindível: a quebra dos grilhões individuais ampliaria a liberdade dos outros. A ética imanente se faz em ato, rompendo-se com postulações de direitos absolutos, representativos, delegados. Analogamente ao que Espinosa defendeu em contraposição à tese hobbesiana de um direito supremo³³⁵, Goldman vislumbrou a quebra dos contratos sociais como a expressão das potências individuais, as quais seriam intransferíveis e guiadas pelos afetos.

O que se torna relevante reter é, portanto, a concepção goldmaniana de teatro enquanto expressão da vida em seu movimento heraclítico. A humanidade que a anarquista depreendia dos enredos de Ibsen era baseada em uma espécie de ceticismo ativo, capaz de orientar desvios das verdades institucionalizadas, prescritivas, em direção a verdades éticas, das potências oriundas dos indivíduos. Em uma síntese expressiva desta ideia de potencialidade humana, Emma Goldman assevera:

Toda instituição de nossos dias, a família, o Estado, nossos códigos morais, veem em toda personalidade forte, bonita e intransigente um inimigo mortal; portanto, todo esforço está sendo feito para enfraquecer a emoção humana e a

³³³ LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981, p. 371-372.

³³⁴ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.20. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 04 de março de 2022.

³³⁵ Para o filósofo Baruch Espinosa (1632-1677), uma representação de direitos humanos universais, válidos independentemente das situações concretas, como o direito à “liberdade”, à “igualdade”, equivaleria a formulações vãs. Conforme ele afirma em *Tratado Político*, “os homens devem ser conduzidos de modo que não se vejam a si próprios conduzidos, mas a viver segundo o seu engenho e a sua livre decisão, de tal maneira que só o amor da liberdade, o afã de aumentar o que é seu e a esperança de alcançar as honras do estado os detenham.” ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 134.

originalidade do pensamento no indivíduo em uma saia-justa desde a sua infância mais precoce; ou para moldar todo ser humano de acordo com um padrão; não em uma individualidade completa, mas em um escravo paciente do trabalho, um profissional automatizado, um cidadão pagador de impostos ou um moralista honesto. Se, no entanto, encontrarmos espontaneidade real (o que, a propósito, é um regalo raro), não se deve ao nosso método de educar ou criar a criança: a personalidade frequentemente se afirma, independentemente das barreiras legais e familiares. Tal descoberta deve ser celebrada como um evento incomum, uma vez que os obstáculos colocados no caminho do crescimento e desenvolvimento do caráter são tão numerosos que deve ser considerado um milagre reter sua força e beleza e sobreviver às várias tentativas de enfraquecer o que é mais essencial para isso.³³⁶

As leituras goldmanianas de *Casa de Bonecas* e *Um inimigo do Povo* grifam a necessidade de operar um descolamento das individualidades em relação aos modelos neutralizadores das potencialidades individuais. É como se, nessa concepção, a arte engajada pudesse expor uma fratura e uma dobra do eu sobre si mesmo sem as capturas das subjetividades pelas mediações institucionais. O exercício proporcionado pelo teatro consistiria nessa transvaloração de valores, resgatando a imanência que Goldman alude enquanto “espontaneidade real”.

Destarte, o tom laudatório da anarquista em relação à obra e à própria figura de Henrik Ibsen só pode ser acuradamente compreendido na medida em que se tem em vista a verve dionisíaca que Emma Goldman propugnava como motor da história. Designativos como “profeta”, “mártir”, “gênio individual” foram recorrentemente empregados em seus discursos em uma acepção correlata à concepção de *individualidade humana*, o que revela uma perspectiva de agência individual que desorganiza o apolíneo, isto é, encarna o estrangeiro que se desencaixa das estruturas e busca uma linguagem outra para tornar isso comum. Para tanto, o caos e o desamparo – desmentidores de uma pretensa estabilidade derivada do contrato social – se tornam elementos precursores de uma outra estrutura de afetos.

Quando se trata de produzir afecções políticas, o sujeito da fatalidade assume, pois, uma tarefa de ser porta-voz de uma dessubjetivação que nega os modelos sociais hegemônicos. Assim, Goldman encontra na obra ibseniana a enunciação de uma verdade apreendida no

³³⁶ GOLDMAN, Emma. “A Criança e seus inimigos”. (1906). Tradução de Aline Rossi, disponível em: <https://medium.com/@feminismoclasse/a-crian%C3%A7a-e-seus-inimigos-a938617d7f59> Acesso em 16 de outubro de 2019.

decorrer de um processo de sofrimento e de expressão de afetos que contêm potenciais de transformação e desconstrução dogmática. Para Michel Foucault, “é preciso que essa verdade afete o sujeito, e não que o sujeito se torne objeto de um discurso verdadeiro”.³³⁷ Essa necessária afecção, também diagnosticada por Vera Chalmers em relação à poesia na obra *Escritas Libertárias*, brotaria de um lirismo que também é transmissão de conhecimento. Conforme ela afirma:

a essência da lírica é a transfusão de toda objetividade à subjetividade. Quando esta fusão não é mais possível pelas atuais condições de produção da poesia, as quais separam indivíduo e sociedade, a reprodução da obra se torna problemática, desvinculada da experiência acumulada e sedimentada pelo coletivo. O exercício da palavra se torna solitário, o poeta luta contra o indizível, pois as palavras exprimem apenas a vivência [...]³³⁸

Trata-se precisamente dessa concepção de vida enquanto motor da arte e desta enquanto espelho do viver cotidiano que insta Emma Goldman a enxergar em Ibsen um iconoclasta da racionalidade moderna. O quão efetiva foi a propaganda anarquista a partir do drama social moderno talvez seja uma questão impossível de se aferir. Embora o cerne da questão, aqui, não seja o da circulação de ideias, e sim a tessitura da cosmovisão goldmaniana, é possível perceber que as conferências da anarquista sobre teatro ressoaram não somente entre intelectuais. Obras recentes se dedicaram a sublinhar a presença de uma audiência trabalhadora e imigrante que era afetada pela retórica do fazer artístico em um âmbito do *sentir*³³⁹. Para se contrapor ao individualismo liberal estadunidense, à censura e à célere automatização das expressões individuais, Goldman buscou costurar redes transnacionais que permitissem a divulgação do teor humanista do fazer artístico que emergia em outros países, articulando essa ponte enquanto intérprete de outras insatisfações ao redor do mundo. Conforme a anarquista diagnostica:

A Europa pode, ao menos, gabar-se de possuir uma arte e literatura audaciosas o suficiente para examinar a profundidade dos problemas sociais e sexuais do nosso tempo, exercitando a crítica severa sobre todas as nossas vergonhas. Como se tratasse de um bisturi cirúrgico, toda carcaça puritana é dissecada, e

³³⁷ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 217.

³³⁸ CHALMERS, Vera. *Escritas Libertárias*. São Carlos: EduFScar, 2017, p. 40.

³³⁹ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021.

o caminho é assim aberto para a libertação do ser humano do peso morto do passado. Mas com o puritanismo a inspecionar, a todo momento, a vida americana, nem a verdade nem a sinceridade são possíveis. Nada que não seja tristeza e mediocridade para ditar a conduta humana, cercear a expressão natural e abafar os nossos melhores impulsos.³⁴⁰

Embora fossem extraídas mensagens sociais (quase didáticas) das peças, Ibsen não era alçado por Goldman a cânone, mas a fabulador solitário que rechaçava a opinião massificada³⁴¹. A arte era removida do pedestal pacífico da aceitação justamente para que se percebesse, na experiência da vida, os cenários do possível. O diagnóstico cirúrgico das mazelas sociais não existiria sem a fabulação coletiva de outros desejos.

³⁴⁰ GOLDMAN, Emma. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 73.

³⁴¹ Emma Goldman, já no ocaso de sua vida, refletiu sobre a perniciosidade de narrativas redentoras, alçadas a um pedestal de utopia messiânica. A tarefa de artistas não seria oferecer uma narrativa acabada de futuro. Segundo discorre: “a geração mais jovem pede por salvadores. Tende a acreditar em ditadores e saudar cada novo aspirante como um messias. Busca um sistema inequívoco de salvação com uma minoria sábia para dirigir a sociedade em uma via única para a utopia. Ainda não notou que deve ‘salvar’ a si mesma”. In: GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?”. *Revista Verve*, n.35, 2019, p.118.

Fita de Möbius: indivíduo e coletividade em uma *individualidade humana*

Até o fim dos meus dias estaria dividida entre o anseio por uma vida pessoal e a necessidade de devotar tudo ao meu ideal.³⁴²

O anarquismo, em seus cálculos científicos e filosóficos, representa aquela força na vida humana que pode harmonizar e trazer à unidade os instintos individuais e sociais.³⁴³

(Emma Goldman)

Individualidades humanas em cooperação

Conforme se observou, o descolamento das individualidades em relação aos modelos hegemônicos era o cerne da emancipação para Emma Goldman. Tal exercício processual, prenúncio de uma sociedade outra, implicava uma reconciliação da subjetividade consigo própria, isto é, com sua personalidade que fora extraviada pelas instituições. Somente este resgate de si propiciaria a associação das livres individualidades.

Ao superar a antinomia esfera privada/foro público, a visão de mundo goldmaniana contempla um cenário anarquista holístico, em que a correspondência entre emoções naturais e relações sociais é aceita sem artifícios ou peias morais. É a imagem da fita, de uma dobra heterotópica que não equivale a um mero binômio interior/exterior e que se faz caminhando. Segundo propõe Deleuze: é preciso conseguir dobrar a linha para constituir uma zona visível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar”.³⁴⁴ Nesse âmbito, a imagem da *vida* como única guia ética possível é incessantemente reiterada pela autora, expondo-se a clivagem corpo/alma como algo deletério, sinônimo do autoritarismo macropolítico que aliena o sujeito dele mesmo a serviço de uma narrativa transcendente.

³⁴² GOLDMAN, Emma. *Vivendo minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p.112. Tradução cotejada.

³⁴³ GOLDMAN, Emma. “Um Belo Ideal”. (1908). Disponível em:

<https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal> Acesso em 28 de março de 2022.

³⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p.138.

Para a anarquista, a filosofia e o fazer teatral expunham a necessidade de desfazer a cisão corpo/alma (dever moral) estabelecida historicamente. Segundo suas palavras,

Em todo lugar e sempre, desde o seu início, o cristianismo transformou a terra em um vale de lágrimas; sempre fez da vida uma coisa fraca e doente, sempre instilou o medo no ser humano, transformando-o em um ser dual, cujas energias vitais são gastas na luta entre corpo e alma. Ao condenar o corpo como algo maligno, a carne como tentadora para tudo o que é pecaminoso, o ser humano mutilou seu ser na vã tentativa de manter sua alma pura, enquanto seu corpo apodreceu dos ferimentos e torturas infligidos a ele.³⁴⁵

É possível verificar como Emma Goldman condena o medo enquanto amparo moral da coesão social. A transferência dos potenciais individuais a um Estado hobbesiano, por exemplo, contraria a própria vida e os “direitos” naturais, imanentes ao corpo. A satisfação do corpo-alma prescindiria de uma salvaguarda estatal e teológica. Considerando os afetos como expressão inerente às individualidades, a anarquista afirma: “a necessidade, o desejo ardente dele [do direito natural de liberdade] se faz sentir em todos os indivíduos. A desobediência a todas as formas de coerção é sua expressão instintiva”.³⁴⁶

Para Emma Goldman, o contratualismo hobbesiano se tornou uma forma ilusória de cancelar esses direitos às satisfações naturais do corpo-alma. Ela questionou a ideia historicamente forjada de uma tendência humana natural da luta de todos contra todos em prol da sobrevivência. Esta narrativa falaciosa seria legitimada por uma teoria evolucionista e darwinista. Assim, ela contra-argumenta, em consonância com o ideário mutualista, que a natureza propicia a cooperação e não a competição:

Kropotkin mostra que no reino animal, tanto quanto na sociedade humana, a cooperação – por oposição às lutas intestinas – opera no sentido da sobrevivência e da evolução das espécies. Ele demonstra que, ao contrário do Estado devastador e onipotente, só o apoio mútuo e a cooperação voluntária

³⁴⁵ GOLDMAN, Emma. “The Failure of Christianity”, p.2. Publicado originalmente em 1913. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-failure-of-christianity.pdf> Acesso em: 09 de março de 2020.

³⁴⁶ GOLDMAN, Emma. “Indivíduo, sociedade e Estado”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 42.

constituem os princípios básicos de uma vida livre, fundada sobre o indivíduo e a associação.³⁴⁷

A temática da solidariedade, embora surja de forma difusa nos escritos goldmanianos, é evocada como elemento de coesão e harmonia que, potencialmente, subjaz de forma latente à humanidade. Viu-se como o teatro ibseniano despontaria, no prisma da libertária, como mobilizador das individualidades humanas, corroborando, assim, a premissa anarquista de uma arte catalisadora da revolta das subjetividades. Efetivamente, a associação voluntária seria um processo não somente estimado por Emma Goldman, mas identificado como potencial inerente a todo indivíduo dilacerado entre a intervenção subjetiva no mundo e as pressões sociais.

As conexões estreitas entre o fazer teatral, a solidariedade e a ação direta já foram mapeadas por estudiosas como Lara Orozco, autora que vislumbrou no caso mexicano a teatralidade como intervenção político-revolucionária que estimularia a solidariedade libertária. Conforme esta autora assinala,

O drama social anarquista adquire vida mediante a ação direta, sempre acompanhada por símbolos que codificam as práticas emergentes. [...] O teatro anarquista mantém um diálogo constante com a realidade, um teatro social na busca de ações poéticas que representem valores inestimáveis do ser humano: liberdade, igualdade social, com a finalidade de derrocar as estruturas opressoras oficiais, para assim criar a Sociedade do Futuro.³⁴⁸

Torna-se indescrivível o elemento agregador da solidariedade, alternativo ao medo e às mediações institucionais que operam através desse dispositivo afetivo, apontado por Goldman como um dos liames de uma sociedade outra. Elemento este que não é categorizado como essência, mas posicionado no cotidiano das ações diretas que desafiam as narrativas históricas hegemônicas. A convergência de aspirações individuais estaria no cerne de uma potencial harmonia anarquista. Como ela permite vislumbrar, isso seria propiciado pela liberdade de subjetivação:

Não há cultura senão a da solidariedade humana. O verdadeiro progresso consiste em desenvolver e nutrir o espírito de ajuda mútua. A evolução significa a eliminação do lobo assassino da natureza humana, juntamente com

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 41.

³⁴⁸ OROZCO, Mary Carmen. *La estética anarquista como práctica escénica emergente en la ciudad de Veracruz en 1922 y 1923*. México D.F., Editorial Redez, 2014, p. 29.

as forças sociais e econômicas que cultivam a besta no ser humano. A única cultura que vale a pena ter é a cultura da vida e da alegria. O único critério de tal cultura é o grau de liberdade individual e oportunidade social de um país, refletido no bem-estar socioeconômico das massas. É para este fim que toda a verdadeira ciência, filosofia e arte funcionam. Ajudar no assassinato de seus semelhantes por quaisquer razões bem formuladas - é tornar-se traidor do próprio espírito e propósito de todo progresso e cultura³⁴⁹

A heterodoxia de interesses e posicionamentos que compõe a humanidade é algo que já estava inscrito com veemência na narrativa goldmaniana, o que não a impedia de entrever um consenso voluntário muito próximo de um comunismo libertário. Diferentemente da massificação, porém, as recompensas e prêmios de virtude – moldes de amparo social que sustentam a coesão via moralidade – não se configuram como único passaporte viável para a existência intersubjetiva.

A recusa de chancelas externas seria entrevista como algo orgânico, contraposto ao artificialismo de amparos que mediam interesses subjetivos desiguais. Em um excerto lapidar dessa consideração de uma associação voluntária de individualidades, a anarquista defende:

O argumento generalizado de que os anarquistas se opõem a qualquer organização, e, portanto, defendem o caos, é completamente infundado. É verdade, não confiamos nos aspectos obrigatórios e arbitrários da organização que obriga pessoas com interesses e critérios diferentes a formar um conjunto, unificando-as através da coerção. Uma organização como consequência da mescla natural de interesses comuns, criada através da união voluntária, não só não é contrária aos anarquistas como estes creem nela como a única base possível para a vida social. Esta é a harmonia para um crescimento orgânico que produz variedade de cores e que dá lugar ao conjunto diverso que admiramos nas flores. Analogamente, poderíamos organizar a atividade de seres humanos livres dotados de um espírito de solidariedade que levará à perfeição social harmônica que é o anarquismo.³⁵⁰

Não por acaso, Emma Goldman vislumbra na radicalidade de Max Stirner a erosão das mediações sociais sustentadas pelo medo. Para ela, se o Cristianismo teria instilado o medo nos

³⁴⁹ OBSERVATIONS AND COMMENTS. *Mother Earth*, New York, vol. 9, n.8, p. 244, outubro de 1914.

³⁵⁰ GOLDMAN, Emma. “Em que acredito”. Nova Iorque, 1908, p. 191. Tradução ao espanhol disponível em *La Palabra como arma*, p.194.

indivíduos, conseguindo propalar esse afeto através da condenação do corpo, a filosofia stirneriana teria grandes potencialidades sociais justamente por representar um resgate do “eu”. Segundo assinala:

Quanto mais exalto, mais benéfico é o individualismo extremo de Stirner e Nietzsche ao invés da atmosfera de confinamento de doentes da fé cristã. Se eles repudiam o altruísmo como um mal, é por causa do exemplo contido no cristianismo, que fixa um prêmio ao parasitismo e à inércia, que dá à luz a todas as formas de desordens sociais que serão curadas com a pregação de amor condolência.³⁵¹

É possível observar uma clivagem entre “solidariedade” e “altruísmo” no ideário goldmaniano. Enquanto a primeira forma de laço social surge de forma espontânea e voluntária, a segunda é considerada um valor moral socialmente imposto. A insurreição do corpo aos modelos de individualidade prefigurados abre, assim, ensejo a um corte na normatização que tudo almeja unificar, massificar. A solidariedade passaria a ser entendida enquanto experiência dos corpos desamparados, sem Estado, em que as múltiplas afecções poderiam ocorrer sem capturas transcendentais. Segundo a ótica da anarquista, a genuína solidariedade não tem como corolário a submissão aos interesses de outrem, mas o desprendimento e o voluntarismo. Conforme assevera, em argumento crítico à moral teleológica cristã que pode ser remetido à leitura do protagonismo de Nora e Dr. Stockmann nas peças ibsenianas, “não é por causa de alguma recompensa que um espírito livre decide por uma grande verdade, nem é do tipo que se afugenta por medo de castigo”.³⁵²

Compreender as formas de mediação intersubjetiva que Emma Goldman execra corresponde a perscrutar a lógica germinal contida na crítica de Max Stirner às obsessões (ou fantasmas) que se apoderariam dos indivíduos ainda que estes já se encontrassem na era moderna. Para o filósofo, embora a tradição cristã tenha engendrado a lógica punitiva segundo a qual os desejos não poderiam ser indomáveis, a racionalidade humana teria tornado essa prisão ainda mais insidiosa. Prisioneiras dos conceitos morais, as subjetividades passariam a tolher qualquer expressão pessoal por meio de abstrações como a “filantropia”. Todavia, na

³⁵¹ GOLDMAN, Emma. “The Failure of Christianity”. In: *Anarchist Library*, p.4. Publicado originalmente em 1913. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-failure-of-christianity.pdf> Acesso em: 09 de março de 2020.

³⁵² GOLDMAN, Emma. “The Failure of Christianity”, p.4. Publicado originalmente em 1913. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-failure-of-christianity.pdf> Acesso em: 09 de março de 2020.

medida em que o egoísmo stirneriano é o assenhorar-se de si como um fim encerrado nele mesmo, qualquer ideário que preconize o bojo coletivo seria considerado um dogma religioso. Assim, ele afirmaria:

Proudhon, tal como os comunistas, combate o *egoísmo*. Por isso, um como outros são a continuação e a consequência do princípio cristão, do princípio do amor, do sacrifício por um princípio universal, e estranho. Limitam-se a levar até ao fim, por exemplo, na propriedade, apenas aquilo que já está há muito tempo implícito na natureza da coisa, ou seja, que o indivíduo não tem propriedade.³⁵³

A leitura que Emma Goldman faz do teatro ibseniano, como se viu anteriormente, atenta a militância anarquista para a chave do sacrifício individual em nome de uma inconformação social. Aquilo que ela designa como o “gênio humano” seria responsável por introduzir a disrupção social a partir de sua personalidade inexorável. Conforme se atentou anteriormente, diferentemente da anarquista, Stirner tem como lente prismática o próprio “eu”, de modo a considerar tudo o que não é relativo a este uma forma deletéria de captura. Conforme o autor afirma,

Saindo da participação pessoal, caímos na *filantropia*, no amor da humanidade, geralmente confundida com o amor aos indivíduos, a cada um em particular. De fato, ela é um amor *pelo* homem, pelo conceito irreal, pelo fantasma. [...] A filantropia é um amor celestial, espiritual...clerical. [...] Quem se empenha *no* homem deixa para trás as pessoas, até o ponto extremo desse empenho, para flutuar no mar de um interesse ideal e sagrado. O homem, de fato, não é uma pessoa, mas um ideal, um espectro.³⁵⁴

Para Stirner e Goldman, a afirmação da personalidade em um mundo impessoal configura um gesto de revolta crucial. Os anarquistas que se restringiam a minar a autoridade do Estado e do Capital mas, em compensação, não almejavam desconstruir a imposição de ideias fixas como o altruísmo subscreveriam fantasmas do mesmo modo que os liberais. O ceticismo ativo, para a militante, implicava desconstruir a moralidade para que uma nova ética, não prescritiva e pautada pela imanência, pudesse ensejar uma solidariedade emparelhada com

³⁵³ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.322.

³⁵⁴ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 102 e 103.

os interesses vitais de cada individualidade. Conforme ela afirma, ao rechaçar a mediação das leis e dos dispositivos normativos que apenas cancelariam a disparidade social, “a verdadeira harmonia social surge naturalmente da solidariedade de interesses”.³⁵⁵

A inexistência de uma reciprocidade intersubjetiva no pensamento de Max Stirner, porém, marca um antípoda em relação à lógica do fazer teatral expressa por Emma Goldman, evidenciando por oposição como a consciência coletiva era um epítome da formação de individualidades dotadas do desejo do “novo”. Como se observará a seguir, liberdade individual e autonomia coletiva são tão complementares e interdependentes no bojo do pensamento de Emma Goldman que o ideal enredado no fazer teatral assume um escopo de congregar trabalho intelectual e braçal a partir de uma mesma consciência libertária. Simultaneamente meio e fim, a arte consubstancia um processo de reestruturação dos afetos intersubjetivos.

Camadas de cooperação social: as individualidades humanas em reconciliação com a natureza e a criatividade

Em uma palestra recorrente no cotidiano de militância de Emma Goldman, ela alardeou: “a arte existe não para confirmar as pessoas em seus gostos e preconceitos, não para mostrá-las o que eram antes, mas para apresentá-las a uma nova visão da vida”.³⁵⁶ Tal ideia de uma vida alternativa emergindo em potencial foi não somente um *topos* dos discursos goldmanianos, mas um elemento derivado de um contexto em que a Sexologia e a Psicanálise ocuparam um papel fulcral na remodelação do pensamento vigente. A imagem de uma vida nascente corresponderia à emergência de uma subjetividade liberta de todas as repressões, reconciliando a esfera privada e pública em um mesmo mote político. Goldman associa a criatividade insurgente ao impulso sexual, vislumbrando no poeta Walt Whitman um “liberador do sexo”.³⁵⁷

A revista *Mother Earth* (1906-1918), organizada pela anarquista, apresenta em sua capa de estreia a emblemática imagem de um casal edênico acenando para o alvorecer. Liberta dos grilhões, que surgem rompidos no solo, a individualidade desprovida de vestimentas sociais

³⁵⁵ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 26.

³⁵⁶ GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution.” *The Emma Goldman Papers: A Microfilm Edition*. Ed. Candace Falk, Ronald J. Zboray, et al. Alexandria: Chadwyck-Healey, 1991. Reel 54. Microform, p. 1..

³⁵⁷ ROBBINS, Timothy. “Emma Goldman Reading Walt Whitman: Aesthetics, Agitation, and the Anarchist Ideal.” In: *Texas Studies in Literature and Language*, vol. 57 no. 1, 2015, p. 80-105.

surge reconciliada com a potencialidade da natureza. A tônica desse pensamento foi sintetizada pelo seguinte mote: “Quem se separa da Mãe Terra e de suas fontes de vida flui para o exílio”.³⁵⁸ O exílio das singularidades era ocasionado pela ação insidiosa do puritanismo.

A sexualidade como liame social encontra correspondência na expressão de um autogoverno natural. Logo, a arte que desse vazão a tal elemento vital seria tida como um instrumento social. Não por acaso, a revista montada por Goldman e outras (os) anarquistas reserva considerável espaço ao tema da sexualidade.

Já foi observado como os “instintos”, para Emma Goldman, são expressões que, em seu livre curso e desenvolvimento, poderiam não só engendrar uma consciência libertária como pavimentar caminhos de novas relações sociais antiautoritárias. Para a anarquista, “a ideia de camaradagem universal de Walt Whitman foi condicionada em sua resposta magnética ao seu próprio sexo”³⁵⁹ Trata-se de uma concepção de autoassunção de si para a construção de liames em que o desejo não seria mais elemento de opressão.

Continuamente, Emma Goldman se apropria de referenciais da natureza para alicerçar seu pensamento. Contudo, a anarquista acentua a discrepância entre *individualidade humana* e *natureza humana*. Como se observou anteriormente, seus discursos desmontam a ideia de uma natureza que condicionaria a humanidade em uma imutabilidade essencial. A ação direta de minorias é fulcral para a remodelação social, de modo que sua assertividade e interferência representam guinadas históricas de resgate da solidariedade humana.

As únicas leis naturais são, justamente, as da livre expressão individual. Ou seja, “uma lei natural é aquela pela qual o ser humano afirma a si mesmo livremente e espontaneamente, sem nenhuma força externa, em harmonia com os requisitos da natureza”.³⁶⁰ Em sintonia com perspectivas de outras militâncias da época, a interferência da subjetividade é vislumbrada em um meio geográfico indelével.³⁶¹ Embalada pelo ideário de progresso científico que atravessava o século XIX, a prática anarquista faceava a emancipação individual como um movimento que ocorre em diapasão com os ciclos naturais.

³⁵⁸ OBSERVATIONS AND COMMENTS. *Mother Earth*, New York, vol.1, n.2, p.2, abril de 1906.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 84.

³⁶⁰ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”, p. 20. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1906, p. 25.

³⁶¹ Cf., por exemplo, a trajetória de Élisée Reclus (1830-1905), que foi um geógrafo de atuação marcadamente anarquista cujo pensamento interdisciplinar conjugou os elementos físicos/naturais e intervenções humanas/sociais, salientando a inextricabilidade entre evolução e revolução, isto é, o ser humano em vínculo constante com a Terra e as demais espécies. Ao formar um só corpo com o planeta, o indivíduo libertário deveria desenvolver uma consciência ecológica para alcançar a emancipação.

A leitura do “novo” como algo que emerge irrefreavelmente, uma vez que seria fruto dessa espontaneidade da natureza, marca a concepção social de Emma Goldman, dotando esta perspectiva de uma organicidade que ela faria questão de ressaltar em suas análises dos dramas ibsenianos. Como Kathy Ferguson já havia assinalado, as anotações goldmanianas sobre as peças teatrais sempre envolviam uma “mensagem revolucionária”.³⁶² Essa libertação do corpo/alma sempre se depara com forças reativas de um conservadorismo moral. Ao fim e ao cabo, a dissidência solitária da individualidade dá vazão a uma natureza humana caracterizada pela autonomia.

Em *Casa de Bonecas* e *Um Inimigo do Povo*, Emma Goldman encontrava a encenação anarquista que lhe propiciava abordar a servidão do corpo/alma tanto a um “outro” estranho, como o patriarca casado com Nora, quanto a uma noção de “patriotismo” derivada da comunidade balneária denunciada por Dr. Stockmann. Para a anarquista, desde tenra infância a “planta humana” deveria escapar da “atmosfera de estufa” que a confina. Atmosfera que, carregada de velhos valores, não faculta às subjetividades “respirar nem crescer livremente”.³⁶³

Observada nesses termos, a *individualidade humana* vislumbra na arte e na manifestação criativa elementos que facultam o florescimento da dissidência. Conforme Goldman defende, “a ciência, a arte, a literatura, o drama, o esforço para a melhoria econômica, de fato, toda oposição individual e social existindo em desordem com as coisas, é iluminada pela luz espiritual do Anarquismo”.³⁶⁴ O corolário desse prisma é pensar a renovação das consciências de si a partir de uma arte que imprime vazão aos instintos do corpo/alma. A emancipação social seria indissociável do devir-individual, que engloba liberdade sexual, liberdade criativa, liberdade de trabalhar/despender seu tempo e liberdade de associação.

A autoridade externa sobre os corpos, interna sobre a alma, é colocada a nu sob a roupagem teatral, pois a cisão entre individualidade humana e indivíduo moral é exposta em tramas nas quais os afetos não encontram dicotomias. Goldman propugna que:

Não há conflito entre os instintos sociais e individuais, não mais do que existem entre o coração e os pulmões: o primeiro é o receptáculo da essência

³⁶² FERGUSON, Kathy. “Gender and genre in Emma Goldman”. In: *Signs*. Vol. 36, n. 3 (primavera de 2011), pp. 733-757.

³⁶³ GOLDMAN, Emma. “A Criança e seus inimigos”, p.5. (1906). Tradução de Aline Rossi, disponível em: <https://medium.com/@feminismoclasse/a-crian%C3%A7a-e-seus-inimigos-a938617d7f59> Acesso em 16 de outubro de 2019.

³⁶⁴ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 31.

pura e preciosa da vida, o outro é o armazém do elemento que mantém a essência pura da vida social. O individual é o coração da sociedade, conservando a essência da vida social; a sociedade é o pulmão que está distribuindo o elemento para manter a essência da vida – ou seja, o indivíduo – puro e forte.³⁶⁵

Nesse diapasão, em harmonia com uma organicidade que se torna cada vez mais acentuada à medida em que a anarquista atribui ao drama moderno o papel de desmascarar as “superstições” que tolhem o corpo/alma social, surge a imagem do “gozo sem limites”³⁶⁶, o fruir da vida em sua totalidade. Para Goldman, se as individualidades tivessem espaço para se expressar em consonância com sua autenticidade, em vez de serem moldadas por instituições autoritárias, elas poderiam se desenvolver de várias maneiras, sempre em comunidade coerente com os outros. Essas potencialidades de desenvolvimento seriam imensuráveis, indelegáveis, e o teatro tornaria visível a necessidade de desamparos institucionais. Ou seja, a arte facultaria o livre curso da natureza humana uma vez que o processo criativo seria alheio a morais fixas.

No bojo de uma fala intitulada “Arte e revolução”, a arte enraizada na vida imanente é alçada pela anarquista como elemento revolucionário, uma vez que os/as artistas asseveram sua visão de mundo em detrimento de um poder massificador – seja da arte acadêmica seja da indústria cultural— que neutralizaria a criatividade. O fazer artístico emerge, pois, como representante da *individualidade humana* indômita às convenções paralisantes.

A vida trágica de muitos/as artistas é explicada pela anarquista como implicação de uma verve iconoclasta que move a obra destas mentes radicais. Ao incorporarem a revolta, elas abririam caminho para uma reflexão psicológica e social iniludível, diagnosticando “doenças sociais” do corpo/alma. Há um “ideal” entranhado na concepção goldmaniana, o que a torna concomitantemente dessacralizadora de modelos sociais e engendradora de uma cosmovisão anarquista que transita entre o impulso sexual, a psicologia social e o vínculo com a natureza. O ideal de uma terceira margem do rio na qual a arte flui como única mediação possível. Segundo a militante argumenta,

³⁶⁵ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”, p. 20. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1906.

³⁶⁶ Expressão empregada no bojo do ensaio “A Tragédia da Emancipação Feminina”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1906, p.91.

O propósito da arte é trazer uma nova visão de vida. Revolução é o elemento que impregna a vida com novas aspirações, novos valores, novas perspectivas. Daí deriva a estreita relação entre arte e revolução.³⁶⁷

O antinatural ao florescimento das “individualidades humanas” é apontado por Emma Goldman como a institucionalização dos vernizes sociais em todas as esferas da vida humana, desde o âmago da própria moralidade cultivada pela individualidade até a imprensa corrompida pelos interesses de grandes industriais e políticos. Em seu contexto assistia-se ao recrudescimento da censura e da deportação de imigrantes tidos como subversivos – vetores de poder que são refletidos em um contexto de fervilhar das publicações periódicas³⁶⁸. Concomitantemente, a massificação da imprensa e a mercantilização do gesto artístico tornaram fluidas as fronteiras entre trabalho criativo/intelectual e trabalho braçal. Enquanto uma mulher entre dois séculos, Goldman acompanhou a célere industrialização que atingiu tanto os trabalhadores das fábricas quanto artistas. Segundo sentencia, a “prostituição mental”³⁶⁹ se tornou um exercício de inócua simpatia teórica de intelectuais em relação às lutas contra a opressão. O verniz vendável da expressão palatável impregnou a imprensa e a arte tecnocratas.

O diagnóstico levado a cabo no ensaio “Proletários intelectuais” acende a primazia da arte, modernamente abafada pelos critérios de consumo e apelo ao mercado. Para a anarquista, somente se os/as artistas se alinhassem aos/as trabalhadores (as) a expressão criativa poderia ser considerada genuína. O ensaio mencionado critica veementemente o descolamento da intelectualidade em relação aos interesses da coletividade, mencionando a corrupção da imprensa que é alimentada pelo lucro.

Um exemplo da denúncia perpetrada por Goldman pode ser visto em sua leitura da peça *Um Inimigo do Povo*. Por mais eloquente que fosse a voz da natureza declarando a contaminação das águas nas estâncias balneárias, o jornal local omitiria tal situação em prol dos interesses econômicos do turismo. A degradação das individualidades só poderia ser combatida na medida em que o tecido social fosse concebido como componente organicamente atrelado

³⁶⁷ GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution.” The Emma Goldman Papers: A Microfilm Edition. Ed. Candace Falk, Ronald J. Zboray, et al. Alexandria: Chadwyck-Healey, 1991. Reel 54. Microform, p. 106.

³⁶⁸ Um dos periódicos perseguidos pela censura de Anthony Comstock foi *Lucifer, the Lightbearer* (1883-1907). Publicando textos sobre a liberdade sexual, o jornal foi arauto de uma discussão que atravessaria o século XIX e desembocaria no XX. *The Firebrand, Woodhull & Claflin's Weekly* também traziam à tona o questionamento de um padrão duplo de moralidade para homens e mulheres. Emma Goldman sublinharia a efervescência de mulheres escritoras em sua época.

³⁶⁹ GOLDMAN, Emma. “Intellectual Proletarians”, p.2. Publicado originalmente em 1914.

Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf>
Acesso em 04 de março de 2022.

ao trabalho de cada subjetividade. Se a arte continuasse sendo objeto de veneração em um pedestal, o fazer artístico não seria divisor do “novo”, e sim expressão do automatismo que preserva o cenário da exclusão. Ao embotamento das manifestações lidas como “vitais”, Emma Goldman opõe um prisma otimista:

Os proletários intelectuais americanos amarão o ideal mais do que seus confortos? Estarão dispostos a desistir do sucesso externo em prol das questões vitais? Eu acho que sim, e isso por duas razões. Primeiro, a proletarização dos intelectuais os obrigará a se aproximar do trabalho. Segundo, por causa do rígido regime de puritanismo, que está causando uma tremenda reação contra convenções e estreitos laços morais. Artistas, escritores e dramaturgos que lutam para criar algo que vale a pena ajudam a quebrar as convenções dominantes; dezenas de mulheres que desejam viver suas vidas estão ajudando a minar nossa moral de hoje, em seu orgulhoso desafio às regras da sra. Grundy³⁷⁰. Sozinhos, eles não podem realizar muito. Eles precisam da ousada indiferença e coragem dos trabalhadores revolucionários que romperam com todo o velho lixo. É, portanto, através da cooperação dos proletários intelectuais, que tentam encontrar expressão, e dos proletários revolucionários, que procuram remodelar a vida, que nós, na América, estabeleceremos uma unidade real e, por meio dela, travaremos uma guerra bem-sucedida contra a sociedade atual.³⁷¹

Consoante a tal perspectiva de “unidade” estaria, como se observou anteriormente, não só a concepção de atuação de minorias conscientes do laço iniludível de seus corpos em relação a uma natureza que compreende o todo, mas também um prisma de trabalho criativo que deveria infundir novas consciências através da exceção. Assim, o que Goldman chama de “vida” remodelada abrange camadas estruturais: da relação corpo/alma cultivada desde a infância até a expressão do trabalho criativo em diálogo com as bases materiais. A letargia da intelectualidade somente seria minada a partir da reabilitação das conexões que dissolvem os limites impostos entre individualidade e sociedade.

³⁷⁰ O termo “sra. Grundy” é uma expressão utilizada para fazer alusão à moralidade pudica que marca a conduta pessoal.

³⁷¹ GOLDMAN, Emma. “Intellectual Proletarians”, p.2. Publicado originalmente em 1914. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf> Acesso em: 11 de março de 2020.

O devir-criança e a reconstrução social a partir da individualidade

Se o fazer artístico e o fazer teatral consubstanciavam, na visão de Goldman, a revolta de individualidades que aspiravam à reconstrução da cooperação social, isso só seria possível a partir do livre desenvolvimento da infância. Na reconstrução dos afetos propugnada por Emma Goldman, a criança ocupa um papel relevante, sintetizando o mote anarquista de conciliação entre personalidades singulares e o tecido social. Isso porque, vista como uma potencial expressão de individualidade em sua plena acepção, esta última poderia aprender a viver sem restrições morais desde que sua educação fosse dirigida para a liberdade. O devir-criança, na perspectiva holística e romântica goldmaniana, está no fulcro da reconciliação entre impulsos individuais e tecido social.

Em “A criança e seus inimigos”, a anarquista rebate a educação forjada pela lógica do mercado, reafirmando sua concepção de um florescimento social que não poderia ser podado. Segundo ela,

Se a educação deve realmente significar alguma coisa, ela deve insistir no livre crescimento e desenvolvimento das forças e tendências inatas da criança. Só assim podemos esperar um indivíduo livre e eventualmente também uma comunidade livre, que impossibilite a interferência e a coerção do crescimento humano.³⁷²

A individualidade da criança, para Emma Goldman, seria fagocitada pelos poderes hegemônicos, de modo que o dever de uma pessoa educadora seria o de estimular seus impulsos inerentes e, assim, propiciar seu livre desenvolvimento. Tendo trabalhado na área obstétrica e se especializado em doenças infantis, a anarquista deposita na fase da infância a semente da plena expansão de uma possível individualidade que não se ateu a moldes uniformizadores da sociedade adulta.³⁷³ Efetivamente, a antidoutrinação, sob o viés goldmaniano, é o adubo para o

³⁷² GOLDMAN, Emma. “A Criança e seus inimigos”. (1906). Tradução de Aline Rossi, disponível em: <https://medium.com/@feminismoclasse/a-crian%C3%A7a-e-seus-inimigos-a938617d7f59> Acesso em 16 de outubro de 2019, p. 5.

³⁷³ A ideia goldmaniana da infância como tábula rasa pode ter sido inspirada não só em Stirner como no transcendentalista Ralph Waldo Emerson (1803-1882). Segundo este último escreve: “Que belas revelações a natureza nos concede sobre este tema, tanto no rosto como no comportamento das crianças, dos recém-nascidos e até mesmo dos brutos! Elas não têm esse espírito dividido e rebelde, essa desconfiança em relação a um sentimento devido a um cálculo de nossa mente que afirma que a força e os meios se opõem ao nosso propósito. Seus espíritos são intactos e inocentes, seus olhos ainda não foram conquistados e quando olhamos em suas faces nos sentimos desconcertados. A infância não obedece a

crescimento de subjetividades que poderiam se relacionar entre si sem a interferência de interditos morais.

Uma individualidade repleta de curiosidade e impetuosidade, para Goldman, teria como corolário a não-subsunção das crianças a subjetivações externas. Nesse sentido, uma formação voltada à antimecanização da vida poderia subverter o fenômeno que ela designa como a era dos “proletários intelectuais”³⁷⁴. Estes últimos seguiriam a lógica recompensatória de uma indústria do pensamento massificado. De acordo com uma linha de raciocínio nietzschiana, a individualidade que não se escorasse dos infortúnios da vida por meio de amparos morais, produtivistas ou religiosos deveria facear seu trabalho como um processo, nunca acabado, de expressão de si. Conforme a anarquista assinala,

Os espíritos intransigentes e ousados nunca "chegam". A vida deles representa uma batalha sem fim com a estupidez e o embotamento de seu tempo. Eles devem permanecer o que Nietzsche chama de “premature”, porque tudo o que busca uma nova forma, nova expressão ou novos valores, está sempre fadado a ser prematuro.³⁷⁵

Uma individualidade não seria uma mônada completa em si mesma, fechada, fadada à fixidez. É nesse diapasão que a filosofia stirneriana se alia à concepção goldmaniana de uma *vida* que fomentaria individualidades em perene batalha contra as normatividades³⁷⁶. Anunciando tal ideia como uma premissa, Emma Goldman desmonta a ideia de uma educação voltada ao pragmatismo. A autodeterminação das individualidades deve vicejar não obstante os apelos a uma formação de mão-de-obra apta à competitividade do *laissez-faire*.

Nesse sentido, o gesto filosófico radical de Stirner se coaduna a esse manifesto em um primeiro patamar de soberanização de si. Ao criticar a educação humanista³⁷⁷, bem como a

ninguém: todos se conformam a ela e assim, uma única criança faz com que quatro ou cinco adultos a rodeiem, conversando e brincando com ela.” EMERSON, Ralph. “Autossuficiência.” Tradução de Gabriel Goulart. Disponível em: medium.com/diários-de-kairos. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

³⁷⁴ GOLDMAN, Emma. “Intellectual Proletarians”. In: *Anarchist Library*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf> Acesso em: 11 de março de 2020, p. 2.

³⁷⁵ *Idem, ibidem*.

³⁷⁶ Justamente por propugnar que vidas dissidentes atuariam como exemplos de revolta, Emma Goldman se refere ao anarquismo como entranhado “no próprio sangue”. Efetivamente, tal retórica constitui seu manifesto e não é de escopo da tese perquirir se esse prisma vitalista tem alcance enquanto força mobilizadora. O jogo agonístico da vida é realçado por Goldman em uma nítida acepção nietzschiana de que todo devir nasce de uma disputa de contrários. A singularidade só despontaria ao combater a massificação.

³⁷⁷ “Desde pequeno (o indivíduo) estuda não para criar senão para ‘aprender’, isto é, para alienar-se, para depender daquilo que tem o potencial das ideias. A cultura transforma-se, assim, num instrumento de

vertente racionalista, o filósofo argumenta que solapar as vontades do eu-único em prol de um conhecimento destinado à formação civilizatória seria formar uma sociedade fadada à servidão. Conforme o autor propugna:

Em uma palavra, não é o conhecimento que deve ser ensinado, mas o indivíduo que deve chegar ao autodesenvolvimento; a pedagogia não deve avançar mais em direção à civilização, mas ao desenvolvimento de homens livres, de caráter soberano; e, portanto, a vontade que até agora foi tão fortemente suprimida não pode mais ser enfraquecida. Eles realmente não enfraquecem a vontade de conhecimento; por que enfraquecem a vontade de querer? Afinal, não impedimos a busca do homem pelo conhecimento; por que devemos intimidar seu livre arbítrio? Se nutrirmos o primeiro devemos nutrir o último também.³⁷⁸

Nesse movimento de consciência de si para a (des-) educação dos outros, Emma Goldman transita pelo ideal romântico de uma arte frondosa de ramificações revolucionárias. No teatro, a ideia de uma “deseducação”³⁷⁹ assumiria contornos autônomos a partir da trama exposta em *Um Inimigo do Povo*. Tendo-se observado que o drama social moderno apresenta no pensamento goldmaniano um cariz de experiência formativa antipedagógica aliada ao afeto sentipensante, se torna importante sublinhar como os referenciais de uma *individualidade humana* renovada por uma subjetividade outra surgem a partir da criança ainda não “contaminada” pelos deveres sociais. A solitude do protagonista da peça seria representada como forma de experimentação à revelia da moralidade patriótica da comunidade. E é essa revolta que ele estenderia ao tecido social, propugnando uma revisão de valores. Não por acaso, Dr. Stockmann propõe montar uma escola em casa, recebendo crianças marginalizadas

alienação, não de tomada de consciência, e às crianças se lhes ensina a venerar ao “Homem” isto é, a uma abstração, fazendo-o esquecer dos homens concretos, isto é, se lhes ensina a humilhar-se”. STIRNER, Max. *Apud* KASSICK, Clovis. *Stirner: a filosofia do eu*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005, p. 40.

³⁷⁸ STIRNER, Max. “O falso princípio de nossa educação, p. 4. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/max-stirner-the-false-principle-of-our-education.pdf> Acesso em 10 de março de 2020.

³⁷⁹ Por “deseducação” leia-se uma desconstrução dos parâmetros oficiais de uma educação voltada ao adestramento dos indivíduos. No bojo do ensaio “A Criança e Seus Inimigos” (1906), a anarquista localiza tais papéis de autoridade como reprodutores de valores que antagonizam com os impulsos criativos, sexuais e intelectuais das personalidades, sufocando-os em sua tentativa de uniformização. A formação de sujeitos patriotas, resilientes à exploração econômica e resignados a um presente imutável seria um dos artifícios patrocinados pelo Estado liberal e pela Igreja. Em seu prisma, até mesmo as famílias radicais imprimiriam padrões formativos que responderiam aos anseios estreitos dos genitores, não abrindo espaço a pensamentos desviantes das tradições e ideologias aprendidas desde o berço.

socialmente. A antipedagogia recusa o ensino como relação de obediência e uniformização imposta verticalmente por professores a alunos.

A figura do “novo” em oposição a uma ordem caduca, tão cara à anarquista, surge como cerne da trama ibseniana. A partir de um posicionamento parresiasta, em uma espécie de lógica do absurdo camusiana³⁸⁰, o protagonista de *Um Inimigo do Povo* contesta uma verdade absoluta, enraizada no pensamento massificado:

Penso no pequeno grupo de indivíduos que estão sempre na linha de frente, longe da mesmice da maioria, lutando por novas verdades, demasiado novas para que a maioria as compreenda e as admita. Vou dedicar toda a minha energia e a minha vida a contestar a pseudoverdade de que a voz do povo é a voz da razão! Que sentido têm as verdades proclamadas pela massa, massa esta que é manobrada pelos jornais e pelos poderosos? São velhas e caducas. [...] Quais são, pois, essas verdades em torno das quais os homens comuns gostam de agrupar-se? São verdades tão velhas que já se acham próximas à decomposição. Mas quando uma verdade chega a esse ponto, ela também está em vésperas de se tornar uma mentira.³⁸¹

Não por acaso, Ibsen investiria Dr. Stockmann de um papel de educar espíritos livres, comungando com Goldman de uma acepção de emergência do “novo”, isto é, da outridade que rechaçaria a tradição. Tradição, esta, entendida pela anarquista como um conjunto de verdades pautadas por superstições e puritanismo.

A curiosidade natural da criança não deveria ser tolhida por um automatismo que mina a expressão. É nesse sentido, também, que Emma Goldman adentra a questão do livre desenvolvimento sexual das individualidades a partir de uma educação libertária. Ao destacar a fase da infância como elemento fulcral da formação das subjetividades, a anarquista descreve a descoberta humana da sexualidade como a fase primeva da liberdade. O excerto transcrito abaixo exprime sua concepção romântica:

³⁸⁰ Em *O Mito de Sísifo*, Albert Camus expõe a lógica do absurdo como contraponto às macronarrativas de redenção da humanidade, propugnando que a imanência é uma alternativa à esperança. Em vez de ansiar pelo amanhã, vivenciar o absurdo significaria facear a estranheza do cotidiano de uma forma ativa e agonística. O mal-estar diante da ausência de sentido do mundo é aceito sem que se depositem expectativas em uma sociedade ideal.

³⁸¹ IBSEN, Henrik. *O Inimigo do Povo*. Tradução de Pedro Mantiqueira. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 128.

O brilho da juventude - oh, de duração tão breve! - está intimamente ligado ao despertar do erotismo. É o período em que ideias e ideais, os propósitos e as motivações começam a se formar no peito humano; tudo o que é feio e desagradável na vida ainda está coberto por um véu fantástico, já que o que marca a mudança da criança para a juventude é, de fato, a fase mais requintadamente poética e mágica ao longo da existência de ser humano. Puritanos e moralistas fazem de tudo para estragar e manchar esse período mágico. A criança não deve reconhecer sua própria personalidade, muito menos estar ciente de sua própria força sexual. Os puritanos levantam um muro alto em torno desse grande fator humano; nem um raio de luz é permitido penetrar através da conspiração do silêncio. Manter a criança na ignorância em todos os assuntos do sexo é considerado pelos educadores como uma espécie de dever moral.³⁸²

A organicidade das concepções goldmanianas se apropria da filosofia, do teatro e da deseducação como um feixe que reabilita a vida, isto é, como um resgate dos desejos sexuais, das ligações afetivas que foram tolhidas pela moral religiosa, pelas convenções estatais e pela escola moldada à mecanicidade. As relações antinaturais entre as subjetividades obstam o desenvolvimento das individualidades humanas. Não haveria como questionar a mentira social entranhada no próprio núcleo do microcosmo patriarcal: o lar, sem antes fazer-se o escrutínio da alma. É o ciclo orgânico da vida: com a consciência de si é possível educar os outros sem podá-los em suas disposições naturais.

A consideração da individualidade como soberana é um exercício estrutural de insurgência no pensamento goldmaniano. Se a filosofia, o teatro e a deseducação fabulam dissidências é porque revisam as dinâmicas inter-relacionais da existência humana. Ao resgatar o protagonismo de Nora, por exemplo, Goldman tinha em vista o contrato social do matrimônio como o engendrador de um ciclo de dominação que redundava no impedimento da educação de individualidades autônomas. Conforme ela afirma ao propugnar o amor anárquico,

Cada um entrará no estado do casamento com força física e confiança moral um no outro. Cada um amará e estimará o outro e o ajudará a trabalhar não apenas para seu próprio bem-estar, mas, sendo felizes, eles desejarão também a felicidade universal da humanidade. Os filhos de tais uniões serão fortes,

³⁸² GOLDMAN, Emma. “A importância social da Escola Moderna”, p. 167. (1911). In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez.

saudáveis na mente e no corpo, honrarão e respeitarão seus pais não porque é seu dever fazê-lo, mas porque os pais o merecem. Eles serão instruídos e cuidados por toda a comunidade e estarão livres para seguir suas próprias inclinações, e não haverá necessidade de ensiná-los a sicofania e a arte básica de atacar seus semelhantes. Seu objetivo na vida será não obter poder sobre seus irmãos, mas conquistar o respeito e a estima de todos os membros da comunidade.³⁸³

O excerto supracitado parte do elemento corpo/alma em direção a disposições subjetivas que, ao não se delegarem a deveres morais, deixariam de alimentar a tensão entre indivíduo e sociedade. A individualidade, tendo nascido de um amor livre, reconhecera os liames sociais como resultado de suas próprias inclinações. Criada coletivamente, sem as pretensas autoridades paternas, reconhecera a cooperação como base vital. O devir-criança, nesse sentido, pode ser lido como uma solidariedade que não se forma como o altruísmo compulsório, pautado na autoabnegação e inspirado na ascese cristã, mas reconhece a efemeridade das relações e as orienta segundo construções afetivas cotidianas e não ditames externos/superiores. Goldman busca na filosofia stirneriana outras formas de educação e relação interpessoal, salientando a infixidez da subjetividade e a desobrigação às servidões de um amor sacralizado.

Em tempo, cabe ressaltar que a anarquista não propugna uma volta à infância primeva ou original como alguma forma de redenção. O devir-criança seria uma intensidade que desestrutura normatividades. Ao perscrutar genealógicamente em seu presente como a história foi construída com base em uma educação dogmática e anestesiadora, Emma Goldman encontra na formação livre de novas individualidades uma possibilidade de vislumbrar vidas insubmissas. Assim, o devir-criança também seria um gesto filosófico e artístico de sacudir as letargias e apostar em experiências inconfináveis.

³⁸³ GOLDMAN, Emma. “Anarquia e a questão do sexo”, p. 5. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchy-and-the-sex-question.pdf> Acesso em 13 de março de 2020.

O amor e a Fita de Möbius: da individualidade à humanidade

Buscou-se enfatizar, até agora, como os afetos individuais estão expressamente enredados na sociedade outra descortinada na cosmovisão goldmaniana, pois a superação das dicotomias indivíduo/sociedade, corpo/alma tem como premissa a não-autoabnegação, desde a infância, da subjetividade singular. No fazer teatral defendido apaixonadamente pela anarquista, o resgate e a assunção de si ocorrem a partir de um desagrilhoamento do amor servil.

As peças ibsenianas aportavam o elemento cênico da recusa à concepção do *amor* como sinonímia automática de *matrimônio* e *patriotismo*. Não por acaso, as personagens das tramas se reconciliavam com a vida enquanto subjetividades nômades. A subjetividade nômade não se atrela a destinos traçados teleologicamente. É possível delinear um breve paralelo com o entendimento que Rosi Braidotti elabora a partir do conceito de “sujeitos nômades”. Conforme a autora afirma:

Ainda que a imagem dos “sujeitos nômades” esteja inspirada na experiência de pessoas ou culturas que são literalmente nômades, aqui o nomadismo em questão se refere ao tipo de consciência crítica que resiste a conformar-se aos modos socialmente codificados de pensamento e conduta. Nem todos os nômades são viajantes do mundo; algumas das viagens mais importantes podem ocorrer sem que uma pessoa se aparte fisicamente de seu habitat. O que define o estado nômade é a subversão em relação às convenções estabelecidas, não o ato literal de viajar.³⁸⁴

O amor goldmaniano seria nômade, livre porquanto não determinado via contratos sociais e livre porque honestamente compatível apenas com a *individualidade humana*. Nesse sentido, compreender o manifesto stirneriano tem como corolário atentar para alguns posicionamentos da anarquista. As emoções imanentes são valorizadas por Emma Goldman uma vez que são percebidas como intrinsecamente *humanas*. Todavia, os artifícios dos poderes hegemônicos teriam transformado o amor em sinônimo de um comportamento irrepreensível, abnegado e subserviente das demandas sociais/institucionais. A leitura da obra stirneriana incita

³⁸⁴ BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires/Barcelo/México: Paidós, 2000, p. 24.

o pensamento goldmaniano à recusa da subscrição ao outro em detrimento de si mesmo. O filósofo, nessa linha, atentaria:

O amor é decerto a mais bela e derradeira repressão de si, a forma mais gloriosa de se aniquilar e sacrificar, a vitória sobre o egoísmo mais culminante em delícias; mas, ao despedaçar a vontade própria, obstaculiza ao mesmo tempo a própria vontade que é, para o homem, a fonte primeira da sua dignidade de ser livre. [...] O homem amante age por amor a Deus, por amor aos seus irmãos não tendo, regra geral, nenhuma vontade própria. “Que seja feita, não a minha vontade, mas a tua”.³⁸⁵

Emma Goldman leva essa premissa para o âmbito da maternidade livre, causa por ela defendida juntamente com a pauta do controle de natalidade. A divulgação pública de uma questão “pessoal” como a da gestação-concepção de uma criança lhe rendeu diversas perseguições, além de críticas das próprias feministas³⁸⁶. O prisma estrutural e orgânico da anarquista previa uma liberdade que se estenderia desde a decisão de ser ou não mãe até as consequências sociais de tal escolha. Conforme ela defende:

Conheço mulheres que se tornaram mães em liberdade dos homens que amaram. Poucas crianças na relação aproveitam o cuidado, a proteção, a devoção que a maternidade livre é capaz de conferir. [...] Os defensores da autoridade temem o advento de uma maternidade livre, receando que ela irá roubar-lhe as vítimas. Quem combateria nas guerras? Quem geraria riqueza? Quem faria o policial, o carcereiro, se a mulher se recusasse à reprodução indiscriminada de crianças?³⁸⁷

³⁸⁵ STIRNER, Max. “Algumas observações provisórias a respeito do estado fundado no amor”. In *Revista Verve*. 2002, p. 20.

³⁸⁶ Para Emma Goldman, as mulheres não encontrariam sua emancipação como individualidades humanas enquanto buscassem uma panaceia na política ou no mercado de trabalho. Ao criticar o feminismo liberal, ancorado no sufrágio, ela foi detratada por suas representantes. Segundo seu relato: “Quinhentos membros de meu sexo, da mais ardorosa “vermelha” à mais conservadora “cinza”, vieram me ouvir falar sobre “Feminismo”. Elas não podiam desculpar minha atitude crítica com relação às alegações das sufragistas quanto às coisas maravilhosas que fariam quando chegassem ao poder político. Tacharam-me de inimiga da liberdade da mulher, e participantes do clube levantaram-se e me denunciaram.” Cf. GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 404.

³⁸⁷ GOLDMAN, Emma. “Casamento e amor”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. p.100.

Há, aí, alguns pontos candentes: a educação e formação de crianças autônomas depende diretamente da assunção da individualidade e do amor livre. Ademais, o amor convencional, entendido enquanto obrigação autômata de uma sociedade voltada à produtividade, encontra fomento das próprias instituições sacralizadoras do *modelo de maternidade*. Portanto, o gesto radical da antirrenúncia de si é uma ação direta. Goldman apreendeu da imanência de Max Stirner o rechaço das narrativas que alijam as individualidades de sua humanidade. Na medida em que as mulheres se recusassem ao matrimônio e à maternidade como papéis sociais compulsórios, provocariam uma interferência nas lógicas padronizadas que concebem o indivíduo enquanto servidor do Estado, da Igreja e do Capital.

A dessubjetivação inspirada por Stirner ocorreria com a desnaturalização do amor enquanto sentimento moral. Ao desmontar a obrigação de amar, o filósofo é radical e peremptório:

O amor não é um mandamento, mas, como cada um dos meus sentimentos, *minha propriedade*. Não preciso amar uma igreja, um povo, uma pátria, uma família etc. que não saibam como adquirir meu amor, e defino o preço de compra do meu amor completamente para o meu prazer.³⁸⁸

O filósofo assinalaria que as macronarrativas tolhem a “criação de si mesmo”. Ao criticar o romance *Mistérios de Paris* (1842) como um sintoma de sua própria época, o filósofo discorre:

No romance não se encontrará um único personagem a que se possa dar o nome de criador de si mesmo, de homem que, sem maior contemplação com as suas pulsões que com os impulsos que lhe advenham de uma crença (crença na virtude, na moralidade, etc., ou crença no vício), fizesse a si mesmo, exaurindo do fundo de si todo o seu poderio criador.³⁸⁹

As mediações sociais internalizadas pela individualidade engendram barreiras infranqueáveis à expressão intersubjetiva do amor. Nessa senda, a perspectiva goldmaniana é a de um resgate das emoções pulsionais, criativas e das práticas voluntaristas. Enquanto o matrimônio seria chancela do controle da Igreja e do Estado sobre as ações subjetivas, o impulso

³⁸⁸ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 379.

³⁸⁹ STIRNER, Max. “Mistérios de Paris”. In: *Revista Verve*. São Paulo: 3: 11-29, 2003, p. 14.

sexual e o amor livre regenerariam a solidariedade humana. A prática da libertação ocorreria através do boicote aos acordos econômicos subjacentes ao matrimônio. Destarte, Goldman partia da visão micro, mostrando que o lugar relegado às mulheres no núcleo patriarcal fomentava o capitalismo. Ou seja, não era somente a estrutura do capital que teria como efeito colateral a submissão do amor feminino ao mero papel de procriação, e sim a *tradição* econômica, religiosa, moralista e a *internalização* desses preceitos é que reforçariam o grilhão que compromete as expressões amorosas.

A *individualidade humana* tolhida, eclipsada em sua plena manifestação, seria um dos pontos-chave para alimentar a engrenagem da subserviência. Segundo a anarquista propugna:

A lição moral que se inculca na jovem não é se o homem se apaixona por ela, mas a de: “quanto ele ganha?” O mais importante e único deus da vida prática norte-americana: “pode o homem ganhar a vida? Pode sustentar sua esposa? Esta é a única coisa que justifica o matrimônio. Pouco a pouco esta ideia satura qualquer pensamento da jovem; ela não sonha com a luz da Lua e os beijos, nem as risadas e lágrimas; sonha em sair às compras e com as promoções. Esta pobreza espiritual e sordidez são os elementos inerentes da instituição marital. O Estado e a Igreja só aceitam estes ideais, simplesmente porque são os que necessitam o Estado e a Igreja para controlar os homens e as mulheres.”³⁹⁰

O amor e o prazer compõem a preocupação de Goldman e Stirner no exercício de autoassunção de si, de modo que a militante incorpora uma citação deste filósofo em defesa da educação sexual das crianças. O olhar sensualista sobre o amor revela a concepção de como a imanência seria sobrepujada por uma consciência forjada externamente desde tenra infância. Transcreve-se aqui este excerto stirneriano citado e corroborado por Goldman, uma vez que é lapidar deste combate ao puritanismo:

Para onde olhar sem encontrar vítimas de renúncia? Ali está uma garota à minha frente que talvez já esteja fazendo sacrifícios sangrentos à sua alma há dez anos. Sobre o seu corpo cheio de vigor pende uma cabeça mortalmente cansada, e as bochechas pálidas revelam o lento sangramento de sua juventude. Pobre criança, quantas vezes as paixões podem ter batido no seu coração e os ricos poderes da juventude exigiram o seu direito! Quando sua

³⁹⁰ GOLDMAN, Emma. “Casamento e amor”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. p. 96.

cabeça rolou no travesseiro macio, como a natureza desperta tremia através de seus membros, o sangue inchou suas veias e fantasias ardentes derramaram o brilho de voluptuosidade em seus olhos! Então apareceu o fantasma da alma e sua felicidade eterna. Você estava apavorada, suas mãos se dobraram, seus olhos atormentados voltaram o olhar para cima, você orou. As tempestades da natureza foram abafadas, uma calma deslizou sobre o oceano de seus apetites. Lentamente, as pálpebras cansadas afundaram sobre a vida extinguida sob eles, a tensão subiu despercebida dos membros arredondados, as ondas turbulentas secaram no coração, as próprias mãos cruzadas descansaram um peso impotente no seio que não resistia, um último desmaio “Oh, querida!” -gemeu e se afastou. Você adormeceu, para acordar de manhã para um novo combate e uma nova oração. Agora, o hábito da renúncia esfria o calor do seu desejo, e as rosas da sua juventude empalidecem na anemia de sua beatitude. A alma é salva, o corpo pode perecer!³⁹¹

O “hábito da renúncia”, instilado pela Igreja e pela estrutura capitalista nas subjetividades, desenha a figura da mulher como mera progenitora. Esse arquétipo se revela um óbice tão nefasto à subjetividade nômade quanto a exclusão material. Emma Goldman pensava, diferentemente de Stirner, nas reverberações sociais que essa renúncia ao amor e à satisfação sexual adquiriam. Assim, foi buscar referenciais empíricos em sexólogos como Havelock Ellis (1859-1939) a fim de encontrar arcabouço teórico que lhe facultasse defender o argumento de que a expressão sexual é essencial para o desenvolvimento de relações humanas profícuas. No bojo do ensaio “O elemento do sexo na vida”, a anarquista propugna o combate a uma mitologia segundo a qual as atitudes humanas foram originalmente reveladas aos indivíduos por Deus. Assim, critica a concepção enraizada de que a moralidade sexual deveria permanecer fixa, imutável e eterna, obediente a esses princípios hipostasiados. Ela sustenta, pois, a necessidade da escritura de uma *história da moralidade sexual*, sublinhando a origem cultural de “verdades” chanceladas pela Igreja.

Não obstante, a arte e a nascente psicologia social é que assumiriam um papel pedagógico fulcral para que a potencialidade criativa das *individualidades humanas* fosse assegurada e expressa. Para a anarquista, “o espírito criativo não é um antídoto ao instinto

³⁹¹ Emma Goldman cita esse trecho no bojo do ensaio “O Elemento do Sexo na Vida”. A citação também pode ser encontrada em STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 48.

sexual, mas uma parte de sua expressão enérgica”³⁹². Ou seja, a expressão do amor através da arte seria iniludivelmente marca de individualidades que se inscrevem em uma vida social. A ideia da paixão como algo que anda de mãos dadas com a vida estaria subjacente aos impulsos criativos que Goldman sublinha. Destarte, os dramas sociais modernos que trouxessem em seus enredos expressões contrárias à castração institucional do amor seriam privilegiados nas conferências goldmanianas como exemplos pedagógicos de uma sociedade que se regeneraria, primeiro, a partir da destruição do lar patriarcal.

Individualidades em plena assunção de suas próprias paixões: esse é o ponto assinalado por Emma Goldman no drama social. Acerca de “Espectros” (1881), outra peça ibseniana também apreciada pela anarquista, nota-se a seguinte reflexão:

Aqueles que, feito Sra. Alving, pagaram com sangue e lágrimas por seu despertar espiritual, repudiam o casamento como uma imposição, uma pilhéria baixa e sem graça. Elas sabem que só o amor é, quer dure um breve espaço de tempo ou pela eternidade, a única base criativa, inspiradora e elevada para uma nova raça e para um novo mundo.³⁹³

Reiterando o *tópos* do alvorecer de uma humanidade, a militante assinala a ideia do amor como uma força criativa (e não vício moralmente repreensível ou destrutivo) que estaria subjacente não só à consciência da individualidade como da sociedade anarquista que se almeja construir. A liberdade do corpo para aceder ao prazer não seria um luxo, mas condição essencial para alimentar a revolta da alma. O teatro social, nesse sentido, ao demolir a ideia de vícios e virtudes sancionados pelas instituições, se converte em um espelho a partir do qual os pensamentos íntimos ganhariam visibilidade e audiência públicas. O filósofo Ralph Emerson, citado recorrentemente em ensaios goldmanianos, faria uma afirmação certamente endossada por Goldman:

Em toda obra de um gênio reconhecemos nossos próprios pensamentos rejeitados: eles voltam para nós com uma certa majestade alienada. As grandes

³⁹² GOLDMAN, Emma. “O elemento do sexo na vida”. Disponível em: <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00520/ArchiveContentList> Acesso em 4 de maio de 2020. Draft 213, p. 33.

³⁹³ GOLDMAN, Emma. “Casamento e Amor” (1911). In: In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 100.

obras de arte não nos oferecem uma lição mais impactante do que essa. Elas nos ensinam a obedecer e a escutar nossa intuição, nossa impressão espontânea com uma inflexibilidade bem-humorada, mais ainda quando todas as vozes e opiniões exteriores estão do lado oposto.³⁹⁴

Faceando as peças ibsenianas como um exercício que fortalece em seu público a vontade de pertencer-se e, como corolário, a espontaneidade das emoções, Emma Goldman considera o amor-renúncia como uma superstição. É nesse sentido que, em franca oposição a essa sacralidade, o realismo permearia a extensão de todo o discurso goldmaniano. Em vez da arte academicista e de puro entretenimento, um fazer artístico que se prestasse à expressão das emoções humanas. A vida visceral dos/das artistas, suas derrotas e seus triunfos representa, para a anarquista, uma espécie de fermento radical contra a alienação social. Ela aludiria a Émile Zola como expoente da arte imbricada à vida – autor que, por sinal, escreveria *O meu ódio* (1866), uma obra apaixonada em torno dos ódios pelo pensamento arrebanhado pelos fanatismos e fetiches.

Não por acaso, o teatro livre desenvolvido no Ferrer Center (1911) – espaço multicultural fundado por Emma Goldman e outros anarquistas – tinha em sua programação uma síntese vívida desse ideário, incluindo desde encenações dramáticas a palestras sobre controle de natalidade, por exemplo. É nessa conjunção entre arte autônoma, livre expressão dos desejos para além do imperativo social da procriação e psicologia social envolvida nesse fazer artístico que Emma Goldman entrevia uma ação direta de cunho afetivo. A sedução para a sedição começava em uma educação para adultos e crianças baseada em uma experimentação em filosofia, história e língua inglesa para as pessoas imigrantes do East Village. O estímulo ao debate em sendas como sindicalismo industrial, liberdade sexual, psicanálise e fazer artístico corroborava a premissa da autoconsciência para a livre associação.

As concepções goldmanianas de amor livre já foram extensamente estudadas, como assinala Kathy Ferguson em “Gender and genre in Emma Goldman”. Eros e revolução, no entanto, estão atreladas a concepções de *individualidade humana* que se imiscuem em linguagens e estilísticas específicas. Como atenta Ferguson,

Insistindo nas interconexões entre liberdade e comunidade em âmbito coletivo, com práticas paralelas de autonomia e relações intersubjetivas na vida íntima,

³⁹⁴ EMERSON, Ralph. “Autossuficiência”, p. 2. Disponível em: <https://medium.com/diarios-de-kairos/autossufici%C3%A4ncia-por-emerson-uma-tradu%C3%A7%C3%A3o-livre-447be3c575b2> Acesso em 16 de abril de 2020.

Goldman politizou a vida enquanto infundia a luta política no desejo. Tanto o amor quanto a revolução têm o potencial de atrair energias eróticas para dar origem a um indivíduo livre em uma comunidade transformadora. As cartas de Goldman sobre a Revolução Espanhola foram carregadas de metáforas eróticas: a Espanha era uma mulher, e Goldman abraçou ‘sua força, sua gentileza e aspereza’.³⁹⁵

Às observações supracitadas acrescenta-se o olhar aqui proposto sobre um devir-teatral que daria vazão às *individualidades humanas*. Individualidades e coletividades vislumbrariam seus liames em um amor imanente, faceando nas vidas cotidianas e sem mediações um instrumento pedagógico de revolução. Afinal, o “afetar e ser afetado” corresponde às práticas e representações goldmanianas de um anarquismo que entende a arte como experiência. Assim, o amor livre defendido por Goldman é repleto de componentes filosóficos e dramáticos entranhados em uma subjetivação romântica e realista. É nesse prisma que Ferguson argutamente aduz: “com os românticos, Goldman defendeu o poder transformador da arte e do amor. Com os realistas, ela se esforçou para ser fiel às experiências dos oprimidos”³⁹⁶

Transvaloração de valores: filosofia para uma nova ética e a heterotopia do drama moderno

O panorama supracitado tencionou expor alguns dos fatores que viabilizam ou cerceiam o desenvolvimento das *individualidades humanas* sob a ótica de Emma Goldman. Ademais, procurou mostrar como a filosofia e o fazer teatral foram vistos como aliados no resgate das potencialidades vitais da subjetividade indelegável. Segundo a fita de Möebius que traça uma continuidade entre individualidade e sociedade, a anarquista assevera:

Se requer algo mais que a experiência pessoal para alcançar uma filosofia ou ponto de vista frente a qualquer fato específico. É a qualidade de nossa

³⁹⁵ FERGUSON, Kathy. “Gender and genre in Emma Goldman”. In: *Signs*. Vol. 36, n. 3 (primavera de 2011), p. 752.

³⁹⁶ *Ibidem*, p. 754.

resposta frente ao fato e nossa capacidade para interiorizar as vidas dos demais o que nos ajuda a fazer suas vidas e experiências como próprias.³⁹⁷

Emma Goldman tecia, acima, considerações acerca da empatia que impulsionou sua militância a partir do momento em que se deparou com os trabalhadores que resistiam ao massacre da greve de Chicago (1886). Todavia, pode-se interpretar tal passagem como uma impressão declarada de que a filosofia radical, embora fosse importante para o resgate e formação da individualidade sem mediações, não bastava. Aquilo que ela chamaria de “transvaloração de valores” somente poderia ocorrer a partir de uma janela iconoclasta para a vida social.

Ou seja, a consciência seria trabalhada pela individualidade em seu interior, mas a liberdade só pode ser garantida no seio das associações voluntárias minoritárias e antiautoritárias. E não só isso: este exercício seria facultado pela representação de uma nova ordem social por meio das artes comprometidas com a vida e o combate à moralidade. Se Emma Goldman assistiu com torpor à ascensão dos regimes autoritários na Europa nas primeiras décadas do século XX, também viu com otimismo a resistência que, concomitantemente, emergia. Sua perspectiva humanista parecia não arrefecer. A militante reitera, já no fim da vida, a ideia de que, ainda que a autoexpressão do desejo de liberdade fosse subsumida, o contato intersubjetivo propiciaria a circulação de ideias libertárias.³⁹⁸

A natureza humana, entrevista como algo plástico e histórico, seria marcada por uma consciência de si como singularidade. Nesse desencaixe em relação à massa, estaria depositada a aspiração à liberdade humana. O ensaio filosófico de se desgarrar dos preceitos morais é esboçado em muitos discursos goldmanianos, mas aquele que com mais veemência sintetiza a irreduzibilidade do “eu” a conceitos conservadores pode ser lido em “Ideias e sua

³⁹⁷ GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?” In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. p. 172.

³⁹⁸ Cf. o relato que ela tece aos 65 anos: “Considero o anarquismo a filosofia mais bela e prática já pensada em sua aplicação para a expressão individual e a relação que estabelece entre o indivíduo e a sociedade. Além disso, creio que o anarquismo é demasiadamente vital e próximo da natureza humana para acabar. Tenho como convicção que a ditadura, seja à direita ou à esquerda, nunca funcionará — ela nunca funcionou e o tempo provará, como já aconteceu. Quando o fracasso de ditadores modernos e de filosofias autoritárias se tornarem mais aparentes e a percepção de fracasso se tornar mais geral, o anarquismo vingará. Deste ponto de vista, a erupção das ideias anarquistas em um futuro próximo é muito provável. Quando isto acontecer e produzir efeito, acredito que a humanidade deixará o labirinto em que se encontra e, pela liberdade, começará um caminho para uma vida sã e para a regeneração.” In: GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?”. *Revista Verve*, n.35: 113-129, 2019, p. 120.

transvaloração”³⁹⁹. A concepção de converter velhos valores em uma ética da desmontagem conceitual teria sido inspirada não somente em Nietzsche,⁴⁰⁰ como também em Stirner. Este último expõe os discursos da punição como aprisionamentos de um “eu” que seria ilimitável.

Contestando a própria ideia de “verdade”, o filósofo associa o conceito a um espectro que assombra o sujeito e o aliena dele mesmo e de sua realidade material imediata. Embora Emma Goldman não leve esta proposição às últimas consequências, ela reconhece que as ideias ganham vida própria quando assumidas de forma irrefletida. Nesse sentido, veria o autoritarismo como algo endossado por velhos valores alimentados pelo indivíduo e sua relação consigo próprio, e não como algo fisicamente palpável e passível de ser dinamitado com golpes violentos. No fim das contas, o Estado somos nós.

Como, então, Emma Goldman propõe a transvaloração das ideias? À relação da individualidade consigo mesma se sucederia sua relação com as demais, e aí estaria situada a chave para a viragem propugnada pelo anarquismo. Na medida em que a dominação fosse entendida como um relacionamento entre seres humanos, a singularidade que rompesse com esse ciclo intersubjetivo, se comportando de maneira desviante, poderia provocar uma mudança social. Destarte, o drama social, com suas tramas moralmente incapturáveis, é a heterotopia goldmaniana por excelência. O heterotópico é um não-lugar como o espelho, que reflete o real não obstante crie também um espaço virtual no qual a pessoa que se olha está ausente mesmo que se volte para si mesma. Ao incitar as subjetividades a não respaldar ideias coercitivas, o fazer teatral abre um espaço de anteparo à disseminação dos “fetiches” ou “fantasmas” – nos designativos de Goldman e Stirner. As peças ibsenianas são concebidas pela anarquista enquanto eficaz exercício de dissidência por adensarem a desmontagem de padrões psicológicos vigentes.

Não resvalando nos triviais conceitos de punição moral dos protagonistas, os enredos que transvaloram valores desafiam convenções arraigadas. Supera-se a fórmula segundo a qual os finais das tramas seriam a síntese da lição de conduta. Na medida em que não existissem mais mensagens moralistas a serem seguidas, o fazer teatral despontaria como instância de suspensão temporária dos valores vigentes. Franqueia-se à individualidade uma espécie de espelho dessubjetivador para redefinir seus próprios comportamentos em relação a si mesma e aos outros. Este prisma entusiasta da transvaloração das ideias também seria apontado por

³⁹⁹GOLDMAN, Emma. “Ideas and their Transvaluation”. Disponível em: <<https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.231?locatt=view:manifest>> Acesso em 06 de outubro de 2021.

⁴⁰⁰Nietzsche associava os conceitos de “vida” e “valor” em obras como *Assim Falava Zaratustra*, leituras que afetaram significativamente a urdidura do pensamento goldmaniano.

Michel Foucault, que afirma brevemente: “em geral, a heterotopia tem como regra *justapor* em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo de uma cena toda uma série de lugares estranhos.”⁴⁰¹ A heterotopia poderia ser um espaço de transvaloração justamente porque suspende a experiência ordinária que direciona a percepção de forma rotineira. No espaço cênico colocam-se em jogo possibilidades de convivências inusuais e situações inesperadas.

A principal justaposição que interessa a Goldman, qual seja, entre as esferas pública e privada, ocorreria em *Casa de Bonecas* e *Um Inimigo do Povo* com a emergência do heteróclito: as fronteiras identitárias entre mãe, esposa e mulher autônoma, bem como entre médico e militante seriam borradas em prol da relativização das verdades universalmente aceitas. O elemento disruptivo não seria só o resgate de um “eu-único”, mas também o reconhecimento do desamparo social. Ou seja, o núcleo patriarcal e o Estado não permitem o advento do “novo”, isto é, de relações intersubjetivas movidas por interesses outros que não a dominação do Estado, Igreja e capital. Nesse diapasão, a natureza é evocada pela anarquista como o elemento humano que deveria ser resgatado, considerando-se sua fluidez e sua ética imanente do devir. Conforme argumenta:

A natureza humana não é, de nenhuma maneira, algo fixo. Ao contrário, é fluida e reage frente às novas condições. Assim, por exemplo, se o denominado instinto de autopreservação fosse tão essencial como se supõe que é, as guerras teriam sido eliminadas faz tempo, assim como todas aquelas atividades perigosas e daninhas.⁴⁰²

Sendo o único elemento natural a perene emergência do “novo”, a visão goldmaniana coloca em xeque a previsibilidade narrativa da vida, a “sociedade costurada a máquina”, em metáfora por ela empregada. Retomando Foucault, entende-se, pois, que os espaços tidos como sagrados: o da família e da sociedade não permitiriam à subjetividade desengessar o olhar. Assim, a provisoriedade das heterotopias, os não-lugares, transgride concepções patrióticas, crenças no confinamento da mulher ao lar, da reclusão do artista à academia etc. A reverberação das ideias encenadas no fazer teatral poderia alcançar os espectadores de molde a suscitar o engendramento de valores “outros”, valores que transbordariam lugares sociais demarcados. A

⁴⁰¹ Grifo nosso. FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013, p. 14.

⁴⁰² GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena?” Publicado originalmente em *Harper’s Monthly Magazine*, Vol. CLXX, dezembro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living>. Traduzido também pela *Revista Verve* nº 35, 2019, p. 129-130.

própria Emma Goldman era uma mulher do entrelugar e entreviu na personagem de Nora a evasão da “gaiola dourada”. Trata-se, pois, do vislumbre de espaços alternativos, conforme se observa na metáfora goldmaniana de “estrada aberta”:

Dizem que, antigamente, todas as estradas levam a Roma. Na aplicação parafraseada das tendências de nossos dias, pode-se dizer verdadeiramente que todos os caminhos levam à grande reconstrução social. O despertar econômico do trabalhador e sua realização da necessidade de ação industrial concertada; as tendências da educação moderna, especialmente em sua aplicação ao livre desenvolvimento da criança; o espírito de crescente inquietação, expresso através da arte e da literatura e cultivado por ela, tudo abre o caminho para a Estrada Aberta. Acima de tudo, o drama moderno, operando através do duplo canal de dramaturgo e intérprete, afetando tanto a mente quanto o coração, é a força mais forte no desenvolvimento do descontentamento social, inchando a poderosa maré de inquietação que avança e ultrapassa a barreira da ignorância, preconceito e superstição.⁴⁰³

Em outra fala, a anarquista reitera a dupla função social do drama moderno, sublinhando que ele abre janela para uma expressão *intelectual*, manifesta pela mente do dramaturgo, e *psicológica*, desenvolvida através da encenação do texto a um público⁴⁰⁴. Importante salientar que a transvalorização de valores propugnada por Goldman, entendida também como uma dessubjetivação de sujeições psicológicas, não significaria recair no relativismo cético. O teatro social era, sim, concebido como difusor de lições humanas passíveis de influenciar a realidade prática. Não por acaso, ela pesquisaria acerca da recepção das encenações pelo público.⁴⁰⁵ No

⁴⁰³ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”, p. 114. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 21 de janeiro de 2022.

⁴⁰⁴ THOMPSON, Charles Willis. “What She is Like and What She Believes: An Interview with Emma Goldman”. *New York Times*, 30 de maio, 1909.

⁴⁰⁵ A pesquisa de Goldman é notável, pois traz citações dos próprios dramaturgos, perscrutando as cosmovisões e intenções destes. Segundo a citação de Galsworthy que a anarquista aporta: “O grande dever do dramaturgo é apresentar a vida como ela realmente é. Uma história verdadeira, se contada com sinceridade, é o argumento moral mais forte que pode ser colocado no palco. É tarefa do dramaturgo apresentar os personagens em sua imagem da vida de modo que a moral inerente seja trazida à luz sem qualquer preleção de sua parte. Os códigos morais em si não são, afinal, duradouros, mas uma verdadeira imagem da vida é. Um homem pode pregar uma lição forte em uma peça que pode durar um dia, mas se ele conseguir apresentar a própria vida real de uma maneira que traga consigo certa inspiração moral, a força da mensagem nunca será perdida, pois uma nova interpretação para se adequar ao espírito da época pode renovar seu vigor e poder”. Cf. GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama> Acesso em 05 de maio de 2020.

ensaio “O drama moderno: um poderoso disseminador do pensamento radical”, a anarquista relata que a trama *Justiça*, de John Galsworthy (1910) teve repercussões políticas, interferindo nas condições do sistema prisional:

Seria impossível estimar o efeito produzido por essa peça. Talvez alguma concepção possa ser obtida a partir da circunstância muito incomum de que ela provou ser tão poderosa que induziu o Secretário do Interior da Grã-Bretanha a empreender extensas reformas nas prisões na Inglaterra. Um sinal muito encorajador disso, da influência exercida pelo drama moderno. Espera-se que a acusação estrondosa de Galsworthy não permaneça sem efeito semelhante sobre o sentimento público e as condições de prisão da América. De qualquer forma, é certo que nenhuma outra peça moderna deu frutos tão diretos e imediatos ao despertar a consciência social.⁴⁰⁶

Obviamente, traçar um paralelo entre o apreço de Emma Goldman pela potencialidade do teatro e as considerações brechtianas sobre arte engajada seria um pouco temerário, haja vista os posicionamentos políticos dissonantes dos dois autores. Todavia, Bertold Brecht (1898-1956) declarou uma concepção análoga à goldmaniana quando sublinhou o elo indissolúvel que a arte deveria ter em relação à vida. Segundo suas palavras:

Foi com interesse que tomei conhecimento de que Friedrich Dürrenmatt formulou, numa palestra sobre teatro, a seguinte pergunta: "Poderá o mundo de hoje ser, apesar de tudo, reproduzido pelo teatro?" Quanto a mim, esta é justamente daquelas questões que, ao serem levantadas, desde logo se impõem. Vai longe o tempo em que do teatro se exigia apenas uma reprodução do mundo suscetível de ser vivida. Hoje em dia, para que essa reprodução se torne, de fato, uma vivência, exige-se que esteja em diapasão com a vida.⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought”, p. 113. In: *Anarchism and other essays*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

⁴⁰⁷ BRECHT, Bertold. *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978, p. 5.

Trata-se de uma passagem profícua para compreender em que medida Emma Goldman aliava estética e ética em uma heterotopia a partir da qual a lógica agonística não seria a do pecado/punição, mas das relações intersubjetivas na natureza imanente. Analogamente ao ensaio de John Dewey, *Arte como experiência* (1934), o ato criativo seria holístico: o pensamento levado à obra, a imaginação que rompe com dicotomias e se alia à organicidade, em suma a fusão entre vida, arte e aprendizagem.

Nessa esteira, se a filosofia e o exercício individual de superação de crenças transcendentais não bastariam para operar a transvaloração de valores, a arte aliada à educação iria até as raízes do complexo de dominação denunciado por Goldman. É aí que se verifica como esse processo de transvaloração era concebido pela anarquista como holístico. Michel Foucault diagnosticou as intrincadas redes de poder que crivam a sociedade ocidental e o corpo da subjetividade, mas Emma Goldman já teria, há muito tempo antes, identificado a dominação como algo inscrito em instâncias éticas, de formação das personalidades, apontando para a necessidade de uma articulação entre outras concepções de “vida” e a desmontagem de valores filosóficos hegemônicos. As únicas formas de transpor o abismo entre o micro da ação direta individual e o contexto social macro seriam a educação libertária e a arte comprometida. Nesse diapasão, a anarquista argumenta:

Todavia, não é só o governo, no sentido de um Estado, que é daninho a qualquer valor ou qualidade individual. É todo o complexo da autoridade e a dominação institucional o que estrangula a vida. É a superstição, o mito, o fingimento, a evasiva e a servidão que respaldam a autoridade e a dominação institucional. É a reverência frente a tais instituições inculcada na escola, na igreja e no lar com o fito de que o homem creia e obedeça sem protestar. Tal processo de reprimir e distorcer as personalidades dos indivíduos e de toda a comunidade pode ter sido parte da evolução histórica; mas deve ser combatido energicamente por cada mente honesta e independente nessa época que pretende ser de progresso.⁴⁰⁸

O posicionamento antimoderno da autora, demarcado nitidamente no excerto anterior, não só faz desmoronar os ideários pautados em uma teleologia do progresso, como aposta em uma psicologia social contra a emergência de um ainda incipiente biopoder que se anunciava

⁴⁰⁸GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena? ”.

Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living>, p.114. Traduzido também pela *Revista Verve* nº 35, pp. 113-129, 2019.

através de uma ciência categorizadora de corpos e ideias abstratas. Os valores morais, nesse diapasão, não seriam mais do que mediadores sociais arbitrários, de modo que a anarquista vaticina: “chegarà o dia em que tudo isso [valores morais] será tão inútil como já em nossos dias é a crença na masculinidade ou feminilidade do Sol.”⁴⁰⁹ Enveredar pelo ceticismo de Max Stirner em relação à ciência e à racionalidade implicava não uma evasão da vida, mas um processo de dessubjetivação, isto é, de desencarceramento do indivíduo previamente codificado. Obviamente, o manifesto stirneriano não incitava à ação ou à construção de uma sociedade outra, mas uma nova ética figura como corolário da leitura de sua obra por Emma Goldman. O indivíduo perenemente em dívida só poderia adotar um ceticismo ativo a partir de uma transvaloração de valores.

Parece que o pensamento goldmaniano já antecipa uma geometria dos poderes capilarizados, borrando as fronteiras entre dominação externa e grilhões interiorizados pelo corpo/alma da individualidade. Sendo assim, a anarquista postula que a partir de uma desconstrução de valores pode emergir um afinamento das individualidades humanas à vida. Uma espécie de travessia anfíbia, na acepção de Peter Pélbart, ocorreria entre uma modulação subjetiva externa e uma dessubjetivação interna, entre a destruição de antigos modelos de indivíduo e o brotar de novas ideias⁴¹⁰. Talvez essa ideia prefigure algo que não estava expressamente desenhado no pensamento de Emma Goldman, mas cuja semente já estaria lá: o poder já estaria entranhado na vida privada da subjetividade, em todas as relações intersubjetivas e nas camadas de consciência e atuação das individualidades.

Na medida em que propõe novos elos provisórios entre as individualidades, Emma Goldman põe em xeque valores codificados e territorializados pela racionalidade moderna, tais como: o patriotismo, a masculinidade, feminilidade, o individualismo liberal etc. Nesse exercício de transvalorar, a recusa da moralidade como óbice ao novo é o eleger de heterodoxias a partir da reconexão com a vida. Desaprisionar o corpo/alma natural das roupagens uniformes seria intensificar a vida indelegável a partir da filosofia e do teatro demolidores.

Na medida em que é encarado como gênese, o corpo deveria se liberar dos estorvos baseados na lógica de causa e consequência, punição e redenção. Contudo, os/as livres-pensadores (as) que experimentam essa insurgência sofreriam os julgamentos de uma história massificadora, que os/as condenaria como marginais. Nessa ótica, Emma Goldman extrai de

⁴⁰⁹ GOLDMAN, Emma. “Ideias e sua transvaloração”. Text of a lecture by Goldman. Disponível em: <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00520/ArchiveContentList> Acesso em 15 de maio de 2020.

⁴¹⁰ PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

uma vida sem teleologia a força do avesso, o potencial de criar outridades sem superstições. A poética de uma vida desmesurada poderia emergir da inquietação individual que denuncia valores hipostasiados, assimilados como mediadores sociais. Se as superstições incitam subjetividades a falsas obrigações com o fito de evitar punições, a filosofia e a arte se debruçariam sobre a vida a partir de lentes corajosas.

A transvaloração de valores propugnada por Goldman não poderia ser dissociada da figura do/da “livre-pensador/a”, isto é, da *individualidade humana* que opera um gesto de deslocamento: ao realizar uma espécie de suicídio moral, esta subjetividade destrói certezas tidas como imutáveis para abrir espaço ao pensamento larvar do novo. Seria apanágio desta individualidade catalisar a degenerescência de verdades historicamente arraigadas e apontar para o advento de novos afetos sociais, mesmo que isso implique em sua exclusão. A liberdade radical, portanto, surgiria de uma vida sem medidas, de uma potencialidade que não se represa em adjetivos. Aos valores antinaturais Emma Goldman opõe a torrente da aspiração à autonomia, lida por ela como elemento vital.

Por uma ética das entranhas

Tendo em vista a ruptura com os valores institucionais que Emma Goldman propugna, é preciso salientar que ela não demole a valoração abrindo espaço ao vazio. Se sua leitura radical de Stirner torna o esboroamento das tradições modernas um manifesto expresso, também é necessário lembrar que ela pretende resgatar valores tidos como “humanos”. Concomitantemente, o exercício filosófico dessacraliza conceitos hipostasiados e atenta a subjetividade à necessidade de preservar valores que respondessem ao antinatural com uma “regeneração” mental. Não por acaso, a anarquista define o anarquismo como “a filosofia de uma nova ordem social”⁴¹¹. Ou seja, uma ética modulada pela própria vida entraria em cena segundo o prisma goldmaniano.

Em sua discussão sobre o cenário pós-revolucionário russo, a anarquista expressa a necessidade de que os meios correspondam aos fins, de modo que a revolução social seja uma coextensão de um pensamento livre e não a reedição de ideias dogmáticas sob roupagem reformista. Segundo afirma:

⁴¹¹ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p.18.

O senso de justiça e igualdade, o amor à liberdade e à irmandade humana - esses fundamentos da verdadeira regeneração da sociedade - o Estado comunista suprimiu ao ponto de extermínio. O senso instintivo de equidade do ser humano foi marcado como sentimentalismo fraco; a dignidade e a liberdade humanas tornaram-se uma superstição burguesa; a santidade da vida, que é a própria essência da reconstrução social, foi condenada como não-revolucionária, quase contrarrevolucionária. Essa terrível perversão dos valores fundamentais trazia em si a semente da destruição.⁴¹²

A “equidade” não corresponde à supressão das “individualidades humanas”, mas sim ao asseguramento do desenvolvimento instintivo destas. Tem-se aí o redesenho da própria noção de valores humanos. A força expansiva da criatividade individual seria inexpugnável, transbordando o contorno das leis institucionais. Sendo assim, se os poderes insidiosos sobre as relações sociais se concentram em uma *conservação* verticalizada de princípios uniformizadores, a revolução significa, em oposição, *fluência* orgânica das aspirações à liberdade.

A filosofia e o fazer teatral, enquanto arautos do novo, antecipariam direitos vitais às relações sociais a partir de anelos “outros”. Anelos que não redundam em teorias teleológicas, uma vez que, como Emma Goldman própria assevera, “eu sinto que a humanidade das pessoas é infinitamente mais importante, às vezes, que suas teorias”.⁴¹³ Teorias e práticas prescritivas de um futuro fechado já seriam a antecipação da servidão, emulando as narrativas religiosas de redenção. Nesse sentido, justamente, o pensamento livre seria a oposição que, levada à ação, impulsionaria a revolução. Para Goldman, a filosofia da soberania da individualidade está inscrita em obras que não subscrevem correntes massificadas, de modo que aí estaria o ponto nodal para entender seu diálogo com Gorki na revisão dos desdobramentos da Revolução Russa (1917).

O escritor russo Maksim Gorki (1868-1936) defendia a liderança de Lênin em um programa etapista de revolução, embora sua obra expressasse uma ética libertária. Emma Goldman, interpelando o poeta, sublinha as ações individuais do povo russo em detrimento de quaisquer autoridades temporárias que pudessem conduzir uma revolução. O terror e a

⁴¹²GOLDMAN, Emma. “Minha desilusão adicional na Rússia”. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-my-further-disillusionment-in-russia> Acesso em 05 de maio de 2020.

⁴¹³ PORTER, David, ed. *Vision on Fire: Emma Goldman on the Spanish Revolution*. New Paltz, N.Y.: Commonground Press, 1983.

supressão de individualidades não legitimariam, na ótica goldmaniana, pretensos ideais de liberdade. A ideia de uma ética que deveria subjazer às linguagens artísticas se torna ainda mais candente no pensamento da anarquista.

Nesse sentido, a Revolução Espanhola (1936-1939) em oposição à Russa, foi considerada por Goldman como um exemplo de vínculo estreito entre mudança cultural de mentalidades e ação prática autogestionária. A anarquista enfatizou a ausência de líderes carismáticos conduzindo a revolução, diagnosticando que as individualidades humanas puderam colocar na prática – pelo menos por um curto período – a consciência social dos trabalhadores sem mediações verticalizadas.

A revolução se torna factível quando o levante social propicia o surgimento de novos valores baseados na liberdade individual. Enquanto a transvaloração de valores é um processo perene, inerente às individualidades humanas, as narrativas institucionais configuram o próprio entrave ao desenvolvimento da humanidade. Segundo Emma Goldman argumenta,

A lei é estacionária, fixa, mecânica, uma “roda de carruagem”, que mói todos sem considerar tempo, lugar e condição, sem nunca levar em conta causa e efeito, sem nunca entrar na complexidade da alma humana. O progresso não sabe nada de fixidez. Não pode ser pressionado em um molde definido. Ele não pode se curvar ao ditado: “Eu governei”; “Eu sou o dedo regulador de Deus”. O progresso está sempre renovando, sempre se tornando, sempre mudando – nunca está dentro da lei.⁴¹⁴

Em diálogo com o conceito de “revolta” de Max Stirner, o pensamento de Goldman prevê um abalo estrutural nas máquinas burocráticas. Para o filósofo, “A revolução exige a criação de *instituições*; a revolta exige que o indivíduo se *eleva ou se rebele*. A questão que preocupava as cabeças revolucionárias era a de saber que *constituição* escolher.”⁴¹⁵ Assim, como o legalismo e a violência constituem medidas superficiais para levar a cabo uma revolução, as construções de subjetividades aspirantes à liberdade indelegável surgiriam em articulação com o escopo anarcocomunista. Lucía Sánchez Saorníl, do Coletivo *Mujeres Libres*, corrobora o ideário subscrito por Goldman nos seguintes termos:

⁴¹⁴ GOLDMAN, Emma. “Address to the jury”, p. 5. Publicado em 1917. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-address-to-the-jury> Acesso em 04 de março de 2022.

⁴¹⁵ STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 409.

Dissemos, outro dia, que a Revolução devia começar em nós mesmos, e se não o fizermos, perderemos a Revolução social, nem mais, nem menos; nossa mentalidade burguesa não fará mais do que revestir de roupas novas os velhos conceitos, conservando-os em toda sua integridade.⁴¹⁶

A solidariedade, portanto, só brota a partir de um cuidado de si, e é nesse sentido que a filosofia e o teatro estimulariam esse dobrar-se sobre si. Para Emma Goldman, a revolta da individualidade manifestada por Stirner se aliaria às condições sociais que o drama de Ibsen escancarava: a irrepresentabilidade da potência individual, isto é, uma liberdade inegociável, que se descolava da esfera patriarcal e provincial. As sementes do passado, lidas enquanto estruturas sociais arcaicas, seriam o gérmen para a construção de um futuro alternativo em que a imanência da vida mostra sua tragicidade inerente.

O elemento trágico também é o elemento deseducador, na medida em que as ideias instiladas pelas instituições deveriam ser solapadas em prol de uma vivência desobrigada. A ética emergiria do voluntarismo, facultado pela consciência das individualidades em relação à revolta perene. Ao extrair possibilidades sociais do posicionamento de Stirner, Emma Goldman sentencia que as individualidades podem conviver sem a desapropriação do “eu” implicada na modernidade. Efetivamente, nem a filosofia stirneriana nem os dramas ibsenianos consideravam a subjetividade em um vácuo, em um contexto de inação. O cuidado de si seria uma pré-condição *sine qua non* para o estabelecimento de relações intersubjetivas sem a governamentalidade⁴¹⁷ que se infiltra no corpo/alma das subjetividades. Como diagnostica Edson Passetti, em sua leitura foucaultiana, “cuidar de si não é isolar-se ou criar-se à parte no interior de um todo, mas tomar o outro como parte integrante do egoísmo, uma razão que afirma para ambos a existência”.⁴¹⁸

Destarte, o progresso, para Goldman, corresponde ao desenvolvimento espontâneo de personalidades que sustentam o mutualismo, estabelecendo nexos sem abnegação umas com as outras. Segundo a anarquista sintetiza:

⁴¹⁶ SAORNÍL, Lucía. *Horas de Revolución*. Barcelona: Sindicato Único del ramo de alimentación de Barcelona, 1937, p. 26. Cf. a tradução ao português publicada pela editora Tenda de Livros.

⁴¹⁷ A concepção de “governamentalidade” de Foucault compreende um conjunto de práticas e representações que também estava presente no rol do pensamento goldmaniano, embora em outros termos. “Por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros- soberania, disciplina- e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes.” FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.143-144.

⁴¹⁸ PASSETTI, Edson. *Amizade (Ensaio: Foucault, Nietzsche, Stirner)*. Tese de Livre-Docência em Ciências Sociais, PUC-SP, 2000, p. 166.

Há uma ideia errônea, argumentávamos, de que a organização não favorece a liberdade individual, de que esta significa a decadência da individualidade. Muito pelo contrário, na realidade, a verdadeira função da organização é apoiar o desenvolvimento e crescimento da personalidade. Assim como as células animais, por cooperação mútua, expressam seu poder latente na formação de um organismo completo, a individualidade, por esforço cooperativo com outras individualidades, alcança sua mais alta forma de desenvolvimento. Uma organização, no verdadeiro sentido, não pode resultar da combinação de simples nulidades.⁴¹⁹

As individualidades humanas, portanto, não admitiriam a anulação da singularidade em nome de ideais totalizantes. A filosofia e o teatro despontam, assim, como linguagens mobilizadoras que não aquiescem às narrativas que represam a torrente infixa da natureza.

Em um discurso ao parlamento britânico, Emma Goldman, já no ocaso de sua trajetória, observa que o anarquismo sempre cultivou uma fé pela humanidade. Esta fala, longe de alardear um humanismo crente da superioridade racional dos seres humanos sobre a natureza, sintetiza o resgate das linguagens imanentes, isto é, das expressões imediatas das individualidades. Como se observou, a história, para Emma Goldman, seria uma luta constante das subjetividades contra os costumes artificialmente engendrados pela civilização, de modo que a humanidade seria derivada de uma natureza com um potencial criativo.

Ao vivenciar o contexto europeu após a Primeira Guerra, a anarquista constatou a cooptação desta humanidade por concepções que minam as expressões individuais, a saber: o nacionalismo, a educação arrebanhadora, a psicologia da servidão etc. O “hábito da obediência” teria sido instilado pela guerra, contexto que gerou a ascensão de regimes ditatoriais pela Europa e que seria alimentado pelo espírito de racionalização do capitalismo. Diante desse cenário que alimenta o ceticismo, Emma Goldman reiterou o potencial da ação individual/humana contra a alienação. Se o desespero fomentaria a fé em narrativas totalitárias, acreditar no potencial construtivo do desejo significaria obstar a ascensão de autoritarismos. Endossando o diagnóstico de uma fé supersticiosa que minaria a confiança na humanidade, a anarquista afirma:

⁴¹⁹ GOLDMAN, Emma. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Prólogo por Ignacio Soriano. Edição original por Fundación de Estudios Libertarios «Anselmo Lorenzo». Transcrito com a ajuda de Biblioteca Aukan. es.theanarchstlibrary.org, p.448.

Esse consentimento é a crença na autoridade, na necessidade dela. Na sua base está a doutrina de que o homem é mau, cruel e incompetente demais para saber o que é bom para ele. Sobre isso, todo governo e opressão são construídos. Deus e o Estado existem e são apoiados por este dogma. [...] Não há medo e esperança, colocados em um além, mas a potência individual. O ser humano deve voltar a si mesmo antes que possa aprender sua relação com seus semelhantes. Prometeu acorrentado à Rocha das Eras está condenado a permanecer a presa dos abutres das trevas. Solte Prometeu e você dissipará a noite e seus horrores.⁴²⁰

Enquanto medo e esperança são lidos como superstições, a fabulação de uma ética das entranhas é aceder à imanência. A concepção de humanidade alimentada por Emma Goldman é plástica, expressa como um processo alinhado à ideia de Stirner de que:

Um homem não está ‘destinado’ a nada, não tem nenhuma ‘missão’ particular, nenhuma ‘destinação’, tampouco como uma planta ou um animal a tem. A flor não obedece à missão de se aperfeiçoar, mas emprega todas as suas forças para gozar e consumir o mundo o melhor que ela pode, ou seja absorve tanta seiva da terra, tanto ar da atmosfera, tanta luz do Sol quanto pode receber e guardar⁴²¹

O gesto filosófico de negar a evasão da subjetividade a narrativas religiosas não redundava em um antropocentrismo ingênuo, mas em uma recusa da vida absorvida e prescrita por morais fixas. O “eu” goldmaniano, inconfundível a conceitos, encontra no elemento cênico essa necessidade de expansão. Destronar a humanidade das categorias fixas é apostar na filosofia e no teatro de individualidades que encontram na emoção, criatividade e prazer a síntese de sua crença. Reiteradamente, ela concebia a fugacidade dos modelos institucionais perante a força inamovível da individualidade. O manifesto de Stirner poderia não chegar a todas as camadas sociais, o que incitaria Goldman a buscar no fazer teatral a ponte para a linguagem humana. Não por acaso, seu escopo era a formação de jovens artistas que encontrariam nessa

⁴²⁰ GOLDMAN, Emma. “A Filosofia do Ateísmo”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-philosophy-of-atheism> Acesso em 08 de junho de 2020, p. 4.

⁴²¹ STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 421.

antirrenúncia de si também um mote político. A vivência, para ela, configurava um modo de aprendizado mais eficaz do que as escolas tradicionais, tolhedoras do florescimento da vontade.

Talvez o ensaio que melhor ateste essa confiança na humanidade seja “A Filosofia do Ateísmo” (1916), a partir do qual ela sentencia que “O ateísmo, na negação dos deuses, é ao mesmo tempo a afirmação mais forte do ser humano e, através do ser humano, o eterno sim à vida, ao propósito e à beleza”.⁴²² O gesto de afirmar o *nada*, recuperado através da leitura de Stirner, mune Emma Goldman com uma “fé” na manifestação da arte enquanto uma janela formativa de afirmação contínua das individualidades humanas.

Na ótica goldmaniana, se o desejo for internamente determinado, pela própria natureza individual, então a liberdade de expressão se consoma em uma vida alinhada ao fazer teatral. Contudo, se ele for orientado por instâncias externas, então essa ação desejante não é livre e precisa se autodeterminar através de uma filosofia radical. A impotência e a inação, impeditivas da atuação cênica, derivam das superstições entranhadas no âmago de relações intersubjetivas pautadas pelo medo e esperanças transcendentais.

Candace Falk já teria observado argutamente que o fazer teatral é uma aposta de Goldman no espelhamento das necessárias transformações sociais que deveriam ser sentidas como urgentes através desse afeto artístico universal. Conforme expõe,

Atraída pelas maneiras através das quais o teatro estava tão firmemente incorporado nos detalhes emocionais da vida e nas sutilezas da interação humana - os modos em que vinculava a coragem pessoal aos ideais políticos, realizando ações políticas como uma oportunidade comum todos os dias - Goldman usou o teatro como uma ponte'. As peças eram um veículo para a universalidade fora do domínio exclusivo da elite intelectual. Onde quer que ela pudesse, Goldman espalhou a palavra, tanto da magia e da arte do teatro como de sua potencial mensagem política.⁴²³

Para além de uma propaganda, meramente entendida como *agitprop*, o fazer teatral encarnaria, nessa cosmovisão, uma manifestação visceral da humanidade enquanto paixão destrutiva/criativa. Considerando arte e vida como “chamas gêmeas da revolta”⁴²⁴, Emma

⁴²² GOLDMAN, Emma. “A Filosofia do Ateísmo”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-philosophy-of-atheism> Acesso em 08 de junho de 2020, p. 4.

⁴²³ FALK, Candace. “Emma Goldman: Passion, Politics, and the Theatrics of Free Expression.” In: *Women's History Review*, 2002, p. 22.

⁴²⁴ GOLDMAN, Emma. *Vivendo minha vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 288.

Goldman associa a humanidade à imanência, à manifestação cotidiana de desejos e resistências a quaisquer narrativas de autossacrifício que delegam essas ações a um poder do além-corpo. Valores outros, portanto, somente seriam encontrados em vidas dissidentes que entranhassem no corpo a insubmissão.

Como uma propagandista de causas impopulares, Emma Goldman se embrenhou nos gestos encarniçados que pulsam em unísono com uma humanidade ainda em devir-criança. Em diapásão com Kropotkin, ela conclama a juventude que não sucumbe nem aliena suas potencialidades a um trabalho desassociado da vida. O amor seria uma ficção sem a cooperação, assim como a arte se torna mero pavio se não inflama as individualidades, perecendo na vergonha diante do fogo que outrora abrasou artistas em suas revoluções. Em outras palavras: lavrar valores outros para semear a revolta.

Arte, Vida e os fios não costurados à máquina

Mas a vida é uma meada emaranhada cujos fios devem ser desenrolados laboriosamente, um a um.

(Observations and Comments – editorial da revista *Mother Earth*)

O espírito que anima Emma Goldman é o único que libertará o escravo de sua escravidão, o tirano de sua tirania - o espírito que está disposto a ousar e sofrer.

Eu não tenho uma língua de fogo como Emma Goldman tem. Não posso ‘agitar as pessoas’. Devo falar do meu jeito frio e calculado.⁴²⁵

(Voltairine de Cleyre)

Já se sublinhou anteriormente a relevância da escrita para a propaganda anarquista de Emma Goldman: a ação discursiva assume a tônica de ação direta. O tecido narrativo não é, nesse prisma, uma urdidura indesfiável, artificial e tramada de forma transcendente. Isso traçou sua singularidade diante de outras vidas militantes: o tear de um discurso-percurso que faz a individualidade *sentir* as nuances da realidade. Não por acaso os textos das peças ibsenianas eram tão caros a essa militante. Se o *nada* de Stirner se revelou dinamite para dessacralizar a linguagem, a pena deveria se prestar à escrita de vidas outras. Ver-se-á a seguir como as *individualidades humanas* são escancaradas por Goldman através das biografias e de uma filosofia e arte alinhadas a existências desviantes. Vidas que ratificam o gesto filosófico do rompimento, o gesto cênico da costura coletiva e o “escândalo da verdade” diagnosticado por Michel Foucault a partir das subjetividades cínicas da antiguidade helênica.

⁴²⁵ CLEYRE, Voltairine de. “Em defesa de Emma Goldman e do direito de expropriação”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-in-defense-of-emma-goldmann-and-the-right-of-expropriation> Acesso em 15 de junho de 2022.

Individualidades humanas no grafar da resistência

Emma Goldman fazia de sua vida um libelo. Não à toa, quis registrar em escritos suas ideias para que estas inflamasse outras vidas.⁴²⁶ Vidas “outras” que não se rendessem somente à fruição de seus discursos. Como se afirmou em capítulo anterior, o apreço de Emma Goldman pela linguagem é notável em sua inextricável vida-obra. Compreender o uso da linguagem como instrumento que pode operar rachaduras em modelos de subjetividade incita a pensar naquilo que Deleuze e Guattari designam de “linha de fuga”. Não se trata de um escapismo, mas de traições às lógicas territorializadas, de experimentações fora dos contornos previstos. Ao expor as contradições e negar as essências que impedem as subjetividades de se transfigurar, a linguagem tem o potencial de desmentir codificações estanques. Segundo Deleuze expõe:

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada.⁴²⁷

A existência de individualidades humanas percorreria uma linha de fuga contra enquadramentos do corpo-alma em um discurso civilizatório. A urgência em escrever é dada pela insurgência que se vive, de modo que a pena não registra a doutrina, mas a ação que é refratária a quaisquer teorias. Essa ação deveria se coadunar a todas as fases da vida humana, de modo que o diagnóstico por ela levado a cabo se dirige ao escrutínio do apreço à liberdade que busca expressão em cada domínio do comportamento humano.⁴²⁸ Goldman inscreve sua

⁴²⁶ No prefácio da obra *Anarquismo e Outros Ensaio*s, um compilado de escritos de Goldman sobre tópicos variados alinhados à vida, a anarquista argumentaria: “Minha grande fé no fazedor de maravilhas, na palavra falada, não existe mais. Percebi sua inadequação para despertar o pensamento, ou mesmo a emoção. Gradualmente, e com grande luta contra essa percepção, passei a ver que a propaganda oral é, na melhor das hipóteses, um meio de sacudir as pessoas de sua letargia: não deixa uma impressão duradoura. O próprio fato de a maioria das pessoas comparecer às reuniões apenas quando estimuladas pelas sensações do jornal, ou porque esperam se divertir, é prova de que realmente não têm necessidade interior de aprender. É totalmente diferente com o modo escrito de expressão humana.” In: GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other Essays*, p. 18. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays#toc2> Acesso em 26 de maio de 2021.

⁴²⁷ DELEUZE, Gilles. PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 49.

⁴²⁸ Conforme ela afirma: “eu tentei provar essa tendência inerente em várias leituras que abordam a infância, a educação, a batalha da mulher e muitas outras fases da vida. Eu repeti que cada ser humano tem um instinto do anarquismo que é algo sem fronteiras e mais inclusivo que o termo liberdade”. GOLDMAN, Emma. “Por que eu sou uma anarquista”, p.86. IISH, n. 191, 1933. Disponível

militância em um exame das tendências psicológicas que poderiam aportar à luta pela emancipação uma fagulha detonadora da revolução. A escrita revelaria, como um lume, “instintos” de revolta que inflamam a vida de si e dos outros.

A escrita de si, como sugere Margareth Rago⁴²⁹, é grafar a recusa ao poder e fagulha para singularizar uma luta que aporta uma ética outra à sociedade. O gesto autobiográfico não é um hiato, mas um *em-ato*, pois supõe a vontade de transformação que brota no presente, no momento de rememoração e transcrição do passado. Por isso, a literatura, para Emma Goldman, suturava os fios da memória de uma vida rebelde aos fios da reexistência vislumbrada pela fabulação, a fábula em ação. E mais: propiciava a confabulação com as amigas e amigos anarquistas.

Para escrutinar como ocorria o entremear da filosofia de vida e do teatro na defesa das individualidades humanas é necessário abordar quais vidas Goldman sublinha além da sua. Trata-se de compreender como esse estilo de vida prefiguraria nas peças de teatro proferidas em conferências públicas e como essas redes entre militância e fazer artístico tinham como corolário a livre expressão do corpo/alma em uma ética libertária de amigos e amigas.

Alguma tinta já foi gasta acerca da leitura e reapropriação do drama social moderno por Emma Goldman. Autoras como Kathy Ferguson sintetizaram o formato em que as peças de teatro eram descortinadas pela lente goldmaniana. Note-se que, excetuadas as montagens cênicas nos próprios palcos, essa interpretação dos enredos abre margem à consideração das peças enquanto narrativas literárias portadoras de uma mensagem social. Como atenta Kathy Ferguson,

as palestras e livros de Goldman sobre drama envolvem uma breve introdução ao dramaturgo e sua época, um resumo do enredo baseado em extensas citações da peça e um comentário esboçando a “lição moral” ou “mensagem revolucionária” da narrativa.⁴³⁰

em:<<https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.191?locatt=view:manifest>> Acesso em 01 de janeiro de 2022.

⁴²⁹ RAGO, Margareth. *A Aventura de Contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

⁴³⁰ FERGUSON, Kathy. *Emma Goldman: political thinking in the streets*. Rowman & Littlefield Publishers, 2011, p. 241.

O ponto salientado por Ferguson traz contribuições relevantes para que se entenda o cerne da leitura goldmaniana da radicalidade atrelada ao fazer teatral: o enredo literário deveria inflamar a revolta no presente imediato. O entretenimento não entra no rol de considerações de Emma Goldman, de modo que o afinamento das tramas com a vida é que seria o elemento sublinhável das peças. Tais quais sua própria autobiografia, *Vivendo minha Vida*, as peças e romances trazem a experimentação de problemas vitais das subjetividades que repensam e têm como horizonte a humanidade. A escrita configura uma das mediações possíveis para dar vazão a elementos lidos como “instintivos” e vitais, como o amor à liberdade que seria lido por Goldman como um afeto inerente de cada subjetividade.⁴³¹

Contudo, somente pesquisas mais recentes têm se atentado à perquirição da divulgação do teatro por Goldman enquanto eixo que se articula à militância pela própria existência. A obra “*Mother Earth*” and the *Anarchist Awakening* tangencia o vértice que conecta militância e fazer artístico ao aportar a propaganda anarquista por meio de conferências sobre o Drama Social Moderno. Segundo um excerto de uma entrevista com Emma Goldman trazido por esta última pesquisa, “O mérito e virtude do drama é que ele mostra como a vida é. O único remédio para as condições atuais deve advir de um entendimento do caráter humano e suas necessidades”⁴³². O elemento da persuasão pela palavra cênica – ou melhor, pelas situações do cotidiano visceralmente ali retratadas – acende lumes relevantes para a compreensão do teatro como ferramenta intensamente empregada por Goldman para despertar afetos.

A suspensão da temporalidade trivial aporta texturas outras ao diagnóstico do presente ali matizado. Em uma das passagens de sua autobiografia, intitulada *Vivendo Minha Vida* justamente para grifar esse processo em gerúndio e devir, Emma Goldman recordaria uma afirmação de sua autoria que tem especial relevância para a compreensão de como arte, vida, individualidade e humanidade apresentariam liames orgânicos entre si: “a eles me dirigi em minha palestra sobre ‘Arte na Vida’, na qual assinalei, entre outras coisas, que a vida em toda sua variedade e plenitude é arte, a mais suprema”.⁴³³

Há, porém, outro ingrediente fulcral nessa equação: a *vida* dos/das próprios/as artistas, sejam eles/elas dramaturgos (as), poetas, pintores (as), musicistas ou mesmo anarquistas que fizeram de sua existência uma espécie de manifesto contra as tiranias do cotidiano. Assim como

⁴³¹ GOLDMAN, Emma. Em um rascunho prévio para discurso, Emma Goldman acentua uma vocação inerente para a militância anarquista, afirmando que sua luta advém do próprio sangue. Vide: “Por que eu sou uma anarquista”. 1933. EGP-IISH, no. 191.

⁴³² HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p.220.

⁴³³ GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 513.

as personagens das peças prefiguravam vidas que se afinavam ao contexto prosaico e, concomitantemente, eram arautos de mudanças sociais mais amplas, as individualidades humanas cujas trajetórias passavam pela pena de Emma Goldman acediam à dissidência por meio do fazer artístico que refletia seus dilemas do corpo/alma. A literatura seria uma das mediações possíveis entre essas jornadas e a coletividade, uma vez que alimentaria a insatisfação subjetiva de quem toma contato com tal enredo.

Filamentos de vida que esfacelam dicotomias

A fim de que se compreenda como a vida é sublinhada na literatura que Goldman lê e escreve, torna-se crucial expor sua cumplicidade em relação à vida como algo que principia no cotidiano imediato. Como em um *blend* indissolúvel, Emma Goldman não via o anarquismo social⁴³⁴ como uma estrutura programática alheia aos gestos criativos/destrutivos que emergem das singularidades que interagem entre si. A anarquista incorpora o antidualismo, rompendo com dicotomias que surgem e reemergem na modernidade. Não vislumbrando um abismo intransponível entre o anarquismo que principia na própria vida e um chamado “anarquismo social”, Goldman escavou sua terceira margem do rio que se abria ao fluir da própria vida, consideradas aí suas nuances e necessidades impassíveis de teorização. Como ela argumenta:

Quanto aos métodos, o anarquismo não é, como alguns podem supor, uma teoria sobre o futuro que se alcançará através da divina inspiração. É uma força viva nos fatos de nossa existência, constantemente criando novas condições. Os métodos do anarquismo, portanto, não supõem um programa irrefutável que deve ser levado a cabo sob qualquer circunstância. Os métodos devem surgir a partir das necessidades econômicas de cada lugar e clima, e dos requisitos intelectuais e temperamentais do indivíduo. O caráter sereno e

⁴³⁴ Por anarquismo social leia-se uma vertente afeita ao anarcocomunismo e ao anarcossindicalismo e em franca oposição ao anarcoindividualismo. Segundo Murray Bookchin, haveria uma tensão irreconciliável entre autonomia individual e coletiva. Conforme argumenta: “Por cerca de dois séculos, o anarquismo — um corpo extremamente ecumênico de ideias antiautoritárias — desenvolveu-se com a tensão entre duas tendências contraditórias: um compromisso pessoal com a *autonomia* individual e um compromisso coletivo com a *liberdade* social. Essas tendências nunca se harmonizaram na história do pensamento libertário. Na realidade, durante boa parte do século XIX, elas simplesmente coexistiram no anarquismo, fundamentadas em uma crença minimalista de oposição ao Estado, e não em uma crença maximalista, que concebesse a nova sociedade que deveria substituí-lo.” BOOKCHIN, Murray. “Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível”. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/murray-bookchin-anarquismo-social-ou-anarquismo-de-estilo-de-vida-um-abismo-intransponivel> Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

tranquilizador de Tolstói necessitará de diferentes métodos para a reconstrução social em comparação à personalidade intensa e transbordante de um Michail Bakunin ou um Piotr Kropotkin.⁴³⁵

Por que se deveria ignorar o fator revolucionário que emerge de uma vida outra? Os filamentos aparentemente díspares de uma vida-obra de Tolstói, Bakunin e Kropotkin seriam enfeixados na cosmovisão goldmaniana, mas sempre entrevistados como contribuições inseridas em um cenário sociopolítico específico. Segundo Emma Goldman sentença: “eu sou anarquista porque aprendi que ignorar o indivíduo é abandonar a essência de sua função”.⁴³⁶ E aí é necessário um adendo: em seus discursos acerca de uma filosofia do anarquismo, a militante não se furta a referendar um prisma de anarquismo que brota espontaneamente da sensibilidade subjetiva, como uma antena solitária, em relação às mazelas coletivas. Do ideário estadunidense de sua época, Goldman assimila e ressignifica a liberdade espiritual. Chris Dodge, em “Emma Goldman, Thoreau e os anarquistas”, mapeia as influências de um ideário imanente, oriundo de vidas simples, autossuficientes e filosóficas que se entranharia na vida-obra da militante. Segundo um trecho de entrevista de Goldman por ele recuperado:

os americanos que insistiram em acreditar que a anarquia era uma revolução estrangeira estão descobrindo que é uma filosofia universal e que seus próprios Emerson e Thoreau disseram coisas anárquicas mais sensatas do que qualquer um dos anarquistas declarados.⁴³⁷

Não se observa, portanto, uma recusa ao fazer anárquico como estilo entranhado na própria vida. Pelo contrário: o gesto político ou antipolítico deriva de uma ruptura com grandes narrativas. Emma Goldman rompe com o refrão irônico de que “o sujeito pode ter todas as glórias da Terra mas não poderá ter consciência de si mesmo”.⁴³⁸ Em um exercício imaginativo de anacronismo, se Goldman respondesse a Murray Bookchin (1921-2006), ela salientaria que o *anarquismo como estilo de vida* oferece um instrumental estratégico: a vontade de esfacular a liberdade enquanto elemento compulsório e a aposta na existência. Segundo a militante

⁴³⁵ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como Arma*. 1911. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010, p. 29.

⁴³⁶ GOLDMAN, Emma. “Por que eu sou uma anarquista”, p. 9. In: *IISH*. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.191?locatt=view:manifest> Acesso em 08 de setembro de 2021.

⁴³⁷ DODGE, Chris. “Emma Goldman, Thoreau, and Anarchists”. In: *The Thoreau Society Bulletin*, n. 248, 2004, pp. 4-7.

⁴³⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: lo que realmente significa”. In: *La Palabra como arma*, 1911. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010, p. 20.

comenta, na esteira de Stirner, a liberdade não deve ser entendida em um sentido negativo de libertar-se de algo; libertar-se positivamente compreende uma potencialidade que aspira à superação do abismo entre anseios das individualidades a um bem-estar e a própria organização coletiva. Provocativamente, ela argumenta:

Não obstante, os anarquistas individualistas estão muito mais próximos da importância da liberdade como um motor orientador na vida social do que os socialistas que insistem em uma centralização intrincada onde o indivíduo deve ser reduzido a uma mera engrenagem da máquina social.⁴³⁹

Não existe uma fixidez fossilizada que permita compreender o posicionamento de Emma Goldman em uma chave dicotômica. Em sua humanidade afrontosa, a anarquista transitou entre o reconhecimento de um senso instintivo de equidade e a valorização de personalidades humanas. Após vivenciar os desdobramentos da Revolução Russa tornou-se ainda mais visceral seu manifesto em prol de “profetas sublimes, professores, pioneiros, rebeldes que sonharam, trabalharam, sofreram e morreram por maior liberdade”⁴⁴⁰. Esse destaque conferido à personalidade humana torna o discurso-ação goldmaniano afinado a uma genealogia anarquista que recusa o altruísmo como obrigação moral e expõe a necessidade do anarquismo como autossatisfação da individualidade em organicidade corporal com a coletividade. Como a militante argumenta:

Há alguns que, se perguntados por que são anarquistas, dirão: 'para o bem do povo'. Não é verdade, e eu não digo isso. Eu sou uma anarquista porque sou uma egoísta. Dói ver os outros sofrerem. Então, porque o que os outros sofrem me faz sofrer, sou uma Anarquista e dou minha vida pela causa, pois só através dela pode acabar todo sofrimento, carência e infelicidade.⁴⁴¹

Algumas pesquisas⁴⁴² se debruçaram sobre a seguinte problemática: Emma Goldman nutria apoio às massas ou apostava em mártires que, em seu pioneirismo, imprimiriam inflexões

⁴³⁹ GOLDMAN, Emma. “Historic Development of Anarchism”, p.74. In: *IISH*. Disponível em: <<https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.191?locatt=view:manifest>> Acesso em 08 de setembro de 2021.

⁴⁴⁰ *Apud* MORGAN, Kevin. “Herald of the Future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the anarchist as superman.” In: *Anarchist Studies*, vol. 17, n.2, 2009, pp. 55-80.

⁴⁴¹ *Ibidem*, pp.55-80.

⁴⁴² Sob o prisma nietzschiano do super-homem, Kevin Morgan analisou o destaque que Emma Goldman conferiu às individualidades dissidentes como arautos de inflexões sociais. Cf. MORGAN, Kevin.

ao contexto social? A essa perquirição pode-se responder: a anarquista oscilou, com toda a sua verve humana, entre o isolamento e a solidariedade.⁴⁴³ Ao mesmo tempo em que versou sobre um heroísmo de atores/atrizes da revolução, ela também se debruçou sobre a prática do anarcossindicalismo. Max Nettlau expõe de forma certa essa travessia realizada por individualidades ácratas: “Do isolamento nos refugiamos na solidariedade, da demasiada sociedade buscamos alívio no isolamento: tanto a solidariedade quanto o isolamento são, cada um no momento certo, liberdade e ajuda para nós”.⁴⁴⁴

Não é possível desprezar o apreço goldmaniano pela personificação de escritores (as) como um propósito social de reconstrução coletiva. A anarquista descostura o tecido político e prioriza sua atenção aos filamentos: as vidas artistas participariam tanto da dinamite das estruturas institucionais quanto suas obras. Não por acaso, no rascunho acerca da literatura russa, a anarquista traça um inventário de escritores e escritoras, apresentando uma breve biografia e salientando as acusações às quais muitas das vezes eram submetidas tais vidas-obras.⁴⁴⁵

Como se observará com mais vagar adiante, embora Alexander Berkman tenha visto de forma reticente o entusiasmo de Emma Goldman por manifestações artísticas como estilo de vida anarquista, cada vez mais o teatro foi um ponto de convergência radical entre a performance, a palavra escrita e a militância. A corporificação da revolta na letra artística dinamitaria as fronteiras entre revolta filosófica do eu e o despertar das massas para a revolução. Essa proposta de intervenção foi vista por alguns como inócua, mas recuperar essa vertente anarquista é perceber que os posicionamentos libertários não operam por uma simples dicotomia. Como Alice Wexler aponta, Goldman transitou entre "os extremos de fé e desprezo pelas massas, entre a crença na revolução e o desespero".⁴⁴⁶

“Herald of the future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the anarchist as superman.” In: *Anarchist Studies*, vol. 17, n. 2, 2009, pp 55-80.

⁴⁴³ Como se observou, não se trata de uma mera querela entre individualismo/coletivismo. A maioria só é deletéria quando confia os rumos de sua vida a uma minoria que homogeneiza a massa e sufoca devires-minoritários em sua potência. Não existe inflexão social que não passe pela individualidade que pode ser nomeada. A singularidade intelectual, por exemplo, atentaria ao anestesiamiento do proletariado.

⁴⁴⁴ NETTLAU, Max. “Anarquismo: Comunista ou Individualista? Ambos”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/category/author/max-nettlau> Acesso em 14 set.2021.

⁴⁴⁵ *Apud* Cf. MORGAN, Kevin. “Herald of the future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the anarchist as superman.” In: *Anarchist Studies*, vol. 17, n. 2, 2009, pp55-80.

⁴⁴⁶ WEXLER, Alice. In: BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan. (Orgs.). *Encyclopedia of the American Left*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1998 ed., pp. 273-5. Vide, por exemplo, o seguinte trecho de uma carta de Emma Goldman a Alexander Berkman: “Kropotkin, Bakunin e os demais tinham uma fê infantil no que Piotr chama de ‘espírito criativo do povo’. Se o povo pudesse realmente criar a partir de si mesmo, poderiam mil Lênins ou o resto colocar o laço em volta da garganta das massas russas? Sinceramente, acredito que é necessário enfatizar o fato de que as massas, embora criem a riqueza do mundo sob coação, ainda não aprenderam a criá-la voluntariamente para suas próprias necessidades e as de seus semelhantes. E, a menos que aprendam, toda revolução irá e deve fracassar”.

Assim, é possível pensar que o escopo da anarquista não era o de alcançar um consenso revolucionário, mas espalhar a revolta em seus círculos mais imediatos a partir do exemplo. Suas escolhas redundavam em cumplicidades que conjuravam por um futuro transindividual. Ou seja, nos interstícios entre individualidades e tecido coletivo se encontraria a fagulha de uma vida dissidente. A perene transitoriedade das individualidades não podia ser mensurada por laços indissolúveis em torno de um grupo de afinidades. Assim, ela exprime em carta a Alexander Berkman:

pois eu aprendi por meio de lágrimas e sangue que o valor humano intrínseco não são reuniões bem-sucedidas, ou a adulação do público ... O único valor duradouro é o valor de se destacar contra amigos e inimigos, ser inseparavelmente aliado do futuro.⁴⁴⁷

Em vez de grupos de afinidades com estratégias fixas para a tessitura de redes de solidariedade, por que não grupos dissolúveis de amizade? Não seriam as afinidades um simulacro de participações democráticas?⁴⁴⁸ Como se depreende da tese de Gustavo Simões⁴⁴⁹ em relação a John Cage, as facetas de músico e anarquista não podem ser desatreladas, uma vez que elas se condensam em uma vida artista. E o que seria uma *vida artista*? Não seria meramente uma vida artística, especialista em criar obras de arte esteticamente identificadas com um estilo e autoria. Michel Foucault sublinha a existência que faz da própria jornada um processo perene de experimentação, assim como no ensaio cênico que já é potencialmente livre das amarras morais porque toma a vida como seu próprio objeto. E talvez seja possível estender tal antídico à trajetória goldmaniana. Afinal, Emma Goldman também foi artista e não temeu a cacofonia das demolições criativas.

Toronto, 1927. *Nowhere at Home: letters from exile of Emma Goldman and Alexander Berkman*. Nova Iorque: Schocken Books, 1975, p. 113.

⁴⁴⁷ *Apud* MORGAN, Kevin. “Herald of the Future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the anarchist as superman.” In: *Anarchist Studies*, vol. 17, n.2, 2009, pp. 55-80.

⁴⁴⁸ Como nuance Acácio Augusto, a aposta em um ativismo como engajamento democrático-participativo pode inocular as revoltas que emprestam fagulhas à luta antipolítica. Segundo ele afirma: “[Richard Day] ao opor a lógica da afinidade à lógica da hegemonia, sua análise ainda oferece espaço para repor a política, como política das afinidades, e para refazer a utopia da sociedade livre e igualitária (ainda que em devir, pela comunidade que vem) por meio da oposição entre Estado e sociedade com potência de espaços livres.”. Cf. SEBASTIÃO JUNIOR, Acácio Augusto. “Lutas Anarquistas hoje: entre a utopia e as heterotopias”. In: *Cosmos & Contexto*. Disponível em: < <https://cosmosecontexto.org.br/lutas-anarquistas- hoje-entre-a-utopia-e-as-heterotopias/> > Acesso em 13 de setembro de 2021.

⁴⁴⁹ Cf. SIMÕES, Gustavo. *O Desconcerto Anarquista de John Cage*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

Vidas dissidentes

Goldman não se restringia a registrar suas próprias filosofias derivadas das vivências sob o perene risco da censura, mas resgatava biografias de vidas outras. Seu escavar genealógico atuava como uma pintura em camadas: com diferentes paletas, os contornos das estruturas de opressão adquiriam tons distintos. Para apreender as tramas de uma tela em que se delineava vida-obra dissidente a apreensão em uma primeira mirada seria vã. Era preciso desvelar desde o esboço até as perspectivas mais matizadas. Tais vidas disruptivas, entrevistadas como exemplos de existência negadora de velhos valores, sempre se encontravam no limiar do perigo. A anarquista tinha uma lente que focalizava o além-obra: perscrutava as biografias de quem se arriscava para estilhaçar valores e expressar esse gesto cáustico no fazer artístico. A propaganda pela própria existência lhe era tão cara que ela afirmou:

Esta [uma reconstrução social] só pode ser feita através, primeiro, de uma ampla e generalizada aprendizagem do lugar ocupado pelo ser humano na sociedade e sua apropriada relação com seus irmãos; e, segundo, através do exemplo. Quero dizer, por exemplo, a real vivência de uma verdade uma vez esta seja reconhecida, e não simplesmente teorizar sobre tal elemento da vida. Finalmente, e como arma mais poderosa, o protesto econômico consciente, meditado, organizado, das massas através da ação direta e da greve geral.⁴⁵⁰

Emma Goldman vivenciou de forma estreita a controvérsia anarquista da *propaganda pelo fato*⁴⁵¹. Sua perspectiva não era condenatória de ações terroristas, mas seu alinhamento ao discurso incisivo era mais pronunciado do que seu apoio a táticas de violência *tout court*. Ao associar o novelista francês Èmile Zola ao martírio anarquista, a militante ressignifica o conceito, aportando uma alusão à vida de quem se devotou ao fazer artístico. A propaganda que atraía Emma Goldman era aquela que exemplificava em biografias desviantes a expressão de força das individualidades. Não por acaso, no rascunho “Arte e Revolução” ela elenca uma série

⁴⁵⁰ GOLDMAN, Emma. “En qué creo”, p. 194. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

⁴⁵¹ Uma ação de impacto considerável era levada a cabo para engendrar repercussões capazes de alçar as lutas anarquistas a uma grande visibilidade. Já se ressaltou que Emma Goldman participara do atentado ao empresário industrial Henry Frick, em 1892, responsável pelo massacre de dezenas de operários. Algumas pesquisas já se debruçaram sobre a defesa ou rechaço da anarquista a ações violentas. Cf. KENSINGER, Loretta. “Radical Lessons: thoughts on Emma Goldman, Chaos, Grief, and Political Violence Post-9/11/01”. *Feminist Teacher*. University of Illinois Press, Vol. 20, n.1, 2009, pp.50-70.

de artistas que trazem em seu gesto o agonismo entre desejo e dever social. Desalojados, eles seriam epítomes da luta contra a expropriação das emoções. As individualidades que transitavam pela arte seriam refratárias às amarras de um mundo que se artificializava a passos céleres. Aqueles que ousassem não relegar seus gestos criativos aos critérios do mercado e se rendessem às próprias emoções teceriam teias que os conectam à existência prosaica dos trabalhadores. Isso porque, segundo tal prisma, seriam artífices de valores outros, afinados à equidade de uma natureza que afeta todas as individualidades.

Mas que arte seria essa? Embora tenha se dedicado a conferências transnacionais sobre teatro, Emma Goldman se debruçou sobre pintura, música e literatura, sempre realçando a tônica do olhar micro sobre a vida. Justamente por conta desse prisma intimista é que artistas poderiam tecer pontes que os conectassem a outras construções coletivas possíveis. Para a anarquista, o/a artista pinta o que vê, isto é, o que lhe afeta diretamente. O compromisso cerne do fazer artístico é em maior medida afinado com a livre expressão humana do que com uma macropolítica abstrata. Vaticinando mudanças coletivas, a sensibilidade artística afloraria justamente como sintoma e força motriz transversal dessas inflexões.

O fazer artístico que alumia a pena de Emma Goldman encontra alguns ecos na concepção impressa por Oscar Wilde em “A Alma do Homem sob o Socialismo”. Neste ensaio de 1891, o escritor defende entusiasticamente a individualidade criadora, refutando a ideia de uma arte como simples auxiliar da luta social e totalmente afeita aos gostos populares. O fazer artístico perde sua efusão se não brota de um temperamento singular e atende automaticamente às demandas de um público ou instituições dominantes. Como expõe André Reszler, alguns anarquistas como William Godwin (1756-1836) rechaçavam a arte militante, de propaganda estrita, em prol de um fazer artístico que desse vazão à paixão e ação que fossem inalienáveis de cada ser.⁴⁵² Ressaltando a pluralidade dentro do próprio rol anarquista, ele reitera a existência de diversas correntes, dentre as quais a individualista, que enaltece a originalidade de cada fazer artístico pessoal, e a coletivista, que constrói uma narrativa que exalta a potencialidade criativa da comunidade.

Em “Arte e Revolução”, Emma Goldman cartografa como emerge a rebeldia das próprias vidas de artistas, pinçando elementos biográficos que, no emaranhado psicológico e contextual, desvelariam a marola de inquietação em emergência no bojo coletivo. Ao sentir as iniquidades sociais em seu âmago, a arte se imbuiria da chama para incendiar valores

⁴⁵² RESZLER, Andre. *La Estética Anarquista*. México: Fondo Cultura Económica, 1975.

conservadores. Sintetizando esse argumento, Emma Goldman, em citação não referenciada de Richard Wagner (1813-1883), afirma:

O que revoltou o arquiteto, quando ele teve de romper com sua força criativa em planos feitos para quartéis e hospedarias? O que prejudicou o pintor, quando teve de imortalizar o rosto repugnante de um milionário? O que é o músico, quando deve compor sua música para a mesa de um banquete? E o poeta, quando teve de escrever romances para a livraria? Qual foi então o aguilhão do sofrimento para cada um? O fato de que ele teve de desperdiçar seus poderes criativos para ganhar e fazer de sua arte um artesanato. E, finalmente, que sofrimento o dramaturgo pode suportar, que gostaria de reunir todas as artes dentro de sua obra-prima: o Drama? O Sofrimento de todos os outros artistas combinados em um!⁴⁵³

Note-se que a crítica goldmaniana se funda sobre a autorrenúncia de artistas que sofreram a expropriação de sua sensibilidade e gesto criativo por meio dos tentáculos massificadores das instituições. Contudo, a melodia crítica de Emma Goldman se agudiza no tom do drama moderno, o qual sintetizaria os dilemas psicológicos de vidas que se arriscam a contemplar o abismo de uma sociedade mortificada. Ao analisar a vida/obra de Wagner como um todo inextricável, a anarquista mobiliza uma citação deste artista e confere relevância às impressões mais íntimas que ele cultivava: “Nossas fábricas modernas nos fornecem a triste imagem da degradação mais profunda do homem – o trabalho constante matando corpo e alma, sem alegria ou amor, muitas vezes quase sem objetivo”.⁴⁵⁴

A revolta sensível contra a ausência de paixão e a automatização da vida seria lida como faísca para despertar a humanidade da letargia, instilar a rebelião individual e, coextensivamente, a revolução social no presente imediato. A rebeldia em palavra e ato foi enfatizada pela anarquista através da exposição de vidas devotadas a um ideal: semear valores “outros” diante das doenças sociais que convocam ao despertar. Citando Ibsen, ela sublinha:

Mine a ideia do Estado, coloque em seu lugar a ação espontânea e a ideia de que o relacionamento espiritual é a única coisa que constrói a unidade, e você começará a ver os elementos de uma liberdade que valerá a pena alcançar.⁴⁵⁵

⁴⁵³ GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution”, EGP-IISH, no. 195, p. 27-28.

⁴⁵⁴ *Idem, Ibidem.*

⁴⁵⁵ GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution”, EGP-IISH, no. 195, p. 87.

Efetivamente, essa concepção de rebeldia espiritual dissonaria daquela ecoada por outros atores anarquistas que defendiam uma propaganda via táticas violentas. Na década de 1880, o mote da "propaganda pela ação" começou a ser empregado para se referir a bombardeios individuais, regicídios e tiranicídios. Em 1881, a "propaganda pela ação" foi adotada como estratégia pelo Congresso anarquista de Londres. Já em 1887, alguns expoentes do movimento anarquista começaram a se distanciar de atos individuais de violência. Piotr Kropotkin, no bojo de *Le Révolté*, defenderia que “uma estrutura baseada em séculos de história não pode ser destruída com alguns quilos de dinamite”.⁴⁵⁶

Emma Goldman cultivava uma propaganda em prol da liberdade de expressão que se manifestaria em todas as camadas da existência humana. A revolta individual e a recusa de valores oriundos de instituições externas agudizariam a percepção das iniquidades sociais e desceriam em avalanche coletiva para mobilizar a revolução. Em um excerto, a anarquista sublinha os limites de uma literatura propagandística e evoca a sensibilidade humana capaz de fazer aflorar a insatisfação. Segundo esta aduz:

Enquanto o descontentamento e a inquietação se tornarem apenas sentidos em uma classe social limitada, os poderes de reação muitas vezes conseguem suprimir tais manifestações. Mas quando a inquietação muda se transforma em expressão consciente e se torna quase universal, ela necessariamente afeta todas as fases do pensamento e da ação humana, e busca sua expressão individual e social na gradual transvaloração dos valores existentes. Uma avaliação adequada da tremenda disseminação da agitação social moderna e consciente não pode ser obtida apenas com a literatura propagandística. Em vez disso, devemos nos familiarizar com as fases mais amplas da expressão humana manifestadas na arte, na literatura e, acima de tudo, no drama moderno - o intérprete mais forte e de maior alcance de nossa profunda insatisfação.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ MILLER, Martin A. *Kropotkin*. Chicago: University of Chicago Press, 1976, p. 174.

⁴⁵⁷ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: A Powerful Disseminator of Radical Thought”. In: *Anarchism and Other Essays*. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2021, p.102.

Assim, a arte como ensaio para uma vida outra (e vice-versa) constitui uma relação especular e orgânica⁴⁵⁸. Se uma vida indelegável pudesse afetar visceralmente as pessoas (anarquistas e não-anarquistas), tal como ocorre com a memória goldmaniana sobre os sete mártires de Chicago, novos enredos poderiam emergir. Não por acaso, portanto, Emma Goldman teria se debruçado sobre a escrita de biografias que tivessem uma verve de resistência ao próprio escopo de militância tradicional e à própria arte academicista. Conforme a anarquista afirma: “Nenhum estudante de arte, não importa em quantas academias tenha estudado, irá perceber o verdadeiro significado da arte a menos que faça um estudo da vida de grandes artistas, sua derrota, seu triunfo.”⁴⁵⁹

Para ela, a “incorporação da revolta” não ocorre por meio de cartilhas vanguardistas, mas através do desafio perene aos valores convencionais. Consequentemente, isso acarretaria a censura das vidas-obras desviantes. Ao sintetizar arte e vida como experiências dissolventes da normatividade, Goldman estabelece sua recusa a uma propaganda anarquista pelo artifício, erigindo o exemplo como mote afetivo capaz de destruir/construir liames sociais antiautoritários. O fazer artístico sem amarras é uma expressão possível a partir da introjeção subjetiva da rebelião. E tal rebelião se espraia do plano individual ao coletivo por meio do exercício de pintar a vida cotidiana em seus múltiplos matizes. É nesse diapasão que a anarquista afirma: “a verdadeira arte é a mais alta liberdade, e somente a mais alta liberdade pode oferecer nenhum mandamento, nenhuma ordenança, nenhuma direção.”⁴⁶⁰ Uma “verdadeira arte”, por sua vez, responde às vicissitudes da própria vida. E é assim que Emma Goldman condensa a tarefa da individualidade como intérprete de uma humanidade em busca de inflexões: “a vida nem sempre tira as mesmas conclusões; a vida nem sempre é lógica, nem sempre consistente. A função do artista é retratar a vida – só assim ele pode ser fiel tanto à arte quanto à vida”.⁴⁶¹

Assim, as individualidades humanas somente florescem a partir da expressão estético-política: sem o exercício visível da revolta e da “filosofia-em-ação” elas acabam fenecendo no automatismo que mina o devir vital. Ao confrontarem a barbárie da censura política e moral,

⁴⁵⁸ Beatriz Carneiro, ao se debruçar sobre a fita de Möebius da vida-obra de Lygia Clarck e Hélio Oiticica, ressalta que a atitude experimental confronta o que se enuncia e se pensa com o que se faz na vida cotidiana. Tornar-se quem se é compõe o próprio gesto criativo. CARNEIRO, Beatriz Scigliano. *Relâmpagos com Claror: Lygia Clarck e Hélio Oiticica, vida como arte*. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

⁴⁵⁹ GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution,” EGP-IISH, no. 195, p.5-6.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p.29.

⁴⁶¹ GOLDMAN, Emma. GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.35. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf>

anarquistas e artistas cultivam um interesse comum: a experimentação. Conforme a militante ilustra:

A barbárie é um pântano estagnado; a liberdade intelectual é o rio que corre, a torrente furiosa que leva embora a ralé de instituições velhas e decadentes. Essa barbárie é o grande inimigo do elemento libertário e revolucionário na América. Não só os revolucionários, mas também os inovadores nos campos da arte e da literatura não têm menos que resistir aos bárbaros, embora de forma diferente. Os anarquistas são perseguidos por uma legislação absurda; os revolucionários na arte e na literatura, por nossa opinião pública e padrões morais. Os anarquistas são vítimas da brutalidade policial; os artistas, insatisfeitos com as concepções artísticas dos esteticistas de salão, sofrem a condenação da Sra. Grundy. Ai do artista americano que não se tornar escravo da hipocrisia puritana. Ele morreria de fome se dependesse de sua arte como meio de subsistência.⁴⁶²

A canalização da natureza via mediações que não fossem artísticas e revolucionárias redundaria na banalização da humanidade, tal como Emma Goldman lê nas peças ibsenianas. O desperdício da verve individual é apontado por ela como elemento que trespassa as vidas de Nora e Dr. Stockmann. Enquanto a primeira personagem tem sua singularidade subtraída pelos papéis de mãe e esposa devotadas, o segundo não encontra meios de expressão da verdade na imprensa da cidade, reservada aos interesses hegemônicos. O exercício de autoanálise consistiria em reconhecer como os hábitos sociais instilados são incongruentes com a singularidade das pessoas. As personagens que prefiguram a revolta emprestam ao exercício dissecador de fetiches a matéria da radiografia das iniquidades: uma corporalidade tolhida em sua plena manifestação e que realiza a conversão a si mesma. Para Emma Goldman, essa encenação sensibiliza e prepara a humanidade para lidar com as contradições humanas.

Acerca das tramas escritas por Strindberg, outro dramaturgo que ela frequentemente divulgava, Goldman afirma: “alguém tão implacavelmente honesto consigo mesmo não poderia ser menos com os outros”⁴⁶³. Vincula-se inextricavelmente vida e obra das pessoas dramaturgas que colocam no palco personagens despojadas do verniz social e que são conseqüentemente execradas por responderem aos impulsos íntimos. As personagens das peças discutidas por

⁴⁶² GOLDMAN, Emma. “Entre os bárbaros”. (1907). *The Anarchist Library*, p.1. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-among-barbarians?v=1619362736> Acesso em 01 de novembro de 2022

⁴⁶³ GOLDMAN, Emma. *The social significance of the modern drama* (1914), p.21. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf>

Goldman se debatiam entre virtudes e vontades, amor e castração, honra e livre expressão, adquirindo os matizes que as tornam demasiadamente humanas. Ao destoarem de arquétipos, as mulheres representadas manifestariam, por exemplo, sua recusa a uma inata inclinação à maternidade. Segundo a anarquista sentença,

Especialmente isso é verdade para a mulher. Durante séculos ela foi embalada em transe pelas canções dos trovadores que homenageavam sua bondade, sua doçura, seu altruísmo e, acima de tudo, sua nobre maternidade. E embora ela esteja começando a perceber que todo esse incenso enevoou sua mente e paralisou sua alma, ela odeia desistir do tributo colocado a seus pés por sentimentalistas do passado.

Com certeza, é rude acender o holofote completo sobre um rosto pintado. Mas como saber o que está por trás da tinta e do artifício? August Strindberg odiava o artifício com toda a paixão de seu ser; daí sua severa crítica à mulher. Talvez tenha sido sua tragédia vê-la como ela realmente é, e não como ela aparece em seu transe. Amar de olhos abertos é, de fato, uma tragédia, e Strindberg amava a mulher.⁴⁶⁴

O fazer teatral tornaria tais opressões figuráveis, visíveis a diversos tipos de audiência. Não por acaso, o público que assistia às conferências sobre drama moderno era variegado: estratos da classe média, intelectuais, imigrantes, trabalhadores das minas etc. Emma Goldman considerava o apelo às emoções uma forma tão potente de persuasão quanto a panfletagem. Se o resgate de si em detrimento das capturas institucionais ocorre a partir de um esforço, o ideário goldmaniano alça essa singularização a um patamar de visibilidade pública de caráter formativo. As ações diretas são tidas pela anarquista como um potencial subversivo antevisto receosamente pelos poderes hegemônicos. Segundo Goldman discorre: “As perseguições contra o inovador, o dissidente, o contestador, sempre foram causadas pelo temor de que a infalibilidade da autoridade constituída seja questionada e seu poder solapado.”⁴⁶⁵

Ao concluir uma de suas análises das peças teatrais, a militante propugna que “é necessária a consciência de que, embora não possamos despertar o amanhecer, devemos preparar as pessoas para saudar o Sol nascente.”⁴⁶⁶ Nesse exercício psicológico e

⁴⁶⁴ *Idem, ibidem.*

⁴⁶⁵ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 41.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 66.

(anti)pedagógico que não poupa ninguém, os fios dissidentes preparam a trama para a revolução.

Corpos figuráveis

Como se observou anteriormente, geralmente a vivência anarquista ressalta a potencialidade integral do fazer artístico: ele poderia afetar corpo-alma das subjetividades⁴⁶⁷. Falar de vida e de *individualidade humana* implica o aporte da corporalidade, isto é, da imanência que se exerce nos palcos da própria vida. Quando Emma Goldman traça a trajetória de sua companheira Voltairine de Cleyre, ela sublinha aspectos de sua vivência corporal que realçam sua vida-obra anarquista. Conforme a anarquista a descreve:

aos meus olhos, Voltairine sempre se destacou como uma personalidade contundente, uma mente brilhante, uma idealista fervorosa, uma lutadora inquebrável, camarada devota e leal. Mas sua característica mais forte era sua extraordinária capacidade em vencer a fragilidade física, um traço que ganhou o respeito inclusive de seus inimigos, e o amor e a admiração de seus amigos.⁴⁶⁸

Longe de ser uma curiosidade episódica acerca dos discursos de Emma Goldman, se trata de um dos traços que corroboram sua abordagem da inextricabilidade corpo/alma na apreensão das individualidades humanas. À luta afirmativa, a anarquista conjuga o elemento trágico, quase martírico, destacando conformações naturais que também incidiriam sobre a formação da personalidade. Em suas palavras, a jornada assume o epítome de tragédia:

⁴⁶⁷ No prólogo da coletânea *Dinamita Cerebral*, observa-se como a literatura, por exemplo, assumiria um papel social fulcral no cenário anarquista. Conforme o argumento exposto: “a retórica persuasiva dos textos anarquistas visa o homem [ser humano] na sua totalidade, nos sentimentos e na razão. A propaganda anarquista, apesar de comportar temas e motivos convencionais, não é unidimensional.” In: MIR Y MIR, Juan. “Prologo”. *Dinamita cerebral: los mejores cuentos anarquistas de los más famosos autores*. 2ªed. Buenos Aires: Distribuidora Baires, 1974.

⁴⁶⁸ GOLDMAN, Emma. “Voltairine de Cleyre: escrito em vermelho”. In: *Revista Verve*, n.36; pp. 61-90, 2019, p.62.

E o ser portador de uma nova mensagem, o pioneiro do novo pensamento, o cantor da liberdade, o que a estrada significa para ele? Desprezo, calúnia, ódio, incompreensão, decepções, perseguição, prisão.⁴⁶⁹

Alice Wexler já teria notado como as alusões à inevitabilidade de comportamentos, movidos por uma força irresistível, foram impressas diversas vezes nas correspondências goldmanianas.⁴⁷⁰ Esse misto de voluntarismo e determinismo também surge na biografia escrita por Goldman acerca de Mary Wollstonecraft. As paixões seriam ingovernáveis, sobretudo no recôndito de uma alma considerada rebelde e pioneira. No ensaio “Mary Wollstonecraft, sua trágica vida e apaixonada luta pela liberdade”, surgem grifadas as condições de objetificação que o corpo de Mary enfrentou em sua vida privada⁴⁷¹.

Emma Goldman enaltecia em suas amigas a corporalidade que se dispõe à militância, desenvolvendo ensaios sobre vidas que matizavam o arquétipo atribuído às mulheres e sublinhando a revolta diante do histórico cativo da condição doméstica e sexual. O ponto que a militante defende é o da necessidade de desmontar uma exigência de modelo corporal-comportamental frequentemente endossado pela própria psicologia sexual⁴⁷². A anarquista redige uma carta em que traça o histórico de lutas da companheira Louise Michel, posicionando-se contra a atribuição de designativos fixos à sua orientação sexual.⁴⁷³

A viagem que Emma Goldman fez à Europa em 1895, dedicada ao estudo de obstetrícia e enfermagem, lhe teria legado outra consciência acerca das dimensões do corpo/psicológico: as histórias de vida emergiram em seu contato com a sexologia, a psicologia e o drama europeu. Ela também encontrou ensejo para dialogar com a mais recente literatura da Europa: Hauptmann, Nietzsche, Ibsen, Zola, Thomas Hardy e outros artistas rebeldes foram lidos com grande avidez. Seria inconcebível um processo revolucionário sem o autoconhecimento das

⁴⁶⁹ GOLDMAN, Emma. “On the Road”. Originalmente publicado em 1907.

Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-on-the-road> Acesso em 05 de julho de 2021, p. 3.

⁴⁷⁰ WEXLER, Alice. *Emma Goldman: an Intimate Life*. New York: Pantheon, 1984, p. 126.

⁴⁷¹ Nilciana Alves aporta contribuições para pensar o retrato de Mary Wollstonecraft feito por Emma Goldman. Cf. MARTINS, Nilciana Alves. *Entre Conceitos e Ações: a perspectiva goldmaniana em foco*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2022.

⁴⁷² Embora Emma Goldman critique as classificações médicas, há um alinhamento da anarquista com teorias científicas da época. No ensaio “Prisões: falência e crime social”, ela chega a citar o psiquiatra, criminologista e positivista Lombroso (1835-1909), sinalizando que estava a par dessas publicações. Tal citação surpreende, haja vista o prisma racista e eugenista contido em tais discursos criminológicos. Cf. em GOLDMAN, Emma. “Prisões: falência e crime social”. *Revista Verve*, n.7, 2005, p.62.

⁴⁷³ GOLDMAN, Emma. “Carta a Magnus Hirschfeld”. (1923). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-louise-michel-a-refutation-addressed-to-dr-magnus-hirschfeld> Acesso em 21 de novembro de 2022. Esse ensaio abre ensejo a discussões muito importantes sobre vida dissidente, anarquismo, homossexualidade, lesbianidade e psicologia sexual.

corporalidades e sua estadia na mãe Terra. Essas jornadas pessoais são documentadas com afinco pela anarquista.

O padecimento do corpo de artistas que devotam sua vida ao gesto de fabular vidas outras foi propalado nos discursos de Goldman como um matiz que destoava daqueles que vendiam o esforço criativo às demandas automáticas do mercado. Segundo ela argumenta, contrapondo um florescente fazer artístico europeu à inexpressiva cena estadunidense:

Neste país não temos uma grande arte. A razão é óbvia: nossos artistas trabalham por encomenda. Poderiam Emerson, Whitman, Meunier, o escultor belga, Millet, Wagner, que sofreram a difamação como todos os homens que exigem liberdade – eles poderiam ter trabalhado sob demanda? Eles foram incríveis porque desafiaram a convenção e o padrão econômico, bem como enfrentaram os carrancudos Sra. Grundy e Anthony Comstock. As pessoas perguntam: “qual a utilidade disso? Por que devemos sofrer e negar a nós mesmos todos os confortos e respeitabilidade quando nunca veremos nenhum dos resultados de nossas ações?” Essa não é a questão.⁴⁷⁴

A intrincada questão a que se refere Goldman remonta ao gesto da fábula em ação como algo que se inicia no presente imediato, mesmo que o corpo que execute a ação ética-estética radical corra todos os riscos de ser execrado pelos indivíduos de sua geração. A anarquista acompanhou o julgamento moral ao qual foi submetido Oscar Wilde, uma vez que a manifestação da homossexualidade na esfera pública era passível de censura e exclusão. A leitura de obras dissidentes incitaria Emma Goldman ao escrutínio do padecimento físico e criativo que artistas sofriam em função do moralismo socialmente insidioso.

Assim, ela narra:

Depois eu fui para a Europa e conheci os trabalhos de Havelock Ellis, Kraft Ebbing, Carpenter e muitos outros que me fizeram ver o crime contra Oscar Wilde de uma perspectiva mais clara. Desde aquela época passei a usar minha pena e voz em defesa daqueles cuja natureza, ela própria, foi destinada a ser diferente em sua psicologia sexual e necessidades.⁴⁷⁵

⁴⁷⁴ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p. 212.

⁴⁷⁵ GOLDMAN, Emma. “Louise Michel: A Refutation Addressed to Dr. Maynes Hershfeld”, Berlin, 1923. Disponível em: <<http://library.libertarian-labyrinth.org/items/show/3488>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

Atenta ao sofrimento e potencialidades do corpo feminino, Goldman se embrenharia pela senda do neomalthusianismo. Para ela, o controle de natalidade revelaria potencialidades de rebelião das corporalidades femininas que não podem mais ser vislumbradas como incubadoras compulsórias. Os estudos científicos que Goldman arrolava referendavam a ideia de que a procriação indiscriminada tinha como corolário a reprodução de vidas insalubres, disponíveis à exploração capitalista. Ao argumentar que as mulheres exaurem seus corpos em gestações seguidas e sem intervalo mínimo para recuperação, a anarquista coloca em jogo a luta de cada corporalidade pela emancipação. A vida ordinária deveria desmentir as leis que instituem que a mulher não pode ter acesso a métodos contraceptivos, evidenciando as mazelas que se escondem sob o verniz do puritanismo. Destarte, Emma Goldman interpela uma sociedade que não assegura a primazia do direito ao próprio corpo:

Em resposta a isso, quero dizer que não é o movimento do controle de natalidade que deve ser descartado, mas a própria lei. Afinal, é para isso que as leis servem, para serem feitas e desfeitas. Como eles ousam exigir que a vida se submeta às leis? Devemos ficar atados às leis pelo resto das nossas vidas, apenas porque algum fanático ignorante, na sua própria limitação de mente e coração, foi bem-sucedido em aprovar uma lei na época em que homens e mulheres eram prisioneiros de superstições morais e religiosas?⁴⁷⁶

A plena expressão da própria corporalidade já dinamitaria velhas relações sociais, na medida em que a alienação em relação às expressões vitais era coextensiva ao alijamento da esfera social. Corpos, vozes e ideias afinadas com a subjetividade emergiram com fulgor na época de Goldman. Além de se embrenhar nas sendas biológica, psicológica e antropológica, a anarquista se apropriou de filosofias imanentes. As camadas que recobrem a existência humana foram apreciadas e escrutinadas nos meandros da obra goldmaniana, de modo que os entraves ao acesso à livre expressão do corpo/alma foram sendo paulatinamente diagnosticados. Relembrando uma de suas discussões, Emma Goldman afirma:

Começaram a discutir sobre Nietzsche. Eu tomei parte na discussão, expressando meu entusiasmo pelo grande filósofo-poeta e estendendo-me sobre a impressão que sua obra me havia causado. Huneker estava

⁴⁷⁶ GOLDMAN, Emma. *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. São Paulo: Hedra, 2021, p.189.

surpreendido. “Não sabia que te interessava algo que não fosse a propaganda”, assinalou. “Isso é porque não sabes nada sobre anarquismo —respondi—, senão te darias conta de que ele abarca cada aspecto da vida e da luta, demolindo os velhos e desgastados valores”⁴⁷⁷

Outro episódio que sintetiza sua preocupação de trazer à tona a corporalidade no fervilhar da propaganda anarquista é a discussão que ela teve com Kropotkin acerca da questão sexual. Ao retrucar o argumento deste último, segundo o qual ela perdia tempo discutindo o elemento do sexo na vida, Goldman replicou que seria um debate inútil somente para alguém que já tivesse chegado na idade dele, acentuando a importância da questão sexual para as pessoas jovens.⁴⁷⁸ Para a militante, a própria emancipação humana já traria em si a semente de singularidades livres em sua própria manifestação biológica.

Tal vitalismo entraria recorrentemente em choque com concepções macropolíticas que concebiam a ação direta como uma estratégia convencionalmente política apartada das expressões sexuais, psicológicas e culturais. Segundo ela afirma, “o/a anarquista é perigoso/a para a sociedade não porque ele/a prega violência e dinamite, mas porque ele/a te torna consciente de si próprio/a”.⁴⁷⁹ O movimento de dar forma ao próprio corpo-alma seria uma ferramenta militante tão importante quanto um discurso em praça pública. Assim como John Cage (1912-1992) mostra, não importa tanto a forma que o escultor confere à pedra, mas como este se autoesculpe nesse processo criativo. A solitude de um corpo que se desagrilhoa poderia abrir ensejo à ruptura partilhada de amarras coletivas, na medida em que convoca o olhar dos outros. Assim, a leitura de Goldman das peças de Ibsen, por exemplo, contém elementos de corporalidade indescrivíveis: a anticisão corpo/alma e o risco de perecimento por conta do franco-falar.

Ser desalojada (o) e colocada (o) à deriva por conta da dissidência é uma realidade patente no destaque de Goldman conferido às peças ibsenianas. As expressões vitais de Nora e Dr. Stockmann se alinham à natureza das vontades, seja no despir do corpo de boneca da primeira protagonista seja na defesa da saúde coletiva por parte do segundo. Mesmo no limiar da exaustão e do linchamento, o franco-falar teve lugar na cena, rompendo-se com os artifícios que tornavam anódinos esses corpos que irrompem em meio ao pensamento massificado.

⁴⁷⁷ GOLDMAN, Emma. *Vivendo minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p.226.

⁴⁷⁸ A autora da tese não corrobora a afirmação marcadamente etarista. Contudo, o relato revela nuances do pensamento de Emma Goldman. Cf. em *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 183.

⁴⁷⁹ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p. 212.

Cesura e sutura para uma vida outra

Emma Goldman não se debruçou somente sobre a dissidência; também versou sobre os laços voluntários que poderiam ser costurados entre vidas corajosas a partir da confabulação. Ela não foi somente conferencista sobre teatro, mas articuladora de múltiplas redes para a própria sobrevivência das iniciativas artísticas. Contribuiu para a liga de teatro independente, apoiou o teatro russo em suas apresentações em Nova Iorque e difundiu o drama europeu nos EUA após sua viagem a Viena. Dentro e fora do drama social moderno, os afetos alinhavados entre individualidades que não se autorrenunciam seriam exemplos de uma sociedade antiautoritária em processo de construção. A articulação entre ceticismo e fabulação é um elemento vital que se descortina no exame de *individualidades humanas* que praticaram arte e militância em sua travessia heterotópica. Cultivar um posicionamento à deriva não seria apenas o despontar da revolta, mas configuraria um risco para a própria corporalidade e para os poderes que a vigiam e atravessam.

As peças resenhadas por Goldman prefiguravam uma ética de amigas e amigos que se cultivava em uma espécie de continuidade orgânica entre o dissenso e a solidariedade. Uma ética que afrontava as configurações institucionais. Em *Casa de Bonecas*, a tônica é o escancaramento de uma fidelidade que não abre janelas para o desenvolvimento das individualidades. Analogamente, em *Um Inimigo do Povo* a imprensa massificada não admite oposição e irrupção de pensamentos ímpares. Segundo Goldman interpela: “você consegue ver *Um Inimigo do Povo* e não perceber que a individualidade é a grande coisa?”⁴⁸⁰ Edson Passetti oferece ferramentas para pensar o que seria essa solidariedade que irrompe na solitude desviante. Segundo ele argumenta:

Os amigos libertários são generosos e preferem a diferença à semelhança, a lealdade à fidelidade, o diverso ao uniforme. Assim eles se tornam iguais. Formam associações e expõem publicamente suas relações. Recusam o confinamento da amizade ao privado como lugar de confissões entre pares, segredos e ajudas.⁴⁸¹

⁴⁸⁰ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p.220.

⁴⁸¹ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário, 2003, contracapa.

Cf. também: PASSETTI, Edson. “Anarquismo, Amizade e Sociabilidade Libertária.” In: *História: Fronteiras*. Anpuh: 1999.

Aquilo que Emma Goldman designa como lições extraídas das peças são espelhos de uma vida em que os inimigos da massificação tecem redes imediatas de amizades. A anarquista buscava contatos com pessoas cujas trajetórias eram desalojadas, seja das narrativas familiares, seja dos berços patrióticos. Para Edson Passetti, “a associação é uma criação de individualistas, únicos livres de povo, nação ou fantasmas”.⁴⁸² As teias expostas pelo fazer teatral, avessas às associações macropolíticas, eram uma extensão dos encontros da cena anarquista da época de Goldman. Para a estudiosa Kathy Ferguson:

Goldman foi muito de seu tempo: seu tempo e seu lugar estavam repletos de corpos, vozes e ideias de muitas centenas de mulheres radicais. Em uma entrevista de 1901 para o jornal *New York Sun*, Goldman observou que "muitos de nossos escritores mais hábeis são mulheres" e outras são ativas na dispersão da literatura anarquista.⁴⁸³

Recusar o confinamento da amizade ao privado, segundo Passetti, é constituir um perigo para a sociedade, que tende a rechaçar quaisquer redes de livre expressão que irrompem na contramão da institucionalidade. Emma Goldman incorporou o risco da punição e censura enquanto se aliava não só a trabalhadores, como a uma intelectualidade que faceava o fazer artístico enquanto devir da revolta. O afeto mútuo engendrado em palestras sobre teatro nas reuniões com mulheres era tanto de cumplicidade quanto de afronta às rondas de autoridades. Frequentemente, a polícia não atinava para o teor radical dos clubes de mulheres em Denver. Os relatos de viagem derivados de suas palestras mostram que a anarquista soube ludibriar a polícia ao eleger temas “intelectuais” na costura de seus discursos.⁴⁸⁴

Para Emma Goldman, a atmosfera radical pulsante propiciava a expressão das mulheres na esfera pública e a tessitura de redes entre as companheiras.⁴⁸⁵ Todavia, ainda haveria uma superstição a ser combatida no próprio âmago das subjetividades femininas. Em seu diagnóstico

⁴⁸² PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário, 2003, p. 22.

⁴⁸³ FERGUSON, Kathy. *Emma Goldman: Political Thinking in the Streets*. Rowman & Littlefield Publishers, 2011, p. 251.

⁴⁸⁴ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p.209.

⁴⁸⁵ Kathy Ferguson traça uma espécie de prosopografia das mulheres que atuaram em círculos próximos ao de Emma Goldman. Ao longo desse mapeamento surge uma miríade de intelectuais que redigiram e divulgaram estudos sobre literatura e educação moderna. Disponível em: <http://www2.hawaii.edu/~kferguso/> Acesso em 06 de julho de 2021.

do porquê o fazer artístico ainda seria monopolizado por homens, a anarquista afirma que as mulheres ainda não alcançaram a liberdade espiritual necessária para provocar a cesura de suas vidas com os papéis normativos. E acrescenta:

E a liberdade espiritual significa muito mais do que a mera ausência de restrição formal sobre os processos de escrever livros ou pintar quadros. As mulheres não ousaram ser elas mesmas livremente nem mesmo para si próprias. Foi o efeito dessa restrição que Stendhal notou quando observou que “a razão pela qual as mulheres, quando se tornam autoras, raramente atingem o sublime é que nunca ousam ser mais do que cândidas.” Outro ponto importante é ter coragem e vontade de pagar o preço mais alto que a arte criativa exige, mesmo que isso signifique renunciar a muitos laços que nos são caros. Pois é verdade que nunca se pode servir a dois senhores⁴⁸⁶

Tendo em conta a inextricabilidade entre gesto artístico em forma de libelo e a transvaloração de valores, somente a arte que ousasse ser porta-voz das mulheres já em sua autoassunção poderia afetar a humanidade e estimular a revolta coletiva. A rebelião alimentada pela arte fomentaria a vida e vice-versa. A dissensão feminina por meio da arte que espelha a vida já cria janelas para um combate à servidão que contempla todos os sexos. Não é possível subtrair, pois, a atmosfera romântica que anima Emma Goldman. Segundo suas palavras:

O espírito de inquietação que está minando a torre de marfim do conhecimento é igualmente forte em atividades literárias, dramáticas e artísticas. Não queremos mais um romance que represente a heroína em um vestido fofo e o herói de joelhos diante de sua amada; nem nos importamos com o drama como mera diversão ociosa. Olhamos para ambos como o espelho da luta por uma maior expansão humana. Em outras palavras, a literatura e o drama de hoje são os expoentes mais ardentes das forças acumuladas em homens e mulheres que tentam encontrar a si mesmos e seu verdadeiro contato com seus semelhantes.⁴⁸⁷

⁴⁸⁶ GOLDMAN, Emma. “The Tragedy of Modern Woman”. n.d., EGP-IISH, no. 266, p.32.

⁴⁸⁷ FERGUSON, Kathy E. “Gender and Genre in Emma Goldman”. In: *Signs*. The University of Chicago Press. Vol. 36, n. 3, pp. 733-757, 2011.

As conferências realizadas por Goldman em Denver entre 1912 e 1914 ressoaram fortemente na tessitura de laços com mulheres intelectuais que constituíam uma audiência antidogmática engajada na disseminação do drama social moderno. Contudo, seu escopo era transbordar tal circuito majoritariamente composto por professoras, escritoras, artistas, estenógrafos, editores etc. A anarquista buscava compor uma audiência de imigrantes e trabalhadores através do estabelecimento de um pequeno teatro radical que fomentasse alimento intelectual a quem não tinha acesso a tal conteúdo. Desse modo, convém ainda mais ressaltar a concepção goldmaniana de *individualidades humanas* que se apropriam de um exercício filosófico que encontra janelas em espaços heterotópicos. Como Edson Passetti assinala, essas associações generosas abalam as utopias de via única e revelam desobedientes dispostas à deseducação pela solidariedade. Conforme ele afirma:

anarquistas vivem em associações, como pessoas livres para delas saírem quando bem entenderem, inventando formas de vida livre, na casa, no amor, na amizade, com os filhos, os amigos, os que chegam e os que vão. Os anarquismos expressam existências, vidas e suas próprias obras, dissolvendo lazer e trabalho, privado e público. O anarquista não vive da utopia, inventa heterotopias.⁴⁸⁸

Ou seja, ao mesmo tempo em que dissolvem discursos hegemônicos por meio da cesura no tecido hegemônico da família, igreja e partido político, anarquistas suturam relações improváveis em espaços outros⁴⁸⁹. Emma Goldman soube transitar entre anarquistas e feministas, proletários e intelectuais, fazendo a palavra germinar por meio do abalo da sintaxe hegemônica. Obviamente, embora periódicos tivessem reportado o afluxo de um público jovem, imigrante, do *east side* de Nova Iorque e da periferia de outras regiões, a disseminação do teatro radical sempre encontrou óbices estruturais, não provocando repercussões políticas canalizadas para mudanças radicais efetivas⁴⁹⁰. Todavia, o ruído provocado por essas vozes e corpos dissidentes ecoaria nas brechas da estrutura institucional, desterritorializando sentinelas.

⁴⁸⁸ PASSETTI, Edson. “Heterotopias Anarquistas”. In: *Revista Verve*. São Paulo, vol.2, pp.141-173, 2002.

⁴⁸⁹ O movimento de cesura e sutura se configura no caminhar em uma Fita de Möbius, justamente porque, frequentemente, a vida militante precisa se retirar do contato interpessoal para sobreviver. Ao ser demonizada pela imprensa, Emma Goldman adotou, nos primeiros anos do século XX, o pseudônimo de EG. Smith. Até 1902, a militante se afastou de suas conferências.

⁴⁹⁰ “Emma Goldman Now Gathering the Profits from the Cooper Union Disturbance”, *New York Times*, 21 de Setembro, 1908, 5.

O manifesto-dinamite de Stirner encontrava ressonância nesses encontros, justamente por conta da visceralidade das conferências goldmanianas, cadenciadas por afirmações radicais, frases sinceras e inclusive anedotas. O gesto radical de expor intimamente a individualidade e alçar a vida à altissonância acenderia uma fagulha de resistência que remeteria ao próprio sensualismo stirneriano. O devir-criança que sublinha Passetti se encontra com as paixões pela humanidade esboçadas em linhas teatrais. Segundo o prisma de Stirner, atualmente perde-se o corpo, pois se torna espectro; o combate à palavra hegemônica também é uma recorporificação. Goldman resgatava tal corporalidade, escrutinando comportamentos e expondo liames possíveis com o engendramento de uma sociedade outra através dos eixos psicologia-arte-anarquismo.

Quando Emma Goldman interpreta as pinturas de Millet (1814-1875), também evoca a potencialidade de um fazer artístico que se irradia do bojo da natureza e atinge o âmago da individualidade que ressignifica seu próprio cotidiano. A mesma insatisfação de Nora e Dr. Stockmann surge em “The Man with hoe” – retrato de um trabalhador exausto com a faina. Para a anarquista,

Que fator tremendo para o despertar do descontentamento consciente são as telas simples de um Millet! As figuras de seus camponeses - que terrível acusação contra nossos erros sociais; erros que condenam o Homem com a enxada a um trabalho enfadonho e sem esperança, ele próprio excluído da generosidade da Natureza.⁴⁹¹

A humanidade pincelada através das telas de um artista não seria dissociável das redes de amigas e amigos que Emma Goldman teceu. Aportando um olhar sensível e desnudado sobre a realidade que padece sobre o corpo no entrelugar, as amigas e amigos não dissimulavam seu voluntarismo. Em um desses contatos, a anarquista contou com o apoio da companhia teatral russa de Orleneff para o início das publicações de *Mother Earth*.⁴⁹² Tal episódio reitera a visceralidade das conexões de Goldman com corporalidades em cena, já que efetivamente as

⁴⁹¹ GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: A Powerful Disseminator of Radical Thought”, p. 102. In: *Anarchism and Other Essays*.

Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>
Acesso em 06 de julho de 2021.

⁴⁹² A solidariedade que marca o intercâmbio de Emma Goldman e Orleneff pode ser vislumbrada no esforço de tornar a arte acessível ao público. A anarquista foi intérprete da trupe russa em Nova Iorque, inclusive tendo de largar o emprego para ajudar a encontrar fiadores que sanassem as dívidas do dramaturgo. Atuando nos bastidores das peças, Emma Goldman acalentou o sonho de montar oficinas de teatro nos Estados Unidos.

montagens do russo Pavel mobilizavam emoções, aglutinando também um público que se entrevia nas situações por ela evocadas.

Max Baginski argumentou que o drama moderno envolvia as condições reais – sociais, materiais e psicológicas – dos indivíduos na sociedade, elementos que traziam “a conciliação há muito tempo desprezada entre a mente e o corpo”⁴⁹³. As opressões, tornadas figuráveis via analogias, metáforas orgânicas e personagens teatrais, saem da esfera privada e ganham visibilidade através da ética anarquista de amigas e amigos.

Recorde-se que o eu-proprietário de Max Stirner resgata a si-próprio da transcendência tal qual faziam os cínicos que escandalizavam a sociedade. Emma Goldman apreciava o *nada* stirneriano justamente por conta dessa nudez em que consistia o despir dos vernizes civilizatórios. Em um rascunho, a anarquista também endossa o questionamento de La Boétie acerca da *servidão voluntária*. Inclusive os estoicos emergem no discurso goldmaniano como exemplo da inutilidade das instituições.⁴⁹⁴ A saída encontrada para escapar a esse endosso aos fantasmas de autoridades já instaladas no âmago do corpo estaria na nudez. Ou seja, a ética das amigas pressuporia um despojamento: o escancaramento de uma vida nua. Pela coragem em expor uma vida militante em que as próprias paixões matizam as verdades institucionais, Emma Goldman não hesitaria em destacar trajetórias de mulheres que fizeram de sua vida um manifesto.

Como Foucault atenta, em seu resgate da ética cínica e do estilo de vida de alguns sujeitos gregos, no escândalo da verdade arrisca-se a vida não simplesmente dizendo a verdade, mas pela própria maneira que se vive. Como ele afirma: “expomos nossa vida, não mais pelo discurso, mas pela própria vida”⁴⁹⁵. A escolha da vida como escândalo da verdade foi um dos motes de Emma Goldman em sua apreciação das mulheres anarquistas russas. Como ela própria sublinha:

Olga Taratuta, filha de pais intelectuais, embora de físico frágil, possuía uma mentalidade poderosa e foi, em certo sentido, uma pioneira. Quando mal tinha vinte anos, ela organizou, junto com vários amigos, o primeiro grupo Anarquista no sul da Rússia. Era um empreendimento perigoso e suas atividades logo chamaram a atenção da polícia política. Presa no início da revolução de 1905, Olga foi condenada a 30 anos de katorga (prisão de

⁴⁹³ HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021, p.201.

⁴⁹⁴ GOLDMAN, Emma. “Anarchism and what it really stands for”. EGP-IISH, no. 191.

⁴⁹⁵ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 216.

trabalhos forçados) em Odessa. Engenhosa e ousada, ela conseguiu escapar, retomando seu antigo trabalho, desta vez com um nome falso. Por um tempo considerável, todos os esforços da gendarmaria para encontrá-la foram infrutíferos, mas em 1906 seu disfarce foi descoberto, ela foi presa novamente e condenada mais uma vez a 30 anos de prisão.⁴⁹⁶

A despeito dos entraves até mesmo físicos, essas mulheres consubstanciavam, em seu próprio corpo, uma espécie de teatro visível de uma vida outra. Fazer da própria vida cotidiana uma manifestação dissonante constitui um exemplo de exposição de verdades que ecoa para além de qualquer discurso. Note-se, e Foucault destaca em relação aos cínicos: não se trata somente de ter um franco-falar, mas de arriscar-se justamente por viver e mostrar essa vida na esfera pública. A vida de perene agonismo, não-dissimulada e soberana também teria como corolário uma dedicação a outras pessoas. Como o filósofo supracitado afirma:

a vida diacrítica, essa vida latidora que faz distinguir entre o bem e o mal, entre os amigos e inimigos, entre os amos e os outros, é a continuação mas também a reversão escandalosa, violenta, polêmica, da vida reta, da vida que obedece à lei.⁴⁹⁷

Todos esses gestos, que não são redutíveis a um *lógos*, se enfeixam antes na própria existência, no cotidiano de uma arte e redes de amigas e amigos que tocam muito mais sensivelmente as pessoas do que a oratória intelectual. As redes traçadas através do epistolário goldmaniano mostram como a vida não-dissimulada ocorria nas inter-relações e nos olhares de alteridade entre ela e as outras mulheres em trajetória de luta.⁴⁹⁸

Em 1939, nas linhas de uma carta de Goldman a Lucía Saornil, as teias de solidariedade transparecem na ação de arrecadar fundos para a resistência das pessoas espanholas no fervilhar da guerra civil contra o franquismo. Mas as tessituras também permitem

⁴⁹⁶ GOLDMAN, Emma. “Mulheres Heroicas da Revolução Russa”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-heroic-women-of-the-russian-revolution>. Acesso em 18 de junho de 2021.

⁴⁹⁷ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 214.

⁴⁹⁸ Como Gustavo Simões discute: “observo que tanto os cínicos como os anarquistas, em vez de descuidarem da escrita, afirmaram uma outra arte de escrever. Como expôs Edson Passetti (2004), anarquistas, desde o século XIX, mesmo em constante movimento, não cessaram de produzir breves anotações, cartas, fragmentos de acompanhamento de revoltas e revoluções. Christian Ferrer (2012) indicou que, no início do século XX, além de animarem o autodidatismo, cada libertário se munia de uma “biblioteca de ideias”, inclusive os analfabetos”. In: SIMÕES, Gustavo. *O Desconcerto Anarquista de John Cage*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

vislumbrar os íntimos afetos cultivados entre a anarquista, o grupo SIA (Solidariedade Internacional Antifascista) e o coletivo Mujeres Libres. Naquela época, Emma Goldman estava no Canadá e se ressentia de não poder contribuir tanto quanto gostaria para a causa libertária. Contudo, sua preocupação em relação ao sofrimento das corporalidades perante o frio e outros padecimentos acena em contraste caloroso com os laços que ela costurou em sua visita a Barcelona.⁴⁹⁹

Tais associações voluntárias explicitam a individualidade que exercita uma solidariedade humana ao dinamitar os vernizes, pudores e contratos civilizatórios. Como Foucault sublinha ao longo de *A Coragem da Verdade* em relação aos cínicos, trata-se de um escancaramento da naturalidade do ser humano diante do olhar de todos⁵⁰⁰, comportamento que era concomitantemente arriscado e útil para mostrar aos outros o que era a verdadeira vida. Analogamente, Emma Goldman assinala:

O ser humano nunca será o que deve ser até que sua vida seja um verdadeiro espelho da natureza, um seguimento consciente da única necessidade real, a necessidade natural interna, e não seja mais submetido a uma falsificação artificial externa – uma potência. Então, primeiro o ser humano se tornará um ser vivo; por ora, ele vive uma mera existência ditada pelas máximas daquela Religião, Nacionalidade ou Estado.⁵⁰¹

A rede de amigos e amigas também implode as fronteiras entre anarquismo como filosofia de vida e organização social. Justamente porque o viver não-dissimulado já ocorre com os outros é que a coextensão entre vida como exemplo e organização coletiva pode esboroar as dicotomias levantadas tradicionalmente por outros anarquistas. Os gestos de solidariedade não seriam praticados em nome de uma pretensa fraternidade social, mas se revelam corolários de uma individualidade que rearranja a distribuição dos elementos vitais para o seu próprio bem e, conseqüentemente, engendra organizações coletivas para assegurar suas próprias necessidades.

Emma Goldman também alude aos antigos para remontar a um pensamento que prescinde de artifícios:

⁴⁹⁹ Cf. carta de Emma Goldman endereçada a Lucía e a foto em que estas caminham juntamente com Christine Kon-Rabe. Epístola disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.93?locatt=view:manifest> Acesso em 02 de março de 2022.

⁵⁰⁰ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

⁵⁰¹ GOLDMAN, Emma. “Por que eu sou uma anarquista”, EGP-IISH, no. 191, 1933, p. 94.

No século XII, os ensinamentos de Carpócrates já tinham muito do anarquismo. Ele disse: “assim como o Sol brilha sobre todos os seres humanos, a sociedade deve aprender a não fazer distinções. A natureza trata todos os seus seres de maneira igual. Não existem leis externas que determinem que algumas criaturas na natureza devam comer muito e outras pouco. Portanto, nós devemos libertar a humanidade de todas as leis externas para torná-la igual no direito de desfrutar a vida”. Carpócrates e seus seguidores foram perseguidos ferozmente, mas suas ideias atuaram como um forte impulso na eterna batalha por liberdade.⁵⁰²

A genealogia⁵⁰³ que Emma Goldman traça tem como fio condutor o desenovelar de pensamentos e práticas que não sucumbiam à burocratização dos elementos vitais e, justamente por isso, foram perseguidos como dissidências. Antes da hegemonização do Cristianismo, a seita gnóstica de Carpócrates apresentava um vitalismo que dialoga com a concepção de ascese a partir da organicidade corpo/alma. A não-disjunção entre uma alma indelegável a injunções externas e um corpo autossuficiente é propugnada pela anarquista como a pedra basilar de uma coletividade sem mediações. Tal mote ultrapassa bandeiras fincadas na fidelidade. Pelo contrário, o exame quase antropológico de Emma Goldman realça as nuances de amigos e amigas que se associam por uma vontade mutualista natural.

A anarquista sabia, com maestria, mobilizar até mesmo os inimigos para que, transversalmente, dispendessem recursos no apoio ao anarquismo. Em seus giros transnacionais e conferências regionais, Emma Goldman sempre encontrava suporte, até mesmo de indivíduos liberais e não afeitos à causa libertária. A amizade entendida como filantropia ou ideal civilizatório não se efetivaria na prática. No cotidiano prosaico prevalece a humanidade, atravessada por contradições e gestos inesperados. Em seus diários de viagem, a partir dos quais eram traçadas reflexões sobre os efeitos da mobilização, as recepções de suas palestras e apontamentos sobre as condições sociais da cidade, Goldman desnuda as pessoas em sua informalidade e nota como a solidariedade toma corpo a partir das situações mais informais. Fazendo uma citação do poema “Estrada Aberta”, de Walt Whitman, a anarquista salienta o espontaneísmo e as redes de inimigos que se manifestam como melhores amigos:

Ouçam! Eu serei honesto com vocês,

⁵⁰² GOLDMAN, Emma. “Desenvolvimento histórico do anarquismo”, EGP-IISH, no. 191, 1933, p. 68.

⁵⁰³ Genealogia entendida aqui como uma escavação dos fatos históricos, discursos e práticas que resultaram em entraves ao desenvolvimento da plena expressão humana.

Eu não ofereço os velhos prêmios suaves, mas novos prêmios rudes,
 Estes são os dias que têm que acontecer com vocês:
 Vocês não devem amontoar o que é chamado de riquezas,
 Vocês devem espalhar com mãos generosas tudo o que ganharem ou
 conseguirem,
 Vocês quando chegarem a uma cidade destino, vocês mal aproveitarão a
 satisfação antes de serem convocados por um chamado irresistível de partir,
 Vocês serão tratados com sorrisos irônicos e zombaria por aqueles que ficarem
 para trás,
 Os acenos de amor que vocês receberem vocês devem responder apenas com
 apaixonados beijos de partida,
 Vocês não devem se permitir serem agarrados por aqueles que lançam suas
 mãos em sua direção.⁵⁰⁴

O corpo anarquista deveria habitar o entrelugar, recusando valores como o apego patriótico a alguma região. Tal como é representado em *Um Inimigo do Povo*, a solidariedade das individualidades humanas não brota no vácuo de um conceito abstrato tal qual o nacionalismo, mas na inimizade da ação direta que irrompe sem delegações no fluir intempestivo da natureza. Como Edson Passetti argumenta, as associações são pactos de intensidades que não se estagnam em contratos e que se formam como devir-criança. A criança que pensa sem pensamento responde aos afetos da natureza, remontando-se a uma espécie de ética da antiguidade grega que é a da vida desavergonhada. Ecoando a ideia que Foucault sublinha em seu curso *A Coragem da Verdade*, a vida soberana é aquela que se estende aos outros pelo exemplo. Segundo o filósofo afirma:

Ser soberano sobre si e ser útil aos outros, gozar a si mesmo e somente a si mesmo e, ao mesmo tempo, proporcionar aos outros a ajuda de que necessitam em seus embaraços, suas dificuldades ou, eventualmente, suas desgraças não passa, no fundo, de uma só e mesma coisa.⁵⁰⁵

Frequentemente essa generosidade leva o corpo ao limite, desafiando-se autoridades e padecendo-se punições por seus gestos anticonvencionais. Emma Goldman nomeava as

⁵⁰⁴ GOLDMAN, Emma. “Walt Whitman”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman>> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁵⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.241.

peessoas que se arriscavam em prol de suas conferências. Tal qual o pintor que retratava trabalhadores na árdua faina, ela nuançava suas audiências com seu tom sarcástico, destacando as amigas que poderiam aportar novos lampejos à causa anarquista:

O mundo está cheio de esquisitices. O Minneapolis Spook Club certamente pode se gabar de um grande número de seguidores. Esta organização é composta apenas por profissionais homens, e como eles são conhecidos por sua pureza e moralidade, eles nunca antes sofreram com a invasão de seu santuário pelo espírito maligno de uma mulher. Mas, graças à generosidade de um amigo, as rígidas regras do Spook Club foram temporariamente deixadas de lado. Possivelmente os membros pensaram que não se pode ser mulher e anarquista ao mesmo tempo. A castidade angelical dos Spookers teria sido bastante desconfortável para mim, não fosse pela presença de algumas filhas daquela arqui-sedutora Eva, que ajudaram a trazer um pouco de humor à atmosfera morta do estatuto e da sabedoria da sala de dissecação.⁵⁰⁶

Ao realizar sua conferência em um lugar que normalmente a expulsaria, Emma Goldman sublinha o não-lugar e a potencialidade de pessoas que desmentem fórmulas pré-concebidas. Tal heterotopia, isto é, a suspensão de uma ordem convencional em prol de um espaço-outro, só pode ocorrer na medida em que a amizade não sucumbe às morais dominantes e ao desejo de moldar o “outro”. A amizade e a arte só existem porque comunicam visceralidades. Nesse sentido, poderiam propulsionar as individualidades humanas a semear o anarquismo pelo exemplo da própria vida. As biografias de artistas, amigas e amigos são propaladas por Emma Goldman não como um padrão público a ser seguido, mas como satisfação de uma humanidade alinhada à natureza. Como ela mesma critica o pedestal:

Um dos frutos mais comidos pelo puritanismo, que degrada a vida, é a noção de que homens e mulheres públicos que têm uma mensagem para a humanidade devem estar à altura do padrão de moralidade. Como pecadores, eles estão presos ao bloco da estupidez pública e espera-se que defendam sua posição e justifiquem seus atos. Em outras palavras, espera-se que eles se

⁵⁰⁶ GOLDMAN, Emma. “On the Road”. Publicado originalmente em 1907.

Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-on-the-road>> Acesso em 05 de julho de 2021, p. 9

tornem propriedade pública, que tenham todas as emoções e pensamentos vigiados pelos defensores da moral pública.⁵⁰⁷

De fato, tornar-se quem se é constitui uma cesura com as expectativas sociais e, concomitantemente, uma sutura com as subjetividades que se associam voluntariamente justamente porque não abdicam de sua singularidade nem se rendem a confissões. Foucault designaria como *escândalo da verdade* a manifestação de uma verdadeira vida que diz sobre si e sobre os outros, manifestando-se escandalosamente nos próprios gestos, no próprio corpo. Para Emma Goldman, um dos artistas que teria encarnado em seu próprio desejo uma verdade emancipadora foi Walt Whitman. Seu gesto criativo é lido como radical justamente porque brotou de sua corporalidade despuorada e afetou outras pessoas pelo lirismo da verdade que atinge a epiderme. Segundo suas palavras acerca do poeta:

Em um sentido material, a vida de Walt Whitman representou uma luta sem fim, grandes dificuldades e vicissitudes econômicas. Mas essa era a menor de suas preocupações. Ele está profundamente absorvido em sua riqueza interior para notar sua pobreza exterior⁵⁰⁸.

O lirismo de Whitman grifa não a verdade epistemológica, preocupada com um lastro externo, mas um ato de dizer que tem uma força veraz. O próprio gesto do enunciador da própria vida já o tornaria uma subjetividade envolvida visceralmente com as próprias palavras. Nesse vértice entre pessoa enunciativa e testemunho pela própria vida, Emma Goldman destaca a coragem.

Vida-manifesto em tom dramático

A intrepidez de fazer da própria vida obra de arte estava constantemente não somente sob o prisma de Emma Goldman e de Walt Whitman, mas no de suas amigas que versavam acerca da trajetória desta anarquista. Margaret C. Anderson (1886-1973), fundadora da revista

⁵⁰⁷ GOLDMAN, Emma. “Walt Whitman”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman>> Acesso em 05 de julho de 2021, p.13.

⁵⁰⁸ GOLDMAN, Emma. “Walt Whitman”, p.13. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman>> Acesso em 14 de set. 2021.

The Little Review, foi uma das diversas mulheres que acompanharam as conferências da anarquista e sublinharam sua retórica enquanto um exercício ético. Segundo ela narra:

Emma Goldman prega e pratica a filosofia da liberdade; ela atravessa a rede de uma sociedade complicada como se fosse uma teia de aranha em vez de uma estrutura de aço; ela tira as teias de aranha dos olhos e do cabelo e diz aos menos ousados que o ar é mais puro lá em cima e “o nascer do sol às vezes é visível”.⁵⁰⁹

Anderson não empregou a metáfora da teia de aranha por acaso. As tramas dos jogos teatrais eram importantes linhas de fuga para Emma Goldman. Perscrutar os veios que poderiam levar à erosão do afeto da obediência era uma tarefa facilitada pela arte. O uso imaginativo da teatralidade em livre expressão é um elemento fulcral do legado antipolítico anarquista, pois apela às experiências vividas entre amigos e amigas. Essa teia de relações entre textos e vivências levaria Emma Goldman pelas veredas das expressões que mobilizam emoções humanas.⁵¹⁰

Um dos traços pouco emoldurados por teóricas que se debruçam sobre Emma Goldman é o do devir-criança, subjacente ao apreço da anarquista pelo fazer teatral. Candace Falk chega a ensaiar esse tópico, pontuando como a anarquista emprega a metáfora do drama não apenas como artimanha para desviar o olhar de seus censores, mas também como veículo para explorar uma humanidade compartilhada com seu público.⁵¹¹ É fato que, com seu iniludível sarcasmo, Emma Goldman desafiava as convenções de amizades moralizantes, diluindo as barreiras entre o palco e o público. Artistas românticos e anarquistas expressariam a vitalidade de verdades ainda não assimiladas por grandes parcelas da população, atuando em uma nau sem timoneiro, aproximando-se das crianças em seu esconjuro do racionalismo moderno. Como recorda Stirner, a criança não conhece nada que seja sagrado.

⁵⁰⁹ ANDERSON, Margaret. “The Challenge of Emma Goldman”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/margaret-c-anderson-the-challenge-of-emma-goldman-1914/> Acesso em: 18 de junho de 2021.

⁵¹⁰ Margaret Anderson novamente dá pistas para que se entenda como a anarquista percorre a vereda sentipensante. Segundo seu depoimento, Ela [Goldman] não tem nada a dizer que eles [Nietzsche e Max Stirner] não tenham já dito, talvez; mas o fato de ela dizer isso em vez de colocar em livros, que ela lança do púlpito diretamente para as mentes e corações dos ansiosos, pessoas desnorteadas ou hostis que a ouvem, dá sua personalidade e sua mensagem um valor único. ANDERSON, Margaret. “The Challenge of Emma Goldman,” *The Little Review*, 1:3 (May 1914): 5-9.

⁵¹¹ FALK, Candace. “Emma Goldman: passion, politics, and the theatrics of free expression.”. In: *Women’s History Review*, Berkeley, volume 11, Nº1, 2002, p.18.

Esse brincar, lido como um vir-a-ser “outro” por Emma Goldman, foi cartografado em um rascunho acerca do teatro russo antes e depois da Revolução de 1917. Aqui, a anarquista argumenta que o teatro é uma necessidade vital para a população russa, uma vez que se conecta com os processos da alma humana⁵¹². Ao constatar que as pessoas que assistiam às encenações não eram meras espectadoras passivas, ela alude ao papel de profeta que o ator/atriz encarnaria. Seria um processo ritualístico de criação concertada.

Se a Filosofia atingia liberais, intelectuais, imigrantes de classe média, as atuações cênicas chegavam diretamente ao público não-versado em teorias abstratas. Ao questionar o amigo Pavel Orleeff acerca do público que assistia às suas montagens, Emma Goldman acrescenta que as pessoas responderam a cada gesto com muito entusiasmo, haja vista que o sentimento dramático sempre afetou a população russa. Ademais, um dos pontos destacáveis das montagens russas seria o da mescla na realidade imediata da sociedade. Onde não se pudesse entrever a linha demarcatória entre o começo da peça e a realidade ali escancarada estaria o elemento fulcral do fazer teatral: a quebra do domínio das máquinas sobre os afetos. Quando os sentimentos são drenados por vias institucionais, a mobilização das singularidades pela arte e pela amizade arrefece.

Os esforços de engendrar uma sinfonia em que os desconcertos formam um arranjo heteróclito têm como corolário gestos criativos que repensam o tecido social. Não por acaso, artistas comunicariam seu devir-criança pela via epistolar. Emma Goldman recupera algumas correspondências, tais quais a de Henrik Ibsen, para argumentar que a tragédia do idealista não é apenas a sua derrota, mas a tragédia de uma civilização inteira. Navegar, viver e fabular é preciso.

Conforme a anarquista anexa, sublinhando uma carta de Ibsen a Peter Hansen, todos os enredos do dramaturgo derivaram de uma situação vivida. E a própria pena ibseniana aduz: “Tudo o que criei como um enredo tem sua origem em um estado de espírito e em situações da vida. Eu nunca escrevi porque, como eles dizem: ‘eu encontrei um assunto’; aqui está minha confissão cronológica”⁵¹³. Decerto não seria uma confissão aos moldes pastorais, mas um atravessamento entre vida e arte. Ao mesmo tempo em que metabolizava as experiências/memórias do próprio autor, o texto ibseniano se abria a interpretações que suscitavam processos de identificação por quem tomava contato com sua obra.

⁵¹² GOLDMAN, Emma. “O Teatro Russo antes e depois da Revolução”. EGP-IISH, no. 254, s.d. Disponível em:

<https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.254?locatt=view:manifest> Acesso em 16 de março de 2022.

⁵¹³ GOLDMAN, Emma. “Breve esboço biográfico de Ibsen”. EGP-IISH, no. 227, p.88.

A cooperação entre singularidades exige a coragem de viver e grafar valores outros, ainda que a massa incite à produção de uma arte automática de entretenimento. Em seu esboço biográfico acerca do dramaturgo, a anarquista argumenta que “embora apaixonadamente Ibsen tenha desejado construir, ele sempre foi compelido – contra seu próprio desejo – a ser um destruidor”.⁵¹⁴ Emma Goldman também acrescenta que, embora seja considerado um autor pessimista, Ibsen expunha as feridas sociais porque acreditava em sua cura. Diferentemente de Schopenhauer, segundo ela assinala, Ibsen seria o “pessimista da indignação” e cultivaria uma fé na humanidade.⁵¹⁵ Sua escrita demolidora de morais, portanto, seria entrevista como pena que traça a trajetória infatigável de subjetividades que não se dobram a autoridades. Entretanto, não se trata de escrever de forma idiossincrática, mas de ser intérprete desse afeto, comunicando a solidão para ressignificá-la e transcriá-la nas relações intersubjetivas.

No artigo *A Escrita de Si*, Foucault lembra que a arte da existência ocorreria entre os antigos gregos a partir de um árduo exercício sobre si a partir da convivência com os outros, de modo que uma das técnicas desse autoesculpir-se seria a de escrever para tornar-se quem se é, empregando a linguagem como um modo de lapidar a ética cotidiana. A escrita etopoiética seria uma forma de ascese, isto é, de um exercício prático para estilizar a própria existência e não ser escravo de si mesmo. A correspondência facultaria a franca exposição da subjetividade a alguém, de modo que corpo-alma se tornariam visíveis e disponíveis à reflexão de outrem.

Para Emma Goldman, a vida como exemplo também se manifesta através da arte epistolar, uma vez que a *individualidade humana* só floresce na experiência da livre expressão entre amigos e inimigos. Como ela própria notifica: “não acredito que alguém que tenha vivido tão intensamente quanto eu possa separar ser e fazer.”⁵¹⁶ É nesse sentido, pois, que as missivas apresentam uma dupla face: o prisma subjetivo e coletivo em uma fita de Möbius. Como mostra Elizabeth Souza-Lobo,

Nas cartas de Emma se confundem a pequena história cotidiana com sua trajetória militante. Acompanha-se, quase dia a dia, as reações, as emoções, tanto quanto o lento elaborar das reflexões. Ao mesmo tempo, a vida revisitada se confunde com a análise dos projetos políticos, das ações e das repercussões.⁵¹⁷

⁵¹⁴ *Idem, Ibidem.*

⁵¹⁵ GOLDMAN, Emma. “Breve esboço biográfico de Ibsen”. EGP-IISH, no. 227, p. 69.

⁵¹⁶ SOUZA-LOBO, Elizabeth. “Emma Goldman – Revolução e Desencanto: do público ao privado”, p.36.

⁵¹⁷ *Idem, Ibidem.*

Nessa perene circularidade, Emma Goldman produzia discussões até mesmo nos contatos mais intimistas, deixando entrever sua militância como avessa à burocratização cada vez mais acirrada da luta política. Sua afronta à máquina era não só ao automatismo do trabalho, mas à redução da resistência a uma *intelligentsia* de partidos políticos. Nos anos derradeiros de sua vida, a anarquista descortinou em um prisma desencantado a falência do revolucionário social. Em um rascunho intitulado “O Radical – um profeta ou um fracasso”, ela discorre sobre a transformação da individualidade “idealista” em *pária*. Conforme ela expressa:

O revolucionário social, o idealista na vida, o criador da beleza na arte e nas cartas, o radical que rechaça os modelos populares é condenado ao exílio e isolamento. Sua tragédia, entretanto, não é apenas a sua derrota; é a tragédia e a derrota de uma civilização inteira. A única esperança para o renascimento de valores fundamentais e da santidade da vida humana é a livre iniciativa individual, a urgente necessidade de uma cooperação social para o bem-estar de uma liberada humanidade.⁵¹⁸

Efetivamente, como contribui Hippolyte Havel (1871–1950), que participou do fervilhante contexto de Emma Goldman e partilhava de suas concepções sobre o emergente papel radical da literatura: “o artista criativo tem a mais profunda apreciação das tendências de seu tempo. Portanto, ele é o mais apto expoente das novas ideias, o verdadeiro arauto das reconstruções que estão por vir; de fato, ele é o profeta da futura ordem social”⁵¹⁹

Para Emma Goldman, embora a vida artista seja esse arauto, também é a mártir que é execrada pela indolência da massa e pela transformação de organização social em sinônimo de engrenagem burocrática. Assim, a pena da anarquista convocava a tal sutura de vozes que não sucumbissem a um agrupamento uniformizador, compulsório e inoculador dos desejos de cada singularidade humana. A correspondência exercitada por ela faria aflorar devires-criança em seus encontros afetivos marcados por um movimento perene de disjunção-associação. O epistolário dessa anarquista atesta o engendramento de liames entre artistas rebeldes e anarquistas, forjando-se um público para os/as literatos/as e introduzindo intelectuais no mundo das ideias e práticas radicais.⁵²⁰

⁵¹⁸ GOLDMAN, Emma. “The Radical: a Prophet or a Failure?”, nd., EGP-IISH, n. 210, [s.d.], p. 3.

⁵¹⁹ HAVEL, Hippolyte. “Literature: Its Influence upon Social Life”. In: *Mother Earth*, vol. 3, outubro de 1908, pp. 329-331.

⁵²⁰ Embora não tenha sido escopo da tese analisar fontes epistolares, é inegável a relevância de um material tão vasto como esse. Estima-se que Emma Goldman tenha redigido 200 mil missivas. As redes epistolares desvelam afetos que nem sempre transparecem em outros escritos. As cartas que Goldman

Mais uma vez reitera-se o elemento cênico como elemento fulcral para o anarquismo. A atuação anarquista não prescinde da fabulação como prática que desafia a política convencional e desmobilizadora. As redes de dissidência eram mobilizadas por emoções também despertadas pela performance de Emma Goldman.⁵²¹ A superação da dicotomia indivíduo-organização pela via das intensidades vitais faz acender a imanência da militância que se esgueira nas batalhas da própria vida. O pouso das palavras sobre a epiderme acena que a militância também vem das entranhas.

Parrhesía e o anarquismo pelo exemplo

Movidas pela expressão, as *individualidades humanas* encontrariam na filosofia e no teatro expressões anticanônicas de um fazer artístico que se embrenha na própria existência. Na medida em que considera toda personalidade como artista criadora, Emma Goldman esgarça o típico endereçamento da propaganda anarquista: as pessoas trabalhadoras não seriam o alvo exclusivo da mensagem de revolta.⁵²² Tal posicionamento de ampliação da propaganda a outras camadas sociais encontrou resistência declarada nos próprios círculos anarquistas. Ferrenhamente, Voltairine de Cleyre critica as turnês de Emma Goldman como uma estratégia fagocitada pelo sistema:

À parte esse interesse, embora eu não possa agora expressar uma opinião fixa sobre tão curta experiência, minha impressão é que nossa propaganda atual (se é que existe alguma) é um erro lamentável. Estou mais do que nunca convencida de que nosso trabalho deve ser com os trabalhadores, não com a

enviava à sobrinha Stella Balantine em seu exílio no Canadá atestam o desencantamento que a anarquista sofreu ao arrecadar fundos para apoiar a Revolução Espanhola e não receber apoio o suficiente. Emma Goldman se espalhava em cartas, comunicando suas vivências de exilada em cópias de uma mesma missiva a vários correspondentes. Ela revelou essa estratégia das cópias à romancista Evelyn Scott. O arquivo *International Institute of Social History: IISG*, de Amsterdam, mantém essa vasta documentação. Vide também a coletânea *Nowhere at Home: letters from exile of Emma Goldman and Alexander Berkman*. Nova Iorque: Schocken Books, 1975.

⁵²¹ Segundo Richard Drinnon, biógrafo de Emma Goldman, aporta em um depoimento transcrito: “Em suas conferências [Emma Goldman] contagiava seus ouvintes com um sincero entusiasmo por criadores tais como Ibsen e Whitman. Uma culta senhora relatou: lhe devo a Emma tudo o que sou. Você imagina que impressão produziu em uma moça do East Side, de dezessete anos, que nada sabia da vida cultural? Me fez conhecer Strindberg, Shaw e Ibsen. Costumava atravessar a cidade para ouvir as conferências que dava aos domingos pela noite e que versavam sobre literatura, controle da natalidade e o problema feminino”. DRINNON, Richard. *Rebelde en el paraíso yanqui*. Buenos Aires: Proyección, 1965.

⁵²² Segundo Emma Goldman relata em *Vivendo Minha Vida*, “Nos Estados Unidos eu havia palestrado perante as plateias mais diversas – estivadores e milionários, trabalhadores pobres e mulheres assalariadas, em saguões e salas escondidas, em minas a dezenas de metros de profundidade e em púlpitos”. Cf. GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 694.

burguesia. Se estes decidirem vir, muito bem, deixe-os. Mas eu nunca deveria aprovar essa busca por “corredores respeitáveis”, “bairros respeitáveis”, “pessoas respeitáveis” etc., etc., nos quais parece que de alguma forma degeneramos. O principal resultado parece ser muita bajulação superficial dirigida ao orador no encerramento da reunião, por pessoas que não têm interesse e nenhuma intenção de tomar as palavras do orador como coisas sérias a serem postas em prática.⁵²³

Ao responder às críticas de Voltairine de Cleyre acerca de uma propaganda disseminada entre estratos burgueses e liberais, Emma Goldman argumenta: “limitar-se à propaganda exclusivamente entre os oprimidos nem sempre traz os resultados desejados e isso é fato corroborado por mais de uma prova histórica.”⁵²⁴ O heroísmo cínico também seguia nessa esteira da vida como prática filosófica. Não por acaso, Michel Foucault observou que essa tradição de militância sem programa doutrinário ressurgiria com a figura revolucionária que não adere ao jogo político convencional e quebra as alianças familiares.

Para Foucault, se a figura do herói filosófico deixou de se fazer presente no início do século XIX, contexto em que o ofício professoral da Filosofia emergiu, a figura do herói revolucionário ocuparia esse lugar dos antigos cínicos. Talvez a prática goldmaniana pudesse ser vista justamente sob a lente da militante revolucionária que não adere à postura profissional do dizer-filosófico. Aversa às credenciais anarquistas de uma propaganda puramente instrumental, Goldman incorporou a provocação de “escândalos da verdade” ao diagnosticar e ultrapassar o sectarismo pautado em individualidades anarquistas e não-anarquistas. Como a estudiosa Kathy Ferguson nota, os discursos de perigo propalados por Emma Goldman partem de individualidades insubmissas que convocam até mesmo burocratas, tecendo laços entre vontades aparentemente díspares, provenientes de imigrantes e nativos, artistas e militantes políticos⁵²⁵. As coalizões em prol da liberdade de expressão mobilizaram intelectuais e militantes da região nova-iorquina de Greenwich Village. Inflamando tais vontades pelo

⁵²³ CLEYRE, Voltairine de. “Tour Impressions”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/voltairine-de-cleyre-emma-goldman-tour-impressions-and-a-rejoinder-1910-11/> Acesso em 27 de setembro de 2021, p.4.

⁵²⁴ GOLDMAN, Emma. “A Rejoinder”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/voltairine-de-cleyre-emma-goldman-tour-impressions-and-a-rejoinder-1910-11/> Acesso em 27 de setembro de 2021.

⁵²⁵ FERGUSON, Kathy. “Discourses of danger: locating Emma Goldman”. *Political Theory*, vol 36, n.5, pp. 735-761.

testemunho da própria vida é que a anarquista trilhou pelos descaminhos de uma existência não-dissimulada.

Foucault nota ainda como a *parrhesía* não é definida pelo conteúdo da verdade em si mesma, mas pela maneira de dizê-la. Nesse sentido, é possível pensar que Emma Goldman não adotava uma pedagogia etapista, que partia dos círculos concêntricos rumo aos grupos alheios ao movimento. Ao transitar e lançar verdades sarcásticas por todos os tipos de espaço, a anarquista foi afrontosa ao reiterar o substrato humano das práticas associativas do anarquismo. Retrucando as impressões publicadas por Voltairine de Cleyre, ela defende que as propagandas anarquistas não operam por chancelas externas, mas por experiências subjetivas que advêm de formas de expressão outras. Assim, ela expõe:

Longe de mim menosprezar os pobres, os ignorantes, os deserdados. Certamente eles são a maior força, mas apenas se puderem ser despertados de sua letargia. Mas eu sustento que limitar as atividades de alguém a eles não é apenas um erro, mas também contrário ao espírito do Anarquismo. Ao contrário de outras teorias sociais, o Anarquismo não se baseia em classes, mas em homens e mulheres. Posso estar enganada, mas sempre fui da opinião de que o Anarquismo chama para lutar contra a autoridade todos os elementos libertários. [...] O Anarquismo não exclui ninguém e não dá a ninguém uma hipoteca sobre a verdade e a beleza. Acima de tudo, o Anarquismo, como eu o entendo, deixa o propagandista livre para escolher sua própria forma de atividade. O critério deve sempre ser seu julgamento individual, experiência e inclinações mentais. No movimento Anarquista há espaço para todos que desejam sinceramente trabalhar para derrubar a autoridade, tanto física quanto mental.⁵²⁶

A heterodoxia praticada por Emma Goldman caminhava em diapasão com uma vida multiforme: ao mesmo tempo em que ela apostava nas palavras como dinamite, Berkman e outros militantes apoiavam ações diretas em meio a trabalhadores. Pesquisas recentes, como *Emma Goldman, Mother Earth, and the Anarchist Awakening*, mapearam as frentes de propaganda em suas ramificações específicas. A atuação que Voltairine de Cleyre designa

⁵²⁶GOLDMAN, Emma. “A Rejoinder”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/voltairine-de-cleyre-emma-goldman-tour-impressions-and-a-rejoinder-1910-11/> Acesso em 27 de setembro de 2021.

criticamente como “tolstoiana”⁵²⁷ em seu relato das viagens de divulgação da revista *Mother Earth* foi uma dilatação da militância pela livre expressão das *individualidades humanas*. Tal propaganda era como uma polinização cruzada que buscava afetar subjetividades desconectadas da realidade enfrentada pela massa. Sem o recurso tático da ação direta violenta, a ética da própria existência foi o lume escolhido.

Inspirada pela deseducação⁵²⁸ propugnada por Max Stirner e outras individualidades, Goldman enveredou por uma propaganda contra a educação hegemônica, instrumental, massificadora, sufocadora das vontades.⁵²⁹ Em sua atuação no *Ferrer Center*, fica nítida a tendência de abordar filosofia e arte pela experiência. A estratégia política nada ortodoxa, por sua vez, era vislumbrada na não-conformação de grupos de afinidades. Em vez de uma homogeneidade associativa, professores intelectuais nativos da classe média intercambiavam vivências com estudantes de famílias imigrantes da classe trabalhadora. Nesse contexto fervilhante de propaganda anarquista, emergência de subjetividades outras, disseminação de periódicos e resistência à censura, Emma Goldman se associou voluntariamente a outras vozes que ecoavam no período pré-guerra e trabalhou com a Liga da Liberdade de Expressão (*Free Speech League*). Todos esses elos confluem para a formação de uma militância avessa às amarras de uma militância convencional.

Quando Michel Foucault traça genealogicamente a trajetória dos cínicos, acaba por enfatizar que as lutas não necessariamente precisam se atrelar a programas ou a partidos políticos. Ele identificou na tradição de militância ocidental como o próprio anarquismo não se isentava de uma transformação nas maneiras de viver.⁵³⁰ Uma das linhas de força cínicas que o filósofo destaca é a do “testemunho pela vida”. A prática imediata de uma vida outra não só se torna visível quanto diagnosticadora/fabuladora de práticas dissidentes. Não por acaso, quando Emma Goldman sublinha a trajetória de Tolstói em um de seus esboços acaba por corroborar o pensamento segundo o qual a ciência é o cérebro e o fazer artístico é o coração, órgãos de um novo corpo. Enquanto o pensamento científico mapeia a organicidade do ser humano em

⁵²⁷ “Em Buffalo, a política de publicidade também era me revestir de alguma forma com o manto da respeitabilidade tolstoiana, como um meio de persuadir as pessoas a virem ouvir. Agora, de uma vez por todas, não sou uma tolstoiana, nem uma não-resistente, e espero não ser anunciada como tal no futuro.” CLEYRE, Voltairine de. “Tour Impressions”. *Op.Cit.*, p.3.

⁵²⁸ O conceito de deseducação seria propugnado, em 1960, por Paul Goodman.

⁵²⁹ No bojo do ensaio “Experiências Educacionais na Alemanha”, Emma Goldman preconiza a vontade advinda da experiência cotidiana como o principal mote a partir do qual professores e professoras deveriam conduzir a aula. Cf. em: GOLDMAN, Emma. “Educational Experiments in Germany”. nd., EGP-IISH, n. 203, [s.d.], p.5.

⁵³⁰ Cf. PASSETTI, Edson. “A Presença de Michel Foucault nos Anarquismos”. *História: Questões e debates*. Curitiba, vol.67, n.2, jul./dez. de 2019, pp. 16-41.

relação à natureza, a arte partilha essa sensação ao tecido do comum. Em um excerto que figura tal síntese, Emma Goldman cita a lógica tolstoiana:

Ciência e arte são, como sugere Tolstói, dois grandes órgãos, pulmões e coração - ou não deveríamos dizer cérebro e coração? - do novo Corpo da Sociedade. Um deve nos fazer compreender nossa relação com o todo, o outro deve nos fazer sentir isso. E a realização desta Vida Comum é a Religião do futuro, da qual os artistas e trabalhadores da ciência serão sacerdotes; mas que penetrará em toda a sociedade e da qual todas as pessoas, em certo sentido, serão intérpretes - trabalhando para compreender o segredo de seu ser, trabalhando para expressar seu sentido dele - para abrir as flores de seus inúmeros corações para cada um outro, para reconhecimento mútuo. Antes do grande trabalho anônimo e da vida do Povo assim libertado, antes da miríade de produtos de sua habilidade amorosa no nascer do seu novo dia, todos os nomes e obras das estrelas que iluminaram o mundo da arte e da ciência do passado vão em certo sentido.⁵³¹

A militância sentipensante de Emma Goldman vai assumir esse papel de intérprete, encontrando ressonância na imagem da *estrada* um percurso de erosões e tessituras. Um trajeto sinuoso, que se afina a uma trajetória cínica que não encontrou registro formal na Filosofia e na História. Gustavo Simões pode sintetizar essa prática em palavras quando sentencia que:

Anarquistas e cínicos, do passado e do presente, tomam a vida como a própria matéria do texto, para sobressair demolições-invenções em cada acontecimento da existência contra a história factual e a dialética, tão apreciadas pela História.⁵³²

A leitura dos diários de viagem publicados na revista *Mother Earth* revela a proficuidade de uma documentação das redes tecidas entre cérebro e coração durante as turnês realizadas por Emma Goldman⁵³³. O franco-falar que emerge registrado nos deslocamentos e negociações da

⁵³¹ GOLDMAN, Emma. “Leo Tolstoy”. *IISG*, n. 238. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH005_20.238?locatt=view:manifest> Acesso em 13 de outubro de 2021

⁵³² SIMÕES, Gustavo. “John Cage e a Vida como Arte de Escrever Anarquista”. *Revista História: Questões e Debates*, vol. 67, n.2, pp.141-155, jul./dez. 2019.

⁵³³ O periódico reservava um espaço específico para os relatos das jornadas de Goldman por diversas localidades dos EUA. O trem era o espaço heterotópico em que a anarquista tecia suas reflexões sobre os resultados das turnês de propaganda anarquista, redigindo também seus discursos nesses intervalos de

estrada aberta torna nítida a ideia de que não haveria filiação ideológica que represasse as individualidades humanas. Ao questionar as credenciais teóricas do “sagrado sínodo” marxista⁵³⁴, por exemplo, a anarquista enfatiza comportamentos disruptivos que se escancaram em práticas imediatas. A *parrhesía*, segundo Foucault, não se reduz ao cuidado de si que trama a vida e a verdade em perene coerência. Escandalosamente, a prática parresiasista põe a própria vida à prova pela exposição de verdades intempestivas, que esgarçam os vernizes civilizatórios da convivência humana. A *parrhesía* de Emma Goldman, intolerável por aqueles que defendem valores morais convencionais, diagnostica as opressões para depois comunicá-las através de uma linguagem afeita à urdidura das fábulas⁵³⁵, suspendendo os discursos políticos e a hegemonia de espaços em que o anarquismo usualmente não penetraria. Surpreendida com o interesse pelos exercícios anarquistas manifestado em várias regiões dos Estados Unidos, ela comenta: “as plantas raras às vezes crescem nos solos mais pobres”.⁵³⁶ Nenhuma inflexão social ocorreria sem a iniciativa das minorias que tecem a insurreição contra o assujeitamento da maioria que se tornou massificada e inerte em nome de uma opinião pública.

Foucault aporta uma contribuição para pensar essa cosmovisão das dissidências: se os cínicos não orbitam as teorias, a bússola moral que uniformiza comportamentos políticos cai por terra. Como mostra Priscila Vieira, o filósofo distingue o cinismo da “bravura política” e da “ironia socrática”, uma vez que no caso do escândalo cínico “expomos nossa vida não mais pelo discurso, mas pela própria vida”.⁵³⁷

As afinidades encontradas em uma ética dos amigos e das amigas não são acenos ao conceito de uma amizade transcendente, incólume a rusgas. Assim, o pensamento de Emma Goldman se revela poroso às influências advindas de pensamentos que se associam e

tempo. Assim, ela afirma: “Eu não sei como eu poderia resistir à tempestade e ao estresse de reuniões, discussões e debates se não fosse pela pausa ocasional no meu único local de refúgio – o trem”. GOLDMAN, Emma. “The Joys of Touring”. *Mother Earth* vol. 3, n.11, 1909, p.370.

⁵³⁴ Expressão empregada por Goldman no relato de viagem publicado na revista *Mother Earth*. Vide GOLDMAN, Emma. “O Fim da Odisseia”, p.5. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-end-of-the-odyssey> Acesso em 19 de janeiro de 2022.

⁵³⁵ A coragem parresiasista das pessoas anarquistas não raro atinge contornos afins às fábulas, mas não porque esses feitos seriam irrealizáveis, e sim porque tais narrativas despertam a capacidade criativa de conceber outros mundos possíveis. Não por acaso, os contos anarquistas foram instrumento de luta, tal como mostra Antônio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman em *Contos Anarquistas: temas e textos da prosa libertária*. Como afirma Élisée Reclus: “No reino da fábula, todos os jardins maravilhosos, todos os palácios encantados, são guardados por dragões ferozes. O dragão que está à porta do palácio da anarquia nada tem de terrível: é apenas uma palavra.” *Apud* LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963, p. 30.

⁵³⁶ Cf. GOLDMAN, Emma. “Na Estrada”, p; 4. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-on-the-road> Acesso em 19 de janeiro de 2022.

⁵³⁷ VIEIRA, Priscila Piazzentini. *A Coragem da Verdade e a Ética do Intelectual em Michel Foucault*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2013, p.110.

desassocia conforme as éticas da liberdade não sendo praticadas. Em vez da estrada longa e penosa de ansiar pela aderência consensual a uma teoria anarquista, ela preferiu os atalhos da coragem, mais efervescentes e pontuais da provocação. A coragem da iniciativa de pessoas semeadoras de verdades adviria da exceção perigosa de uma individualidade.

Talvez seja justamente por conta dessas fagulhas que a anarquista valorizou a filosofia e o drama social moderno como desnudamentos imediatos da alma pela via dos afetos imanentes. Logo, interpretar tais relatos de viagem⁵³⁸ incita à perquirição: como espriar a revolta entre todos os estratos sociais? A *parrhesía* certamente recusaria a ideia de um radical profissional, formalizado em sua bandeira. As vicissitudes entranhadas no fazer anarquista tornam a trajetória do franco-falar descontínua em relação às expectativas sociais. Os caudalosos rios da incongruência transbordam na autobiografia goldmaniana, de modo a ratificar as experimentações que compõem a cultura libertária.

Assim como é flagrante a não-disjunção entre teoria e prática no bojo das vivências cínicas, a reiteração de Emma Goldman na demasiada humanidade das *individualidades humanas* grafa um manifesto constante em prol do laço entre *verdade* e *vida* no nuançar do próprio anarquismo. Na *estrada aberta* dos relatos de viagem publicados pela anarquista na Revista *Mother Earth* se torna nítida a tentativa de propugnar a ajuda mútua menos como conceito e mais como prática encarnada em gestos. Nessa esteira, Emma Goldman narra:

A surpresa mais agradável e interessante em Cleveland foi meu anfitrião e anfitriã, um jovem casal recentemente transplantado do solo revolucionário da Rússia para um miserável chalé americano. Ambos oponentes fanáticos do Anarquismo; ainda assim generosos, atenciosos e hospitaleiros com uma Anarquista. É bom para a humanidade que as molas mestras da vida não sejam acionadas por meras teorias; do contrário, meus anfitriões teriam erguido para mim um andaime social-democrata, como eles admitiram seriamente que seria o caso quando o socialismo se tornasse triunfante: "Os perturbadores anarquistas do bem-estar público terão de estar armados."⁵³⁹

⁵³⁸ Tais relatos de viagem eram como um relatório mensal publicado na revista *Mother Earth*, trazendo impressões goldmanianas sobre os efeitos de suas conferências em várias regiões dos EUA.

⁵³⁹ GOLDMAN, Emma. "Na Estrada", p. 3. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-on-the-road> Acesso em 19 de janeiro de 2022.

O apreço de Emma Goldman pelas pessoas é sublinhado como o fermento de sua vida-manifesto: em sua cosmovisão, a articulação das lutas repousa sobre a liberdade de expressão de uma *individualidade humana*. Max Nettlau (1865-1944) imprime o esforço de situar historicamente o “espiritualismo norte-americano” que oxigenou a atmosfera voluntarista e individualista da vertente anarquista em terras estadunidenses.⁵⁴⁰ Todavia, o pensamento goldmaniano não tenta se encasular nessa corrente filosófica, apostando em práticas encenadas em um cotidiano que ensina e ensaia o viver coletivo⁵⁴¹. A ideia de uma vida desviante que corporificaria o farol para o despertar da letargia das massas endossa a narrativa libertária anglo-saxã⁵⁴² e remete ao destaque, conferido por Foucault, ao corpo do cínico como arauto de verdades. Ao explicitar tal exemplo pela própria vida, o filósofo retoma, sob o prisma cínico, o fio da prática:

Vivo de uma maneira outra, e pela própria alteridade da minha vida eu lhes mostro que o que vocês buscam está em outro lugar que não aquele em que buscam, que o caminho que vocês pegam é um caminho outro em relação ao que deveriam pegar. E a verdadeira vida – ao mesmo tempo forma de existência, manifestação de si, plástica da verdade, mas também empreitada de demonstração, convicção, persuasão através do discurso – tem por função mostrar que, embora sendo outra, os outros é que estão na alteridade, no erro, onde não se deve estar.⁵⁴³

A detração perpetrada pela imprensa e pelos censores governamentais estadunidenses em relação à imagem de Emma Goldman contribuiu para ratificar essa relação de alteridade entre sua atuação e os percursos hegemônicos. Ao proferir sua própria defesa em resposta às acusações de conspiração antipatriota (1917), a anarquista mostrou como a verdade confronta

⁵⁴⁰ NETTLAU, Max. *História da Anarquia: das origens ao anarcocomunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

⁵⁴¹ Talvez uma das sínteses mais argutas sobre a vida-obra de Emma Goldman seja a de Gornick, que argumenta: “Emma Goldman foi uma anarquista híbrida. Embora formada por um anarquismo europeu (comunista) e ter passado a vida toda denunciando o Estado, ela era apaixonada pelo trabalho dos filósofos do individualismo (Friedrich Nietzsche e Max Stirner) e também pelos dissidentes americanos, Henry David Thoreau e Walt Whitman.” Cf. GORNICK, Vivian. *Revolution as Way of Life*. Londres: Yale University Press, 2011.

⁵⁴² Voltairine de Cleyre identifica essa narrativa quando afirma: “quanto à tradição americana de não intromissão, o anarquismo pede que seja levado ao próprio indivíduo. Não exige nenhuma barreira ciumenta de isolamento: sabe que tal isolamento é indesejável e impossível; mas ensina que, por todos os homens cuidarem estritamente de seus próprios negócios, resultará uma sociedade fluida, adaptando-se livremente às necessidades mútuas, em que todo o mundo pertencerá a todos os seres humanos, tanto quanto cada um tenha necessidade ou desejo”. In: CLEYRE, Voltairine de. “Anarquismo e Tradições Americanas”, p. 13. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-anarchism-and-american-traditions> Acesso em 28 de novembro de 2022.

⁵⁴³ FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 277.

a obediência, o patriotismo e o discurso colonial. Ao combater o alistamento militar obrigatório à Primeira Guerra Mundial, ela desmontou a obrigação do dizer verdadeiro enquanto confissão e efetivou uma ética de uma vida outra para um mundo outro. Goldman, então, se autodefende:

Acusar-nos de conspiração por fazer aquilo que sempre estivemos fazendo ao longo da maior parte de nossas vidas, nomeadamente a campanha contra a guerra, o militarismo e o alistamento forçado, contrariando os melhores interesses da humanidade, representa um insulto à inteligência. (...). Nós dizemos que se a América estivesse entrando na guerra para salvar o mundo para a democracia, ela deveria primeiro salvar a democracia na América.⁵⁴⁴

Segundo Foucault discute, a esfera da política é incompatível com a prática da ética da verdade, uma vez que a primeira repousa sobre um pacto normativo. Nessa seara só haveria espaço para o retórico, sofista e bajulador. A genealogia escancarada por Michel Foucault recupera nos antigos gregos algo que Emma Goldman também expusera em *Os Proletários Intelectuais*. No bojo deste ensaio, Emma Goldman diagnostica uma clivagem entre intelectuais que vestem a “indumentária política de outras pessoas”⁵⁴⁵ – comprometendo-se com as aparências e a moralidade – e as pessoas radicais que não renunciam à personalidade, não vendem seu gesto criativo aos apelos do mercado e oferecem um lume a partir do qual trabalhadores poderiam vislumbrar a quebra de seus grilhões.

Ao postular manifestos como esse, Emma Goldman mostra não estar casualmente à frente de seu tempo, mas no fervilhar de sua própria época. Elisabeth Lobo acena para uma lacuna de suma relevância nas pesquisas que se debruçam sobre a atuação de Emma Goldman na cena anarquista: a abordagem do cenário progressista no qual ela estaria imersa. Para entender de forma hermenêutica a construção da vida como manifesto de uma mulher anarquista que viveu a efervescência de temas como a liberdade de expressão é preciso salientar que, após os anos 30, as discussões a esse respeito sofreriam um notável arrefecimento. Conforme assinala a pesquisadora,

⁵⁴⁴GOLDMAN, Emma. “Discurso ao Júri”, p. 6 Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-address-to-the-jury.pdf> Acesso em 19 de Janeiro de 2022.

⁵⁴⁵ GOLDMAN, Emma. “Intellectual Proletarians”, p.2. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf> Acesso em: 11 de março de 2020.

Mas Emma Goldman foi também uma intelectual e ativista do século XX que viveu a era progressista americana, a primeira revolução sexual e as transformações da revolução bolchevique, tanto quanto a década de 30 e a ascensão do fascismo. Em 1940, quando morreu Emma Goldman, já não havia mais homens e mulheres progressistas, mas homens e mulheres de partido, e os temas que ela desenvolvera em suas muitas palestras tentando mudar a mentalidade de mulheres e homens – o teatro, a literatura, a sexualidade – pareciam-lhes supérfluos ante o mundo ameaçador das ditaduras de direita de Mussolini e Hitler e de esquerda, de Stalin.⁵⁴⁶

Tal observação situa o discurso goldmaniano em uma militância encarnada na ebulição de sua própria época. O lume cínico da revolta assumia seus riscos na medida em que se escancarava o escândalo da própria subjetividade em devir. De fato, a adoção de uma ética dissidente era reconhecida por Emma Goldman como uma assunção política perigosa e não como um ensaiar estético inócuo. Assim, em 1931, ela observaria: “tornei-me uma pária, uma marginal, isto porque tentei ser fiel a mim mesma”.⁵⁴⁷

Se nos itinerários dos cínicos se confundissem a verdade e o jogo político já estariam incineradas as possibilidades de um franco-falar e de um escândalo da verdade. Sendo assim, é possível considerar que Emma Goldman criticou os itinerários de pessoas radicais que se profissionalizaram através de partidos. A defesa de uma erosão, em sua ação cotidiana, das fronteiras entre vidas comuns e militância transbordava para sua trajetória intelectual.

No ocaso de sua vida, exilada na França e Canadá, a anarquista teceu ferrenhas críticas a uma filosofia vazia, filantropista, sem lastro em uma vida radical. Seus rascunhos de 1933 atestam o esforço de traçar uma genealogia de práticas anarquistas que tivessem respaldo em uma história humana de gestos de insubmissão. Talvez para registrar um cenário de efervescência de suas conferências de outrora, verifica-se esse exercício de respaldar as motivações de uma vivência anarquista. Não por acaso, em um discurso feito ao Parlamento britânico, Emma Goldman recupera episódios de sua resistência desde a infância. Em “Uma Anarquista olha para a Vida”⁵⁴⁸, ela explicita o risco de se assumir posicionamentos contra a opinião pública e reitera a necessidade da coragem para atuar na contracorrente. O elemento da

⁵⁴⁶ SOUZA-LOBO, Elizabeth. “Emma Goldman – Revolução e Desencanto: do público ao privado”, p.30.

⁵⁴⁷ *Ibidem*, p.33.

⁵⁴⁸ Tradução livre da autora, anexada ao fim da presente tese.

visceralidade e o argumento científico seriam mobilizados pelo prisma goldmaniano para legitimar o posicionamento anarquista.

No extenso inventário que Goldman monta para desmentir um pretense essencialismo do Estado e poderes insidiosos na história da humanidade, ela arrola pensamentos de Zenão de Cítio (300 a.C.), Étienne de la Boétie (1530-1563), Maréchal (1750-1803) Montaigne (1533-1592), Diderot (1743-1784), Godwin (1756-1836), Robert Owen (1771-1858), John Stuart Mill (1806-1873), William Thompson (1824-1907), Fourier (1768-1830), Proudhon (1809-1865), Max Stirner (1806-1856), Bakunin (1814-1876), Kropotkin (1842-1921)⁵⁴⁹.

O desfecho dessa genealogia histórica parresíasta ocorreria, não por acaso, com a alusão a Kropotkin. Para Emma Goldman, a vida-obra desse anarquista semeou um exemplo pela própria vida ao aliar ciência e anarquismo. Ao enfeixar, por meio da teoria-prática do apoio mútuo, a singularidade individual e a coletividade, Kropotkin desmentiu a ideia de que anarquistas são avessos a organizações sociais. No entanto, mais do que desafiar enunciações, o anarquista teria rechaçado a comodidade de um título da nobreza. Emma Goldman sublinha esse fato e elenca breves biografias que encarnaram pensamentos dissidentes. Observa-se, portanto, o esforço da anarquista ao mapear e ressignificar trajetórias díspares que desafiam a fúria da sociedade não somente pelo conteúdo daquilo que eles representam, mas sobretudo pela forma como aquelas pessoas viveram.

Embora Emma Goldman tenha diagnosticado com pesar a profissionalização das vidas radicais, não deixou de prestar tributo também às mulheres heroicas da Revolução Russa. Ao grifar verdades que puseram a vida à prova, a anarquista discorre:

O martírio das mulheres heroicas da Rússia tornou-se mais pungente e intenso sob a tirania da ditadura bolchevique do que nos dias do czarismo. Até então seu sofrimento era meramente físico, pois nada poderia afetar seu espírito. Elas sabiam que enquanto eram odiadas pela autocracia gozavam do respeito e amor das vastas massas do povo russo.⁵⁵⁰

Criticando a hipocrisia da imprensa que não expunha tais massacres, Goldman denunciou o cerceamento da liberdade de expressão e a perseguição perpetrada pelos

⁵⁴⁹ É relevante salientar que a ausência de mulheres nessa genealogia traçada por Emma Goldman é sintomática de uma exclusão das mulheres no campo intelectual do anarquismo. Não se trata de canonizar ou de redigir uma hagiografia sobre a trajetória goldmaniana: ela foi crivada de contradições e nuances.

⁵⁵⁰ GOLDMAN, Emma. “Mulheres Heroicas da Revolução Russa”, p. 5. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-heroic-women-of-the-russian-revolution> Acesso em 19 de Janeiro de 2022.

bolcheviques a companheiras e companheiros anarquistas. Contudo, como já se observou, muito antes de tal contexto ela já considerava o discurso intrépido como uma relevante pauta do movimento anarquista.

A vida e a espontaneidade do gesto criativo são vislumbradas por Goldman enquanto práticas de liberdade das *individualidades humanas*, mas frequentemente as próprias fileiras anarquistas relegaram a prática da expressão a um uso instrumental da propaganda militante. Alexander Berkman, ao participar da edição do periódico *Mother Earth*, não acolheu o fazer artístico como ação indissociável das greves, libertação de presos políticos e outras táticas de resistência. Ao propugnar a relevância da criação da revista, a pena goldmaniana registra:

Desde o começo eu havia projetado a revista com um propósito duplo: expressar sem medo toda causa progressista impopular e buscar uma união entre o esforço revolucionário e a expressão artística. Para alcançar esses fins eu precisava manter a *Mother Earth* intocada por políticas partidárias, mesmo por políticas anarquistas, livre de favoritismo sectário e de toda influência exterior, por mais bem-intencionada que fosse. Por esses motivos, fui acusada por alguns de meus camaradas de usar a revista para meus fins pessoais, e por socialistas de estar a serviço do capitalismo e da Igreja Católica.⁵⁵¹

A enunciação acima permite ir até o cerne de um modo de vida que Emma Goldman sustentou em sua defesa da *individualidade humana*: a coragem de pagar um preço alto pela expressão filosófica, artística e militante mesmo que isso tenha implicado a renúncia de laços intersubjetivos já consolidados dentro das próprias fileiras anarquistas. A perene batalha das pessoas cínicas não redundava em um apaziguamento, mas na trajetória polêmica e belicosa de quem diagnostica as doenças sociais e expõe tais feridas. Liricamente, a narrativa goldmaniana condensa no excerto a seguir seu manifesto de autoassunção de si como arauto:

Os Pioneiros do progresso humano são como as Gaivotas; eles contemplam novas costas, novas esferas de pensamento ousado, quando seus co-viajantes veem apenas a extensão infinita de água. Eles enviam saudações alegres para as terras distantes. A fé intensa, ansiosa, ardente, perfura as nuvens da dúvida, porque os ouvidos aguçados dos arautos da vida discernem do rugido

⁵⁵¹ GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015, p. 401.

enlouquecedor das ondas a nova mensagem, o novo símbolo para a humanidade.

Esta última não apreende o novo, embotado e inerte, mas encontra o pioneiro da verdade com apreensão e ressentimento, como o perturbador de sua paz, como o aniquilador de todos os hábitos e tradições estáveis.

Assim, os desbravadores são ouvidos apenas por poucos, porque não vão trilhar as trilhas batidas, e a massa não tem força para seguir em direção ao desconhecido⁵⁵².

Segundo Foucault expõe em *A Coragem da Verdade*, parresiasistas não confirmam os elos tradicionais entre as pessoas, mas desafiam as convenções. O deslocamento teórico em direção a esses gestos da Antiguidade evidencia justamente como o poder pastoral da modernidade governa condutas, infundindo a lógica da obediência cristã em uma macropolítica que se pretende redentora. A pessoa que assume o franco-falar rompe com esse arrebanhamento. Como o filósofo explicita:

O “franco falar” exige coragem daquele que fala e coragem daquele que escuta. Ele apela para o jogo do duplo confronto. Enquanto aquele que ensina saberes e técnicas adquiridas alimenta e deseja que se alimente, entre seus discípulos e ele, um elo que é o do saber comum, da tradição, da herança, do reconhecimento e da amizade, o parrhesiastes é, em contrapartida, aquele que põe em risco a relação, que a situa na descontinuidade e aceita o desafio e a hostilidade, porque sua verdade só pode unir e conciliar depois de ter aberto o conflito e desfeito as pertencas⁵⁵³.

Ao propugnar a ideia de que as individualidades humanas não necessitariam se apropriar de artifícios externos para exercitar sua militância, Emma Goldman adentra uma seara caudalosa. A propaganda anarquista por meio de outros jogos de verdade era um exercício de evidenciar a relação entre as pessoas exploradas cotidianamente e a revolta que busca expressão filosófica e artística. Por muitos tempo, nos Estados Unidos, o nome de Emma Goldman era

⁵⁵² GOLDMAN, Emma. “Mary Wollstonecraft, sua vida trágica e sua luta apaixonada pela liberdade”, p.1. (1911). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-mary-wollstonecraft-her-tragic-life-and-her-passionate-struggle-for-freedom> Acesso em: 06 de abril de 2020.

⁵⁵³ GROS, Frédéric. (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2004, p.125.

tido como sinonímia de violência nihilista. Ela não somente foi associada ao atentado de Berkman contra a vida de Frick (1892), mas também foi retratada na imprensa da época como incentivadora do assassinato do presidente McKinley (1901). No entanto, a ação direta praticada por Goldman foi relutante à aderência a táticas violentas. A fúria de uma militância pela própria vida desaguou na articulação de redes impulsionadas menos pelas afinidades previsíveis e pelos boicotes/sabotagens programados do que pelo elo entre o que se diz e o que se pratica.

A via de intérprete de lutas anarquistas transnacionais foi uma das pontes de ação discursiva que conectam as publicações e epistolários a uma ação direta que ocorre no fervilhar das letras e lutas. Durante seu exílio na Europa, após a vivência da desilusão na Rússia pós-1917, Emma Goldman travou um intenso diálogo com uma atmosfera revolucionária chinesa. Ao destacar o potencial de uma juventude antibolchevique e transvaloradora de valores, ela reiterou a necessária conjunção de esforços de intelectuais e proletários para que o anarquismo fosse difundido sem a necessidade de uma violência tática. Facultar a transformação das *individualidades humanas* só seria possível a partir do esforço de alinhar a intelectualidade às lutas da massa a partir do contágio pela palavra oral e escrita. Repercutindo as atuações de pessoas rebeldes de outros países, Goldman não só fortalecia suas convicções anarquistas e parresíastas, mas também oferecia fagulhas para outras gerações que encontravam suas próprias formas de lutar para a causa sem aceder à fórmula simplista da dicotomia individualismo/coletivismo.

O escândalo pelo abalo da linguagem que parte das estranhas e se dissemina pelo teatro foi uma das estratégias goldmanianas de conciliar a corporalidade dissidente e a organização coletiva. Transitando entre uma espécie de ética estoica da correspondência entre ação e discurso e também pela vereda da provocação cínica, a anarquista buscou transcender o cômodo lugar da intelectualidade e da Filosofia enquanto bússola. Ao se condensar na personificação de um propósito emancipatório humano, Emma Goldman costurou as individualidades a uma vida-manifesto que se fazia na estrada, na navegação sem timoneiro.

Enfeixando as reticências...

*Faça a linha e nunca o ponto! A
velocidade transforma o ponto em linha!
Seja rápido, mesmo parado! Linha de
chance, jogo de cintura, linha de fuga.
Nunca suscite um General em você!
Nunca ideias justas, justo uma ideia.*

(Deleuze & Guattari; Godard)

*Desconfio quando ouço que um ser
humano chegou lá. Isso significa que ele
está acabado, que seu desenvolvimento
parou em determinado ponto. Sempre
me esforcei para me manter em um
estado de fluxo e crescimento contínuos,
e não me estagnar em um nicho de
autossatisfação.⁵⁵⁴*

(Emma Goldman)

Uma fita de Möbius resistente às fissuras do tempo. No decorrer da presente pesquisa foi se tornando cada vez mais perceptível que desvelar a concepção goldmaniana de *individualidade humana* sem perscrutar a própria construção de uma vida-obra em formato de manifesto seria inviável. Como a epígrafe da tese já se encarrega de lançar a fagulha, Emma Goldman sabe que sua febre é incurável: a emancipação sempre partiria de um diagnóstico de tal agonismo. Um “novo amanhecer” só despontaria a partir da recusa de um saber ou expressão apartados do mais elementar da vida⁵⁵⁵. Não há como conceber sua militância sem entrevê-la como mulher que investigou intelectualmente uma série de pensamentos, urdiu narrativas, foi publicadora e tecedora de redes de mentalidades iconoclastas. Foi, portanto, também artesã e artista. Desatou o nó do destino em desatinos.

Nesse diapasão, mesmo que o primeiro capítulo tenha tentado traçar um raso panorama de outras vidas-obras de mulheres anarquistas ainda há muito o que se sublinhar: Emma

⁵⁵⁴ GOLDMAN, Emma. “Minha vida valeu a pena? ”. *Revista Verve*, n. 35, 2019, pp. 113-129.

⁵⁵⁵ Emma Goldman foi uma profunda pesquisadora e leitora de trabalhos antropológicos e psicológicos. Seus fichamentos mostravam trabalhos como “Ciência versus Dogma” (1925), de Charles Sprading. Nesse rascunho, especificamente, a anarquista mostra como a ignorância religiosa acabou prevalecendo sobre a ciência no caso do assassinato do educador espanhol Francisco Ferrer Y Guardia. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.257?locatt=view:manifest> Acesso em 07 de março de 2022.

Goldman enalteceu em suas companheiras o lume de uma *individualidade humana* que não pode ser ofuscado. Efetivamente, situar esta anarquista em uma constelação de vozes hoje tidas como anarcofeministas trouxe à tona tanto as lutas por uma emancipação humana quanto as especificidades de cada propaganda anarcofeminista. A obra goldmaniana teve uma singularidade que talvez não fosse partilhada por outras agitadoras: semeou as obras do chamado drama social moderno enquanto ferramenta dissecadora de fetiches. Instrumento este que emprestava visibilidade às incongruências entre papéis socialmente encenados e a revelação cênica dos dilemas morais entranhados no corpo/alma das mulheres. Obviamente, a leitura goldmaniana das peças foi subjetiva, sempre em diapásão com seu diagnóstico da avalanche de inflexões sociais que marcaram a transição do século XIX para o XX. Trazer à tona essas mulheres hoje lidas como anarcofeministas foi um ato de dissidência que não se encerra em uma tese e reverbera pela vida além das páginas.

Vislumbrando as singularidades como elementos nodais da existência, Emma Goldman matizou os postulados homogeneizadores de uma sociedade contratualista. A linha na agulha que o segundo capítulo buscou escrutinar foi a da individualidade. Salientar a devida clivagem entre *individualidade* e *individualismo liberal* é uma tarefa que perdura e assume uma roupagem ainda mais relevante com os acenos capitalistas em relação às lutas por ele fagocitadas. Quando a pesquisa ainda era embrionária, não havia se cogitado o que se percebe atualmente: as vicissitudes das histórias de vida constituem, para o exercício goldmaniano, um laboratório a partir do qual se pode diagnosticar a necessidade de reflexões coletivas. A verve antropológica dessa vida-obra foi se mostrando cada vez mais acentuada ao longo da pesquisa.

No quadro que Emma Goldman pintou, a existência única, alinhada à singularidade da natureza, foi a primeira camada por ela delineada. Para tanto, uma série de pensamentos filosóficos foram arrolados em sua obra. O manifesto stirneriano, porém, condensa elementos dinamitadores que a anarquista leu enquanto ferramentas estratégicas para dessacralizar a narrativa teleológica da humanidade. Nem o gesto artístico é poupado da corrosão stirneriana. Todavia, a profunda dessacralização de mediações morais entre as subjetividades reverberou na cena anarquista e Emma Goldman soube se apropriar do gesto cáustico. Stirner derruba os ídolos negadores da vida, inclusive a pretensão do homem ou mesmo de um além-do-homem: não existe superação possível. Foi nesse individualismo corpóreo que o prisma goldmaniano encontrou a liberdade em sua forma mais imanente e imediata. Se Stirner perguntou incessantemente por que, diante de todas as outras causas, não existe a causa de si mesmo, Goldman fez da vida militante a sua causa. Agora restaria comunicar e alardear isso às outras pessoas.

Desses escombros, a anarquista retomou o fio da arte como potencial articulador das expressões das mazelas individuais e sociais. Ao retirar as obras autorais de seu costureiro pedestal, a própria vida artista de Emma Goldman propugnou que o fazer artístico não é válvula de escape da vida, mas expressão da própria vida. O terceiro capítulo enfocou duas peças de Ibsen pelas quais Goldman cultivava apreço e um esforço de divulgação. No decorrer da investigação se tornou nítida a ideia de que *Casa de Bonecas e Um Inimigo do Povo* consubstanciavam a concepção goldmaniana de personagens como arautos de verdades sociais. Uma de suas palestras, não por acaso, fora intitulada “O espírito revolucionário do Drama Social Moderno”, destacando-se as tramas ibsenianas como exemplos de mensagens que incitavam não só à revolta pessoal como à revolução social. O quarto capítulo configurou um exercício que tornou nítida a janela do fazer artístico como dinamizador de narrativas anuladoras do potencial de cada personalidade e fabulador de associações voluntárias outras. Da fabulação à confabulação, o papel de intérprete da revolta foi se costurando como cerne da concepção goldmaniana.

Não foi o escopo da tese discutir o alcance ou a eficácia da propaganda anarquista de Emma Goldman através do gesto filosófico e do fazer teatral, até porque já existem trabalhos consistentes que se debruçam sobre tal recorte.⁵⁵⁶ Mapear as motivações que mobilizaram a militante a entender o anarquismo como força comunicadora, concomitantemente enquanto ponte e prática de *individualidades humanas* que tecem redes profanadoras, foi o exercício central que costura a leitura de Stirner e Ibsen. Logo, a quinta seção da tese provoca uma travessia entre os diagnósticos que Emma Goldman tece sobre afetos do âmago das individualidades e as realidades sociais, revelando que a caminhada orgânica entre essas faces internas e externas da fita depende de um gesto que as desvelem em sua interdependência: a transvaloração de valores. A apropriação goldmaniana, na prática cotidiana, do conceito nietzschiano coloca em emergência a necessidade de realinhar as individualidades ao âmago da humanidade através da reconciliação entre corpo e alma, do afinamento da existência à natureza, do florescimento livre da criatividade, do devir-criança e do exercício do amor sem artifícios.

Por fim, o último capítulo colocou em cena *arte e vida* como “chamas da revolta” homônimas a *individualidade e humanidade*, já que são fios vistos por Goldman como entremeados na mesma costura simbiótica. Não obstante tenha sido uma intelectual, Emma Goldman sempre destacou que a vida não é redutível a teorias. A vida já seria, por si, uma forma

⁵⁵⁶ O principal exemplo dessa abordagem pode ser encontrado em: HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021.

de militância que contempla filosofia e teatro como expressões que ressaltam a perene luta das *individualidades humanas* contra a censura, a moralidade, os tentáculos das instituições e, sobretudo, contra a repressão da *coragem* pelas próprias almas de cada pessoa. As contribuições que Michel Foucault oferece, ao ministrar um curso sobre o escândalo da verdade cínico, somente instigam a contemplar a iconoclastia goldmaniana em consonância com sua vida-manifesto, mas não cingem as possibilidades de delineamento da *parrhesía* praticada por Emma Goldman.

As turnês da anarquista para a divulgação da *Mother Earth* tornaram nítida a ideia de que a *individualidade humana* também não prescinde do gesto de publicar, desafiando todas as ideias uniformizadoras de um público destinatário único e de um efeito intelectual que deveria afetar de forma unívoca as pessoas. Mais relevante do que questionar a efetividade e o alcance da propaganda anarquista levada a cabo por Emma Goldman foi emprestar lume ao fazer artístico que ampliou os parâmetros de recepção do anarquismo mesmo dentre individualidades não-anarquistas. As ideias radicais puderam circular por conta da literatura que emprestou fabulações possíveis a um gesto de emancipação que começa na demolição filosófica e psicológica dos conceitos artificiais e insidiosos. O fértil terreno da arte era fermento para uma “política” antidogmática florescer, uma vez que a experimentação dos grupos filodramáticos sempre ensaiou uma ética que organizava as lutas em moldes antipartidários.

No manifesto goldmaniano desponta uma experimentação sensibilizadora que poderia, segundo sua percepção, impulsionar as individualidades humanas a caminhar, mesmo que nas sendas de uma sociedade doutrinadora. Como agitadora, Goldman percebeu que a organização anarquista era corolário de um caminho em que não se separam sujeito e objeto, obra e o fazer a própria obra, resgate de si e construção de sociedades antiautoritárias.

Emma Goldman conjugou diversas formas de expressão em uma mesma vida-obra devotada ao “belo ideal” anarquista. “Belo” porque não homogêneo e eivado de matizes, agonismos e desejos. Justamente por encontrar elos indissolúveis entre a vida anarquista e manifestações universais como a arte e a filosofia, a militante mostrou que uma existência antiautoritária não é algo exótico. A tessitura desta tese ocorreu em um contexto de descrédito e perseguição tenaz às livres expressões, até mesmo – e inesperadamente – dentre as vertentes anarquistas. Não se pode esperar isenção ao trazer nuances sobre um manifesto da envergadura daquele sustentado por Emma Goldman. Diante do rol ainda estreito de pesquisas sobre arte, anarquismo, filosofia e militância, é comum que haja reticências sobre o recorte de uma propaganda que apostou em ações diretas imersas na proposta de transformações na própria linguagem enraizada no âmago das personalidades.

Como toda vida-obra alçada à temática de investigação, a desta mulher anarquista não é incólume a problematizações. Enquanto singularidade, Emma Goldman não foi congruente em todos os momentos de sua trajetória. A narrativa vitalista que ela propugna talvez possa ser entrevista como linear, mas é repleta de avanços e recuos, como todo devir. Em pleno contexto do entreguerras e de efervescência da Psicologia sexual, a anarquista atribuía às pesquisas científicas um papel preponderante nos rumos do processo emancipatório do corpo-alma das *individualidades humanas*. Talvez tal posicionamento resvalasse em um essencialismo no que tange à consideração do sexo como elemento fulcral de todos os aspectos humanos.

Recorde-se que a própria revista *Mother Earth* foi concebida como um periódico devotado à Ciência e à Literatura. Pretende-se, em um futuro próximo, investigar mais a fundo os ensaios desse periódico a fim de destrinchar as concepções de progresso e evolução subjacentes ao escopo da publicação. Efetivamente, o diagnóstico goldmaniano concebia uma jornada de inflexões que desencadeariam uma revolução em que as opressões são esfaceladas por meio da educação e de novos afetos. Para tanto, porém, uma minoria seria arauto dessas transformações, ideia que ela própria designava como uma aristocracia de espírito.

Torna-se mais do que urgente desfeticizar a própria concepção goldmaniana de gênio individual, de marcada influência nietzschiana. Alinhar o fazer artístico a uma vida anarquista também implica demolir os pedestais canônicos que foram erguidos às custas de uma naturalização da divisão sexual do trabalho. Embora Emma Goldman tivesse denunciado que muitos de seus companheiros anarquistas só conseguiam se devotar a um ideal de emancipação ao relegar a criação da prole e o trabalho doméstico às mulheres, ela incorria no risco de canonizar as obras de uma miríade de homens artistas europeus vistos sob o prisma de “mártires” e “profetas” universais⁵⁵⁷. Com essa ressalva, foi relevante localizar a imersão da anarquista em uma época em que as mulheres artistas ainda encontravam muitas barreiras a transpor. Demandaria um outro estudo rastrear as articulações que a militante conspirou com anarcofeministas de outros países, alastrando a cultura libertária cujo apreço pela humanidade dissolve a mera retórica.

O esforço de esboroar esses óbices entre esfera privada e âmbito coletivo ocorreu através de práticas que não sucumbiram ao jogo político. Como Goldman insiste: “a arena política não

⁵⁵⁷ Clare Hemmings, em *Considering Emma Goldman: Feminist Political Ambivalence and the Imaginative Archive*, discutiu a relativa ausência de temas como o racismo nas pautas da militante, traçando um paralelo entre passado e as expectativas anacrônicas do presente. HEMMING, Clare. *Considering Emma Goldman: Feminist Political Ambivalence and the Imaginative Archive*. Duke University Press, 2018.

deixa alternativas: a pessoa ou se torna estúpida ou uma parasita”.⁵⁵⁸ O que torna a Fita de Möbius sem nenhuma emenda é a fé apaixonada em potencialidades humanas. Humanas porque crivadas de contradições. Mesmo diante da cartografia de correntes que se entremeiam no tecido de seu pensamento, a chama continua sendo uma das figuras fulcrais dessa costura. O fogo não só consome e inflama, mas se alastra, incendeia e promove um abrasamento cujas cinzas darão origem a outros rastilhos. Assim, não se torna exagero reiterar que a retórica goldmaniana acerca do anarquismo propugnava “senti-lo em cada fibra como uma chama, uma febre devoradora, uma paixão elementar”⁵⁵⁹. Que esse pensamento-ação flamejante ecoe em fita, infinitamente.

⁵⁵⁸ GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: o que realmente significa? ”. In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911, p. 30

⁵⁵⁹ *Apud* GORNICK, Vivian. *Revolution as Way of Life*. Londres: Yale University Press, 2011, p. 9.

Fontes Primárias

GOLDMAN, Emma. “A Criança e seus inimigos”. (1906). Tradução de Aline Rossi. Disponível: <https://medium.com/@feminismoclasse/a-crian%C3%A7a-e-seus-inimigos-a938617d7f59> Acesso em 16 de outubro de 2019.

_____. “A Filosofia do Ateísmo”. (1916). In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-philosophy-of-atheism> Acesso em 08 de junho de 2020,

_____. “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911) In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez.

_____. “A Importância Social da Escola Moderna”. (1911). In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez.

_____. “A Tragédia da Emancipação Feminina” (1906). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 17 de fevereiro de 2020. Publicado originalmente em 1940.

_____. “A Tragédia da Mulher Moderna”. n.d., EGP-IISH, no. 266. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.266?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.

_____. “A Tragédia em Buffalo”. (1901). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-tragedy-at-buffalo> Acesso em 03 de julho de 2020.

- _____. “Anarquia e a questão do sexo”. (1896). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchy-and-the-sex-question.pdf> Acesso em 13 de março de 2020.
- _____. “Anarquismo e Outros Ensaio” (1910). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.
- _____. “Anarquismo: lo que realmente significa”. (1910). In: *La Palabra como Arma*. 1911. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010
- _____. “Arte e Revolução”. (S.d.). Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.195?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.
- _____. “Breve esboço biográfico de Ibsen”. (S.d.). EGP-IISH, no. 227. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.227?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.
- _____. “Carta a Magnus Hirschfeld”. (1923). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-louise-michel-a-refutation-addressed-to-dr-magnus-hirschfeld> Acesso em 21 de novembro de 2022.
- _____. “Ciúmes: causa e uma possível cura” (1912). Disponível em: <https://amoryanarquia.wordpress.com/2012/01/19/ciumes-causas-e-uma-possivel-cura-emma-goldman/>.> Acesso em 10 de Janeiro de 2022.
- _____. “Desenvolvimento Histórico do Anarquismo”. (S.d.). In: IISG – Emma Goldman Papers, n.191. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.191?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.

- _____. “Discurso ao Júri”. (1917). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-address-to-the-jury> Acesso em 04 de março de 2022.
- _____. “Durruti está morto, porém vivo”. (1936). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-durruti-is-dead-yet-living> Acesso em 05 de maio de 2020.
- _____. “Experimentos Educacionais na Alemanha”.(S.d.), EGP-IISH, n. 203, [s.d.]. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.203?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.
- _____. “Ideias e sua transvaloração”. (S.d.). Text of a lecture by Goldman. Disponível em: <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00520/ArchiveContentList> Acesso em 15 de maio de 2020.
- _____. “Leo Tolstoy”. EGP-IISH. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.238?locatt=view:manifest> Acesso em 13 de outubro de 2021
- _____. “Louise Michel: Uma Refutação endereçada ao Dr. Maynes Hershfeld”, Berlin, 1923. Disponível em: <http://library.libertarian-labyrinth.org/items/show/3488>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- _____. “Mary Wollstonecraft, sua vida trágica e sua luta apaixonada pela liberdade”. (1911). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-mary-wollstonecraft-her-tragic-life-and-her-passionate-struggle-for-freedom> Acesso em: 06 de abril de 2020.
- _____. “Matrimônio e Amor” (1911). In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911.
- _____. “Minha desilusão adicional na Rússia”. (1924). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-my-further-disillusionment-in-russia> Acesso em 05 de maio de 2020.

- _____. “Minha vida valeu a pena?” Publicado originalmente em *Harper’s Monthly Magazine*, Vol. CLXX, dezembro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living> Acesso em 20 de janeiro de 2021.
- _____. “Minorias versus maiorias” (1911). In: *Revista Verve*, nº 13, 2008, pp. 123-133. São Paulo: PUC-SP.
- _____. “Mulheres Heroicas da Revolução Russa”. (1925). In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-heroic-women-of-the-russian-revolution> Acesso em 18 de junho de 2021.
- _____. “Na Estrada”. Originalmente publicado em 1907. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-on-the-road> Acesso em 05 de julho de 2021.
- _____. “O Drama Moderno: um poderoso disseminador do pensamento radical” (1910). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 17 de fevereiro de 2020 Publicado originalmente em 1910.
- _____. “O Elemento sexual da vida” (1935). *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. São Paulo: Hedra, 2021.
- _____. “O Fim da Odisseia”. (1909). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-end-of-the-odyssey> Acesso em 19 de janeiro de 2022.
- _____. “O Fracasso do Cristianismo” (1913). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 17 de fevereiro de 2020. Publicado originalmente em 1913.
- _____. “O Indivíduo, a Sociedade e o Estado”. (1940) Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 17 de fevereiro de 2020. Publicado originalmente em 1940.

_____. “O Radical: um Profeta ou um Fracasso? ”. (S.d.). EGP-IISH, n. 210, [s.d.],

_____. *O Significado Social do Drama Moderno*. (1914). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019. Publicado originalmente em 1914.

_____. “O Teatro Russo antes e depois da Revolução”. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.254?locatt=view:manifest> Acesso em 17 de março de 2022.

_____. “Observações e Comentários”. *Mother Earth*, Vol.1, n. 1, 1906.

_____. “Patriotismo, uma ameaça para a liberdade. ” In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911.

_____. “Por que eu sou uma Anarquista” (1933). EGP-IISH, no. 191. Disponível em: <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.191?locatt=view:manifest> Acesso em 08 de setembro de 2021.

_____. “Proletários Intelectuais”. (1914). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf> Acesso em 04 de março de 2022.

_____. “Sindicalismo: sua teoria e prática”. *Mother Earth*, vol. 7, n.11, 1913.

_____. “Sufrágio Feminino” (1911). In: *La Palabra como Arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Publicado originalmente em 1911.

_____. “Uma Anarquista olha para a Vida”. In: *Speeches by Emma Goldman*. Berkeley: Emma Goldman Archive, 1933. Tradução realizada pela autora da tese e disponibilizada ao final desta.

_____. “Uma Réplica”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/voltairine-de-cleyre-emma-goldman-tour-impressions-and-a-rejoinder-1910-11/> Acesso em 27 de setembro de 2021.

_____. *Viviendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Acesso em 17 de fevereiro de 2020. Publicado originalmente em 1931.

_____. “Voltairine de Cleyre: escrito em vermelho”. In: *Revista Verve*, n.36; pp. 61-90, 2019, p.62.

_____. “Walt Whitman”. In: *The Anarchist Library*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman> Acesso em 05 de julho de 2021.

_____. “What She is Like and What She Believes: An Interview with Emma Goldman”. Entrevista concedida a Charles Thompson. *New York Times*, 30 de maio, 1909.

Traduções e coletâneas documentais

GOLDMAN, Emma. *Anarchy!: an anthology of Emma Goldman's Mother Earth*. Edited by Peter Glassgold. Washington DC: Counterpoint, 2001.

_____. *Educação*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

_____. *Kolletion Emma Goldman*. International Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG). Amsterdam.

_____. *La Palabra Como Arma*. Tradução ao espanhol de Alexis Rodríguez. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

_____. *O Indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *Questão Feminina*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

_____. *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. Tradução de Mariana Lins. São Paulo: Hedra, 2021.

_____. *Vivendo Minha Vida*. Curitiba: L-Dopa, 2015.

Referências bibliográficas

ACCIOLY E SILVA, Doris. “Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica”. In: *Educação & Sociedade*, n.32, março de 2011.

ADRIAN, Lynne M. “Emma Goldman and the Spirit of Artful Living: Philosophy and Politics in the Classical American Period”. In: KENSINGER, Loretta; WEISS, Penny A. (Orgs.). *Feminist Interpretations of Emma Goldman*. Pennsylvania: University Park, 2007, p. 217-226.

AMÉRICO, Ana. *O Feminismo presente em Casa de Bonecas: a imagem da mulher no século XIX*. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2017.

- ANDERSON, Margaret. “The Challenge of Emma Goldman”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/margaret-c-anderson-the-challenge-of-emma-goldman-1914/> Acesso em: 18 de junho de 2021.
- ANTLIFF, Allan. *Anarquia e Arte: da Comuna de Paris à queda do Muro de Berlim*. São Paulo: Madras, 2009.
- ARMAND, Émile. “Pequeno manual anarquista individualista”. In: *Revista Verve*, nº 11, pp.123-130, 2007.
- ARMAND, Émile. “The Anarchism of Émile Armand”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emile-armand-the-anarchism-of-emile-armand#toc6> Acesso em 14 de fevereiro de 2022.
- AZEVEDO, Cecilia. “Amando de olhos abertos: Emma Goldman e o dissenso político nos EUA”. In: *Varia hist.* vol.23 no.38 Belo Horizonte July/Dec. 2007.
- AZEVEDO, Maria Thereza; MAGALHÃES, Thaís Fernanda Rocha. “Fios da Vida: micropolítica e macropolítica na proposição “Caminhando” de Lygia Clark. *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, n. 19, 2020.
- BAGINSKI, Max. “O Velho e o Novo Drama”. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page_36> Acesso em 01 de outubro de 2021.
- _____. “Stirner: The Ego and his Own”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/max-baginski-stirner-the-ego-and-his-own> Acesso em: 27 de dezembro de 2021.
- BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios del siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.
- BERKMAN, Alexander. *O Diário de Berkman (1910-1917)*, p. 1. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/alexander-berkman-berkman-s-diary-1910-1917?v=1631283931> Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

BLANCHETTE, Tadeus. “Emma Vermelha e o espectro do tráfico de mulheres”. In: *Caderno Pagu*, n. 37, pp. 284-297, 2011.

BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Disponível em: <http://elivros.love/book/baixar-livro-discurso-da-servidao-voluntaria-etienne-de-la-boetie-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 08 de julho de 2019.

BOOKCHIN, Murray. “Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível”. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/murray-bookchin-anarquismo-social-ou-anarquismo-de-estilo-de-vida-um-abismo-intransponivel> Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporânea*. Buenos Aires/Barcelo/México: Paidós, 2000.

BRECHT, Bertold. *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

BRUSTEIN, Robert. “Ibsen and Revolt”. In: *The Tulane Drama Review*. The MIT Press: v. 7, nº 1, 1962, pp. 113-154.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. São Paulo: Record, 2018.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. *Relâmpagos com Claror: Lygia Clarck e Hélio Oiticica, vida como arte*. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

CARVALHO, Eliane. “Emma Goldman, saúde!” In: *Revista Verve*, nº35, 2019.

CHALMERS, Vera. *Escritas Libertárias*. São Carlos: EduFScar, 2017.

_____. “Boca de Cena (um estudo sobre o teatro libertário, 1895–1937)”. In: *Operários e anarquistas fazendo teatro*. Campinas: Ed. Unicamp. Cadernos AEL, 1992.

CHAMBAT, Grégory. *Instruir para Revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta*. São Paulo: Editora Faísca, 2006.

CLEYRE, Voltairine de. “Anarquismo e Tradições Americanas”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-anarchism-and-american-traditions> Acesso em 28 de novembro de 2022.

_____. “Em defesa de Emma Goldman e do direito de expropriação”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-in-defense-of-emma-goldmann-and-the-right-of-expropriation> Acesso em 15 de junho de 2022.

_____. “Tour Impressions”. Disponível em: <https://www.libertarian-labyrinth.org/the-sex-question/voltairine-de-cleyre-emma-goldman-tour-impressions-and-a-rejoinder-1910-11/> Acesso em 27 de setembro de 2021.

CORDERO, Laura Fernández. *Amor Y Anarquismo: Experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*. Buenos Aires: Siglo Veintuno Editores, 2017.

CUSICANQUI, Silvia. Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre practica y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DAY, Janet. “The ‘individual’ in Goldman’s Anarchist Theory”. In: Penny A. Weiss, Loretta Kensinger. *Feminist interpretations of Emma Goldman*. Penn State Press, Nov. 1, 2010.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DÍAZ, Carlos. *Max Stirner: uma filosofia radical do eu*. São Paulo: Imaginário, Expressão e Arte, 2002.

DODGE, Chris. "Emma Goldman, Thoreau, and Anarchists". In: *The Thoreau Society Bulletin*", n. 248, 2004.

DRINNON, Anna Maria; Richard. *Nowhere at Home: letters from exile of Emma Goldman and Alexander Berkman*. Nova Iorque: Schocken Books, 1975.

DRINNON, Richard. *Rebelde en el paraíso yanqui*. Buenos Aires: Proyección, 1965.

EMERSON, Ralph. "Autossuficiência. " Tradução de Gabriel Goulart. Disponível em: medium.com/diários-de-kairos. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FALK, Candace. *Emma Goldman: Making speech free, 1902-1909*. Califórnia: University of California Press, 2003.

_____. "Emma Goldman: passion, politics, and the theatrics of free expression.". In: *Women's History Review*, Berkeley, volume 11, n.1, 2002.

FERGUSON, Kathy. "Discourses of danger: locating Emma Goldman". *Political Theory*, vol 36, n.5, pp. 735-761.

_____. "E.G.: Emma Goldman, For example". In: TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen. (Orgs.). *Feminism and the Final Foucault*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2004.

_____. *Emma Goldman: Political Thinking in the Streets*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011.

_____. "Gender and genre in Emma Goldman". In: *Signs*. Vol. 36, n. 3 (primavera de 2011), pp. 733-757.

_____. “Saint Max Revisited: A Reconsideration of Max Stirner”. *Idealistic Studies*. 12(3), 276–292.

_____. “Why Anarchists Need Stirner”. In: NEWMAN (Org.), *Max Stirner*. Hampshire: Palgrave Macmillian, 2011, pp. 167-188.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

FONSECA, Eliane Accioly. *Corpo-de-sonho: arte e psicanálise*. São Paulo: Annablume, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In: *Ditos & Escritos V- Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)* São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. “O sujeito e o poder”. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Os corpos utópicos, as heterotopias*. São Paulo: N-1 edições, 2013.

_____. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. “Sexo, poder e a política da identidade”. (1982). Traduzido por: *Revista Verve*, nº5, pp. 260-277, 2004.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALHERA, Kátiuscia; SENA, Glaucia. “Mulheres Livres: Mulher, Revolução e Anarquismo”. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/BYXQgsjhsFQrVjm95SQrbWq/?lang=pt>
Acesso em 04 de março de 2022.

GELBER, Michael Werth; TEMPLETON, Joan. “Ibsen and Feminism”. In: *PMLA*, vol. 104, nº3, 1989.

GHAFOURINIA, Fatemeh; JAMILI, Leila Baradaran. “The Individualism in Henrik Ibsen’s: An Enemy of the People”. In: *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*. Vol. 7 (12), pp. 902-906.

GORNICK, Vivian. *Revolution as Way of Life*. Londres: Yale University Press, 2011.

GRIGOLIN, Fernanda. *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2020.

GROS, Frédéric. (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

- GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade* (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- HAALAND, Bonnie. *Emma Goldman: sexuality and the impurity of the state*. Black Rose Books, 1993.
- HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial”. In: *Cadernos Pagu*, n. 5, pp. 7-41, 1995.
- HARDMAN, Francisco Foot; PRADO, Antonio Arnoni. *Contos Anarquistas: Temas e Textos da Prosa Libertária no Brasil, 1890-1935*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- HAVEL, Hippolyte. “Literature: Its Influence upon Social Life”. In: *Mother Earth*, vol. 3, outubro de 1908.
- HEMMINGS, Clare. *Considering Emma Goldman: Feminist Political Ambivalence and the Imaginative Archive*. Duke University Press, 2018.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- HSU, Rachel. *Emma Goldman, "Mother Earth," And The Anarchist Awakening*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021.
- IBSEN, Henrik. *Peças Escolhidas 3*. Livros Cotovia: Lisboa, 2008.
- JACOBS, Elizabeth. “Henrik Ibsen and the Doctrine of Self-Realization”. In: *The Journal of English and Germanic Philology*, University of Illinois Press: vol. 38, No. 3 (Jul., 1939), pp. 416-430.
- JOURDAN, Camila. “Foucault e a Ruptura com a Representação”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 67, n.2, p. 43-67, jul./dez. 2019.

KASSICK, Clovis. *Stirner: a filosofia do Eu*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

KENSINGER, Loretta. “Radical Lessons: thoughts on Emma Goldman, Chaos, Grief, and Political Violence Post-9/11/01”. *Feminist Teacher*. University of Illinois Press, 2009.

KOWAL, Donna. *Tongue of Fire: Emma Goldman, Public Womanhood, and the Sex Question*. Albany: State University of New York Press, 2016.

KROPOTKIN, Piotr. *Mutualismo: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

_____. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005.

LADEIRA, Ingrid Souza. *Salimos a la lucha...Sin Dios y Sin Jefe*. Rio de Janeiro: Unirio, 2019.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 2008.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963.

LIMA, Nabylla Fiori de. *Anarquismo individualista e filosofias da natureza: análise da revista espanhola Estudios (1928-1937)*. 2021. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

LITVAK, Lily. *La Mirada Roja: estética y arte del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1988.

_____. *Musa Libertaria-Arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 2001.

LOBO, Elisabeth. *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. “Emma Goldman – Revolução e Desencanto: do público ao privado”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.9, n.18, pp.29-41, 1989.

LODI, Samantha. *Entre a Pena e a Baioneta: Louise Michel e Nadezhda Krupskaja, educadoras em contextos revolucionários*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2016.

_____. *Louise Michel: pertença à Revolução Social*. São Paulo: Entremares, 2022.

LUDMILA, Aline. [et.al.]. *Unidas nos Lancemos na Luta: o legado anarquista de Maria A. Soares*. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

MAGALHÃES, Natália Mendonça. *O limite constitutivo entre o cogito cartesiano e o sujeito da psicanálise construído no texto A Ciência e a Verdade*. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

MARTINS, Nilciana Alves. *Entre Conceitos e Ações: a perspectiva goldimianiana em foco*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2022.

MENDES, Samanta Colhado. *As Mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930*. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2010.

MENEZES, Tereza. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MICHEL, Louise. *Cartas a Victor Hugo*. Lisboa: Horizonte, 2005.

MILLER, Martin A. *Kropotkin*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

MIR Y MIR, Juan. “Prologo”. *Dinamita cerebral: los mejores cuentos anarquistas de los más famosos autores*. 2ªed. Buenos Aires: Distribuidora Baires, 1974.

MOORE, John. *I am not a man, I am dynamite: Friedrich Nietzsche e a tradição anarquista*. Autonomia, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. “Da educação das crianças”. In: MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MORGAN, Kevin, “Herald of the Future? Emma Goldman, Friedrich Nietzsche and the Anarchist as Superman”. In: *Anarchist Studies*, vol.17, n. 2, 2009.

MOURA, Maria Lacerda de. “*A mulher é uma degenerada*” 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

NETTLAU, Max. “Anarquismo: Comunista ou Individualista? Ambos”. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/category/author/max-nettlau> Acesso em 14 set.2021.

NETTLAU, Max. *História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

NEWMAN, Saul. “Stirner e Foucault: em direção a uma liberdade pós-kantiana”. In: *Revista Verve*, n. 7. São Paulo, 2005, pp. 101-130.

_____. *War on the State: Stirner and Deleuze’s anarchism*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/saul-newman-war-on-the-state-stirner-and-deleuze-s-anarchism> Acesso em 10 de março de 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Edipro, 2020.

NORTE, Sergio. “Ars Anarchica: arte, vida e rebeldia”. In: *Revista Brasileira de História*, n.18, 1998.

OROZCO, Mary Carmen. *La estética anarquista como práctica escénica emergente en la ciudad de Veracruz en 1922 y 1923*. México D.F., Editorial Redez, 2014.

PASSETTI, Edson. “A Presença de Michel Foucault nos Anarquismos”. *História: Questões e debates*. Curitiba, vol.67, n.2, jul./dez. de 2019, pp. 16-41.

_____. *Amizade (Ensaio: Foucault, Nietzsche, Stirner)*. Tese de Livre-Docência em Ciências Sociais, PUC-SP, 2000.

_____. “Anarquismo, Amizade e Sociabilidade Libertária.” In: *História: Fronteiras*. Anpuh: 1999.

_____. *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

_____. “Heterotopias Anarquistas”. In: *Revista Verve*. São Paulo, vol.2, pp.141-173, 2002.

_____. “Stirner, o único, em língua portuguesa”. In: *Revista Verve*, nº5, 2004, pp. 231-238.

_____. “Um Parresiasta no Socialismo Libertário”. In: *Ponto-e-Vírgula*, vol. 4, pp.25-32, 2008.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PELLOUTIER, Fernand. “Arte e Revolta”. *Revista Lucía*, n.2. São Paulo: Tenda de Livros, 2022.

PENNA, Mariana Affonso. “O Anarquismo e a questão das mulheres”. In: *Revista Espaço Acadêmico*. Vol. 17, nº196, 2017.

PESSOA, Fernando. *O Banqueiro Anarquista*. FV editions, 2015.

PORTER, David, ed. *Vision on Fire: Emma Goldman on the Spanish Revolution*. New Paltz, N.Y.: Commonground Press, 1983.

PRESLEY, Sharon; SARTWELL, Crispin (org.). *Exquisite Rebel: The Essays of Voltairine De Cleyre - Anarchist, Feminist, Genius*. Albany: State University of New York Press, 2005.

RAGO, Margareth. *A Aventura de Contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. “Epistemologia, Feminismo, Gênero e História”. In: PEDRO, Joana Maria;GROSSI, Miriam Pilar. *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis-SC, Editora das Mulheres, 1998.

_____. “Mujeres Libres: anarco-feminismo e subjetividade na revolução espanhola”. *Revista Verve*, n;7, 2005.

RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Editora Intermezzo, 2016.

RESZLER, Andre. *La Estética Anarquista*. México: Fondo Cultura Económica, 1975.

RICHTER, Liane Peters. *Emancipação Feminina e Moral Libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ROBBINS, Timothy. “Emma Goldman Reading Walt Whitman: Aesthetics, Agitation, and the Anarchist Ideal.” In: *Texas Studies in Literature and Language*, vol. 57 no. 1, 2015.

ROBERTI, Angela. “A Rebelião e a arte dos “malditos anarquistas”. In: *Concinnitas*, v.1, n.24, 2014.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROMANO, Lúcia. “Casos e coisas em torno de Nora, ou para onde pode ir o teatro quando uma mulher bate a porta atrás de si com força”. In: *Urdimento*. Florianópolis: v.3, n.33, p. 174-195, dez. 2018.

ROSA, Pablo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha; SEBASTIÃO JUNIOR, Acácio Augusto. “Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais.”. In: *Revista Estudos de Sociologia*, vol. 21, nº40, 2016.

ROSSDALE, Chris. “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism.” In: *Globalizations*, 12 (1). pp. 116-133, 2015.

SANTINI, Rose Marie; CAMELIER, Joana. “Devir Mulher, Sexualidade e Subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos.” In: *Revista Ártemis*, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 101-108.

SAORNIL, Lucía Sánchez. *Horas de Revolución*, Barcelona: Sindicato Único del Ramo de Alimentación de Barcelona, 1937.

_____. *La Exacta Medida de lo Humano*. Anarquismo em PDF, 2021.

SEBASTIÃO JUNIOR, Acácio Augusto; PASSETTI, Edson. “Educação e Anarquia: abolir a escola”. (Desobediências e Disciplinas). In: *Anarquismos e Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

_____. “Lutas Anarquistas hoje: entre a utopia e as heterotopias”. In: *Cosmos & Contexto*. Disponível em: <<https://cosmosecontexto.org.br/lutas-anarquistas-hoje-entre-a-utopia-e-as-heterotopias/>> Acesso em 13 de setembro de 2021.

_____. *Política e Antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2013.

SIMÕES, Gustavo. “John Cage e a Vida como Arte de Escrever Anarquista”. *Revista História: Questões e Debates*, vol. 67, n.2, pp.141-155, jul./dez. 2019.

_____. *O Desconcerto Anarquista de John Cage*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

SOLOMON, Martha. *Emma Goldman*. Boston: Twayne Publishers, 1987.

SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: Cultura e Protesto: as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva, São Paulo 1983-1994*, São Paulo: Editora Pulsar, 2002.

STIRNER, Max. “Algumas observações provisórias a respeito do estado fundado no amor”. In *Revista Verve*. 2002.

_____. “Arte e Religião” (1844). Traduzido por: *Revista Verve*, nº 4, pp-67-78, 2003.

_____. “Mistérios de Paris”. In: *Revista Verve*. São Paulo: 3: 11-29, 2003.

_____. “O falso princípio de nossa educação, p. 4. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/max-stirner-the-false-principle-of-our-education.pdf> Acesso em 10 de março de 2020.

_____. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SZONDI, Peter. *Teoria do Drama Moderno [1880-1950]*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

TOKUNAGA, Larissa Guedes. *Coquetel Molotov contra o sistema: a construção do arquétipo de um sujeito anarcopunk no documentário Punk Molotov (1983-1984)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

_____. “Emma Goldman e o Lume de um Cinismo Libertário”. *Revista Estudos Libertários*. Rio de Janeiro: vol.2, n.6, 2020.

_____; SILVA, Cícero Weverton Nascimento da. “Lavrar as letras para semear a revolta: Emma Goldman, Deseducação e Fanzines”. *Revista Lucía*, v. 2, p. 169, 2022.

_____. “Subjetividade Feminista em Devir: a Individualidade Humana de Emma Goldman entre a Filosofia e o Teatro”. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, vol.39, 2021.

TRAGTENBERG, Mauricio. “A Importância da Literatura para o Homem de Cultura Universitária, qualquer que seja sua especialização”. *Revista Espaço Acadêmico*, v.1, n.7, 2001.

VIEIRA, Priscila Piazzentini. *A Coragem da Verdade e a Ética do Intelectual em Michel Foucault*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

WEXLER, Alice. *Emma Goldman: an Intimate Life*. New York: Pantheon, 1984.

WEXLER, Alice. In: BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan. (Orgs.). *Encyclopedia of the American Left*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1998.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Penguin Books, 1961.

WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*. São Paulo: L&PM

WOODCOCK, George (org.). *Os Grandes escritos anarquistas*. 2ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1981.

Adendos

Linha do Tempo

1869- Emma Goldman nasce na Lituânia – Rússia

Hegel já havia publicado *A Fenomenologia do Espírito* e Max Stirner, em diálogo com esse ideário, redigira seu manifesto *O Único e sua propriedade*.

1881- A família Goldman se muda para São Petersburgo. É um ano tido como marco do Naturalismo, por ocasião da publicação de *Germinal*, de Émile Zola.

1885- Emma Goldman imigra com a irmã para os EUA, evadindo do núcleo patriarcal e do casamento imposto pelo pai. Começa a trabalhar em indústrias têxteis, tomando contato com o operariado e a militância anarquista.

1886- Atentado de Haymarket, massacre dos trabalhadores que reivindicavam direitos trabalhistas básicos. Goldman vê o evento como um marco em sua consciência social em direção ao princípio da solidariedade no anarquismo.

1887- Goldman adquire a cidadania norte-americana através do casamento com Jacob Kersner. Ela acompanha a execução dos mártires de Chicago.

1893- Primeira prisão. A anarquista faz um discurso público incitando os trabalhadores nova-iorquinos, majoritariamente desempregados, a roubar pão e acaba detida pela polícia. Na penitenciária da ilha de Blackwell começa a ler autores do transcendentalismo estadunidense.

1895- Emma Goldman se retira para a Europa, acompanhando a nascente psicologia social, tendo aulas com Freud, em Viena, e se formando em obstetrícia. É lá, também, que aflora seu interesse pelo Drama Social Moderno.

1901- Assassinato do presidente norte-americano Mc Kinley, por Leon Czolgosz, um anarquista. A polícia tentou implicar Goldman no crime, acusando-a de incitação ao ato, mas a falta de provas a liberou. A imprensa detrata sua imagem intensamente após o caso.

1906- Com o apoio de outros anarquistas, **publica a revista *Mother Earth*** (Mãe-Terra). Dedicada não só às temáticas libertárias, mas às artes em organicidade com a militância, a revista se definia como "A Monthly Magazine Devoted to Social Science and Literature". As edições foram lançadas até 1917.

1907- Ao palestrar e distribuir materiais sobre controle de natalidade, **Emma Goldman** é presa acusada de cometer crime federal, violando a Lei Comstock, de 1873, que proibia não só a disseminação de informações acerca de métodos contraceptivos, mas também a expressão de tudo o que fosse considerado “obsceno”.

1919- A anarquista é condenada ao exílio para a Rússia, no contexto pós-revolucionário, após repressão norte-americana à campanha contra o alistamento militar obrigatório.

1921- Insurreição de Kronstadt – Emma Goldman estava em Petrogrado e intermediou as reivindicações dos insurgentes com os bolcheviques, rompendo com estes últimos e comprovando de perto seu autoritarismo, a reedição da tirania.

1928- Com recursos provenientes de amigos e artistas, a anarquista se retira a Saint-Tropez, França, para a escrita da autobiografia *Vivendo minha vida (Living my Life)*.

1936- Goldman será a madrinha do *Mujeres Libres*, organização anarcofeminista que, durante a Revolução Espanhola, entre os anos de 1936 e 1939, propõe, entre inúmeras atividades, a criação de cursos de alfabetização e profissionalização para as mulheres pobres, a criação dos "liberatórios de la prostitución", voltados para auxiliar as prostitutas, a autogestão de diversas frentes contra o franquismo.

1940- Falecimento – Emma Goldman chegou, alguns anos antes, a discursar contra a ascensão dos regimes nazi-fascistas. Antes do ocaso de sua trajetória, publicou *The Individual, Society and the State*.

Uma anarquista olha para a vida⁵⁶⁰

*Tradução por Larissa Guedes
Tokunaga*

Senhor presidente, senhoras e senhores deputados, o assunto deste meio-dia é “Uma anarquista olha para a vida”. Eu não posso falar por todos os meus companheiros anarquistas, mas por mim gostaria de dizer que tenho estado tão furiosamente ocupada vivendo minha vida, que eu não tive um momento sequer para olhar para ela. Estou ciente de que chega um período para todo mundo, quando somos obrigados, forçosamente, a sentar e olhar a vida. Essa fase é a da sábia velhice, mas eu, nunca tendo crescido, espero não chegar a esse ponto.

A maioria das pessoas que olha a vida nunca a vive. O que elas veem não é a vida, mas uma mera sombra dela. A elas não foi ensinado que a vida é uma maldição que lhes foi imposta por um Deus corrompido que fez o homem à própria imagem? Portanto, a maioria das pessoas vê a vida como uma espécie de trampolim para um céu no além. Eles não se atrevem a viver a vida nem a extrair dela o espírito vivo como ele se apresenta. Isso significa um risco; significa desistir de suas pequenas realizações materiais. Isso significa ir contra a “opinião pública”, as leis e regras desse país. Existem poucas pessoas que têm a ousadia e a coragem de sacrificar aquilo que abraçam em seus corações. Elas temem que seus ganhos possíveis não sejam equivalentes ao seu sacrifício.

Quanto a mim, posso dizer que fui como Topsy⁵⁶¹. Eu não nasci e fui criada - "cresci". Eu cresci com a vida, a vida em todos os seus aspectos, nas suas alturas e em suas profundezas. O preço a pagar era alto, é claro, mas se eu tivesse que pagar tudo de novo, eu faria com prazer. A menos que você esteja disposto a pagar o preço, a menos que esteja disposto a mergulhar nas profundezas, você nunca será capaz de remontar às alturas da vida.

Naturalmente, a vida se apresenta de diferentes formas para diferentes idades. Entre os oito e os doze anos, eu sonhava em me tornar uma Judite. Eu queria vingar os sofrimentos do meu povo, dos judeus, cortar a cabeça de seus Holofernes⁵⁶². Quando eu tinha catorze anos, eu queria estudar medicina para ser capaz de ajudar meus semelhantes. Quando eu tinha quinze anos, sofria de amor não correspondido e queria cometer suicídio de uma maneira romântica, bebendo muito vinagre. Eu pensei que isso me faria parecer etérea e interessante, muito pálida

⁵⁶⁰ Discurso de 1933, proferido em Londres por Emma Goldman. O público alvo era o parlamento britânico.

⁵⁶¹ Topsy foi uma elefanta asiática de circo que foi morta eletrocutada, em um parque de diversões, em Coney Island, New York em janeiro de 1903.

⁵⁶² Trata-se de uma pintura barroca que representa a cena de Judite decapitando o general Holofernes após tê-lo seduzido.

e poética quando estivesse em meu túmulo, mas aos dezesseis decidi por uma morte mais exaltada: eu queria dançar até a morte.

Depois veio a América, a América com suas enormes fábricas, o pedal de uma máquina por dez horas por dia, a dois dólares e cinquenta por semana. A isso seguiu-se o maior evento da minha vida, o que me fez quem eu sou. Foi a tragédia de Chicago, em 1887, quando cinco dos homens mais nobres foram judicialmente assassinados pelo Estado de Illinois. Eles eram os famosos anarquistas da América - Albert Parsons, Spies, Fischer, Engels e Lingg, que foram legalmente assassinados em 11 de novembro de 1887.

O jovem e corajoso Lingg enganou seus carrascos, preferindo morrer por sua própria mão, enquanto outros três camaradas dos executados - Neebe, Fielden e Schwab - foram condenados à prisão. A morte daqueles mártires de Chicago significou meu nascimento espiritual: o ideal deles se tornou o motivo de toda a minha vida.

Percebo que a maioria de vocês tem apenas uma concepção muito inadequada, muito estranha e geralmente falsa do anarquismo. Eu não culpo vocês. Vocês obtêm suas informações na imprensa diária. No entanto, esse é o último lugar na Terra que vocês devem procurar a verdade. Anarquismo, para os grandes professores e líderes espirituais da vida, não é um dogma; não é uma coisa que drena o sangue e o coração, tornando as pessoas fanáticas, ditadoras ou chatas impossíveis. O anarquismo é uma liberação e força libertadora, pois ensina as pessoas a confiar em suas próprias possibilidades, ensina a fé na liberdade e inspira homens e mulheres a lutar por um estado de vida social em que todos sejam livres e seguros.

Não há liberdade nem segurança no mundo hoje: se alguém é rico ou pobre, seja ele do alto ou de baixo, ninguém está seguro enquanto houver um único escravo no mundo. Ninguém está seguro, desde que se submeta às ordens, capricho ou vontade de outro que tem o poder de puni-lo, mandá-lo para a prisão ou tirar sua vida, ditar os termos de sua existência, do berço ao túmulo.

Não é apenas por amor ao próximo - é por causa de seu próprio bem que as pessoas precisam aprender a entender o significado do anarquismo, e não demorará muito para que as pessoas apreciem a grande importância e a beleza de sua filosofia.

O anarquismo repudia qualquer tentativa de um grupo de homens ou de qualquer indivíduo de ordenar a vida dos outros. O anarquismo se baseia na fé na humanidade e em suas potencialidades, enquanto todas as outras filosofias não têm fé na humanidade. As outras filosofias insistem que o ser humano não pode governar a si mesmo e que ele deve ser governado. Hoje em dia a maioria das pessoas acredita que quanto mais forte o governo, maior será o sucesso da sociedade. É a velha crença na vara; a mais usada sobre a criança, tendo

crescido para a masculinidade ou feminilidade. Nós temos de nos emancipar dessa estupidez. Entendemos que a educação não significa bater, não significa prejudicar, entortar e diminuir o crescimento da pessoa jovem. Aprendemos que garantir a liberdade do desenvolvimento da criança garante melhores resultados, tanto para a criança quanto para a sociedade.

Senhoras e Senhores deputados, isso é Anarquismo. Quanto maior a liberdade e as oportunidades para todas as unidades da sociedade, melhor será o indivíduo e melhor a sociedade; mais criativa e construtiva será a vida da coletividade. Esse, em resumo, tem sido o ideal para o qual eu dedico minha vida.

O anarquismo não é uma teoria recortada e seca. É um espírito vital que abrange toda a vida. Portanto, eu não me dirijo apenas a alguns elementos particulares da sociedade: não me dirijo apenas aos trabalhadores. Dirijo-me também às classes altas, pois de fato elas precisam ainda mais de iluminação do que os trabalhadores. A própria vida ensina as massas e é um professor rigoroso e eficaz. Infelizmente, a vida não ensina quem se considera socialmente selecionado, melhor educado ou superior. Eu sempre defendi que toda forma de informação e instrução que ajuda a ampliar o horizonte mental de homens e mulheres é o mais útil instrumento que deve ser empregado. Pois, em última análise, a grande aventura - que é a liberdade, a verdadeira inspiração de todos os idealistas, poetas e artistas - é a única aventura humana pela qual vale a pena lutar e viver.

Não sei quantos de vocês leram o maravilhoso poema em prosa de Gorki, chamado "A cobra e o Falcão."

A cobra não pode entender o falcão:

“Por que você não descansa aqui no escuro, na boa umidade viscosa da terra?”

A cobra insiste: “por que voar aos céus? Você não conhece os perigos à espreita lá, o tormento e a tempestade esperando por você, a arma do caçador que quer derrubá-lo e destruir sua vida? ”

Mas o falcão não lhe deu atenção. Abriu suas asas e voou pelo espaço, sua canção triunfante ressoando aos céus. Até que um dia o falcão foi derrubado, com sangue escorrendo de seu coração, e a cobra lhe disse:

“Seu tolo, eu te avisei, eu disse para você ficar onde estou, no escuro, na boa umidade quente, onde ninguém poderia te encontrar e prejudicá-lo”

Mas, com seu último suspiro, o falcão respondeu:

“Eu subi ao espaço, eu fui às alturas deslumbrantes, vi a luz, vivi, vivi! ”

Palestras de Emma Goldman sobre teatro, literatura e expressões radicais entre 1906 e 1917⁵⁶³

“On the Philosophical and Theoretic side of Anarchy”

“The eternal spirit of Revolution”

“Anarchism and Human Nature, do they harmonize? ”

“Anarchism and Literature”

“Henrik Ibsen, the Struggle of the New against the Old”

“The influence of Drama on Anarchism”

“The revolutionary spirit in Modern Drama”

“The Drama, the most forcible disseminator of radicalism”

“Modern Drama: the strongest disseminator of radical thought”

“The Drama, the most powerful disseminator of radicalism”

“The Drama as a Disseminator of revolutionary ideas”

“The dynamics of the Modern Drama”

⁵⁶³ Embora tais falas não tenham tido registro de transcrição e não possam ser acessadas, os títulos representam os escopos das conferências goldmanianas.